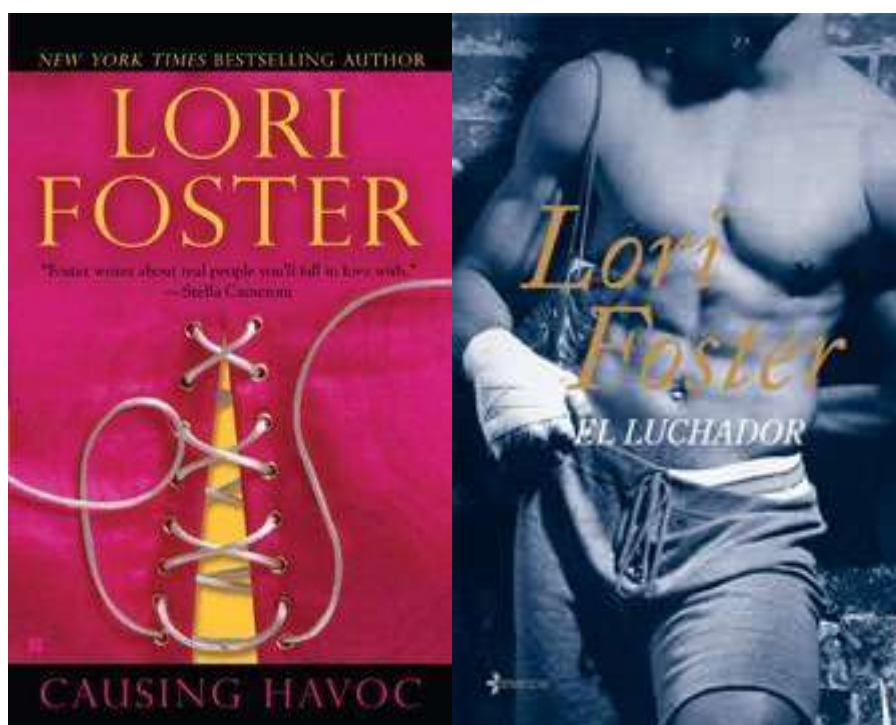




Lori Foster

O Lutador

Depois de ficar órfão aos nove anos, Dean “Furacão” Conor acaba convertendo-se em um ótimo lutador, que adora levar uma vida solitária. Quando recebe uma carta de suas duas irmãs menores, às que não viu em vinte anos, Dean decide, embora a contra gosto, atender seus pedidos e retornar a Harmony, Kentucky. Uma vez ali, descobre que a tia que criou suas irmãs dilapidou a maior parte de sua herança e que uma de suas irmãs, Cam, está prometida com um descarado chamado Roger. Também conhece a melhor amiga de Cam, Eve Lavon, uma teimosa beleza que não demora em averiguar a que se deve a fobia ao compromisso de Dean. Entretanto, se Dean for espantar Roger e descobrir por que alguém está tratando de lhe matar, necessitará a ajuda de Eve... E terá que enfrentar seus cada vez mais fortes sentimentos por ela. Mas o mais interessante é a luta de Dean por converter-se no homem de família que necessitam suas irmãs, uma transformação que Foster leva a cabo com habilidade.

Disp em Esp: Soñando Despiertas

Envio e Tradução: Gisa

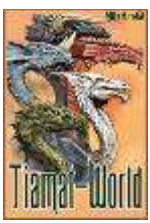
Revisão: Nathy

Revisão Final: Ana Carolina

Formatação: Gisa

Tiamat - World





Comentário da Revisora Ana Carol: Amei!!! Mocinho órfão maravilhoso que se vê no meio de problemas familiares com suas irmãs, mesmo não querendo. Se encanta pela amiga da irmã e não consegue mais fugir dos sentimentos. Amei principalmente as cenas hot, bastante insinuantes. Espero que gostem como eu gostei. Boa leitura! Dean, casa comigo?! kkkkkkkk

Capítulo 01

Um zumbido surdo soava em seu cérebro e, por um momento, Dean Conor reviveu o instante em que aquele grande punho chocou contra seu rosto na noite anterior. Havia estado a ponto de perder a consciência.

A ponto.

Ainda assim, enquanto as sombras cresciam ao seu redor, havia rendido seu oponente pelo joelho, forçando-lhe a articulação com uma hiperextensão, utilizando até a última grama da força que ficava... Dois segundos depois, o árbitro deteve o assalto com um toque de seu apito.

No começo Dean havia protestado. Não haviam acabado com ele. Não por menos. Dean Conor nunca se dava por vencido. Então cobrou a consciência dos gritos do público.

Seu oponente não havia podido suportar a dor na perna e havia golpeado a lona. Dean tinha vencido o número um com uma alavanca nos joelhos. Saía assim novamente vencedor de um combate, apesar de que dessa vez sabia que não havia sido somente questão de técnica, força e velocidade, mas sim também de sorte.

O persistente zumbido soou de novo, seguido de sussurros. Que demônios era?

Dean abriu os olhos e o lamentou de imediato. O resplandecente sol da manhã saiu por uma brecha da cortina e se cravou dolorosamente em seu cérebro. Dean tinha uma vaga lembrança da mulher, suplicando que lhe desse um autógrafo justo antes do combate. Enquanto, avançava pelo o longo corredor que o conduzia ao cubículo, a mulher se havia descoberto o impressionante decote e lhe dado um marcador preto.

Seu comportamento de jogo a havia convertido em uma das fãs favoritas do público, de maneira que Dean não se havia negado a autografar seu seio esquerdo. Os gritos quentes da multidão quase haviam abafado a estrondosa música de rock pesado que soassem pelo recinto.

Havia sido uma noite espantosa.

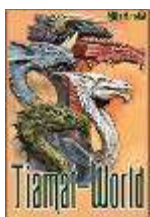
Apoiou um ombro contra a parede, em procura de apoio como para mostrar uma atitude despreocupada e disse:

—Bom dia

A menina se voltou rumo a ele.

—Furacão! Está acordado, por fim.

Se não estava enganado, a mulher não usava nada embaixo da camiseta.



—Estou acordado - confirmou e a olhou com a cabeça levemente inclinada, mexendo em seu cérebro para lembrar o nome da mulher sem êxito.

Ela riu como se houvesse premeditado a situação.

—Tiffany - informou-o

—Sim - nem em um milhão de anos teria acertado com o nome - E diga-me Tiffany como entrou aqui?

Ela adotou no mesmo instante uma atitude tímida.

—Eu o trouxe para casa.

—Simon deixou que fizesse isso?

Seu treinador-agente-gerente jamais o perdia de vista, pelo que lhe custava imaginar que o houvesse deixado ir-se com uma estranha cujas inequívocas intenções eram foder até a morte. A maioria dos lutadores contava com equipe de pessoas ao seu serviço. Dean tinha a Simon Evans. Não precisava de ninguém mais.

—Estava também ali, mas não podia ficar. Mencionou algo sobre unas entrevistas no auditório depois do combate.

Sim, aquilo tinha sentido. Desde sempre ele não se encontrava em condições de conceder entrevistas, pelo o que, naturalmente, Simon o havia revelado a essa tarefa.

—E segue aqui por que...?

O sorriso da mulher se enfraqueceu. Caminhando rumo a ele para assegurar de que todo o corpo vibrava com o movimento, disse-lhe com um sedutor ronrono:

—Ontem não consegui que acordasse.

—Mas, o tentou?

A gargalhada de Tiffany percorreu a coluna vertebral dele abrindo passagem até alojar-se em seu dolorido cérebro. Era obvio que tratá-la de forma grosseira não faria ceder um ponto de sua determinação.

—Esqueça a pergunta - Dean a imaginou procurando sexualmente seu corpo cheio de medicamentos e fora de combate.

Para sua surpresa o pensamento o excitou e o enojou ao mesmo tempo. A mulher se deteve na frente dele e colocou a palma da mão sobre os genitais.

"Oh-Oh".

As comissuras suaves da boca feminina se levantaram com satisfação.

—Esperemos que tenha mais sorte essa manhã.

O sentido de auto conservação se apoderou dele e a agarrou pelo pulso.

—Preciso de um banho.

—Quer que lhe esfregue as costas?

Dean o pensou. Por um momento considerou em recusar, mas finalmente decidiu que demônios. Estava dolorido, mas não tanto como para rejeitar seu oferecimento. Depois de tudo, não estava morto.

—Tá - Ao voltar-se para sair, todavia segurando-a pelo pulso, olhou sobre que havia encima da mesa e lembrou que havia ouvido um timbre na porta - O que é isso?



—E somente uma carta - respondeu ela aproximando-se e esfregando contra ele - Entrega especial.

Isso explicaria o timbre e as vozes. Enquanto, Tiffany esfregava seus seios nas costas de Dean, ele pegou a carta sobre a mesa. Ao ler a direção que havia o remetente, ficou sem ar nos pulmões.

Nos vinte e um anos que haviam passado desde a morte de seus pais, nem uma simples carta, nem uma nota havia chegado dessa direção, nada. Para ele, Harmony, Kentucky havia deixado de existir. O tio Grover se o havia levado dali e Dean não havia tido ocasião de olhar para trás. Jamais.

—Espera - Afastou a loira e começou a abrir o envelope... Mas, de repente vacilou. Deus teria acontecido algo a suas irmãs? Esse pensamento o pôs furioso. Foda, acaso podia considerar parente de alguém com quem não havia falado e a quem não havia visto em duas décadas?

Deslizou um dedo por debaixo lacre do envelope e rasgou.

—Furacão - queixou-se Tiffany - Não pode ler mais tarde? - E para demonstrar a impaciência deu um apaixonado mordisco em suas costas.

—Já, maldita seja, saia se quiser - soltou Dean, tirando a Tiffany de cima.

—Não posso ficar mais um pouco. Tenho que ir trabalhar - protestou ela com certa petulância.

—Aconteceu algo. Tenho que ir - disse Dean com tom ausente, tirando varias folhas de papel.

—Mas, lhe preparei tortinhas - exclamou ela resmungando com tanta força que quase se levantou o cabelo de Dean.

Ele lançou um olhar e a dirigiu rumo aos fogões. Era verdade. Mas, desde sempre ele não lhe havia pedido que o fizesse. As groupies eram assim: agressivas, descaradas, ansiosas por acrescentar um troféu a mais no poste de sua cama.

—Obrigado - O agradecia de verdade. O café lhe cairia maravilhosamente. Em seguida, levantou a carta - Mas, isso é importante. Que tal se deixarmos para outro dia?

A menina começou a fazer careta... Durante alguns segundos, logo adotou uma expressão calculista.

—De acordo. Se, além disso, conseguir passes junto ao ringue para o combate que celebrará em agosto no Atlantic City.

As entradas que lhe haviam pedido custavam seiscentos dólares se a comprasse já. No final de umas semanas, seu preço se duplicaria.

—Claro - respondeu ele dando a volta novamente distraído - Diga-me seu nome e endereço. Ocuparei-me de que as receba.

—Você também estará ali? - perguntou ela deslizando um dedo pelas as costas de Dean até a borda de sua cueca – Digo-o para podermos retomar nossos assuntos.

—Não o perderia por nada no mundo – mentiu ele, apertando os dentes.

Ela lançou um gemido e se pôs de ponta de pé para depositar um úmido beijo na nuca de Dean.



—Nunca o lamentará – sussurrou atrás dele.

—Estou certo – respondeu prestando atenção novamente a sua carta.

Então se deu conta de que a data, na parte superior esquerda, era de três meses. De modo que fazia tempo que a carta andava dando voltas por aí. Dean leu a caligrafia de traços femininos.

Querido Dean:

Espero que quando leia essa carta esteja bem. Sei que passou muito tempo e lamento-o. A tia Loma sempre dizia que não tinha modo de localizar-te. No final, quando o tio Grover morreu, decidi investigar um pouco. E assim foi como você disse.

Dean deu a volta na página e leu por cima do conteúdo até chegar ao final. Tinha escrito: Esperançosa Camile.

Sua irmã Cam. Quando anos tinha? Vinte e três. E Jack vinte e um. Lembrou quando não eram mais que umas meninas. Cam de dois anos e Jack somente um bebê, fez-lhe um nó enorme na garganta do tamanho de um melão.

Agora eram mulheres feitas e direitas que já não precisavam de seu irmão mais velho. Se é que alguma vez precisaram.

Uma horrível dor lhe encheu o peito, não era como a dor que lhe machucava os ossos e os músculos. Era fodidamente pior.

Fez uma bola com os papéis e tratou de esquecê-los. Mas, não pode. Apertou os dentes. Os olhos ardiam. Lentamente abriu os dedos.

—Aqui está carinho.

Dean levantou o olhar e viu Tiffany vestida com os jeans e sandálias, e a mesma camiseta de antes somente que ligava apenas um lado entregando um cartão. Havia penteado o cabelo e se colocado um pouco de batom.

Emanando ainda vibrações de “Vem para mim” deixou o cartão na mesa e sorriu.

—Nos vemos em agosto.

—Ok. Agosto – respondeu ele, confinando-a ao um canto mais afastado de sua mente.

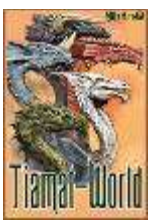
Apenas foi consciente do ruído da porta ao abrir e fechar, mas se sentiu aliviado de estar sozinho.

Outra vez.

Exatamente o que ele gostava.

Com o coração batendo com o que pareceu um sentimento de raiva absoluta, apesar de provavelmente só ser nervoso, sentou na pequena mesa e alisou os papéis que antes tinha amassado.

Adoraria ver-te. Poderia vir de visita? Por favor. Tem tantas coisas que gostaria de contar, e tantas coisas que quero perguntar. Quero explicar tudo. Quero que saiba de tudo. Quero que me conheça. Quero que sejamos uma família.



Dean emitiu um grunhido. Os habitantes do inferno queriam água fria, isso não queria dizer que a conseguiram. Mas, não pode evitar seguir lendo, mais do mesmo, mais súplicas, mais... Desespero. De algum modo o desespero estava presente, entre linhas. Sutil, mas detectável. Ou talvez fosse sua fodida imaginação, atormentada por todos os golpes que havia recebido na cabeça.

Quando terminou de ler a carta, ficou ali sentado, paralisado, indeciso. Agitado. Ansioso. Foda e tão esperançoso como Cam dizia estar na carta. Apesar de que ele não admitir jamais diante de ninguém. Mas, tampouco poderia mentir a si mesmo.

Surpreendentemente esqueceu-se das armaduras e das feridas. Sem saber muito bem o que fazer em seguida, se dirigiu para o fogo e pegou uma tortinha. As cobriu com geleia e, todavia de pé, as comeu uma atrás da outra.

Pelo menos Tiffany era boa cozinheira.

Negando-se a pensar mais que naquele dia e naquela hora, Dean deu conta do café, e depois se permitiu o prazer de uma longa ducha quente. A água desceu sobre a parte rígida que sentia e, depois de um enérgico formigamento, se sentiu renovado e limpou todo o resto do sangue. Depois se secou, tomou um comprimido, barbeou-se, escovou os dentes e...

Rendeu-se.

Tal como Cam lhe pediu na carta iria a casa. Falaria com ela. E com Jack. Mas, nada havia mudado, e assim o faria saber suas irmãs. Não tinha nada mais em comum que o sangue. E, pensando bem, isso não valia muito.

Devia significar algo, os três teriam se criado junto em vez de em dois extremos opostos do país. Importava-se algo, alguma de suas irmãs teria tratado de entrar em contato com ele antes. Depois de quatro horas de debate interno, Dean realizou algumas chamadas, fez as malas, entregou a chave do escritório a imobiliária que lhe alugava a casa semanalmente e reservou seu voo.

Simon estava furioso, mas passaria. Dean não havia entrado em detalhes sobre a necessidade de fazer aquela súbita viagem, estando como estava depois do combate, e Simon não o pressionou. Tinha o número do celular de Dean e esse lhe havia prometido telefonar quando chegasse a Harmony.

Não era como quando tinha que entreter três vezes ao dia, preparando-se para um combate. Depois de suas recentes viagens pela Europa, Reino Unido e Boston, estava a caminho de subir de categoria. Já tinha ofertas pendentes de alguns patrocinadores, mas podiam esperar. Merecia uns meses de descanso.

Merecia ver sua família.

E, sobre tudo, merecia ter a oportunidade de ser retribuído.

De pé na sacada do primeiro andar, com os braços cruzados sobre a fria barra de ferro, Eve Lavon contemplava as pessoas que dançavam ao som da música country no piso de baixo. Em muitos aspectos, Roger's era o cenário perfeito para uma festa de solteiras. O discreto bar oferecia



bebidas, dança, quartos particulares, um local festivo... Mas, odiava o Roger. Não lhe apetecia em absoluto fazer negócios com aquele porco.

Sem olhar, Eve alongou a mão até a garrafa de cerveja que havia deixado sobre uma pequena mesa ao seu lado. Terminou-a e em seguida deu meia volta e se dirigiu a outra barra. Deteve-se ao ver um homem alto, de aspecto rude e que parecia ter recebido uma surra, de pé na entrada do bar.

Viu-o investigar o local com receio, os lábios franzidos em um gesto de desgosto e no corpo uma atitude de cansaço. Estava claro que Roger's não era o que esperava. Por fora, Roger's Rodeo parecia um tranquilo bar, mas uma vez dentro, era sim um lugar, sem dúvida, um ruidoso clube de dois andares, compunha-se de um andar ao nível da rua e outro aberto, do qual podia observar o inferior encostando-se na barra que circundava. Ambos dispunham de um balcão de bar e de uma série de quartos particulares. Mas, a ação estava no piso inferior: dança um touro mecânico, bilhar e máquinas de pinball.

Ao longo da barra do piso superior havia uma fileira de mesinhas para dois, deixando também um espaço suficiente para os espectadores. Essa noite, Eve havia ido olhar e decidir se ia a organizar ou não uma festa em uma das salas particulares embaixo. Em Harmony, Kentucky, não havia muitas opções, e a maior parte delas eram propriedade de Roger. O grupo que havia contratado seus serviços não queria sair da cidade, de modo que...

O recém-chegado cravou o olhar nela e Eve notou que o coração se acelerava. Ao que parecia naquela noite de trabalho ia ter lugar para um pouco de prazer. O homem começou a andar. Tinha um aspecto... Intenso demais. E, parecia ter recebido uma boa surra. Mas, era mais sexy. Duro como uma rocha e cheio de contusões, toda virilidade e segurança em um, mesmo apesar dos golpes.

Para sua surpresa, quando chegou a sua altura, sua boca se formou em um semi-sorriso e, rodeando a Eve, se apoiou na barra.

Assim que gostava de jogar duro? A Eve essa atitude pareceu-lhe divertida e interessante. De modo que se voltou e retomou sua posição na barra.

—É a primeira vez que veem aqui?

—E provavelmente a última – respondeu ele com a voz grave, sem afastar o olhar dos dançarinos do piso inferior.

Uma voz bonita, profunda. Eve notou que um calafrio lhe percorria o ventre.

—Não, se tem intenção de ficar um tempo em Harmony, Roger's Rodeo é o único lugar decente aonde vir tomar uns drinks em companhia.

—Beber sozinho também tem suas vantagens – disse ele elevando um musculoso ombro.

—Por exemplo?

—Menos barulho – respondeu o homem ao tempo que se voltava rumo a ela e lhe percorria o corpo com um olhar atrevido – Está bebendo sozinha essa noite?

—Não mais – respondeu Eve fazendo um gesto com a garrafa de cerveja vazia – E diga-me, te pisoteou um touro ou se esqueceu de abrir o paraquedas quando saltou do avião?

Dean ficou a olhando de boca aberta.



—Era um touro russo, e com piores intenções que o próprio diabo.

—Devo entender que ganhou o touro?

—O certo é que não.

—Ah, bom, as aparências enganam.

Dean a olhou fixamente.

—Espero que não;

Essas três palavras destilavam sensualidade. Eve quase deixou escapar um suspiro. Como podia um homem possuir tão poderoso atrativo? Fazia muito que não se sentia assim. Queria aproximar-se mais. Queria tocá-lo.

Inclusive naquele infestado bar, com cheiro de álcool e suor flutuando no ar, pode detectar seu aroma. Intenso e com traços de ar livre, sugeriria que levava muitas horas dirigindo, provavelmente com as janelas abaixadas. Gostou disso.

Seu cabelo revoltado era castanho claro, quase do mesmo tom que seus expressivos olhos. Seu mais de um metro e noventa se erguia agora diante de Eve superando-a pelo menos trinta centímetros. Usava uns jeans gastos e uma camiseta preta que se adaptava a seu corpo sem grudar demais, apesar de seus sólidos músculos serem perfeitamente visíveis. O que fosse que fizesse, mantinha o seu corpo livre de gorduras.

Eve olhou atrás de si, viu uma mesa vazia e disse:

—Quer que nos sentemos?

—Sentar é minha única alternativa por agora? – perguntou ele procurando o olhar dela.

Que o céu a ajudasse. Queria derreter-se ali mesmo. No lugar disso, sua boca esboçou um sorriso brincalhão.

—Por agora.

Os lábios dele se ergueram formando um aberto sorriso.

—Então se além de nos sentarmos, especialmente se, além disso, posso tomar uma cerveja.

Eve rodeou com seus dedos um dos pulsos de Dean com o pretexto de guiá-lo. Notou que tinha os ossos amplos, a pele quente e o cabelo encaracolado. O fato de não poder segurar com os dedos toda a circunferência de seu pulso fez que o coração lhe bombeasse o sangue no dobro do ritmo normal.

De caminho até o lugar semiprivado ao que se dirigiam. Eve se deteve um momento no balcão.

—Pode nos trazer umas cervejas Dave?

—É pra já.

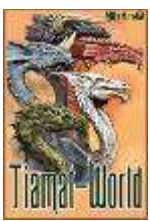
—Obrigada – disse ela.

Chegaram à mesa bem a tempo de impedir que outro casal a pegasse. Uma vez ali teve que soltá-lo, então lhe estendeu a mão para se apresentar.

—Me chamo Eve.

Ele olhou a mão estendida, mas não a segurou. Em vez disso, a pegou, levando a palma a seus lábios depositou nela o mais terno dos beijos. Sem soltá-la sussurrou:

—Olá Eve.



Acalme-se, se disse ela. Inspirou profundamente e inclinou-se sobre ele como se fosse revelar um segredo.

—Tá bem, você me enrolou. Já pode relaxar.

Ele acariciou a face interna do pulso com o polegar, enquanto negava lentamente com a cabeça.

—Não me parece que vou poder.

—De verdade? – disse ela, e se maldisse pelo grasnado que saiu de sua garganta. Teve que pigarrear antes de continuar – Quer tentar?

—Deixa-me te provar antes?

—Provar-me? – Oh sim aquilo soava genial – Quer dizer...?

Com um pequeno puxão, Dean a atraiu rumo a si com uma mão, enquanto pousava a outra na parte inferior de suas costas com suavidade. Eve não se sentiu forçada em nenhum momento.

Mas, se sentiu... Seduzida.

Não era por acaso uma sensação única?

—Um beijo – o respondeu e seu ar roçou nos lábios de Eve – Somente um pequeno beijo.

Seria capaz de controlar-se? Duvidava. Em Harmony não havia homens como aquele. Sua experiência era limitada. Nunca antes tinha conhecido alguém...

Uma sensação ardente e úmida percorreu seu lábio inferior confundindo-lhe os pensamentos. Com suma delicadeza, o homem fazia o contorno de sua boca com a ponta da língua até chegar à comissura e volta atrás, sem poder evitar, Eve entreabriu os lábios. Dean não se mostrava dominante. Ao contrário, o contato de sua boca sobre a dela era sumamente leve, mas fez que Eve se aproximasse procurando mais.

Ele balançou a cabeça quase imperceptível e afundou com a língua na boca dela, roçando os dentes, insistindo até encontrar sua língua... E então retrocedeu. Com a respiração entrecortada. Eve ainda demorou um pouco em dar-se conta de que tinha deixado de beijá-la. Abriu os olhos e encontrou com o olhar intenso daquele homem.

—Ok.

Algo pareceu brilhar nos olhos castanhos dele, como se um vulcão houvesse entrado em erupção, e Eve supôs que acabava de selar seu destino... Ao menos por ao que se referia a essa noite.

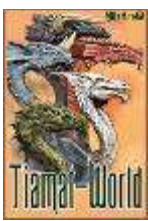
—E agora – começou ela tentando recobrar a postura – que tal se...?

Alguém lhe agarrou o braço por trás. O contato a tomou desprevenida e retrocedeu dando tombos até quase cair. O homem fez ornamento de seus reflexos incríveis. Em questão de um segundo, Eve estava livre da mão que a segurava, de pé e a salvo atrás dele. Ela ouviu, não obstante, o tom sarcástico de Roger.

—Interrompi algo?

Merda, merda e merda. Como poderia ter se esquecido de Roger o Repulsivo?

Saiu detrás das costas que a protegia para enfrentar o gesto reprovador de Roger. Ao olhar ao homem que acabava de conhecer, o viu inexpressivo. Não parecia furioso. Nem preocupado.



Não parecia o tipo de homem que reagia por instinto ante de uma situação na velocidade de um raio.

—Sinto muito – disse-lhe.

—Esqueça as desculpas – espetou-lhe Roger.

—Não estava dizendo a você – esclareceu ela, colocando entre os dois homens e empurrando Roger para afastá-lo – Não sei como, mas me havia esquecido de que havia ficado de falar com Roger essa noite de negócios – explicou-lhe a Dean com um sorriso.

—Negócios é?

—Ele é o dono desse antro, e sou organizadora de festas e eventos – explicou-lhe Eve levantando os ombros em sinal de desculpa – A cidade não deixa muitas opções, de maneira que me vejo obrigada a usar esse lugar de forma regular.

—Obrigada? – grunhiu Roger – Sem mim não teria negócio.

Aquilo estava estranho e Eve se dispôs a colocar Roger em seu lugar, mas ele se adiantou.

—Sei que é uma menina educada e vai me apresentar.

—Claro – disse ela, consciente de que não deveria ter provocado Roger. O homem tinha razão. Sem ele e seu locais, não gozaria de um negócio tão lucrativo – Roger Sims o proprietário – Eve fez um gesto rumo a Dean – E você é quem?

Dean sorriu.

Roger deixou escapar uma mordaz gargalhada.

—Nem sequer sabe seu nome? Por que será que não me surpreende?

Os dois ignoraram Roger.

Apoiando um ombro contra a parede, o jovem disse.

—Quase todo mundo me chama de Furacão.

—De verdade? – “Que estranho” pensou Eve. Certo que sua aparição havia causado estragos nela como se tratasse de um furacão, mas esse não podia ser seu verdadeiro nome – Oh um momento. Trata-se de algum apelido? É lutador?

Roger se aproximou.

—Espero que se trate de uma brincadeira.

Furacão piscou um olho a Eve, que o encontrava realmente fascinante, por que, de alguma maneira, o sobrenome lhe ia como uma luva.

—E como foi que te colocaram esse apelido? Quero dizer, por que não redemoinho ou Destruidor?

—Não o escolhi. Colocam-no e se adapta bem a seu personagem, fica para sempre.

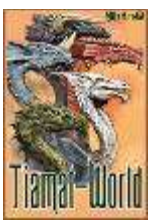
—Miúda idiotize – resmungou Roger.

Dean lhe dirigiu um olhar fugaz, mas não o considerou digno de sua atenção e o devolveu de novo a Eve.

—Quanto durará a reunião de negócios? – perguntou-lhe.

Ao que parece não tinha gostado muito de Roger

—Durará bastante, de modo que será melhor que vá esquecendo – respondeu no lugar dela.



Com a voz e o gesto mais inexpressivo que possa imaginar, o homem se aproximou de Roger e disse:

- Não gosto muito de você.
 - E supõe que isso me incomoda?
 - Somente estava afirmando um fato.
- Roger se inchou como um pavão.
- Está procurando briga?

Eve reprimiu um pequeno gemido. Roger era o típico mala ao que gostava de provocar a qualquer pobre diabo para que soltasse o primeiro golpe. Então, dava-se a volta e fazia que arrastassem o tipo por ter começado uma briga... Brigas que logo Roger se encarregava de terminar.

- Não – Limitou-se a responder ao iludido.
- Então...

Tomando Eve pelo braço, Furacão a afastou uns poucos metros de Roger.

—Quanto acredita que irá demorar? – perguntou-lhe depois de colocar com delicadeza uma mecha de cabelo atrás da orelha.

Ela se sentia eufórica. Por fim, apareceu alguém que não se importava com o que Roger pensava. Alguém racional que não se deixaria convencer para meter-se em uma estúpida competição entre machos. Furacão poderia ser seu cavalheiro brilhante de armadura. Estaria em Harmony para ficar? Tomara que fosse assim.

—Não muito – respondeu ela voltando-se rumo a Roger em seguida – Aceito a data de que temos falado. O preço que me deu parece bom. Sete horas, desde as oito da noite até às três da manhã. Três quartos particulares. Uso exclusivo do touro mecânico trato feito? – E Eve estendeu a mão.

Roger apertou os dentes.

—Tem que firmar o contrato – disse ao final, mas em vez de aceitar a mão que lhe oferecia, fechou os dedos em torno de seu pulso – Podemos nos ocupar dele em meu escritório agora mesmo.

Como sempre, Roger apertava demais, e Eve fez um gesto de dor, esperando em parte que seu cavalheiro interferisse.

Mas não o fez.

A contenção que mostrou a deixou perplexa e estremeceu ao mesmo tempo. Ela tirou o braço tentando livrar-se de Roger.

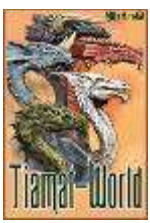
—Desde quando precisa que te firme contrato no ato?

Quanto mais se esforçava em espaçar, mas lhe apertava o pulso.

—No verão é uma época de muito trabalho, já sabe. Se quiser que te reserve o local, terá que firmar – E decidido a sair com a sua, atirou dela para obrigar a caminhar.

Sem quer Eve fez outra careta de dor.

Furacão saiu de sua posição indiferente e ergueu em toda sua estatura.



—Sem querer ofender seu espírito de mulher livre, precisa de ajuda? – perguntou como se estivesse falando do tempo.

Fulminando Roger com o olhar Eve disse:

—Não, por que irá me soltar agora mesmo.

Mas, em vez de fazê-lo o homem apertou mais ainda.

—Se quiser...

—Sinto muito, mas não posso permitir.

De novo, Furacão se moveu com agilidade e rapidez. Em questão de segundos, agarrou a Roger pelo pulso e o apertou.

Com um gemido de dor, o outro abriu a mão liberando assim Eve. E quase ao mesmo tempo, a atirou com força para soltar a pressão que exercia sobre o Furacão: isso a deixa ir.

Provavelmente por que não esperava, Roger tombou para trás, se deteve ao chocar contra uma mesa, perdeu o equilíbrio e se caiu sentado no chão. A mesa se voltou sobre ele causando um tremendo revolto.

Menos mal que Dave não lhes tinha trazido ainda as cervejas, ou se teriam molhado ao cair. Por dentro, Eve riu ao ver o aperto em que Roger se encontrava. Por fora, imitou a Furacão fingindo indiferença.

—Fez de propósito? - perguntou Eve a Furacão, enquanto Roger tentava recuperar a compostura.

—Meu propósito era soltá-la.

—Poderia ter me arrumado sozinha.

Ele levantou os braços e lhe roçou suavemente com o polegar a pele enrijecida a causa da pressão da mão de Roger.

—Antes ou depois que a machucasse?

—É uma situação complicada.

—De verdade? – Apoiou-se contra a parede – E como é isso?

Antes que ela pudesse responder, Roger conseguiu ficar de pé. Com o rosto vermelho e tremendo de raiva, resmungou entre os dentes:

—Quero que saia do meu estabelecimento. Agora mesmo.

Furacão o olhou entediado.

—Suponho que você não possa ir daqui comigo.

Eve desejava enormemente poder fazê-lo.

—Sinto muito, não.

—Fora.

Colocando-se na ponta do pé, Eve se postou diante de Roger.

—Já vai Roger. Você provocou essa situação, e sabe.

—Ele me atacou.

—Por que havia colocado a mão encima de mim. Outra vez.

As narinas do homem se abriram.

—A mão de outro homem está bem, mas as minhas não, verdade?



Eve apenas podia respirar. Não compreendia Roger e nunca o compreenderia.

—Seja como for, farei que Cam veja como realmente é – prometeu-lhe.

—Poderia dizer o mesmo – replicou Roger erguendo os ombros – E se não fosse por Cam, te diria para procurar outro lugar para celebrar suas festas. Deveria se alegrar de que seja sua amiga.

As palavras de Roger flutuavam pelo ar quando esse deu meia volta e se foi dali com passo irado. Um pouco envergonhada pelo estalo de cólera, Eve olhou Furacão furtivamente. Esse permanecia quieto atrás dela, seu rosto como uma máscara, atravessando-a com o olhar.

De alguma maneira difícil de explicar, pareceu-lhe que ele tinha um aspecto muito, muito diferente.

—Bom – Eve enlaçou as mãos em sinal de desculpa – De verdade que não sei como consigo sempre me meter nesses casos, mas acredito que com este já tive bastantes situações desagradáveis por um dia.

—Quem é Cam?

O tom e a postura de Furacão indicavam desinteresse, mas seus olhos diziam algo totalmente diferente. Demonstravam emoção, estava aborrecido com Roger e tratava de escondê-lo? Como podia saber ela quando fazia pouco tempo que o conhecia?

—Cam Conor. Minha melhor amiga.

Ele fez um pequeno gesto de assentimento antes de perguntar:

—O que tem ela a ver com Roger?

Eve esfregou a testa.

—Infelizmente, Roger quer que se casem. Já o pediu muitas vezes, e apesar de que Cam ainda não lhe disse que sim, e tampouco que não.

A música estrondosa e a cacofonia causada pelas vozes não bastaram para acabar com o denso silêncio que se formou entre ambos. Ele a observava com persistente fixação, o qual a intimidou um pouco. Ainda assim, Eve tentou rir.

—Mas isso é problema meu – disse e ao ver que suas palavras não relaxavam a tensão perguntou – O que achou de Harmony?

—Não é grande coisa.

Maldisse por desejar que voltasse a sorrir, apesar de que fosse somente um pouco.

— E eu? – Eve girou a cabeça rumo a ele – Deixei-lhe impressionado?

—Leva uma vida interessante.

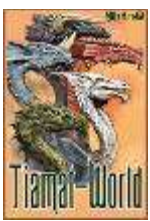
Aliviada, Eve deixou escapar uma suave gargalhada diante da observação brincalhona.

—Não acredita. Quase sempre consigo manejar bem Roger. Não por que lhe tenha alguma simpatia. Mas sim por que pode ser que Cam se case com ele. Assim, me mordo a língua, trato de guardar minhas opiniões e...

—Rejeita seus avanços?

Ali sim que não podia lhe dar razão.

—Não o chamaria tanto de avanço como interesse necessário. Sempre acreditei que o fazia por que sou amiga de Cam. Como se esforçasse para ter amizade comigo por que Cam e eu somos muito intimas.



—Não é por isso.

Ela fez uma careta.

—Então quem sabe? Nunca consegui entender Roger.

Claramente para mudar de assunto Furacão perguntou:

—E agora o que?

Eve olhou a hora e quis maldizer o destino.

—Temo que minha carroça esta a ponto de converter-se em abobora.

—Deixa que o faça. Tenho um carro de aluguel na porta.

Aquele homem era uma tentação muito grande.

—Escuta, não sou de me ligar com os caras dos bares. E nunca o faço com lutadores profissionais apelidados de Furacão – Deixou escapar uma gargalhada carente e alegre – Roger tinha razão em uma coisa. Essa noite não fui muito educada. De todos os modos, como o mais provável e que não volte a vê-lo, não tenho que me preocupar com o que possa pensar de mim.

—Acredita nisso?

—Sim. E nesse caso... – Eve percorreu o espaço que os separava e estendeu as mãos rumo a ele.

Descaradamente experiente Dean a estreitou entre seus braços até que pode sentir todo seu corpo e, sem perder um segundo, grudou sua boca contra a dela. Aquele beijo não se pareceu em nada com o primeiro. Audaz, ardente, devorador, a deixou sem forças e com o corpo palpitando prazerosamente em muitos pontos.

Aturdida desejando de todo o coração ter tempo para permitir uma fugaz aventura amorosa, Eve disse:

—Vá outra vez.

Ele susteve seu rosto com uma de suas enormes mãos, enquanto lhe acariciava a linha da mandíbula com o polegar.

—Sobre a não voltar a me ver...

“Por favor, por favor, peça o número do meu telefone”.

—Sim? – perguntou ela esperançosa.

Ele sorriu amplamente e causou estragos.

—Não conte com isso.

Confusa e incapaz de dizer algo, Eve permaneceu em pé, vendo-o ir embora. Não havia dúvidas de que era igualmente atraente por trás como na frente.

Capítulo 02

Dean conduzia lentamente rua abaixo. As lembranças penetravam em sua mente, desagradáveis, perturbadoras, bombardeando com um cumulo de emoções encontradas. Tantas coisas haviam mudado e ainda assim pareciam seguir iguais. Vinte anos deveriam ter apagado



qualquer rastro de sua vida passada. Mas, então viu a tampa do bueiro da rua e lembrou que uma vez ficou grudado debaixo. Viu a árvore da esquina e não pode evitar fazer uma careta de dor ao lembrar-se da vez que caiu dela e ficou sem respiração.

E lembrou-se da sua mãe, tão linda, tão distraída, tão divertida. Sempre se ocupando de qualquer coisa, menos de seus filhos. Ria por nada, ou ao menos, nada que ele pudesse entender. Lembrou das muitas babas e governantas que haviam desfilado pela a casa, sempre trabalhando a jornada completa, e como, sempre que podia, sua mãe descontava nelas. Lembrou que seu pai normalmente não estava em casa. Trabalhando muito e quando chegava, queria relaxar. Isso significava ficar na piscina sem que os meninos os incomodassem, ou ir jogar golfe com os amigos. Sempre que seus pais estavam juntos, discutiam.

Dia após dia, sempre igual. Nem sequer o nascimento de Camile e Jaqueline havia conseguido que seus pais freassem o ritmo de vida ou se voltassem mais caseiros. Não eram felizes juntos, mas tampouco separados. Então, aconteceu o acidente de carro em que perderam a vida, e a rotina diária de Dean veio abaixo. Passando ao longo do caminho da entrada da casa, estacionou próximo e desligou o motor. Transcorreram alguns minutos: sem mover-se do assento, observou a casa em que havia vivido nove anos. Parecia à mesma. Paredes de madeira branca. Persianas verdes. Telhado cinza. Porta principal vermelha.

O jardim estava fora de moda, mas bem cuidado. Algumas árvores haviam crescido, outras tinham desaparecido. Não havia tido muitas mudanças. Então olhou com mais atenção. As tabuas do telhado pareciam um pouco gastas. A pintura das paredes estava descascando em alguns pontos. O caminho de entrada e a calçada mostravam algumas rachaduras aqui e ali. Os canos se viam oxidados. Talvez se devesse a sua experiência em reformas, mas via cada pequena falha, cada sinal que delatava abandono. Antes de dar-se conta, havia saído do carro. Com os braços cruzados e apoiados no teto do veículo, deixou que o penetrasse a visão da casa e do jardim, a sensação de estava vendo-o todo como um adulto.

Maldito fosse, era estranho estar em “casa”.

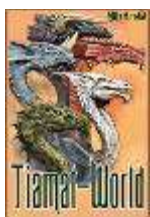
Havia jogado bola com os meninos do bairro no mesmo jardim. Tinha estado a ponto de afogar-se na piscina da parte detrás ao brincar um dia, quando estava descendo na água. Também uma vez havia perseguido a Jimmy Barker ao redor da casa até que Jimmy tinha terminado tropeçando e tinha perdido uns dos dentes da frente. Mais além da piscina do pátio traseiro, tinha uma floresta na qual ia quando queria estar sozinho.

Algumas coisas não tinham mudado; outras o tinham feito de maneira irreversível.

Que aspecto teria agora suas irmãs? Estariam tão danificadas e desbotadas como a casa? Acaso isso lhe importava?

Afastou-se do carro de aluguel, fechou a distância e guardou as chaves no bolso dos jeans. Os óculos de sol antiofuscante que usava protegiam os olhos, enquanto se enfiava no caminho rumo à porta principal. Sentia um peso no peito como se fosse chumbo e um punho invisível apertava-lhe a garganta, mas não vacilou. Podiam chamar-lhe muitas coisas, mas não covarde. Bateu na porta e esperou.

E esperou um pouco mais.



Havia feito todo esse caminho para encontrar a casa vazia? Deveria esperar um pouco pelos arredores até que regressem ou talvez fosse melhor voltar mais tarde? Depois de alguns segundos, Dean acreditou ouvir barulho de água que vinha da parte detrás. Talvez houvesse alguém ali, desfrutando do bonito dia de verão na piscina. Com os polegares metidos nos bolsos dianteiros, desceu da varanda e rodeou a casa. Havia um monte de erva daninha, ainda que a maior parte permanecesse camuflada entre o arbusto bem cortado. A meio caminho do pátio traseiro detectou vozes femininas que conversavam animadas. Mais especificamente, detectou a voz grave de Eve.

Cheio de curiosidade, tornou a caminhar e viu a duas mulheres tomando sol em espreguiçadeiras tombadas junto à piscina. Encontravam-se perpendiculares a ele, de cara para o sol, e pareciam muito entretidas. Uma delas usava um enorme chapéu, óculos de sol e um maiô azul de uma peça do tipo dos que usavam para natacão. De alguma maneira sabia que era Camile, a julgar pelo o estilo conservador da peça. Uma sensação de saudade começou a corroer as entranhas e, durante uns segundos, não pode afastar o olhar de sua irmã.

Sua irmã... Uma mulher adulta, magra, alta e evidentemente recatada, a julgar pelo tipo de biquíni que usava. O desconhecido começou a expandir-se, mas Dean o sufocou sem piedade e seu olhar passou a outra mulher.

Eve.

Ela usava um pequeno biquíni preto que deixava a vista muito mais pele. Tinha-a dourada pelo o sol, e um atrevido piercing no umbigo reluzia baixo o resplandecente sol de verão.

—Não vai acreditar no que fiz ontem à noite.

Sem perceber a presença de Dean, Eve lançou os óculos atrás do escuro cabelo. Estava molhada, a água deslizava, sinuosa pela a garganta, o ventre e as coxas. O instinto predador se apoderou dele, fazendo que a boca curvasse em um sorriso. Conhecia aquela sensação. Era luxúria. O desejo de caça. A excitação carnal.

Conhecer suas irmãs a sós seria uma situação incomoda. A presença de Eve suavizaria o impacto. Não poderia ter planejado melhor.

—De você acredito em tudo – retrucou Camile – Conta.

—Conheci a um homem.

Cam começou a rir debaixo do pano.

—Não me diga – Moveu-se ligeiramente mudando de postura com uma de suas longas pernas – Conhece homem além aonde vai. Isso não é novidade. É um imã.

—Você também atrai um monte de olhares.

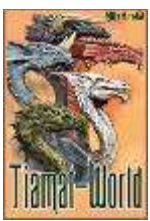
—Pode ser, mas não do mesmo tipo.

A Dean não lhe cabia dúvidas. Eve possuía uma aura de sensualidade que não havia percebido em muitas mulheres. Na noite passada havia se sentido atraído por ela em todos os sentidos. Se aquele crápula do Roger não tivesse aparecido...

Eve curvou os dedos dos pés.

—Sim, bom, mas dessa vez... Devolvi o olhar.

—De verdade?



—Bom... Fiz algo mais que olhar.

Cam ficou em alerta.

—Como o que?

Por um momento Eve cobriu o rosto e, deixando escapar um gemido, estendeu os braços de ambos os lados.

—Fui má.

—Oh-oh. Como foi má?

“Não o suficiente” pensou Dean. Mas, não disse nada. Continuou escutando. Retrasando o inevitável encontro com Cam.

Com um grande sorriso, Eve girou a cabeça rumo a sua amiga.

—De tudo, completamente.

Dean se aproximou um pouco mais, sem fazer ruído sobre o múltiplo arbusto, e sem que as mulheres se dessem conta de sua presença. Algo que pareceu justo, dado que o assunto de conversa. Deteve-se junto à grade que rodeava a varanda traseira e se dispôs a escutar. Cam estava rindo de novo, com uma risada infantil que ele lembrava, mas sim com uma risada de mulher.

—Como de tudo? Dormiu com ele?

—Não! Claro que não. Somente falei com ele – Eve vacilou um momento antes de admitir – Mas queria fazê-lo. Se Roger não nos tivesse interrompido, acredito que talvez o teria feito.

Dean sabia que o teria feito. Foda, Eve lhe havia mandado sinais que até um cego teria visto. E ao beijá-la... Ainda sentia o fogo cada vez que o lembrava. Teriam acabado na cama. Ele o sabia. Mas, talvez não quisesse dizer a Cam.

—Então deveria se alegrar de que Roger interrompesse?

—Pode ser – Fechou de novo os olhos – Mas, Cam é que era um tipo com um corpão e, além disso, era encantador. E não digo somente em seu aspecto.

—Continua.

—Somente sei. Tinha algo. Era muito viril, mas não ia de machão, compreende o que quero dizer? E, oh Deus meu, como era cheiroso.

Dean ficou um tanto perplexo ao ouvir. Ele cheirava bem?

—Dava-me vontade de... Comê-lo.

Merda. Como seguisse falando assim muito mais acabaria melado. Talvez fosse o momento de anunciar sua presença. Foi fazê-lo, mas então falou Cam.

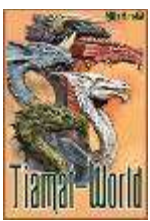
—Diga-me que lhe deu seu número.

Eve deixou escapar um gemido.

—Esperava que pedisse o meu, mas não o fez, e apesar de que eu seja uma mulher audaciosa e o homem ser o mais lindo da minha vida, me alegro de não voltar a vê-lo.

—Por quê? Parece louca por ele.

—Desejava-o, que não é o mesmo. Flertei com ele. Beijei-o – Mordeu o lábio – Deixei-lhe bem claro que estava interessada nele. E isso é tudo. Comportei-me como uma... Descarada



mulher da vida – Eve cobriu o rosto – É uma pena, mas já não posso desfazer tão desafortunada atuação.

Vendo a oportunidade de apresentar-se Dean sorriu.

—Foi somente uma atuação?

Os gritos das duas mulheres haviam assustado a qualquer um. Ambas imediatamente ficaram de pé e Cam se cobriu com uma grossa toalha.

Menos mal que Eve não tinha nenhuma em mãos. Ficou olhando-o com uns olhos que pareciam ainda mais azuis embaixo do ardente sol do meio-dia. Tinha as bochechas vermelhas e seu peito subia e descia devido ao nervosismo.

Sim, a ele também tinha vontade de comê-la. Ainda não era o momento, mas logo seria.

Dean se voltou rumo a sua irmã.

—Camille não?

—Quem é você?

Eve afogou um gemido

—Ele é... – Eve não sabia o que dizer, engolia com dificuldade e havia ficado sem ar – O cara de ontem. Do que estava te falando agora mesmo.

Imediatamente Cam se colocou diante de sua amiga.

—O que esta fazendo você aqui? Isso é uma propriedade privada – Cam havia passado de ser uma mulher doce a uma amazona em um abrir e fechar de olhos. Apesar de que os óculos escuros ocultavam boa parte de seu rosto. Dean podia ver as sobrancelhas de advertência de que fazia – Como sabia onde encontrá-la?

De que maneira se preocupava e protegia a Eve? Isso o agradou, apesar de que Eve não precisava de sua proteção. Contudo, gostou de ver sua irmã tinha determinação.

—A verdade é que vim procurar você e não a ela – Dean se voltou e acrescentou em direção a Eve – Mas, me sinto feliz de que esteja aqui.

As duas o olharam mudas. Suspirando Dean colocou a mão no bolso e tirou uma carta amassada.

—Escreveu-me. Faz vários meses, eu sei, mas estava de viagem e o correio custou me encontrar.

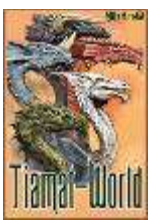
Cam subiu os óculos ao alto da cabeça.

—Que te escrevi?

Em vez de explicar, Dean deu um passo e estendeu a carta. A menina de um pouco mais de metro e setenta. Também era alta, ainda que ele superasse em quinze centímetros pelo menos. Tremendo, Cam pegou os amassados papéis. Segurando entre as mãos, ficou olhando-os fixamente, piscando, mordendo os lábios. Quando olhou a Dean, tinha os olhos cheios de lágrimas e daquela maldita esperança.

Merda, merda, merda. Dean se preparou. Ou ao menos pensou que o fazia. Mas, como demônio se prepara um homem para o reencontro com uma irmã a que faz anos que não vê?

—Dean? – perguntou ela com a voz chorosa demais e um tom absurdo – É... É você de verdade?



A ele não deu tempo de responder. Antes que pudesse reagir, Cam o abraçou com força veemente. Dean não se lembrava à última vez que uma mulher lhe havia apertado contra ele de forma platônica. Sua mãe nunca havia sido uma mulher carinhosa. Uma palmadinha na cabeça, cosquinhas debaixo do queixo... Mas, não aquele contato de corpo inteiro cheio de quente emoção.

O tempo que tinham vivido na casa tinham se mostrado amáveis, mas nunca haviam sido amorosos. Logo, havia tido vários professores que se haviam preocupado por ele, havia conhecido muitas mulheres quando trabalhava na construção, também as mulheres de seus companheiros, as amantes de uma noite de seu tio. Mas... Nenhuma o havia tratado como se fosse um tesouro, algo mais que um amigo. Nenhuma havia abraçado ele como se fosse seu salva-vidas.

Através do abraço, Dean percebeu varias coisas: o canto dos pássaros, a suave brisa, a fixa atenção de Eve e a suavidade de Cam e seu agradável aroma. Fechou os olhos e inalou. Seus sentimentos se rebelaram, mas de uma maneira totalmente desconhecida. Cam não era uma menina frágil, apesar de que sua força não era nada em comparação com a dele. Contudo, seu abraço resultou... Agradável. Fodidamente agradável.

Deliberadamente, Dean manteve os braços quietos a ambos os lados do corpo, enquanto lutava por bloquear a necessidade de consolo. Sendo como era, um dos melhores lutadores de artes marciais mistas do mundo, estava completamente certo de que não precisava que ninguém o consolasse. Não daquela maneira.

Não ela.

Na busca por uma rápida distração olhou a Eve.

Os óculos ocultavam sua expressão, mas Eve não contava com a mesma vantagem. Dean viu desconcerto, embaraço e algo mais dela. Olhava-o fixamente, ruborizada e com os olhos arregalados. Seus lábios se entreabriram e a respiração acelerou. Dean a examinou demoradamente, tomando seu tempo. Comparada com Cam, Eve era miúda, ao menos na altura. Mas, tinha curvas de sobra e todas em lugares preciosos. Havia-se referido a seu atrevido comportamento na noite passada como se tratasse de uma anormalidade. Não parecia uma mulher tímida, mas ainda assim, com ele havia reagido de uma maneira especial.

Não deixaria que esquecesse a química que havia entre eles. Não deixaria que a sufocasse. De uma maneira ou de outra a teria, e seria ele quem colocaria as condições. Finalmente, Cam se afastou dele, mas somente um pouco, só para olhá-lo no rosto e sorrir como se houvesse resolvido todos os seus problemas.

Respirando pelo nariz e rindo ao mesmo tempo tratou de desculpar-se.

—Sinto muito Dean. Não pretendia chorar encima de você — disse, enquanto alisava com gesto ausente a camiseta de seu irmão, como se necessitasse sentir, absorver sua essência — Havia ensaiado mil vezes esse momento em minha cabeça. Rezava por que chegasse a minha carta e voltasse para casa, mas não... — Quebrou a voz e teve que pigarrear. Duas vezes — Deus meu, é você de verdade — E começou a rir de novo.



Sentindo-se como um imbecil, Dean disse “Sim” por que não lhe ocorreu nada mais. Preferia lutar com três loucos imbatíveis, de graça, antes de enfrentar todo aquele sentimentalismo. Cam pôs as mãos nos ombros.

—Eve tem razão. É muito lindo. E grande. Acreditava que Jackie era alta, mas... Olha você. Jackie sua irmã pequena. Era ainda mais alta que Cam? Quando a veria?

Por dentro, os instintos de Dean se revelaram. Por fora, estava rígido que poderia partir-se. Apertou os dentes e deixou que Cam seguisse com seu discurso.

—Até temos a mesma cor de cabelos - comentou absolutamente vidrada – Deu-se conta Eve?

Todavia muda, sua amiga assentiu com a cabeça.

Dean não sabia o que pensar. Cam se mostrava tão endiabradamente familiar para ele, tocando-o e segurando como se o conhecesse. Como se tivessem sido criado juntos. Como se de verdade fosse seu irmão mais velho em vez de um perfeito estranho.

—Mas, o que aconteceu com meus modos? – prosseguiu ela em voz alta e cheia de excitação, sem dirigir-se ninguém em particular – Vamos para dentro e preparar algo para beber. Temos que colocarmos em dia um monte de coisas – E dizendo pegou seu braço e o arrastou rumo a casa – Veio de muito longe? Onde estava quando recebeu a carta? Onde vive?

Muitas perguntas de uma vez. Dean olhou a Eve por cima do ombro. Essa que parecia ter-se ficado cravada no lugar sem tirar os olhos de cima, despregou de repente os pés do lugar e passou junto a eles como um raio em direção a casa.

—Irei me vestir – disse.

Em sua velocidade rápida, Dean a observou com interesse. Ele era rude e bruto, enquanto que Eve era esbelta e tinha um generoso redondo traseiro em concordância com um bonito peito. Antes que se fosse de Harmony, conheceria aquele corpo de enfiar de forma íntima. Pensar nele serviu para suavizar a realidade de ter que enfrentar seu passado.

—Sinto muito – voltou a dizer Cam – Estou fazendo muitas perguntas. Deve estar pensando que sou uma lunática.

Não a conhecia o suficiente para saber do valor de seu estado mental.

—Não é nada.

—De mais a mais, prometo-o. Assim pode... Onde estava antes de vir aqui?

Dean deixou de lado sua reserva. Se Cam podia mostrar-se tranquila ele também.

—Quando recebi sua carta estava em Las Vegas. Antes havia estado fora do país.

—Onde? – quis saber brincalhona – Em algum lugar exótico?

—Na Europa quase todo o tempo.

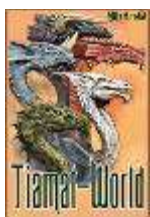
Cam fingiu que ia desmaiar.

—Europa! Como o invejo.

—Viajo muito. Não é para tanto.

—Para mim sim. Nunca sai de Kentucky.

—Nunca?



Eve havia entrado tão depressa na casa que tinha deixado as portas abertas, e Cam o incitou a entrar em uma fresca estância que usava para o café da manhã e como sala de estar adjacente da cozinha.

Dean olhou ao seu redor, reencontrando o lugar de sua infância.

—Diz brincando não? – perguntou-lhe a sua irmã.

Naquela sala havia visto os desenhos da televisão, naquele sofá havia se deitado de pijama. Ali havia brincado com Cam, quando essa tinha dois anos, sobre o chão carpetado. Algumas coisas haviam mudado: uns poucos móveis, as janelas, inclusive a cor dos marcos das mesmas. Mas, fundamentalmente tudo continuava igual.

—Não. Quando terminei a escola fui pra universidade local um tempo, mas... – Apressou-se a mudar de assunto com nervosismo como se lhe desse vergonha não ter obtido um diploma – O que gostaria de tomar? Um refrigerante, chá, café?

Dean a olhou.

—Tem cerveja?

Cam empalideceu.

—Sinto muito não – Lançou um olhar rápido ao relógio de parede, começou a retorcer os dedos com nervosismo.

Acaso considerava que as duas da tarde era cedo demais para beber?

—Acontece algo Cam?

—Não é somente que... – Cam se encolheu os ombros – Sinto muito, mas a tia Lorna não aprova a bebida. Nos proíbe ter álcool em casa.

Grover lhe havia contado muitas coisas sobre Lorna, entre elas o muito beata e mal bicho que era. Por sua culpa, ele não conhecia suas irmãs. Lorna havia proibido que mantivessem contato. Chegaria logo em casa e por isso Cam havia olhado a hora?

Pouco desejoso de encontrar com problemas tão cedo, Dean encolheu os ombros e a seguiu pela cozinha.

—Chá gelado sem açúcar então, se tiver.

—Claro que sim – Cam ofereceu-lhe uma cadeira como se fosse um cavalheiro galante – Por favor, sente. Fique a vontade. Tem fome? Posso preparar um sanduíche.

—Não obrigado

—Sopa? Ficou um pouco de ontem. Ou talvez...

—Não tenho fome – interrompeu-a ele. Por Deus, Cam falava sem parar. Supôs que devia ser pela excitação do momento.

O momento de seu reencontro.

Foda.

—Uns biscoitos? São caseiros. Foram feitos essa manhã. Aveia e passas.

Protetora e com uma veia de Martha Stewart? Sua irmã era um paradoxo interessante.

—Não sou de comer doces.

A julgar pela a forma que reagiu sua irmã, foi como se tivesse dito que tinha duas cabeças.

—E isso por quê?



—Para estar em forma

—Pois, já o está – retrucou ela olhando-o com um meio sorriso. Tirou o chapéu e os óculos e os deixou encima da mesa, enquanto se dirigia a geladeira – Não precisa. É puro músculo.

Dean não queria que sua irmã acreditasse que era um fanático, assim que decidiu explicar.

—Sou lutador profissional Cam. Minha dieta é uma parte importante do meu estilo de vida.

Detendo-se em seco, ela se voltou e o olhou com a boca aberta.

—Lutador?

Não muito certo de se seu olhar era de repulsa ou intriga, optou por não dizer nada.

—Nada de biscoitos, mas bebe cerveja? – Cam franziu a sobrancelha com gesto de suspeita e pôs os braços cruzados – Como é isso?

Dean deu-se conta então de que sua irmã brincava e lhe sorriu.

—Em algum lugar tenho que por o limite. Não posso deixar tudo, e prefiro esquecer o doce. Contudo, limito o álcool as épocas em que não compito e por tanto não tenho que treinar.

—Deve ter uma incrível força de vontade. Tento-o, mas me volto louca por um doce.

Pois, não se notava. Cam tinha uma fina cintura e era atlética. Dean supôs que devia de ser algo genético. Lembrava a sua mãe como uma mulher esbelta, e a seu pai como um homem magro e fibroso.

Cam não deixava de olhá-lo enquanto enchia o copo de chá gelado.

—É lutador profissional disse. Boxeador?

—Não exatamente boxeador – Em vez de seguir ocultando-se atrás dos óculos de sol, Dean os tirou e deixou encima da mesa.

Ao olhar Cam, essa se fixou em seus olhos e de imediato mudou outra vez de assunto.

—Dean! Também temos mesmos olhos. Não é assustador?

Ele não pode evitar sorrir. Divertia-lhe os resíduos de entusiasmo de Cam.

—Sempre é assim animada?

Eve entrou nesse momento com passo tranquilo.

—Sim – respondeu por Cam – Doentia não acha?

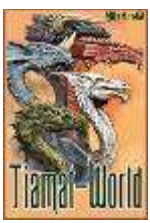
Voltando-se na cadeira Dean a olhou. Eve evitou seu olhar, mas ele não se importou. Ambos sabiam o que ela sentia, igualmente sabiam o que resultaria tudo aquilo. Tinha prendido o cabelo molhado em um coque, o qual destacava seus pronunciados pômulos e o voluntarioso queixo. Os jeans curtos que usava deixavam quase tanto de seu traseiro a vista e a marquinha do biquíni de antes. Uma camiseta de tira de um fino tecido proclamava que não usava sutiã. Tinha pernas lindas.

—Pode ser que Cam e eu compartilhemos a cor do cabelo e olhos, mas nosso caráter é visivelmente oposto – disse Dean, sem deixar de examinar detalhadamente o corpo de Eve.

Cam começou a rir.

—Significa isso que é um ogro? Não acredito. Não sei como continua me aguentando.

—Eu sim acredito – Disse Eve ficando de ponta de pé para alcançar um copo em que servisse o chá – Seu apelido no tatame é Furacão – Lançou o copo na direção dele como brinde – Não te parece representativo?



Aquilo sim resultava familiar. Jogar verbalmente com uma mulher atraente, aumentar a tensão sexual. Muito, muito mais fácil que aquele... Aquele ataque de sentimentalismo que Cam se empenhava em lançar. Desfrutando com o novo jogo, Dean Assegurou-se de que Eve visse como lhe olhava os seios antes de continuar falando.

—Chamam-me Furacão por que, a alguns, dou a sensação de que luto de forma um tanto desordenada – Lançou o olhar rumo aos olhos dela e se deu conta de sua expressão atônita e impressionada. Dean sorriu o justo para fazer-lhe saber que sabia o que sentia e pensava – A maioria dos lutadores possuem uma técnica de diferença. Os possíveis competidores estudam para fazer uma ideia do que vão enfrentar. Mas, sou imprevisível. Mudo meus movimentos de combate a outro – olhando-a com audácia declarou – Faço o que for necessário para ganhar.

Eve girou os olhos

—Acaso isso é uma advertência?

—Claro que sim.

Alheia a troca de indiretas de caráter sexual entre os dois, ou desejosa de passar por cima, Cam pegou uma cadeira e sentou-se na frente do seu irmão.

—Ganha muitas vezes?

—Sim – Foda, não tinha motivo algum para mostrar-se tão orgulhoso ao falar daquilo. O que Cam pensara dele não deveria importar nenhum um pouco. Ainda assim continuou - O suficiente como que ter sido o prato forte do programa de combates da SBC nas últimas quatro ocasiões.

—O que significa SBC?

—Desafio de Luta Extrema dois

—Parece algo confuso

—Não é, os participantes podem golpear com as mãos, pés, os joelhos e cotovelos. Trata-se de forçar para submeter seu concorrente, com chaves de pescoço, truques, chutes, demolição, patadas ou alavancas. Nenhuma disciplina predomina mais que a outra.

Eve se uniu a eles e se sentou a direita de Dean.

—Sei. E se é tão bom como é que te deram essa surra? – provocou ela.

Cam pareceu ofender-se com a pergunta de Eve, mas Dean não lhe importou explicar.

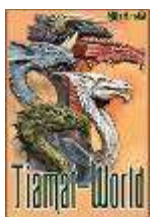
—Não luto contra fracos, por isso. Somente os melhores competidores ganham o direito de me retalhar. Além disso, alguns machucados não se podem considerar uma surra. Não quando o outro terminou muito pior.

Cam fez uma careta de dor.

—O que pode ser pior? Não é que duvide de você – apressou-se em dizer – Mas, parece como se algo muito pesado te tivesse atropelado. Não pensava em dizer nada, não queria parecer descortês, mas já que está no tema...

Dean esteve a ponto de soltar uma gargalhada ao pensar em Cam tentando ignorar as feridas, os hematomas e os pontos que brilhavam... E o fato em si o pegou de surpresa.

—A maior parte do que tenho é superficial. Mas, as feridas que sangram tanto como para impedir a visão ou que podem supor uma ameaça para a saúde do lutador, essas são as que dão a



vitória. Ossos fraturados, deslocções e lesões musculares podem manter qualquer um longe das competições por meses.

—Ossos fraturados?

Dean fez girar os ombros.

—Não tem as lesões graves, mas as viu todas – E muitas as haviam sofrido na própria pele, apesar de que não pensava em contar isso a sua irmã – Ganhei meu último combate graças a uma alavanca de joelho.

—O que é uma alavanca de joelhos?

—Uma técnica de subjugação do jiu-jítsu brasileiro. É uma das que utilizam para ganhar, apesar de que a maioria dos lutadores da SBC conhece uma dúzia ou mais delas.

—E como se faz uma alavanca de joelhos?

Ao imaginar o encontro com sua irmã, não havia ocorrido pensar que terminariam falando da SBC. O interesse de Cam resultava surpreendente, e, ainda que lhe gostasse negar, teve que admitir para si mesmo que lhe agradava.

—O conceito básico em toda chave de subjugação executada com a perna e fazer pressão sobre as articulações do adversário para imobilizá-lo – Estirando a perna Dean mostrou como seria o movimento – Bloqueia a articulação e com a quantidade de pressão adequada, pode se submeter qualquer um.

Cam olhou com os olhos arregalados.

—Por que se não se submete, poderia romper ou deslocar algo – quase sussurrou.

—Isso mesmo

—Fascinante – Eve passou um dedo pela a condensação que tinha formado em seu copo – A mim soa como uma briga de bar. De verdade, os homens pagam para ver isso?

Dean a olhou analisando. Sabichona e descarada que era. E tudo por que sabia que a havia ouvido dizer que estava louca por ele. Isso estava bem. Gostava das mulheres ardentes. Reclinando-se em sua cadeira, Dean enlaçou as mãos no abdômen. Eve seguiu o movimento com o olhar, mas em seguida afastou.

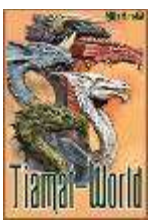
—Ao contrário que uma briga de bar, nesse caso se trata de um só homem brigando contra o outro. Sem armas. E nos combates tem um juiz. À hora de brigar, se faz segundo regras aprovadas por uma comissão esportiva. Os combates têm lugar certo, diante de um monte de pessoas, em Nevada, Califórnia, New Jersey, Massachusetts e Florida. A SBC representa lutadores com grande experiência, muitos deles campeões olímpicos.

Tem competidores de Brasil, Rússia, Japão, Holanda, Inglaterra e muito outros países. Com grande frequência se esgotam as entradas e algumas podem custar preços muito elevados. Basicamente se trata de dois homens dentro de um quadrado concordando que briguem até que um deles fique fora de combate ou golpeie a lona varias vezes.

Cam se mostrou surpresa.

—O que acontece se golpeia a lona?

—Às vezes, se sabe que não pode aguentar a dor de um braço, uma perna, um joelho ou tornozelo, pode render-se, abandonar a luta. Pode-se dar o caso de que um lutador fique



inconsciente por causa de uma chave de estrangulamento, devido a que se fique sem oxigênio, mas, também pode golpear a lona várias vezes quando notar que está a ponto de perder a consciência. De vez em quando, a decisão corresponde aos juízes, mas normalmente ninguém quer chegar a esse extremo.

—Sim, Deus! Não quer que o combate termine sem que alguém se rompa a perna – ironizou Eve.

Dessa vez Dean não pode conter a gargalhada.

—Os lutadores estão bem treinados e são inteligentes. Além disso, os médicos sempre estão próximos.

—Inteligentes? – Eve assentiu em sinal de conformidade zombadora – Sim, tem pinta de ser realmente brilhantes.

—Eve.

De maneira que Cam havia mudado de lado? Parecia estar defendendo na frente de Eve. Dean negou com a cabeça.

—Não acontece nada Cam. No que concerne a SBC, tem vários tipos de mulheres. Temos as groupies, que se voltam loucas por algum lutador de verdade. As que olham com superioridade o assunto apesar de que não entender. E, por fim, aquelas que sentem verdadeiro interesse pelo esporte em si – Girou a cabeça – A que grupo você pertence Eve?

Essa o olhava com o cenho franzido, esperando poder dar a volta na situação.

—Quando fala de groupies se refere a essas mulheres que se lançam aos seus braços não?

—Exatamente – respondeu ele sustendo o olhar – Em meu último combate, coloquei um autografo sobre o peito de uma que terminou seguindo-me até minha casa.

Cam aguentou a risada como pode, mas Eve ficou rígida como um pau.

—Igual um cachorro – resmungou quase com um grunhido – Imagine.

—Sim, era jovem – admitiu Dean com melhor humor, e em seguida sorriu com cumplicidade – Mas, o suficiente grande.

Cam decidiu intervir para aliviar a tensão.

—Se todos os combates acontecem nos Estados Unidos por que viaja tanto?

Dean deixou em paz Eve... De momento.

—Por diversos motivos. É importante adquirir experiência sobre os melhores, o que significa viajar a distintos campos de entretenimento. E tenho patrocinadores por toda a parte, faço giros promocionais e coisas assim.

Cam parecia impressionada, mas Eve seguia olhando fixamente seu copo de chá, pelo o Dean não pode entender sua reação.

—Tudo isso o faço em meu tempo livre. Quando estou me preparando para algum combate não tenho tempo livre. Às vezes, treino seis horas ao dia, inclusive mais. Nunca é demais. Para todos os lutadores que conheço praticar artes marciais é sua vocação.

—É o seu caso?

De jovem treinava para esquecer a raiva. Grover o havia animado, mas era Dean quem havia pago as aulas, cuidando sempre de que não interferisse com o trabalho. Ou com os estudos.



—Sempre desfrutei competindo. Comecei a tomar mais serio na universidade, quando Grover morreu. Foi então quando descobri a SBC. Um dos patrocinadores me viu brigar e ofereceu-se me supervisionar se competisse profissionalmente. Os primeiros triunfos me serviram para pagar a universidade.

—Combinava os estudos e a luta?

Cam o disse como se parecesse algo extraordinário.

—A maioria dos lutadores cursou cursos superiores. Alguns dos mais jovens ainda estão estudando. Outros são homens de negócios, ou profissionais de outra área.

—Não parece ser duas coisas compatíveis.

—Um idiota não chegaria muito longe na SBC. Trata-se de uma competição tanto física como mental. Tem que ser capaz de pensar com rapidez estando sobre baixa pressão e superar o seu oponente.

Cam aceitou a explicação.

—Tem sentido, mas sigo pensando que a partir de agora isso me dará motivos de preocupação.

E por que teria de preocupar-se? Estava claro que não tinha motivos. Ainda que fosse seu irmão, apenas o conhecia.

—É um esporte de contato, mas os médicos estão muito atentos para garantir a segurança do lutador.

Eve enrugou o nariz.

—Segue parecendo algo espantoso.

—A mim parece algo fascinante – reconheceu Cam estendendo a mão por cima da mesa para acariciar a machucada bochecha de Dean – Fez-lhe isso seu último combate?

—Sim – E menos mal que o cabelo ocultava a maior parte dos pontos que havia tido que dar na parte superior da testa, perto da sobrancelha – Recebi sua carta na manhã seguinte da briga – Mudou então a direção do olhar a Eve – E ganhá-la.

—Quem dera o tivesse sabido. Poderia ter ido vê-lo – Cam o olhava cheia de orgulho – Quando voltara a competir?

—Não farei em um tempo. Decidi descansar primeiro – Para visita-la, mas não o disse – Não participarei em nenhum combate em uns meses.

—Ganha a vida brigando?

—Sim. Mas, também reformo casas, um negócio igualmente lucrativo.

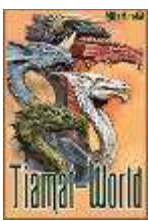
As duas mulheres pareceram igualmente confusas.

—Compro casas em mal estado a um bom preço, as arrumo e logo as vendo por um preço maior – explicou Dean.

Eve o olhou com o rosto aceso. Inclinou-se para frente em seu assento como se fosse a dizer algo, mas Cam se apressou em silenciá-la.

—Gosta de viajar?

Estava escondendo algo, mas Dean não acertava adivinhar o que.



—Sempre gostei. Grover se dedicava a construção de casas por todo o mundo. Viajo com motivo de competições e giros promocionais – O que ia dizer Eve? E por que Cam o havia impedido? – Mas, já basta de falar de mim. O que me diz de você?

Por alguma razão, Cam parecia envergonhar-se de ser o centro das atenções.

—Nada tão emocionante como ser lutador profissional que viaja por todo o mundo – disse ela rindo com timidez – Dirijo o motel de Roger.

Ao ouvir o nome de Roger Eve se enfureceu.

—O mesmo Roger que poderia converter-se em seu marido?

Cam se voltou rumo a Eve.

—Contou-lhe da proposta de casamento?

A outra encolheu os ombros.

—Depois de que o bom Roger o provocara para que iniciasse uma briga, falamos um pouco dele sim.

—Oh Dean. Sinto muito – Cam deixou escapar um longo sorriso – Roger tem um problema de insegurança.

—Não me diga – disse Dean com um tom seco como pó.

Cam assentiu com a esperança de poder convencê-lo.

—É ridículo, dado tudo o que conseguiu na vida, mas é como se tivesse que demonstrar algo a si mesmo. Espero que não te dê muitos problemas.

—Em absoluto.

—Afortunadamente – disse Eve – Dean rejeitou logo – Apoiou um cotovelo na mesa e o observou detalhadamente – E agora que sei um pouco mais sobre você não posso evitar perguntar por que o fez?

—Estou acostumado com idiotas que me detenham. Não é nada novo.

Terminou-se ele o chá com um longo gole. Somente pensava em Roger deixava um sabor asqueroso na boca, mas não era assunto seu. Que lhe importava se Cam decidia casar com ele?

Mas, Eve não o deixou estar.

—As maiorias dos caras se sentiram tentados a aceitar e demonstrar sua capacidade ou algo. O orgulho masculino e todas essas baboseiras.

—Teria o matado – respondeu Dean –Não tenho necessidade de carregar algo assim sobre minha consciência.

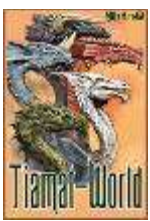
Cam permaneceu em silêncio, mas Eve havia falado. Apoiou ambos os cotovelos na mesa e se inclinou rumo a ele.

—Nunca se sabe. É grande, mas Roger também não é pequeno. Sabia que jogou futebol americano na faculdade?

Dean encolheu os ombros. Importava-lhe nada o que teria feito esse cara.

—Era um running back muito bom. Provavelmente poderia ter feito profissional de não ser pelo o golpe na cabeça que causou problemas de visão.

—Fico feliz por ele – retrucou Dean, imitando a postura dela, de forma que o espaço entre ambos se reduziu até que seus ares se roçaram e pode ver os espessos cílios que marcavam seus



olhos – Ainda assim, não teria tido nenhuma possibilidade comigo. Não tem o porte de um lutador, nem os reflexos de um lutador, nem a inteligência de um lutador.

—A julgar por suas palavras, é um homem com muitos defeitos não? – brincou Cam – Deveria sentir-me insultada em nome de Roger?

Foda. Ao dar-se conta Dean retrocedeu.

—Não pretendia insultar, somente estava mencionando os fatos. Mas, deveria dizer a Roger que se mantenha afastado de outras mulheres.

Eve fechou os olhos, presa no pânico.

Cam elevou as sobrancelhas em gesto interrogativo. E então, uma voz feminina distinta interrompeu o silêncio.

—Alguém poderia ter-me dito que tínhamos visita.

Dean se voltou. De pé na sala havia uma menina alta, com o cabelo tingido de loiro, revoltado e disparado em todas as direções, como se tivesse colocado gel e logo tivesse passado a noite dando voltas na cama. Mediria no mínimo um metro setenta e sete. Uma menina espigada, de ossos longos... Sua irmã menor.

Diante de seu olhar, Dean sentiu que seu coração começava a bater com um ritmo desatado. A julgar por sua aparência, sua postura e atitude, estava claro que era um problema de pernas. E por alguma isenta razão gostou disso.

De maneira que sua irmã menor se havia convertido em uma menina problema, justo ao contrario de Cam, pelo que havia visto. Somente tinham dois anos de diferença, apesar de que Cam parecia muito mais madura que Jack.

O sol grudava na janela da cozinha como uma miragem de círculos dourados de diversa intensidade. Jack se voltou rumo a ele e Dean pode ver a atrevida tatuagem que a menina usava nos quadris, visível debaixo da camisa recortada e os jeans de cintura extremamente baixa que, a pesar de suas longas pernas, chegavam até ao chão.

—Jack se levantou cedo – balbuciou Cam, levantando-se rapidamente e dirigindo-se rumo a ela. Com um enorme sorriso acrescentou – Tesouro, esse é nosso irmão, Dean.

Capítulo 03

Sonho, aquilo começava a ficar interessante, pensou Eve. Dean examinava a Jack como se estivesse acostumado a tratar com jovens rebeldes de vinte e um anos. E Cam, a pobre, parecia atrapalhada entre o prazer de anunciar a presença de Dean e o pavor do que sua irmã pudesse dizer.

Jack piscou com seus cílios que luziam uma excessiva quantidade de rímel e disse:

—Não fode.

—Cuidado com essa língua – Chamou a atenção Cam com o cenho franzido.

—O que disse?



Dean começou a rir.

—Nada que não tenha ouvido antes.

—Amem – concluiu Eve. Pessoalmente, entendia melhor a atitude de Jack que a de Cam. As duas irmãs não tinham passado muito bem nos últimos tempos.

Em vista do que, obviamente, Jack acabava de levantar, Dean olhou a hora.

—Uma noite longa?

A menina franziu os lábios, o olhou de cima a abaixo e voltou rumo a cafeteira, como se reencontrar com seu irmão, ao que não via há muitos anos fosse o mais normal.

—Uma festa de merda. Minha cabeça vai explodir. Não tem café feito Cam?

—Sente antes que caia, enquanto preparo.

Eve observava a Dean, enquanto este contemplava o comportamento de suas irmãs. Não fazia precisava ser um gênio parar dar-se conta de que Cam se ocupava de Jack como se fosse sua mãe e que esta a deixava fazer.

—Ok – Arrastando-se rumo a mesa, Jack se sentou pesadamente em uma cadeira e depois de mostrar a todos suas amídalas em um bocejo bastante pouco elegante sorriu a Dean – A tia Lorna irá ter um ataque.

—Jack – advertiu-a Cam sem deixar de preparar o café – Contarei a tia Lorna. Não se preocupe por isso agora.

—Sim e o que irá dizer? – Jack se esticou no assento espreguiçando-se – Perguntará por que voltou o filho pródigo – Olhou a Cam – Suponho que você o convidou.

—Foi.

—Claro – Voltou-se então de novo rumo a Dean – E você aceitou o convite obviamente. Mas, por quê? A final acredita que temos dinheiro e ninguém me disse?

Cam ficou como pedra.

Inclusive Eve se sentiu consternada diante da aberta indireta. Jack sempre se comportava de forma escandalosa, o fazia de propósito, mas aquele sarcasmo era demais inclusive para ela.

—Prodígio? Não diria isso – disse Dean sem insultar-se.

—Sim – Jack levantou a sobrancelha – E o dinheiro?

—Quer que comparemos nossas contas bancárias? – perguntou lançando um rápido olhar aos eletrodomésticos da cozinha, o descolorido papel de paredes, e as superfícies dos moveis cheias de marcas – Estou certo que sairia ganhando.

—De verdade? De maneira que tenho um irmão vencedor. Melhor, que melhor. Mas, isso não explica o que está fazendo aqui. A tia Lorna sempre dizia que nunca voltaríamos a vê-lo.

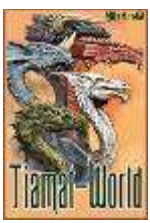
Dean sentiu como se algo machucasse seu coração.

—E alguma vez os disse por quê?

—Sim – respondeu ela com a voz aguda e imposta – Os homens são todos uns porcos que somente se preocupam com si mesmo.

—Já chega Jack – Cortou-a Cam apressando-se em terminar o café – Guarda as garras agora mesmo.

—Parecia ela de verdade? – retrucou Jack com um amplo sorriso



Eve ia dizer que sim, mas Cam se adiantou.

—Não, não parecia ela, parecia uma menina malcriada. E, agora pare.

—Sim mamãe.

Dean começou a rir.

Eve se sentiu aliviada ao ver que não se tinha ofendido, mas a Jack seu bom humor pareceu confundi-la.

—O que lhe parece tão divertido? – quis saber apoiando ambos os cotovelos sobre a mesa – Se é que pode se saber.

—É somente que leva carga demais encima.

Eve se perdeu no relaxado sorriso de Dean e da doçura que havia em seus olhos. Realmente era um homem devastador em mais de um sentido.

—E se não tem cuidado – continuou com suavidade – esses magros ombros seus se partiram embaixo o peso de seu mensurado ressentimento.

Oh-Oh. De todos os insultos que Dean tinha soltado, provavelmente chamá-la de magra fosse o que mais dano teria causado. Eve aguardou o estalo de cólera de Jack. Isso não demoraria a chegar.

A menina levantou da cadeira rapidamente.

—Mudei de ideia. Já não quero café – Fez um gesto de despedida a Dean e uma inclinação de cabeça a Cam – Vou tomar banho e me vestir.

Cam ficou rígida.

—Queria que nos conhecêssemos um pouco – disse-lhe a Jack tentando detê-la.

—Já fiz planos com meus amigos – E com isso a menina saiu do quarto

Cam se apressou a desculpar-se com Dean.

—Sinto muito Dean. Pelas manhãs não está de muito bom humor.

—É pela ressaca. Isso pode colocar mal a qualquer pessoa.

—Jack não bebe.

Era obvio que a menina se tinha acabado em uma boa noite, mas Dean não quis dizer ao contrario.

Eve agradeceu sua contenção.

—Se me perdoam irei a... – As palavras de Cam morreram em seus lábios e em seguida saiu como sua irmã.

—É hora de ir-me – comentou Eve observando Cam sair – Se meteu em cheio no miolo da questão. Mercado imobiliário, álcool e formas femininas... Os três temas tabu da família Conor.

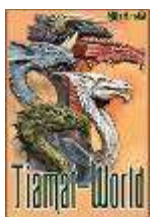
Quase o sentia por Dean. A situação tinha que ser incomoda para ele. Mas, quando levantou o olhar não o viu em absoluto preocupado por como haviam ido as coisas.

Não, o que viu foi o ardor de todo o fogo do inferno. E uma clara intenção.

—Eu...

Dean se levantou da cadeira rodeou a mesa em direção a ela. Eve sentiu que o coração subia na garganta.

—O que vai fazer?



Ele colocou uma mão na superfície da mesa, enquanto apoiava a outra nas costas da cadeira de Eve prendendo-a.

—Vou beijá-la.

A forma com que disse, com um tom grave e profundo, a fez estremecer.

—Não é uma boa ideia.

Ele olhou a boca dela.

—É uma ideia genial e sabe disso – Inclinou-se ainda mais – Você mesma disse. A química surgiu entre nos dois ontem –murmurou.

—Ontem não sabia que era...

Dean posou sua boca sobre a dela, quente, firme e deliciosa. Eve se deixou cair com um peso morto. Ao notar a língua dele dentro de sua boca, a pegou com a sua. Um gemido gutural vibrou muito dentro de seu corpo, e Dean se afastou tão somente uns milímetros para olhar com aqueles olhos dourados.

Ai Deus. Se pelo menos tivesse ainda usando os óculos, afastar-se resultaria mais fácil. Eve suspirou.

—Nem se atreva a começar algo que não pretenda terminar – sussurrou com a voz entrecortada.

A avidez sexual brilhou nos olhos de Dean.

—Acredite-me carinho, posso terminar.

Que o céu a ajudasse

—Certo – Eve tragou saliva e o afastou de si antes que pudesse beijá-la novamente – Estou certa de que pode... Mas verás... Devo ir dentro de vinte minutos. Tenho um encontro com um possível cliente.

—Janta comigo essa noite

Ela negou com a cabeça

—Impossível. Acaba de reencontrar suas irmãs. Estou certa de que desejaram...

—Desejo você, e quanto antes melhor.

Saltava a vista que aquele homem somente ia deixar claro o que queria.

—E se Cam fez planos? Sou sua melhor amiga. Não posso monopolizá-lo.

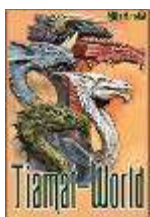
—Passarei todo o dia com ela até a hora do jantar.

—Cam também tem que trabalhar – Vendo que o homem não se renderia, e consciente de que na verdade tampouco queria que o fizesse. Eve tratou de pensar em algo com rapidez – Essa noite, vou jantar com minha família. Mas, depois... – Quebrou a voz ao notar as mãos dele ao redor de seu pescoço e seus joguinhos de carícias na nuca.

—Diga-me a hora e em que lugar – respondeu ele com apenas um sussurro, enquanto seus lábios roçavam nos dela com suma delicadeza – Ali estarei.

Em vista de como se sentia nesse momento, temerosa e totalmente excitada não acreditava que pudesse sobreviver até então. De não ser por que queria muito a seus pais, cancelaria o jantar.

—Às oito?



Depois de um gesto de assentimento, Dean aprisionou novamente sua boca e sem saber como Eve se encontrou apertando-se contra seu duro corpo. Ele a segurava com uma mão pela a nuca, enquanto a outra descia por suas costas e se grudava contra seu traseiro. Acariciou-o e apertou antes de falar com uma voz rouca de desejo.

—Deus meu, que traseiro tem.

Com ambos os braços, a estreitou ainda mais contra a parte inferior de seu corpo. Eve conteve a respiração. Aquele homem era puro músculo, claro, ardente de força contida. Naquela postura podia sentir cada centímetro de seu corpo, e fez uma ideia mental de como seria. Teria gemido, mas Dean não lhe deu oportunidade. Logo, sem saber como, estava de novo sentada na cadeira, confusa e desorientada, enquanto ele estava na sua, com expressão de aborrecimento no rosto.

“Que demônios?”.

Cam entrou na cozinha e abriu a boca como se fosse dizer algo, mas então olhou a Eve e permaneceu em silêncio. Detendo-se na metade da cozinha, olhou a ambos com suspeita. Eve sabia que tinha que dizer algo, mas o único que pode fazer foi esboçar um sorriso que bem certo deveria parecer culpado e falso. Como havia ouvido Dean que Cam se aproximava? Ela somente podia prestar atenção nele, no seu sabor, seu corpo musculoso e quente e seu excitante aroma.

—Tudo vai bem? – perguntou Cam.

Dean respondeu por Eve, evitando-lhe ter que tentar recuperar a voz que havia perdido.

—Suponho que Jack não estava ciente da carta que me enviou.

Cam ficou vermelha.

—Assim é. Sinto muito. A única que sabia era Eve.

Agradecida a ele pela mudança de assunto, ela entrou.

—Mas não me ocorreu atar os cabos ontem quando apareceu no bar. Cam te escreveu essa carta faz muito tempo.

—E também não disse a Lorna?

Cam negou com a cabeça.

—Por que ela não queria que me colocasse em contato com você – acrescentou.

Sua irmã olhou a Eve, que lhe sorriu com esperança de tranquilizá-la.

—Lorna nunca fala de você Dean. Cam era muito jovem quando se foi...

—Quando me afastaram daqui.

Cam parecia ter-se ficado como pedra, incapaz de responder. Eve, contudo, não tinha esse problema.

—O que quer dizer?

—Que não foi por minha decisão. Por Deus, não era mais que um menino. Não me deram opção. Grover me tirou daqui por que Lorna se negou a cuidar dos três.

Cam negou com a cabeça.

—Não isso não pode ser verdade.

—Como sabe se Lorna nunca fala de mim?

A cegas sua irmã tateou em busca de uma cadeira.



—Mas... Verá apenas te lembro.

—Quer dizer que em seguida esqueceu de mim.

Dean o disse sem emoção alguma, mas Eve não pode evitar sentir uma pontada de dor. O que outras ideias enganadas teria? Provavelmente não foram piores que a de Cam.

Negando com a cabeça, esta estendeu as mãos rumo a seu irmão e apertou com força.

—Sinto muito Dean, mas somente tinha dois anos. Era quase um bebê. Havia acontecido muitas coisas; a morte de nossos pais, o funeral, os amigos e vizinhos que se aproximavam daqui. Tudo era estranho e muito diferente. Você não estava... O mesmo que papai e mamãe. E Lorna não falava de você.

Eve viu como Dean tencionava a mandíbula e se fixou na inequívoca forma em que retirou as mãos da de Cam, como se não pudesse suportar que o tocasse, enquanto discutiam aquele assunto em particular. Ambos os irmãos estavam sofrendo, e Eve desejou poder fazer algo para ajudá-los. Cam respirou fundo para relaxar.

—Quando tinha dezesseis anos, descobri alguns álbuns de fotos antigos – Um fugaz sorriso apareceu em seu rosto – Em algumas saíam você, com Jack e comigo nos braços, brincando, molhando-me com a mangueira do jardim, beijando a Jack na cabeça...

—Éramos irmãos. Um comportamento normal – Dean parecia mais distante do que nunca – Aonde quer chegar?

—Sentia curiosidade por você e perguntei a tia Lorna quem era. Aborreceu-se quando lhe disse que havia encontrado as fotos, e então me dei conta de que nunca até então havia visto imagens de nos três antes de nossos pais morrerem. As tinha depois, quase todas com amigos e vizinhos, mas nenhuma quando Jack e eu éramos bebe. E... Nenhuma sua.

—Suponho que quando se desfez de mim, também se desfez de tudo o que tivesse que ver comigo – girou os olhos – O que me diz de nossos pais? Viu foto deles?

Cam negou com a cabeça.

—Não muitas. Ao menos não antes de encontrar as do sótão.

Dean sorriu com suficiência.

—De saber que existia, Lorna também havia tirado esse álbum.

Cam olhou ao seu redor sem ver, confusa. Quando voltou de novo a olhar a Dean, sua necessidade de compreender algumas coisas eram mais evidentes.

—Está me dizendo que Lorna pretendia que não soubéssemos nada de você? Que ambas crescessem ignorando o fato de que tínhamos um irmão mais velho? Mas... – Cam franziu o cenho com força – Não compreendo por que teria que afazer algo assim.

—Não queria que ficasse rastro suponho.

Eve pensou então que Cam devia ter crescido com a sensação de que faltava algo em sua vida sem saber por que. Com toda segurança, Lorna jamais o teria contado. Ao ver a dor que se desenhava no rosto da amiga, Eve supôs que tinha acabado de dar-se conta do mesmo que ela.

—Tenho fotos, se tiver curiosidade por nossos pais – ofereceu Dean como tentando suavizar o golpe.



—Tenho curiosidade de você – respondeu ela olhando-o fixamente – Desejo compreender tudo isso. Desejo conhecê-lo.

—Se quiser – respondeu ele com mandíbula tensa, ignorando a súplica de Cam – posso enviá-las. Ou posso fazer cópias.

A confusão embargou a Cam de novo.

—E como é que você tem fotos e eu não tenho nenhuma?

—Quando Grover tirou-me daqui, levou dois álbuns e alguns fotos marcadas que havia pela a casa – Dean coçou o lóbulo da orelha – Não as roubou nem nada disso, simplesmente Lorna não as queria.

—Ela disse isso?

Dean encolheu os ombros.

—Grover me disse que seria doloroso recordar para você e para Jack do que tinham perdido. Com uma inclinação de cabeça um tanto ausente, Cam aceitou a explicação.

—Suponho que talvez fosse esse o motivo.

—Pode ser.

Erguendo-se com renovada determinação, Cam voltou a tomar as mãos de Dean entre as suas.

—Lorna não me mentiu Dean. Quando lhe perguntei por você através das fotos, me disse que era meu irmão. Mas, me contou que você quis ir com Grover, que queria viver aventuras...

—Pois mentiu para você não acha?

Ao ouvir isso Cam parecia tão deprimida, tão ferida que Eve a rodeou com os braços. Dean observou o gesto e afastou o olhar dos dois.

—De verdade acredita que um menino de nove anos que acabava de perder os pais queria abandonar tudo o que lhe resultava familiar? – perguntou ele – Meus amigos, meus pertences? Acredita de verdade que queria abandonar a vida que tinha aqui? – Voltou-se rumo a Cam – Lorna mentiu.

A voz de Dean não se alterava em nada; não subia de tom nem se tornava mais grave. Consequia esconder sua expressão com sumo cuidado e habilidade, contudo, Eve leu a verdade e a dor que se ocultava atrás da indiferença; não Cam.

—E por que teria de fazer Lorna algo assim? – perguntou Eve – Não tinha nenhum sentido.

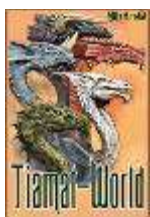
—Como disse, somente era um menino – Dean fez uma inclinação rumo a Cam – Mas, Grover me falava muito de você e de Jack quase tanto quanto de Lorna. De maneira que tenho a minha própria opinião. Eve decidiu que era um bom momento de ir. Depois de dar um novo aperto tranquilizador no ombro de Cam, levantou-se.

—Vocês dois têm muito que falar, e tenho que ir para casa preparar uma reunião. Já estou atrasada.

Dean ficou de pé antes que ela.

—Acompanharei você a saída.

Deixando Cam ali sentando sentindo-se doida e insegura de si mesma e de sua própria vida? Eve moveu a cabeça negativamente.



—Não é preciso.

—Ainda não me deu seu endereço.

Isso distraiu a Cam, que começou a olhá-los com interesse; Eve quase ficou vermelha.

—Agora o faço – respondeu e como se tivesse em sua própria casa foi a uma gaveta, tirou papel e caneta e escreveu algo – Agora tem. Anotei também meu celular debaixo pra se precisar de algo – Talvez cancelar o encontro com ela se arrumasse às coisas com suas irmãs.

Cam os olhos alternativamente.

—Vão sair juntos? – perguntou.

—Sim – respondeu Dean.

—Não – corrigiu Eve. Aproximou-se da porta e pôs os chinelos – Quero dizer que, talvez, mas, não será até tarde, e sempre e quando não interfira em seus planos. Sei que Dean e você têm muitas coisas que falar – Eve dirigiu a Dean um eloquente olhar – Não quero intrometer de qualquer maneira.

Ele cravou de novo o olhar em Eve.

—Vou ficar essa noite com ela, não é assim Eve?

—Não se Cam tem outros planos – repetiu ela com firmeza.

—Hum...- Cam mordeu o lábio inferior – Esperava que quisesse ficar e jantar com a gente Dean. E você também esta convidada Eve, se quiser vir...

—Já tinha feito planos para jantar – Apressou-se a dizer a sua amiga.

Finalmente, Dean se voltou rumo a Cam.

—Também tenho que ir. Quero ocupar-me de alguns assuntos, mas gostaria de ver um pouco a cidade. O que parece se jantamos juntos nessa noite? Jack também claro. Ocorre algum lugar agradável?

O alívio passou aos ombros de Cam.

—Isso seria genial, senão se importar de jantar cedo. Tenho que voltar ao trabalho às sete.

Dean consultou a hora.

—Poderia passar para pegá-las às quatro e meia.

—Perfeito

—Estará de acordo Jack?

Cam girou os olhos.

—Estará aqui.

—Bem. Vou então – Eve abriu as portas que davam para o pátio.

Dean a segurou pelo cotovelo. Ela observou que, ao contrario que Roger, não a pegava com força, e, contudo, era mais consciente do contato de Dean do que jamais teria sido com Roger.

—Te acompanharei – disse ele.

—Não – negou-se ela assinalando com um gesto de cabeça a Cam, com esperança de que ele captasse a mensagem – Não é necessário.

—Sim é necessário.

Eve tentou soltar-se, mas apesar de Dean não a segurar com força, também não parecia ter intenções de soltá-la.



—Já ia de qualquer forma – Dean pegou os óculos de sol e lhe fez a Cam uma inclinação de cabeça – Obrigada pelo chá. Vejo vocês em algumas horas.

Sua irmã vacilou e, finalmente, se lançou sobre Dean. Este soltou a Eve, assustado com as carinhosas atenções de Cam.

—Fico feliz que esteja aqui – disse a menina – Vamos solucionar tudo isso, você verá.

Eve percebeu que Dean não participava do abraço, mas sim que se limitava suportá-lo. Mostrando-se frio e distante, apesar de Cam não parecer dar-se conta. Finalmente ela retrocedeu um passo, sorridente, feliz e muito esperançosa.

—Até mais tarde.

Dean fez um gesto de assentimento.

—Não quero que Eve chegue tarde. Até logo – acrescentou agradecido por ter um bom motivo para escapar.

Eve deixou que Dean a acompanhasse até o carro antes de protestar.

—Não posso acreditar que a vai deixar dessa forma – disse com desgosto.

—A quem?

Eve se deteve de golpe e o olhou com o cenho franzido de pura incredulidade.

— A sua irmã.

Dean ainda se sentia deslocado depois de umas calorosas boas-vindas que lhe havia dispensado Cam, por não mencionar o efeito de suas assombrosas revelações: Ela não sabia de sua existência. Antes de vê-la e que falassem, sua ideia era desprezar cada gesto, fazer saber que não a havia precisado antes e agora também não precisava. Mas, agora tudo era diferente, a situação, suas irmãs e seus próprios sentimentos rumo a elas.

—Voltarei a vê-la de noite – E como não se sentia ainda preparado demais para pensar nisso, não estava disposto a permitir que Eve o fizesse – Não se preocupe.

Ela se afastou dele

—Que não me preocupe? Cam é minha melhor amiga, quase uma irmã. Estava claro que desejava que não se fosse. Pedeu que viesse por uma razão. Poderia ter falado dela. Poderia ter explicado essa teoria em de deixá-la...

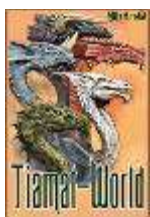
Dean se inclinou e a beijou. Ainda quando o estava censurando seu comportamento, Eve tinha a boca mais suave e sexy que havia provado. Ela retrocedeu uns passos, olhou-o, com os olhos carregados de desejos e lhe sussurrou sem convicção demais.

—Para.

—Não.

Eve não discutiu. Em vez disso, fechou os olhos convidando-o abertamente e Dean posou sua boca sobre a dela.

Apesar da atitude claramente antagônica que lhe havia demonstrado rumo um momento, seus lábios entreabriram-se ao contato com os dele. Havia estado com mulheres fáceis em sua vida. Mulheres que se haviam aproximado dele por motivos interesseiros. Mulheres calculistas. Mas, jamais lhe havia derretido uma mulher nos seus braços como estava fazendo nesse momento Eve.



Enquanto apoiava contra a porta do carro, Dean girou a cabeça um pouco para ter melhor ângulo e fundiu a língua em sua boca. Demônios, era bom. E que gosto se sentia com seu corpo contra o seu, o contraste da leveza com o peso emocional que Cam lhe havia causado com suas atenções. Ao tocar a Eve, quase podia esquecer a lembrança de suas irmãs e tudo relacionado ao reencontro.

Antecipando o encontro que teriam juntos, Dean despregou os dedos sobre suas estreitas costas. Pensou no momento em que a tivesse sozinho, nua debaixo dele...

Eve girou a cabeça para tomar ar, momento que Dean aproveitou para advertir para que não se metesse.

—Mantém o nariz fora de meus assuntos com minhas irmãs de acordo?

Eve ficou de boca aberta. Atônita diante do incomodo, franziu o cenho e se dispôs a mandá-lo ao inferno... Mas, antes que pudesse dizer algo, Dean a beijou de novo. Gemendo, apoiou-se contra ele... Durante uns segundos.

E então explodiu. Ou tentou fazê-lo, mas ele a segurava contra seu corpo com tanta força que o único que conseguiu com seu estalo de dignidade foi liberar a sua boca.

—Oh! Vamos Eve não se aborreça – sussurrou Dean.

Ela apoiou a mão no tronco dele e o fez retroceder.

—Afastese agora mesmo.

Outra característica única daquela mulher. Não lembrava que nenhuma outra lhe tivesse dado uma bronca. Desfrutava muito com ela, mas lançou as mãos em gesto de rendição. Uma vez livre, dedicou-se um momento a tomar ar profundamente várias vezes, tentando acalmar-se, antes de olhá-lo nos olhos. No olhar de Eve havia hostilidade. Na de Dean, curiosidade.

Ela inspirou fundo antes de perguntar.

—De verdade me disse que não me intrometa?

—Sim – o confirmou. Deus meu que bonita era – Acredita que será um problema para você?

—Problema? – quase gritou – Pois claro que é um problema. Não pode entrar na vida da minha melhor amiga e logo ir como tal coisa.

—Disse que voltaria mais tarde.

—E utilizou como uma desculpa para escapar. Como acredita que se sentiu Cam?

Dean encolheu os ombros.

—Em todo caso não pensava em ficar ali o dia todo.

Como se ele não houvesse dito nada em absoluto Eve continuou com sua fala.

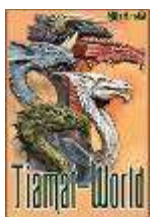
—E de verdade espera que fique tranquila e não dê opinião? – Sua voz adquiriu um tom agudo – Que demônios acontece?

—Confio em que seja pergunta retórica, que não espera de verdade que te desnude minha alma.

A Eve lhe saíram os olhos.

—O que?

Dean deixou escapar uma gargalhada.



—Sou um homem cheio de falhas Eve. Aceita-o. Já fiz. Vim aqui repleto de dúvidas e receios. Não tenho nem ideia de até que ponto quero conhecer as minhas irmãs ou quanto quero que elas saibam de mim. Envolver-se no assunto seria um erro de sua parte. Digo-lhe amistosamente: Mantenha-se a margem.

—Santo Deus – Eve se deixou cair contra o carro em evidente consternação – Não posso acreditar que me disse isso sem nem sequer mudar.

—É a verdade.

Ela cruzou os braços sobre o peito.

—Já acredito que está cheio de falhas.

Não muito certo se gostaria de ouvir a conformidade por parte dela, ergueu a sobancelha.

—E?

—Mas, também te vi com suas irmãs.

Não queria que Eve fosse por ali.

—Maldita seja. Não iria me analisar de verdade?

Seu sarcasmo não a fez vacilar.

—Deseja formar parte delas Dean. É parte delas, tanto se quiser admitir como se não. Vi nos seus olhos.

O que admitia para si e o que admitiria diante dela eram duas coisas bem diferentes.

—Apenas falei com Jack antes que sáísse como alma que leva ao diabo, de maneira que o que acreditou ver...

—Sabe esconder melhor que Cam – cortou-o ela sem ceder um centímetro em sua determinação – Claro que Cam não tentava de escondê-lo. Ela mostra seus sentimentos a todo mundo, sempre o fez. Desde que se inteirou de sua existência, não deixou de preocupar-se com você. Apesar de que teria resultado ser um ogro, Cam seguiria amando-o.

—Oh! Por Deus – protestou ele, apesar de que lhe dava medo pensar que Eve tivesse razão.

—Pode que não goste, mas é seu irmão e isso significa muito para ela – Ele pôs a mão em seu braço – Afortunadamente, é um cara legal, não um ogro. E acredito que ser seu irmão também significa algo para você.

Consciente de que não podia detê-la, ao menos não de momento. Dean elevou o olhar ao céu em resignação.

—Também sei que não quer ferir seus sentimentos. E que fará o que possa para compensá-la – Eve se aproximou mais dele – Não é?

Dean não pensava deixar que ela o manipulasse apesar do que disse tivesse sentido. Apoiando um antebraço no teto do carro por trás da cabeça de Eve, desviou sua atenção do assunto rumo a outro bem distinto.

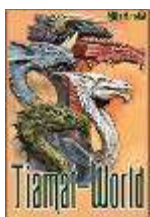
—Por que ficou pálida quando mencionei que Roger te havia colocado a mão?

Ela desviou o olhar.

—Não me passou a mão.

—Quase lhe arrancou o braço.

—Não era nada pessoal contra mim.



—Era pessoal você sabe.

A julgar pela a forma que soava a Eve não gostou que a corrigisse.

—Roger maltrata a todo mundo. É sua forma de ser. Tem que ver com o fato de ser jogador de futebol – dirigiu-lhe um calculado olhar – A maioria dos atletas que conheci é um pouco ogro nesse sentido.

Dean não mordeu a isca.

—Uma coisa é a imperícia e outra o abuso, e nenhuma das duas coisas têm que ver com os esportes. Muitos dos caras que conheço da SBC são homens de família. Preocupam-se pelas as mulheres, as tratam com amor e respeito.

—Também as groupies?

Ele sorriu ao captar o tom sarcástico da sua voz.

—Não importa de que mulher se trate. Somente um idiota tão inseguro de si mesmo usa o tamanho e sua força contra alguém menor ou frágil – Apoiou o outro antebraço no teto do carro de forma que a deixou encerrada entre o veículo e o seu corpo – E, para que o saiba, a groupie que me seguiu até em casa não conseguiu o que veio buscar.

A expressão de falsa surpresa de Eve lhe deu um aspecto adorável.

—Não me diga que seus escrúpulos funcionaram.

Ter estado exposta ao sol intensificava seu aroma. A brisa a arrastou ate o nariz de Dean excitando-o.

—Não estou muito certo de ter escrúpulos no que se refere ao sexo.

—Pelo menos é sincero.

—Com você sempre serei – Eve tinha uns olhos azuis realmente lindos. Igual a sua boca. E seu corpo – A verdade é que estava machucado demais para fazer alguma coisa. Então, na manhã seguinte, recebi a carta de Cam e... – Encolheu os ombros – Mandei-a para casa com a promessa de lhe enviar entradas grátis para o próximo combate.

Dean aguardou para ver o que achava ela de seu comportamento, mas sua reação fez que quase caísse de costas. Movendo a cabeça negativamente, Eve colocou as pontas dos dedos no torso dele, e com um gesto de lástima brincadeira sorriu.

—E se conformou? Menina idiota. Se quer saber minha opinião, obtive o que merecia.

Dean tomou ar.

—Gosta de jogar.

—Normalmente não – o contrariou, deslizando a mão em direção ao seu pescoço – Tenho que ir, de verdade. Vai ficar muito tarde.

—Segue de pé para essa noite?

Ela fixou o olhar na boca dele e assentiu.

—Sim. E espero que valha a pena, depois de todos esses incômodos.

—Maldita mulher – Dean apoiou a frente contra ela e riu – Adoro os desafios.

E depois de um último beijo quente a deixou ir.

Capítulo 04



Dean supôs que algo ia mal quando Cam abriu a porta da casa. Seu contido sorriso o dizia, o mesmo na maneira em que retorcia as mãos com nervosismo. A energia negativa que flutuava no ar fez que olhasse ao fundo, atrás dela, onde viu que não estava somente Jack, mas também uma mulher de expressão irritada e arisca, de uns sessenta anos.

Com o rosto tenso pela desaprovação, e se o instinto de Dean não se enganava, uma má simulada apreensão, a mulher o olhava fixamente.

—Lorna? – perguntou a Cam devolvendo a atenção a sua irmã.

A rígida expressão dizia, sem necessidade de palavras, que ia ter uma cena.

—Sim.

Prescindido rapidamente todos os propósitos que Dean se havia feito sobre a necessidade de manter uma distância emocional, não queria que Cam se preocupasse.

—Vem com a gente?

—Quando se inteirou de que estava aqui, quero dizer, quando lhe disse que Jack e eu íamos jantar com você...

Dean pôs a mão no ombro de Cam e fez que se retirasse do batente da porta.

—Não se preocupe. Está bem - Entrou em casa atrás de sua irmã, que se apressou a fazer as apresentações.

—Tia Lorna, esse é Dean. Dean nossa tia Lorna.

Não escapou a ninguém a ênfase que Cam pôs ao dizer "nossa". Apesar de que Dean esperava poder passar uma noite agradável, não tinha intenção de aceitar a Lorna como parente. E se Cam esperava tal coisa já podia ir esquecendo-se dele.

Dean não podia suportar a ideia de tocar Lorna, não depois de que Cam lhe disse como aquela mulher o havia apagado da lembrança de suas irmãs. Para evitar que Lorna lhe desse a mão, se é que tinha essa intenção, manteve a distância e limitou-se a fazer um gesto de assentimento com a cabeça.

—Lorna – Não se incomodou em sorrir – De modo que vai ir jantar com a gente.

A mulher elevou o queixo firme.

—Sinto-me responsável pelas as meninas, e não sabemos nada de você. Claro que vou ir jantar.

—Já sei um pouco sobre ele – a corrigiu Cam – Depois de que falamos essa tarde, procurei informação sobre ele na Internet. É famoso.

Dean reprimiu um gemido.

—Sou conhecido por um público específico, mas isso não quer dizer que seja famoso.

—Não seja modesto Dean. Pagam pra promover dezenas de produtos. Tem um enorme clube de fãs. A SBC fez camisetas com sua foto.

Ali o havia pegado. A SBC contava com toda uma linha de produtos com seu rosto ou nome impresso.

—Ok, está bem, não continue.



Cam sorriu diante da recente conformidade de seu irmão.

—Tá vendo tia Lorna, provavelmente estejamos mais seguras com ele que sem ele. É muito conhecido e muito capaz – Os bons modos a fizeram acrescentar – mas, claro, nos adoraremos que nos acompanhe. Estou certa de que você também quer conhecer a Dean.

Em vez de dedicar-se a olhar como Lorna se encolhia com as amáveis palavras de Cam, Dean dirigiu sua atenção a irmã pequena.

—Vejo que por fim decidiu vir Jack.

Essa encolheu os ombros com indiferença.

—Cam me torceu o braço.

—Não fiz tal coisa.

Ao ver a facilidade com que Jack fazia raiva a Cam, e o muito que desfrutava fazendo, Dean soltou uma gargalhada.

—Relaxe Cam – Jack jogou o cabelo para trás, penteando para a ocasião em forma de pequenas tranças aqui e ali – Não sei por que levou a sério.

Com os olhos pintados com lápis escuro e o extravagante traje que usava, Jack parecia uma rebelde completa. Dean pensou que alguns elementos teria sido adolescente. Apostaria seu próximo combate que tinha razão. Usava um top brilhante metálico atado ao pescoço e uns jeans extremamente baixos, rasgados de propósito nos joelhos, ao longo da coxa e sobre o osso do quadril, onde se via sua tatuagem; Dean não compreendia o porquê daquele desenho.

—Menos mal que não tinha que me vestir de maneira formal – comentou ele, que usava uns jeans amassados e uma camiseta Grateful Dead por fora. Quase havia esperado que se incomodassem um pouco com ele por ir vestido daquela maneira, mas Cam, que usava jeans de cor branca e camiseta turquesa, estava compelida demais para demonstrar nada mais que alegria.

Lorna, pelo contrario, não deixava de exibir um desgosto com seu olhar quente.

—Isso é o mais normal que posso ir – disse Jack – A tia Lorna, por sua vez, não colocaria jeans nem morta, e menos ainda tão cômodos como os nossos.

Lorna Ross, com seu impecável cabelo castanho claro, as unhas postiças, a roupa de grife, os saltos e sua atitude distante, era tal como Dean tinha esperado. O tio Grover não havia exagerado na descrição.

—Algumas pessoas se preocupam, com a imagem – disse Lorna com voz gelada.

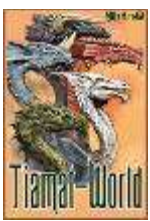
Parecia uma mulher tão fria que Dean quase sentiu pena por suas irmãs. Grover não lhe havia dado uma vida fácil, mas ao menos ele sim sabia rir e relaxar entre brincadeiras e cervejas.

Dean colocou as mãos nos bolsos e olhou a Jack balançando a cabeça.

—Nunca me importei demais com a imagem, mas diria que a sua é jovem, divertida e informal.

—Estou chocada irmão – respondeu Jack levantando a mão estendida antes de voltar rumo a Cam com satisfação – Já te disse que não lhe importaria o que vestisse.

Dean ficou imóvel. Aquele simples contato, aquele breve momento de unidade o deixou perplexo.



Até que viu como o investigava Lorna. Nesse momento, afastou de si a sensação que havia produzido a novidade de aliar-se com um irmão e fez um gesto rumo a porta.

—Vamos?

Cam pegou seu braço.

—Espero que goste de comida italiana.

—Parece bom qualquer coisa – Saíram de casa e foram no caminho da entrada. O sol estava alto, e o dia era quente e úmido – Não sou muito fresco, sempre e quando não tenha que colocar roupa formal. Custa vestir roupa de galã como acontece com Jack.

Abriu a porta de trás para Lorna, que entrou sem dizer uma palavra, Jack a seguiu, deixando que Cam ficasse na frente, junto com ele. Quando as três se sentaram, Dean rodeou o carro e se dirigiu ao assento do condutor.

—Vamos a um restaurante informal – explicou-lhe Cam – mas, servem uma massa e um pão delicioso e...

A voz de gelo de Lorna atrapalhou a animada explicação de Cam.

—E no casamento de sua irmã também não usará roupa formal?

Cam se mexeu no banco

—Tia Lorna, por Deus. Ainda não confirmei nada. Roger e eu seguimos discutindo algumas coisas.

—Quer dizer que está arrastando os pés quando deveria dar pulos de alegria pela proposta.

Jack se mexeu no banco.

—Pois acredito que deveria seguir arrastando os pés uma década mais – murmurou.

—Ninguém perguntou alguma coisa jovenzinha.

Erguendo-se de novo, Jack se dirigiu a Dean.

—Se me obrigaram a vestir em um desses horrorosos trajes de dama de honra, você terá que aguentar e colocar smoking.

Dean sentiu de novo aquela maldita opressão na traqueia. Todos falavam como se dessem por certo que se iam ficar assistindo o casamento de sua irmã. Talvez devesse falar com Cam... Mas, não. Com quem ela se casará não é assunto seu, e queria seguir sendo assim.

Lançou um olhar no espelho retrovisor e viu que Jack o olhava a espera de sua reação.

—Põe o cinto de segurança – disse-lhe.

Não era o que ela havia esperado.

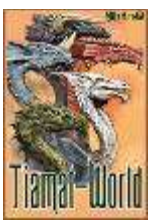
—Nunca uso o cinto em um carro.

—Esse é meu carro e essas são minhas regras.

—Esse é seu carro? – perguntou Lorna e a Dean não lhe passou despercebida à incredulidade.

Acaso considerava que aquele bonito sedan estava acima de suas possibilidades? Ou talvez supunha que um homem como ele teria um carro caro e esportivo, como quase todos os demais lutadores? Já se o havia feito, a imagem não era o que mais lhe preocupava no mundo.

—É alugado. Em casa tenho um SUV provavelmente tão velho como você – Lorna afogou um grito de indignação diante de suas palavras, mas Dean não lhe deu oportunidade de retrucar –



Não é luxuoso por fora, mas me leva de um lugar a outro. Não sou de dirigir muito, por que apenas não paro em casa. Sempre acabo dirigindo carros de alugados. Hoje tive olhando alguns carros e encontrei um que gosto – Pôs em marcha o motor, mas também não arrumou a marcha – Não iremos a nenhuma parte até que todo mundo tenha colocado o cinto.

Impaciente Cam olhou a Lorna até que essa finalmente se rendeu e colocou o cinto.

—Suponho que é consciente de que muitas pessoas morreram precisamente por que usavam o cinto de segurança.

—E muitas mais sobreviveram graças a ele – respondeu Dean arrancando com o veículo – Para onde?

Cam lhe deu umas rápidas indicações.

—Não esta a mais de dez minutos.

Logo fez silêncio durante quinze segundos, até que Jack o rompeu.

—E que tipo de carro vai comprar?

—Nada chamativo demais. Um Sebring conversível. Pegue. De uma olhada – Pegou o folheto informativo que tinha sobre o painel do carro e o passou a Jack – Gosto do vermelho.

—Ah! – exclamou sua irmã olhando as fotos – Que lindo.

—Deixam fazer um teste durante algum tempo, e as condições são boas.

—Durante algum tempo? – perguntou Cam.

Dean não sabia quanto ia ficar.

—Com a opção de comprar depois.

—Deve ser lindo ter carro – Jack lhe devolveu o folheto – Sempre tenho que pedir que me levem ou me tragam, já estou cansada.

Cam girou os olhos.

—Como se não tivesse sempre uma dúzia de meninos esperando a oportunidade de que peça.

—Não é o mesmo que ter o seu próprio carro.

—E por que não compra um? – perguntou Dean.

—Não é de todo mundo que sai dinheiro pelas orelhas – informou-lhe Lorna.

—Tia Lorna – advertiu-a Cam para em seguida dirigir-se a Dean – Agora mesmo não podemos nos permitir, com os gastos da faculdade e tudo isso.

Depois de ver a aparência de Jack, Dean havia pensado que ou tinha deixado a faculdade, ou havia tirado seu diploma de três anos.

—O que está estudando?

—Educação infantil

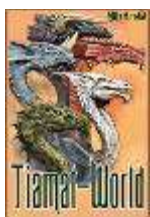
Dean quase se engasgou, mas conseguiu dissimular.

—Vai ser professora?

—Essa é a minha ideia. Mas, tal como vão as coisas, não acredito que consiga logo o diploma.

Acabava de tocar em outro ponto delicado?

—Se tem problema com as classes...



—O problema é pagá-las, não passá-las – espetou ela com um profundo, mas claro sarcasmo
– O dinheiro que deveria ter sido para a universidade, foi para outro lugar.

Dean estava pensando que não queria inteirar-se de sua situação financeira, por nada no mundo ia perguntar, quando Lorna se meteu.

—Escuta juvenzinha, apesar do que sua irmã te diga, o mundo não gira ao seu redor.

A tensão vibrava no ar. Cam se mexeu novamente no banco.

—Bem. E agora que já lavamos a roupa suja a frente de Dean, que tal nos concentramos em nos divertir?

Jack resmungou.

—Oh claro. Conte com isso.

Dean conhecia bem as mulheres para saber que Cam estava arrependida e Jack magoada, e isso foi o que fez que se decidisse a falar. Com a ajuda de um empréstimo e um trabalho, Jack poderia pagar a universidade.

—Onde trabalha?

Ela se reclinou sobre a janela, tão próxima que quase tocava o vidro com a ponta do nariz.

—Não tenho trabalho.

—O que não...? – Nunca lhe teria ocorrido pensar que uma mulher adulta de vinte e um anos não trabalhasse – De verdade?

Cam se apressou em explicar como uma mão protetora.

—Querida que se concentrasse em seus estudos. Lembro o quão difícil foi para mim trabalhar e estudar.

—O esforço nunca matou ninguém –retrucou Dean, dirigindo-se a Jack através do retrovisor
– Paguei minha faculdade trabalhando. E, pelo o que disse sua irmã, ela também.

—Engana-se – Cam entrelaçou os dedos com força – Deixei os estudos.

Dean grunhiu incrédulo. Ainda não conhecia bem a sua irmã, mas apostaria que Cam era uma mulher dura e orgulhosa.

—Pensei que tinha dito que foi a universidade local. Quanto podia custar isso?

—É que tinha que me ocupar de outros... Gastos.

Dean se deu conta de que Lorna ficava em silêncio, e se perguntou por que. Não parecia o tipo de pessoa que se acuraria em um ataque verbal.

“Não pergunte – disse-se – Fique na margem de seus assuntos econômicos. Não será nada bom que se envolva” Mas, apesar das ordens que se dava disse assim mesmo:

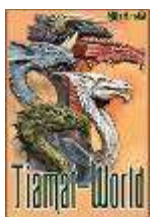
—Parece que não entendi. Outros gastos?

Ninguém respondeu e isso o incomodou. Talvez tivessem as mesmas poucas vontades de que se envolvesse em suas vidas que ele mesmo.

—Esqueça o que perguntei. Não é assunto meu.

—Não – concordou Lorna – Não é assunto seu.

Cam se voltou e lançou a Lorna um olhar fulminante. Ninguém disse nada, mas a expressão de Cam lhe deixou claro que sua tia que não gostava nada seu comportamento.



Dean estava muito surpreso com sua irmã. Em geral, parecia a cabeça da família e a pacificadora, mas uma ou duas vezes havia parecido ver nela a uma jovem muito sozinha e vulnerável.

Cam se voltou de novo para frente, com atitude formal e seria.

—É meu irmão, Dean, não quero esconder nada. É somente que algumas coisas são bastante complicadas e me parece melhor deixar para depois, quando tenhamos falado mais.

Em outras palavras, não ia lhe dar nenhuma explicação no momento.

—Está bem. Não foi nada – Tinha certeza de que não a coagiria para saber seus segredos mesmo porque haviam muitos guardados.

Chegaram ao restaurante imersos em um incomodo silêncio. O sol já havia escondido um pouco atrás umas escuras nuvens e uma fresca brisa removia o úmido ambiente.

—Parece que vai chover – disse Cam em uma patética tentativa de acalmar os ânimos.

Dean não respondeu. Saiu do carro e o rodeou para abrir as portas do outro lado. Cam saiu primeiro, e quando Jack saiu, uma rajada do úmido vento os sacudiu. A manga da camiseta de Dean se agitou, deixando a vista uma tatuagem que rodeava os bíceps.

—Ah! – exclamou Jack levantando um pouco mais a manga – Você também gosta de tatuagens?

—Tatuagens simples – segurou à porta a espera que saísse Lorna, que demorou a por o cabelo debaixo do pano – Você tem mais de uma?

—Ainda não, mas estou considerando a possibilidade.

Dean a observou.

—Não são baratas – E pouco antes de terem estado falando de sua situação econômica era ajustada.

Nada mais disse, lamentou tê-lo feito. Jack esboçou um nervoso sorriso ao tempo que se tocava o quadril.

—Esse aqui foi um presente de aniversário de um amigo.

—Deve ser muito amigo.

Ela colocou os braços cruzados.

—Oh Deus santo é que agora vai por em prática o irmão mais velho que se preocupa?

—É claro que não – Ele não era esse tipo de irmão – Era somente uma observação.

—Se ficarmos aqui enquanto vocês dois discutem sobre besteiras, nos vamos morrer de frio – disse Lorna passando junto deles a toda pressa em direção a porta do restaurante, Jack a seguiu.

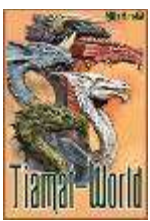
Dean olhou a Cam, que sua vez o olhou com o cenho franzido.

—Não foi nada demais Dean.

—Não me diga – o retrucou com um falso sorriso, e em seguida, assentiu com a cabeça – Mas, provavelmente seja um desses assuntos complicados que é melhor deixar para mais frente – E fez um gesto a sua irmã para que lá entrasse primeiro.

Mas, em vez de fazê-lo, Cam endireitou os ombros e ergueu o queixo.

—Escute-me, se desejar, contarei tudo o que quiser saber. Mas, não por que me ordena, nem em um momento que não pareça adequado.



—E o que quer dizer com isso?

Ela respirou profundamente.

—Dê um pouco de tempo, por favor.

Dean se sentiu como um bruto.

—Tome o tempo que precisar – E de novo gesticulou convidando-a a passar primeiro.

Cam não despregou os lábios até que se sentaram, entregaram os cardápios e pediram as bebidas. Então olhou fugazmente ao redor da mesa reunindo coragem para acalmar a situação.

—Bem o assunto é o seguinte.

Jack gemeu.

—Não me diga que irá começar a chorar, antes do jantar.

—Ela o trouxe aqui contra minha vontade – disse Lorna com ressentimento – E tudo para contar algo que não é assunto seu. O que você ou eu pensamos não importa. Está claro que não irá mudar de ideia agora.

—Para, para – cortou Jack levando a mão em sinal de rejeição – Não me meta no mesmo saco que você tia. Importa-me pouco o que diga, e também acredito que importe muito menos a Dean. Mas se quer contar a verdade é assunto seu.

Vermelha de irritação, Cam levantou rapidamente.

—Calem-se as duas.

Alguns dos clientes levantaram o olhar, Lorna e Jack ficaram olhando-a fixamente. Depois de um breve silêncio, Dean não pode evitar sorrir. Levantou seu copo de água para fazer um brinde, com uma expressão brincalhona e divertida.

—É muito agradável ser recolhido em uma família tão quente e carinhosa. Obrigado.

Cam se deixou cair de novo na cadeira, apoiou a cabeça em ambas as mãos e deixou escapar um suspiro de cansaço. Olhando Dean e Cam e de novo Dean, Jack tentou arrumar um pouco as coisas.

—Ousa, sinto muito Dean. Não era a minha intenção...

—Nem pense em lhe pedir desculpas Jaqueline Conor. Não lhe deve nada. Nada – Interrompeu-a Lorna.

Cam abaixou a mão e, enquanto seguia segurando a cabeça com a outra, dirigiu a sua tia.

—Nisso se engana tia Lorna, e o sabe perfeitamente.

—Não sei... – começou a dizer Lorna.

—Tarde demais – Com a atitude de alguém que se dirige a força, Cam se ergueu no banco e se voltou a Dean – Não havia planejado dizer agora, mas esse momento é tão bom quanto qualquer outro, e estou cansada de temê-lo – Olhou-o fixamente antes de acrescentar – O mais provável é que tenhamos que vender a casa.

Dean que detestava situações dramáticas girou os olhos.

—E? – perguntou. Em algo estava de acordo com Lorna: aquilo não era assunto seu. A menos que... Esperava Cam que ele as tirasse daquela situação? O tinha convidado com a esperança de que ele se ocupasse de suas dificuldades econômicas? Claro que sim.

—Que uma parte da mesma lhe pertence.



Uma sensação estranha e sobrecarregada percorreu a espinha dorsal.

—E por que acredita em tal coisa?

—Isso sim que é bom – exclamou Jack rindo. Quando Dean a olhou riu ainda mais – Odeio ter que dizer Cam, mas seu gesto não somente o comoveu, mas sim quase parece que o ofendeu.

Comovido? Por que tinha que comovê-lo? Cada vez mais aborrecido Dean disse:

—Esqueça-o. Tenho a minha casa. Ou melhor, em plural: casas. Não quero nem preciso da de vocês.

Jack estava impressionada.

—Tem várias casas? Que lindo. Onde?

Mas, antes que Dean pudesse falar alguma coisa, Lorna começou a resmungar. Cam lhe lançou um fulminante olhar que a silenciou e se voltou de novo rumo a Dean.

—Tanto se a precisa ou não, essa não é a questão. É tão sua como nossa. Uma terceira parte de seu valor lhe pertence. O problema é que não está livre de cargas.

Dean não queria nada, mas o homem de negócios que usava dentro sentiu curiosidade.

—Como assim?

Cam pigarreou antes de continuar.

—Tivemos que usar tudo para mantê-la. Temo que, ainda depois de vendê-la, não poderei dar a parte que lhe corresponde.

—Não aceitaria nem um centavo em todo caso – disse ele com os dentes apertados.

—Já o ouvi – O fugaz sorriso de Cam se tornou em um gesto inexpressivo – Ainda assim, não me parecia bem considerar sequer a possibilidade de vendê-la sem falar antes com você. Legal e moralmente também forma parte de sua herança.

Dean foi falar, mas ela se apressou em interrompê-lo.

—Tá, já sei que não quer nada da venda – Estendeu a mão e a pousou em seu braço – Aceitarei... De momento. Mas, as coisas que a casa contém as lembranças. Talvez tenha algo que tenha algum valor sentimental para você. Decidi que de acordo com Jack...

Essa ultimou soltou uma gargalhada.

—Como se tivesse me dado opção.

Cam continuou com o que estava dizendo como se sua irmã não houvesse falado.

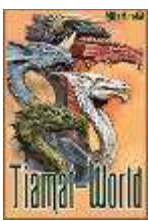
—... Que asseguro que em casa tem algo que gostaria de ter.

Dean fechou os olhos. Deus, aquilo ia de mal a pior. Podia sentir o cortante olhar de Lorna. A aversão que sentia rumo a ele era quase tão forte como a estranha necessidade de Cam de fazer justiça. Ele não tinha nenhuma intenção de aceitar nada que tivesse que ver com aquela casa, mas não era tão cruel de dizer a Cam.

—Não é que tenha muito – assinalou Jack logo – Algumas das joias da mamãe. A coleção de moedas de papai. O jogo de moveis de um dormitório. Alguns adornos – Encolheu os ombros – Tudo o que podia ter algum valor que tenha desaparecido.

Lorna atirou de má vontade o guardanapo na mesa.

—Resulta obsceno ver como discute nossos assuntos diante dele.



Dean compreendeu de logo as objeções de Lorna. Estava claro que em todo aquele tempo, ela havia dilapidado grandes quantidades de dinheiro. Dificilmente podia atribuir a responsabilidade de seu catastrófico estado financeiro a Cam ou a Jack. Duvidava muito que estas soubessem sequer quanto dinheiro haviam herdado quando Lorna ficou encarregada delas.

Com toda certeza, devia ter o suficiente como para mandá-las as duas a universidade. Acaso Lorna o havia fundido tudo? E se fosse assim, quanto teria sido? Farto de tanta intriga, Dean as mandou calar a boca com um gesto da mão.

—Os negócios podem esperar. Sabemos já o que vamos pedir? To morto de fome — Chamou o garçom com um gesto e esse se apressou em atender a mesa — Quer começar você Lorna?

Capítulo 05

Cam observava como Dean devorava sua comida. O espantoso silêncio que reinava entre eles não parecia incomodá-lo em absoluto. Quando ele já havia comido quase um prato inteiro de macarrão e dois frangos assados, uma salada e vários pedaços de pão, ela apenas havia tocado em sua salada. Invejava a confiança em si mesmo de seu irmão, sua persistência.

Sua independência.

Era um homem assombroso, e estava muito orgulhosa dele. Nada parecia inquietá-lo. Havia lançado ao desconhecido ao ir encontrar com elas, e o fazia de forma admirável. Ela, por sua vez, tinha medo sem parar, segurar ou perder os papeis. Tinha tantas coisas que explicar... Mas, como fazer quando a única coisa que queria era abraçá-lo e disser o muito que tinha sentido falta, inclusive quando apenas sabia que existia? Certo era que desejava seu apoio.

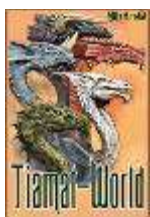
Não tinha a mais ninguém.

Mas fazer algo assim seria terrivelmente injusto. Ele não tinha procurado nada daquilo. Além disso, agora sabia o que havia acontecido. Haviam o tirado de seu próprio lugar. Deus, doía somente pensar. Jack e ela eram muito pequenas, e em seguida se adaptaram as mudanças que se produziram em suas vidas. Cam nem sequer sabia o que havia passado; Na verdade, não havia entendido a diferença entre ela e as demais meninas até que ficou maior.

Contudo, Dean já tinha então idade suficiente para compreender a perda e a rejeição. E apesar disso, havia se convertido em um homem forte e amável, e ela queria fazer dele a todo mundo. Seu irmão. Já o adorava. Claro que havia começado a fazer nada mais do que inteirar-se de sua existência. Em algum lugar escondido de sua alma, escondida a semente da memória, um sentimento que tinha se apagado com o tempo.

Mais de uma vez tinha ouvido tia Lorna falar do tio dos três, Grover. Sem lugar para dúvidas, segundo ela, um homem grosseiro e irresponsável que não se preocupava com os demais. E, contudo, havia criado a Dean.

Como havia sido sua vida? Teria pensando nela e em Jack? Teria sentido sua falta? Teria desejado voltar a casa, sabendo que não era bem-vindo?



As perguntas corriam por dentro até que não pode mais.

—Dean?

—Hum? – disse ele levantando os olhos do prato – Quer sobremesa?

—Não.

O que queria, o que precisava, era falar. Tinha que explicar o inexplicável. Se tia Lorna os tinha separado de forma deliberada, queria saber e desculpar com ele de alguma forma.

—Vou pedir um tiramissu – respondeu ele deixando de lado o prato e entrelaçando as mãos sobre seu duro abdômen – Adorei a comida, e que demônios, essa noite é especial, não? Posso me permitir. E você Jack?

Para a surpresa de Cam, sua irmã assentiu.

—Adoro zabaglione¹, mas é caro, e normalmente não podemos comprar.

Ele lhe dedicou um radiante sorriso.

—Sim, eu posso comprar.

Jack lhe respondeu com uma gargalhada.

—Ok, você paga. Não vou me negar.

—Até que estoure se quiser - Dean piscou um olho e se voltou rumo a Lorna – E você Lorna? Gostaria de algum doce?

—Não obrigada.

—Preocupada com a forma não?

Lorna parecia a ponto de pular no seu pescoço, de tanta animosidade? Pergunto-se Cam. Sabia que Lorna tinha fobia a homens. As decepções amorosas sofridas quando era mais jovem a haviam convertido em uma amargurada. Grover e ela nunca tinham se dado bem por causa de suas personalidades tão distintas, mas isso não deveria incluir Dean. Ele não tinha feito nada.

Consciente de que as coisas tinham se descontrolado Cam deu a Dean um chute debaixo da mesa.

—Fez para chamar minha atenção? – perguntou ele sem poder acreditar na demonstração da audácia de Cam.

—Sim – Cam notava que o rosto queimava, mas não ia permitir que a fizesse mudar. De modo que se endireitou um pouco mais em sua cadeira – Temos que falar de muitas coisas e poderemos fazer se deixar de brincar.

—Quer que vá direto ao ponto então?

Oh-oh. Teria estado dando voltas ao assunto enquanto comia? Ao que parecia sim.

—De acordo.

—Não quero sua casa. Faz com ela o que achar melhor. Não me interessa. Não quero nada do que tem dentro da casa. Divida entre vocês, venda, jogue fora.

—Isso sim que é falar claro – comentou Jack.

—Os armários parecem estar cheios de sentimentalismo que não servem para nada.

—Beleza, ficarei com a sua parte – disse Jack.

Cam ficou olhando-a fixamente e a outra argumentou:

¹ Um doce típico da Itália



—O que? Não está pensando em atirar ao lixo está?

Dean não lhes prestou atenção e prosseguiu.

—Não me serviria nada mais que incrementar o número de coisas que ocupem uma casa, e logo tenho que carregar tudo quando me mudo, coisa que faço com muita frequência. Acredite-me, não tem absolutamente nada do passado ou do presente que queria.

Cam pensou que Dean não podia falar sério. Por mais que parecesse que sim.

—E como já deixamos claro esse assunto, está certa de que não quer sobremesa?

Jack lhe deu uma cotovelada.

—Vamos Cam peça algo.

Mas ela rejeitou de novo sua oferta. A cabeça dava voltas. Se colocasse algo na boca vomitaria.

—Não obrigada, tomarei um café.

—Feito.

O garçom acabava de ir com o novo pedido quando Dean levantou o olhar e seu olhar ficou parado em algo no outro canto do restaurante. Ao vê-lo tão atento, Cam se mexeu em seu assento para olhar também, e viu a Eve com um homem na porta. Iam ambos muito bem vestidos, e conversavam tão próximo um do outro que seus ombros se tocavam.

Deus.

A expressão descuidada despreocupação desapareceu do rosto de Dean. Parecia... Cam não sabia dizer, não muito contente. Claro que até o momento, ainda não o tinha visto contente. Havia-se mostrado distante. Educado, divertido, e ate um pouco receoso em uma ou duas ocasiões. Mas, não parecia um homem dado a demonstrar seus sentimentos.

—Provavelmente um cliente – comentou Cam.

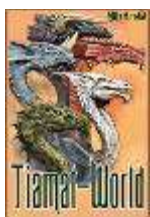
Ele girou os olhos, mas não afastou o olhar. E quando Cam se voltou de novo, viu como Eve ficava rígida de repente, dava a volta lentamente em sua cadeira e olhava em direção a mesa deles. Seu olhar tropeçou com a de Dean e ficou ali. Apesar da distância que separava os dois, Cam teria jurado ver chispas no ar.

Interessante.

Passaram os segundos sem que nenhum dos dois afastasse os olhos. Cam jamais tinha visto a sua amiga fisgar-se tão rapidamente por um homem. Eve era um espírito livre. Não somente tinha um homem para tirar a roupa ou encantá-la. Sempre dizia o que pensava e não elogiava por educação, nem saía por ai seduzindo desconhecidos.

Contudo, Cam viu que sua amiga ficava vermelha. De vergonha? Ainda que jurasse que não era esse o motivo.

Eve se voltou para dizer algo a seu acompanhante. Sorrindo, seguraram as mãos como se tivessem fechado um contrato, e o homem se foi. Depois que esse desapareceu, Eve terminou o resto da bebida, se levantou da cadeira e se dirigiu rumo a ele. Usava uma blusa de cetim, uma saia preta e uns saltos altíssimos.



Dean nem sequer piscou. Seguiu com o olhar o trajeto de Eve, passo a passo, e justo antes que chegasse a mesa, lançou um olhar a cadeira e se levantou. Os dois sustentaram o olhar em meio de um denso silêncio.

Foi Cam quem arrumou o controle e sorriu.

—Ola Eve não havia percebido de que estava aqui.

—Tinha uma reunião de trabalho – respondeu ela sem deixar de olhar a Dean. Até que finalmente afastou o olhar dele para cumprimentar o resto – Que bonito. Um jantar familiar. Pena não ter trazido a câmera.

Jack riu baixo.

—Já que sua reunião terminou por que não fica com a gente? – Cam olhou a Dean e lhe disse – Trarei uma cadeira.

—Tem outros planos.

Com um sorriso tenso, Eve assentiu.

—Assim é. Minha família espere-me para jantar. Só passei para cumprimentar.

—Ola então – murmurou Dean e sua voz soou sensual e pecaminosa enquanto a olhava.

O rubor na bochecha de Eve se intensificou.

—Ola – respondeu ela em resposta.

Cam sentiu a necessidade de afastar-se de tanta tensão sexual como se mascarasse o ambiente. Da parte de Jack apoiou o queixo e disse:

—Por Deus Dean, baixa um pouco a temperatura. Sou jovem demais para ver isso.

Lorna lhe bateu com o guardanapo.

—Não tem o mínimo de decoro.

—Eu? É Dean quem está seduzindo Eve no meio do nosso jantar. Por que não bate nele com seu guardanapo?

Um sorriso de auto suficiência brotou no rosto de Eve.

—Acredite-me Jack não estou sendo seduzida. Já está tarde e melhor que eu vá. Fiquem bem.

No momento em que Eve dava a volta para ir embora, Dean a pegou pela mão, e atraindo-a rumo a si, colocou um beijo suave, breve, já familiar na boca entreaberta.

—Até daqui a pouco.

Novamente vermelha Eve assentiu com a cabeça.

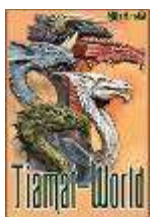
—Certo – Passou a língua pelos lábios – Até daqui a pouco.

Apenas havia se afastado o suficiente para não ouvir o que dizia na mesa, quando Lorna arrematou contra ela.

—Como sempre, essa menina não tem problema em mostrar seu desavergonhado comportamento.

Jack apoiou os dois cotovelos na mesa e ficou olhando fixamente Dean enquanto este voltava a seu lugar.

—Eu qualificaria de educativo.



—Foi uma demonstração pública de lasciva provocada pelo excesso de álcool – Lorna estava tão indignada que parecia a ponto de sofrer um ataque – Eve é uma péssima influência para você e para sua irmã.

Cam assentiu rezando que Dean não sentisse a necessidade de sair em defesa de Eve.

—Às vezes o diz tia Lorna – Até o ponto de que Cam estava farta de ouvir. A Lorna caía mal qualquer pessoa que não tivesse selecionado ela pessoalmente. E por outro lado, Eve era muito diferente com todo mundo. Era livre, E isso era o que mais gostava Cam nela.

Em vez de ficar na defesa Dean disse:

—Não é nenhuma menina. Deve ter o que uns vinte e tantos anos?

—Vinte e cinco – confirmou Jack – E menos mal, por que do contrario diriam que você é um pervertido por pensar no que está pensando.

Exasperada Lorna lançou o guardanapo sobre a mesa.

—Está bem. Já ouvi o suficiente. Ultimamente não tem quem te controle.

—O que? – perguntou Jack – O que fiz agora?

Ignorando a mulher, os lábios de Dean desenharam um sorriso de meio lado.

—Jack, é jovem demais para ter ideia de quais são os meus pensamentos, pervertidos ou de qualquer outro tipo.

—Já está aqui a sobremesa – anunciou Cam bem a tempo, pensou. Enquanto Lorna parecia a ponto de ir embora com raiva, Dean e Jack pareciam estar reforçando, por momentos, seus laços familiares. Tinham o mesmo senso de humor, e essa irreverência que ela tanto invejava.

Por um lado, Cam não queria irritar sua tia. Lorna não era perfeita, o sabia Deus, mas havia alterado sua forma de vida para criar duas meninas que não eram suas filhas. Havia se sacrificado, e Cam acreditava sinceramente que o havia feito o melhor que podia com elas.

Não podia evitar não ser uma mulher maternal.

Mas por outro lado, era agradável ver a facilidade com que Jack se relacionava com Dean. Havia um tempo, não muito, em que Jack e ela mantinham uma relação muito estreita. Mas, ultimamente sua irmã havia mudado muito, Havia se tornado sombria e sarcástica. A alegre e sorridente Jack desapareceu, e Cam não sabia o que fazer para ela voltar.

—Me diga, desde quando tem essa tatuagem? – perguntou Jack.

Dean encolheu os ombros, aceitando a mudança de assunto.

—Acredito que tinha catorze anos quando fiz.

—Catorze? – perguntou Cam incrédula – Permitem que um menino faça uma?

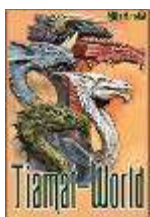
—Na Tailândia sim.

Cam ficou de boca aberta, e quando Dean se deu conta, deixou de comer a sobremesa por um momento.

—Já te disse que Grover e eu trabalhamos por todo o mundo.

—Mas... Como? – Sabia tão pouco dele – Tailândia entre todos os lugares do mundo. Que exótico.

—Não o é quando se dedica a construção. O chefe de Grover trabalhava em projetos para o governo de lá. Grover era o chefe de obra.



Lorna deu um gole no café.

—E te arrastou por todo o mundo? Encantador. Claro que não teria esperado menos dele.

—Não vá por esse lado.

A advertência, emitida com apenas um sussurro, atravessou o ar como se tratasse de uma afiada conversa. Dean ficou olhando a Lorna fixamente, furioso, e não tinha intenção de escondê-lo.

Extremamente erguida em seu assento, Lorna deixou o copo na mesa com um barulho.

—Como disse?

—Pode soltar calúnias sobre mim se quiser Lorna. Comporte-se como uma rígida. Mostra todo seu desdém. Não me importo, e imagino que não pode evitar ser assim – sua voz foi baixando mais ainda o tom – Mas, não se atreva a falar de Grover. E se fizer, o fará com respeito.

Lorna pôs os punhos ao lado do prato.

—Como se atreve a dar-me ordens? Era meu irmão, e falarei dele como eu...

Para a surpresa de todos, Dean se levantou da cadeira bruscamente, apoiou as palmas das mãos na mesa e se inclinou sobre Lorna em atitude claramente agressiva.

—Rejeitou-o igual fez comigo, e se fosse um pouco inteligente, deixara o assunto como está.

Fazendo todo o possível para esconder como estava intimidada, e Lorna respondeu.

—Senão o que?

O sorriso de Dean mostrava muitas possibilidades e nenhuma agradável.

—Contarei-lhes coisas que você não quer que saibam. Cedo ou tarde.

—Lhes? – repetiu Cam – Quem?

—Quer dizer que contará de todas as formas?

—Tem direito de saber.

—De quem estão falando? – perguntou Cam.

Ao ver que Lorna apertava os lábios e lançava um olhar culpado rumo a ela e sua irmã, Cam supôs exatamente a quem se referia.

O que podia saber Dean que pudesse fazer ficar quieta a tia Lorna?

De maneira meramente diplomática, Jack rompeu o silêncio mudando de assunto.

—E disse que fez essa tatuagem na Tailândia? Que genial. Antes me pareceu que eram ramos entrelaçados.

Passaram os segundos com a tensão uma bomba relógio. Cam conteve o ar, enquanto seu olhar ia de seu irmão a sua tia e de novo a seu irmão.

Com, um controle gelado, Dean retrocedeu e finalmente voltou a se sentar.

—É sim. Ramos entrelaçados – E continuou comendo seu tiramissu.

—Levanta a manga. Gostaria de ver melhor – pediu Jack.

O vacilou um momento, mas Cam se uniu a petição.

—Também gostaria de ver. Por favor.

Depois de lançar um olhar de advertência a Lorna, Dean levou a mão na manga direita e a levantou por cima de um enorme ombro, duro como pedra. Uma fronteira formada por três ramos



entrelaçados, dois dela adornadas com delicados botões de rosa e uma grossa com espinhos, rodeava o robusto bíceps.

Apoiando o cotovelo na mesa fez que marcasse os músculos ainda mais. Cam já tinha se dado conta de seu tamanho e sua força, mas ficou surpresa ao comprovar que seu irmão era também um indivíduo extremamente viril. Não lembrava ter visto uns braços como aqueles. Roger, que sempre tinha parecido um homem fisicamente intimidante, parecia de tamanho normal em comparação.

Depois de dar uma olhada na tatuagem, Dean moveu a cabeça negando.

—Quando fiz, era jovem e estúpido.

—Estou de acordo de que era jovem – Cam se aproximou para ver melhor – As cores são tão vivas...

—Na Tailândia as tatuagens são feitas por monges. Em vez de usar a maquina, como se faz aqui, fazem a velha moda.

—E como é isso? – perguntou Jack.

—Utilizam umas ferramentas especiais, parecidas com uma espécie de lança de ferro inoxidável com uma dupla ponta no extremo em vez da agulha. A ponta, cujo dois extremos se juntam ate quase tocar-se, penetram na pele e deposita a tinta, de forma que as cores se absorvem melhor e por isso duram mais.

—Santo Deus – Cam levou a mão na garganta – Parece pior do que a Jack fez.

—Sim – concordou essa – E eu pensava que o meu havia sido horrível. Não pude deixar de chorar enquanto a faziam.

Dean relaxou o bastante para permitir um meio sorriso.

—Doía que dava raiva – reconheceu – Como se estivessem costurando meu braço com uma pequena maquina de costura, e parecia que não ia acabar nunca. Não pode apressar um monge – Moveu a cabeça negativamente, enquanto baixava a manga – Se Grover e a metade da quadrilha não tivessem estado ali presentes para me animar, provavelmente também teria começado a chorar.

Cam não pode reprimir um grito. Imaginou aquela turma de trabalhadores azucrinando um pobre menino para demonstrar sua masculinidade.

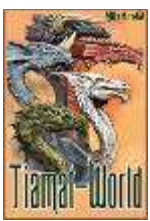
—O que te diziam?

—Tem uma coisa que deveria saber todo homem: sempre tratam de convencer uns aos outros para fazer idiotices.

—Mas, você não era um homem. Era um menino.

—Do sexo masculino. Isso é o que importava – Sorriu ao lembrá-lo antes de continuar – Grover me disse uma vez que um homem tem um cérebro, dois homens juntos têm meio cérebro e três homens juntos não têm cérebro algum.

Afortunadamente, a gargalhada de Jack encobriu o sarcástico gesto de consentimento de Lorna.



—Não estou muito certa de que não ocorra o mesmo entre as mulheres. A mim também convenceram de fazer uma ou outra idiotice – disse Jack sem deixar de olhar a tatuagem de Dean – É tão diferente do que se vê por aí ultimamente.

—Isso é por que está feito com linhas de pontas em vez de uma linha contínua. E, por outro lado, cada tatuagem é única. Você diz ao monge o que quer e ele o desenha sobre o local. Não tem duas iguais.

—Gosto disso – comentou Cam balançando a cabeça – Tem algum significado?

Por um momento, Dean empalideceu, mas rapidamente se esforçou para mostrar uma expressão neutra.

—Sim. Lembro o crédulo que era quando tinha quatorze anos – Fez um gesto com a cabeça rumo a Jack – E o que é que tem no seu quadril?

Sua irmã se levantou da cadeira e rodeou a mesa ate colocarem-se junto a Dean, ante os indignados protestos de Lorna. Levantando o quadril, mostrou o desenho.

—É uma rosa sobre um desenho tribal – explicou Jack com efusividade desnecessária – Bonita não?

—Muito – Dean a olhou – Bem diga-nos. Sei que morre de vontade de me contar o que significa.

Entre gargalhadas Jack voltou a seu lugar.

—Bom antes pensava que representava a perda da minha inocência. E, tia Lorna, antes que comece a resmungar, não estou me referindo a minha virgindade.

Aquilo colocou a Lorna a beira de um ataque de nervos. Lançou a cadeira de uma vez para trás e levantou.

—Vou ao banheiro. Espero que quando voltar esse absurdo assunto já tenha terminado.

—Pois bem, será melhor demorar um pouco – aconselhou Jack.

Lorna afastou-se a longos passos.

—Jack – Cam queria brigar com sua irmã, mas dessa vez sorriu. Sinceramente, agradecia aquele momento de paz – Não é de nenhuma ajuda.

—Claro que sim. Olha o enorme sorriso de Dean.

Este tratou de apagar de seu rosto quando suas irmãs fixaram sua atenção, mas terminou soltando uma risada.

—É uma menina selvagem Jack.

Ao ver o divertido olhar de Dean, e ouvir seu tom risonho, Cam emocionou-se. Então inclinou um pouco rumo a Dean.

—Sempre foi assim. E tem dias melhores e piores.

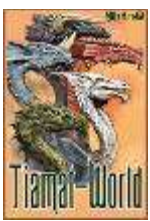
—Bem, já sei o que está acontecendo – brincou Jack – Agora que Lorna não está, se aliaram contra mim. Sigam em frente, meninas, critiquem. Posso suportar.

Com atitude indulgente, Dean cruzou os braços e apoiou na mesa.

—O que dizia sobre perder a inocência?

Logo um pouco envergonhada, Jack afastou de si o prato vazio da sobremesa.

—Já sabe, quando logo se dá conta de que a vida não é como deveria ser.



Ele negou com a cabeça.

—Não, não sei. Como acredita que deveria ser?

—Não sei – Estranhamente, Jack refletiu sobre a pergunta – Talvez mais divertida. Mais segura – Encolheu os ombros – Com menos surpresas

Cam sentiu remorsos ao ouvir as palavras. Havia tentando proteger a sua irmã, de fazer a vida dela mais fácil, mas era evidente que havia fracassado.

Apesar da expressão de Dean permanecer a mesma, Cam sentiu como esse se retraía de novo. Não queria saber nada do estado de suas finanças, nem da maneira em que suas vidas haviam mudado por completo. Podia ser seu irmão, mas enquanto, que ela havia se sentida unida a ele por nada mais que vê-lo, ele tinha deixado claro que não compartilhava esse sentimento. Não o culpava. Apenas se conheciam. Havia passado anos demais e existiam demais feridas. Com a intenção de afastar a tensão, Cam levantou o café para fazer um brinde.

—Pelas surpresas. A vida seria muito chata sem elas.

Depois de um momento Dean levantou a sua também.

—Pelas surpresas agradáveis.

—Como o reencontro com um irmão que havia desaparecido de nossas vidas – acrescentou Jack, juntando o seu copo com o deles.

—Parece que já terminaram – espetou a suas costas a voz de Lorna, ao tempo que essa colocava o pano e pegava a bolsa – Fico feliz por que quero ir embora.

Cam não desejava que a noite terminasse, mas Dean já havia levantado do banco. O pânico se instalou em seu interior. Quando voltaria a vê-lo? Quanto tempo ficaria na cidade?

Dean retirou a cadeira para que levantasse.

—Estarei ocupado uns dias, mas tenho o seu número. Estaremos em contato.

Ele não lhes ofereceu o seu e ela não teve coragem de pedir.

—Obrigada – disse Cam e em seguida acrescentou quase em um sussurro – Adoraria conhecê-lo um pouco melhor.

Para sua surpresa Dean levantou a mão e durante um tempo fugaz, coçou o queixo com as pontas dos dedos como um gesto de animo.

—Não irei a lugar nenhum.

—Fico feliz – saltou Jack – Por que ainda tenho que testar seu carro novo – Piscou um olho a Dean – Depois de tudo, descobrir que tem um irmão deveria ter suas compensações não?

—Compensações... E talvez alguns problemas – respondeu ele olhando a Lorna – Já veremos como caminham as coisas.

Com crescente expectativa, Dean correu desde o carro até a porta principal da pequena, mas bem cuidada, casa de Eve, debaixo do temporal que estava caindo. Não era uma casa nova, mas cheia de charme e tinha uma acolhedora varanda que lhe protegeu do temporal.

Pouco depois de acompanhar suas irmãs e sua tia, o céu se havia aberto e tinha estalado uma tormenta de raios, trovões, vento e chuva sem parar. Gostava muito daquele tempo, cheio de fúria e tão turbulento que podia sentir dentro de si mesmo.



Secando a água do rosto, Dean bateu com o punho na porta e deu a volta. A varanda sustenta por colunas, era feita por pares de janelas de sótão, gabinetes, e varandas. Em um canto da mesma, Eve havia colocado uma cadeira; um alegre tapete em frente a porta de entrada que dava as boas vindas a casa. Havia vasos com flores por todas as partes, que enchiam o ar de doçura, intensificado nesse momento pela a umidade do ambiente.

A casa dispunha de um terreno de uns dois mil metros quadrados que terminava em um beco sem saída que ficava numa zona de árvores, o que lhe proporcionava um ar íntimo. Era surpreendente que uma mulher solteira da idade de Eve fosse proprietária de uma casa. Claro que, desde o momento que a conheceu, Dean havia pensado que era uma mulher decidida, audaz e destemida. Se quisesse algo, pegava.

E essa noite queria a ele. Dean estava ansioso.

Uma noite de sexo selvagem era justo o que precisava para eliminar os restos emocionais de um jantar com uma família a que não conhecia. Estava pensando nisso quando Eve abriu a porta. Não esperou nenhum segundo para entrar na casa, segurou Eve contra seu corpo e calou seu cumprimento selando a boca com a sua.

Doce.

Ardente.

Uma combinação que com certeza o incendiaria.

Sabia que a estava molhando com sua camisa encharcada, mas não se importou. Atrás dele, através da porta aberta, um estrondoso trovão encheu o ar com força suficiente como para fazer o chão tremer.

Eve deu um respiro, mas Dean se limitou a abraçá-la com, todavia, mais força, girando a cabeça para poder aprofundar o beijo.

Não ia ser nada fácil ter paciência durante as preliminares quando o que realmente desejava era desnudá-la e fazer ali mesmo, no chão. E dado que não conhecia distribuição da casa, o chão não era tão má ideia. Levaria tempo para encontrar o quarto. Demais. Deslizou uma mão até o traseiro dela, apertando-a para que grudasse ainda mais a ele, mas Eve liberou a boca afogando um gemido.

—Dean...

Ao dar se conta de que estava empurrando o torso com os punhos apertados, Dean se afastou um pouco dela, mas continuou segurando-a pela a nuca com a palma da mão, de forma que sua boca não pudesse afastar muito.

—Por que não falamos mais tarde?

Uma voz masculina os interrompeu.

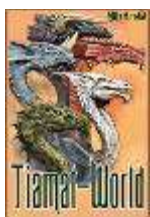
—Por que eu não estarei aqui então, e tenho vontade demais de conhecer para esperar.

Dean se deteve em seco devido a comoção, até que a respiração se deteve.

Eve gemeu e escondeu o rosto contra o peito de dele.

Dean não queria, mas levantou o olhar e se encontrou frente a frente com um homem pelo menos vinte anos mais que ele. E, o que era pior, se parecia com Eve... Como se fosse seu pai.

Foda.



De pé junto ao homem tinha uma mulher, e ao lado dessa um menino mais jovem... Talvez o irmão de Eve. Todos estavam sorridentes.

Sem soltá-la, Dean sussurrou no ouvido:

—Sua família?

Evidentemente petrificada, Eve se limitou a assentir com a cabeça.

—Cheguei antes da hora?

Ela negou com a cabeça. Logo se afastou dele. E dando a volta, os encarou com as mãos na cintura.

—Não quiseram ir, mesmo que implorasse que fossem.

—É certo que nos pediu – confirmou o jovem.

—Repetidas vezes – acrescentou a mulher.

—Mas, são uns cabeçudos – explicou Eve sem necessidade. Depois acrescentou somente para Dean – Sinto muito de verdade.

Parecia realmente contrariada e já não tão envergonhada, pelo o que Dean afastou a mão de lado e deu um passo com ela entendida.

—Dean Conor.

—Mais conhecido como Furacão – O homem de mais idade estreitou a mão com entusiasmo

– Sou um grande fã seu, igual meu filho. É um verdadeiro prazer lhe conhecer.

Um prazer? De verdade? Apesar de que somente um minuto antes estava manuseando sua filha? Dean não sabia o que pensar. Não estava acostumado a conhecer aos pais de ninguém. As mulheres com as quais dormia habitualmente eram mulheres que o perseguiam, e logo, não levavam seus pais com elas.

Lançou um olhar fugaz a Eve, mas essa seguia olhando a sua família com determinação de uma mula. Apesar de ter seu pai frente a ele, olhando-o com um grande sorriso, Dean se fixou no brilho do cabelo escuro dela, e em como lhe caia graciosamente sobre os ombros.

Havia mudado de roupa. Tinha substituído o uniforme formal de trabalho por um cômodo e fresco vestido de verão que chegava a altura dos joelhos e se segurava com tiras finas como espaguete. Não usava sapato, nem sutiã. Como ao chegar a havia abraçado com sua roupa empapada, havia lhe molhado o vestido de forma que o tecido moldava os seios...

“Não pense agora nisso Dean”.

Tentou concentrar sua atenção no pai.

—Obrigado – E mentiu – Prazer conhecê-lo também.

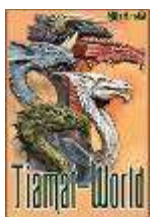
Não estava acostumado a tratar com a família de uma mulher, mas certo que tinha que ter uma maneira de desfazer-se de todos eles rapidamente.

Uma mulher tão miúda como Eve lhe entendeu a mão em seguida.

—Em vista de que minha filha esta agora mesmo ocupada jogando maldições sobre nos e meu marido está tonto demais para fazer as apresentações, apresentarei eu mesma.

Dean aceitou sua mão

—Sou a mãe de Eve, Crytal. Pode chamar meu marido de Ted, e esse é o nosso filho Mark.



—É um prazer conhecê-la – Perguntou se realmente Eve estaria jogando maldições sobre eles. E se estava, esperava que funcionasse. E rápido.

—Sei que estamos atrapalhando – continuou Crytal – Mas, os dois homens da família são uns fanáticos pela SBC e quando Eve nos disse que ia vir, sobre tudo por que não tínhamos nem ideia de ir tão rápido como ela gostaria...

—Mamãe.

—... Negaram-se a fazê-lo sem conhecê-lo antes. Somente espero que goste de Eve o suficiente para perdoá-la, por que não acredito que seja capaz de tirá-los daqui antes de meia hora.

Ninguém ia mencionar o jeito que tinha pegado Eve na porta da casa? A sua família não se importaria que tivesse se jogado encima ao abrir a porta, que teria ido ali com intenções óbvias?

Ao que parecia não.

Deu-lhe vontade de gemer, mas manteve o sorriso. Depois da tensa situação vivida no restaurante com sua família, a única coisa que desejava era um pouco de sexo sem compromisso.

E em vez disso se via atado em outra situação familiar.

Não seria tão grave, se soubesse algo familiar. Mas, a vida com o tio Grover, e as vezes, alguns membros da quadrilha, não o havia preparado para isso.

—Não acontece nada – Se um pouco de conversa contribuía a que se fossem o quanto antes, lhes diria tudo o que queriam saber.

Mark, que parecia ter quase da mesma idade que Jack, foi quem começou com o interrogatório.

—Com quem brigará da próxima vez?

—Com quem me colocarem – O vestibulo de Eve era um enorme salão de teto alto e, de completo acordo, todos se dirigiram rumo ali e sentaram. Dean se deixou cair em um canto de um sofá modular. Observou Eve, enquanto ela e sua mãe desapareciam pela sala, onde supôs que logo atrás estaria a cozinha.

—Com quem quer lutar? – perguntou Mark – Sei que Marsh vem dizendo coisas. Que é indisciplinado demais, carece de tática...

—É um blefe – explicou Dean – Faz para ver se assim chama atenção. Se um combate desperta controvérsia, a organização nos coincidirá. Isso é o que ele quer, de maneira que está fazendo tudo possível para que ocorra.

Mark levantou uma sobrancelha exageradamente.

—Não te importa o que está dizendo por aí?

—Não – Nunca lhe havia preocupado a opinião dos demais.

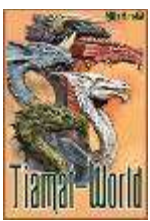
Ofendido em seu nome, Mark franziu o cenho.

—Mas está te insultando.

Dean balançou os ombros tirando a importância.

—Não é o primeiro e não será o último.

—Assombroso – Ted moveu a cabeça de um lado a outro com gesto reverencial – Poderá derrubar a maioria dos homens e ainda assim não se ofende com o que podem dizer de você.



—O que tenho que demonstrar – disse Dean – demonstrarei em combates autorizados pela SBC, onde me pagaram por isso e não em arrastaram. Fora da SBC tenho coisas melhores para fazer no meu tempo livre.

—Mas, não te custaria nada em aniquilá-lo – declarou Mark – Deveria dar-lhe uma lição. Adoraria vê-lo.

—Isso é o que ele espera que faça. Mas, se o conseguir, outros lutadores tentariam a mesma coisa. Por isso, não faço petições nem me nego a lutar com ninguém. Deixo os confrontos para as pessoas que dirigem a SBC. Seu trabalho consiste em saber que combates despertaram mais interesse.

Mark podia deixar o assunto.

—Marsh disse que se te pega em combate...

—Me deixará fora de combate. Sim, sei o que disse. Abre a boca sempre que tem oportunidade.

—E?

Era evidente que queriam que ele os tranquilizasse, assim o fez.

—Marsh não é uma flor do campo. Pode deixar de fora um lutador. Mas, para fazê-lo comigo teria que plantar com firmeza na lona para dar-me um bom pontapé. Então o tombaria, e sobre na lona é um lutador nulo. Não sabe defender-se contra as técnicas de submissão. Renderia-se em meio minuto.

Ao que parecia esse numero presunçoso bastou, por que tanto Mark como Ted olharam com grande sorriso.

Mas, Dean não parou por aí.

—Claro que poderia me derrubar. Às vezes acontece – Afortunadamente, a ele não lhe ocorria muito, e não lhe tinha acontecido nenhuma vez nos últimos anos.

—De nenhuma maneira!

—Isso nunca se sabe. Basta com que cometa um erro. Viu meu último combate?

Ted assentiu.

—Vimos pelo canal pago. Nos não perdemos nenhuma briga.

Dean tocou a ferida colorida inchada na parte superior do seu rosto, próximo de sua testa, e lembrou a dor paralisante do golpe que havia recebido e havia estado a ponte de nocauteá-lo.

—Esteve a ponto de perder.

—Sim, mas Dima Cheslav é um monstro aterrorizador. Você é enorme, mas ele tinha uns cinco centímetros e pesa dez quilos a mais que você – Mark se sentou na borda de seu assento – E essa tatuagem que tinha na parte atrás da cabeça e do pescoço. É como J Morte ou algo assim.

Mark olhou com olhos em branco.

—De verdade? – perguntou rompendo em gargalhada – Não me estranha que tenha essa pinta de louco, gritando e espumando pela a boca como se fosse um cachorro raivoso.

Um meio sorriso se desenhcou no rosto de Dean.



—Talvez sim – interveio Ted – Mas, a mim me custa pensar em Dima como um cara normal. Dizem que ele está custando encontrar lutadores que queiram enfrentá-lo. Contudo, no começo do combate, você se mostrou tão tranquilo como sempre.

—Contra um homem como Dima tem que estar concentrado. Se não perde.

—Mas você estava bem, e muito – Ted moveu a cabeça novamente com gesto maravilhado

– Eu olhei o rosto dele, você caiu no chão e, não gosto de dizer, mas acreditei que ia perder.

Por um momento também ele havia acreditado.

—E, então em menos de um segundo, acabou com ele com uma alavanca de joelhos perfeita. Foi como algo automático para você, lembro bem da situação. Não o viu chegar.

—Sim – para surpresa de Dean se deu conta de que verdadeiramente estava desfrutando com a conversa – Dima está tão acostumado a nocautear a seus concorrentes no primeiro assalto que fica muito confiante.

—Posso perguntar uma coisa? – pediu Mark

Dean observou a expressão nervosa do menino e o animou com um gesto.

—Dispara.

—Você lutou machucado. Nocautearam, derrubaram com técnicas de submissão. Lutou com sujeitos conduzidos por sua crueldade – Mark se aproximou mais dele – Alguma vez teve medo?

Sem duvidar, Dean negou com a cabeça.

—Não

—Nunca?

Não havia voltado a ter medo desde que o tiraram de sua própria casa sendo um menino e o enviaram a viver com o tio que não conhecia. Desde então, havia aprendido que o medo era uma perda de energia.

—Ter medo não mudava as circunstâncias. Somente afeta a maneira de enfrentar elas.

—Bem. Sim, mas ainda assim...

—É perigoso – continuou Dean – Quando te assusta comente erros. Se afastar os olhos de seu oponente não poderá ver aonde chega o soco ou o chute. Passa a atitude de ataque para defensiva e qualquer bom lutador se aproveitará disso.

—Igual você se aproveitou de Dima.

Dean assentiu.

—Apelidaram-me de Furacão por que quando comecei todos acreditavam que não tinha um plano de luta definido. Não lhes custou dar-se conta de que se enganavam. Meu plano era ganhar. Passo a passo, tenho que fazer o que for para conseguir. Quando o combate muda, me adapto. Não poderia fazê-lo se deixasse que o medo se apoderasse de mim.

Para Dean era uma filosofia simples. Ter medo não entrava em seus planos.

Contudo, ver suas irmãs havia removido umas sensações estranhas que se parecia muito a esse sentimento. Não queria admitir, nem sequer para si, mas o colocava nervoso que, apesar de tudo, fosse tão fácil ver-se envolto na dinâmica de uma família.



Não sabia nada de como se comportava um irmão mais velho nem o que era preocupar-se por uns irmãos. Não sabia como se adaptar a atmosfera familiar. Não sabia como oferecer segurança nem como dizer o correto no momento adequado.

Pelo bem de Cam e Jack, igual ao seu próprio, tinha que lembrar que era um forasteiro, que somente estava ali de passagem.

Nada mais.

Capítulo 06

—Que tamanho tem seus bíceps?

A pergunta o desconcertou, mas um olhar a Mark bastou para compreender de que o menino falava sério.

—Bem, não sei.

—Está de brincadeira não? Uns músculos como esses e nunca os mediu?

Em vista de que Mark parecia disposto a sair correndo em busca de uma fita métrica, Dean se apressou em tirar a ideia da cabeça.

—Não e nunca farei – Onde demônios estava Eve? Olhou o arco por onde tinha desaparecido, mas não a viu.

Ted e Mark dispunham de todo um arsenal com as perguntas mais mirabolantes imagináveis, mas ao menos não tocaram no assunto do dinheiro que ganhava. Quase sempre, essa era a pergunta que primeiro lhe faziam. A maioria das pessoas considerava celebridades os lutadores e, ainda que Dean não podia queixar-se de seu saldo, trabalhava muito duro para ganhá-lo. As pessoas não paravam para pensar nas duras horas de treinamento. Ao menos ele ganhava no pulso até o último centavo.

—Pessoas como você honram o esporte.

Novamente surpreendido Dean olhou a Ted.

—Sim? E como é isso?

—Fala normalmente. Não fica como pavão. Mostra respeito com os demais lutadores. Faz falta uma serena dignidade em de se gabar pelo fato de que se organizem esses grandes eventos ao seu redor.

Dignidade? Ted não podia estar falando sério.

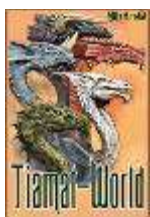
Esfregando o queixo, Dean procurar a maneira de tirar seu erro ao pai e ao irmão de Eve.

—Escuta, não gosto de me gabar por que sei que a possibilidade de perder sempre existe. Digo que farei o melhor que possa, e isso é o que faço.

Ted sorriu.

—Vê? Atua com classe.

Ah Deus. Aquele homem estava louco. Se Eve não aparecia logo, teria que... Como se estivesse esperando a formula mental seu nome para entrar, Eve apareceu no salão.



—Toma – Deu a Dean uma cerveja – Já que parece que isso vai ser uma reunião social, pelo menos bebe algo.

Dean se deu conta de que a família de Eve não tinha as mesmas inibições a respeito ao álcool que sua tia e aceitou de boa vontade a garrafa.

—Obrigado.

Eve se deixou cair a seu lado; se sentou no sofá com as pernas cruzadas, tapando-as com a saia, e se apoiou contra ele. Para qualquer um que observasse de fora, diria que se conheciam fazia muito tempo mais que umas poucas horas. Eve não mostrava reservas pelo fato de estar diante de sua família o que significava que se sentia muito cômoda com eles. Dean gostou desse comportamento.

Ted foi para frente, e apoiou os cotovelos nos joelhos.

—Sabe quando voltará a lutar?

—De momento não. Peguei um descanso.

Os rostos que o observaram pareciam abatidos.

—Não participará de nenhum dos combates no Canadá?

—Não. E pode ser que nem os seguintes desse.

—Eu disse – interveio Eve – Veio para conhecer melhor a Cam e a Jack. Faz muitos anos que não se veem.

Dean rodeou os ombros desnudos. Inclusive no frescor interior da casa, sua pele parecia seda quente.

—Na verdade não tem nada a ver com elas. Já tinha decidido tomar um tempo livre.

—Por quê? – Ao voltar-se ligeiramente rumo a ele, os seios de Eve lhe roçaram nas costelas.

Ele esqueceu o que ia dizer. Ficou olhando-a fixamente.

—Por que o que?

O sorriso dela vacilou e finalmente se tornou quente.

—Não importa.

—Pensar que Cam tinha um irmão famoso e eu sem saber – Ted moveu a cabeça – Cam é praticamente da família. As meninas são amigas desde sempre.

—Desde o colégio – admitiu Eve.

—Mas, Cam nunca havia te mencionado – prosseguiu Ted, realmente confuso.

Dean ficou calado e imóvel, ainda que fosse somente um momento, antes de forçar um sorriso.

—Não suponho que não – Deu um gole na cerveja, enquanto tratava de ignorar a incomoda sensação que corroia por dentro. Cam não sabia de sua existência como ia falar dele... Ou sentir sua falta?

—Se saísse com Jack me daria entradas grátis? – perguntou Mark rompendo a tensão do momento.

Eve atirou uma almofada na cabeça.



—Perguntar não faz mal a ninguém – respondeu Mark, atirando a almofada de novo em sua irmã, o que quase fez Eve derramar sua bebida encima de Dean. Pouco acostumado das travessuras entre irmãos, Dean pegou a almofada e a afastou.

—Desculpe Mark, mas não sou esse tipo de irmão.

O menino o olhou com um amplo sorriso.

—Então mantereí distância. A verdade é que Jack me dá um pouco de medo.

—Mark.

—Deixa já de protestar Eve – disse seu pai franzindo o cenho – Dean sabe que Mark está brincando.

Na verdade Dean não sabia o que pensar. As palavras de Mark lhe provocavam uma inquietude da mais estranha. Alto e magro, Mark parecia um menino decente. Somente era jovem e desajeitado. Então por que logo sentia vontade de lhe dar uns tapas?

—É verdade que tem medo dela?

—É franca demais – explicou Mark – Nunca se sabe o que irá dizer e quando irá fazer. Antes era diferente... Bom, não é que já tenha sido como Cam.

Dean sabia que não deveria perguntar, mas que melhor oportunidade de averiguar coisas sobre suas irmãs? Cam e Jack não estavam ali, portanto, não poderiam confundir sua curiosidade com interesse familiar.

E tinha curiosidade, o que não era raro. Não significava nada.

—O que quer dizer com não é igual a Cam?

—Já sabe calada e contida. Realmente... Contida.

Com a ponta do dedo, Eve traçou um pequeno círculo na coxa de Dean a quem não passou despercebido o escuro que estavam os olhos, nem o denso que eram seus cílios.

—Não estou certa, mas já no colégio sempre foi mais madura, responsável e consciente das coisas.

Dean pensou que Eve tinha uns olhos realmente lindos, brilhantes e o olhava cheio de paixão. Estava ansioso por ver seu olhar sexualmente satisfeito... Graças a ele.

Pigarreou antes de falar e cobriu a mão dela com a sua sobre sua própria coxa.

—É muito maternal – Não lhe havia custado muito vê-lo por seu comportamento. Cam era tão maternal quanto Lorna não era – Provavelmente se sintia responsável por Jack.

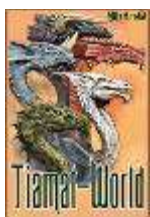
—Isso mesmo – concordou Eve, tirando a mão debaixo da sua ao passo que apoiava a cabeça em seu ombro – Cam nunca foi jovem sabe? Quero dizer que desde sempre se ocupa com um monte de coisa. A casa, as dívidas, Jack, inclusive Lorna.

Dean não queria pensar no peso que Cam tinha que ter suportado sobre seus magros ombros.

—Por que de Lorna?

No começo ninguém respondeu. Até que Eve encolheu os ombros.

—Cresceu sabendo que Lorna tinha sido obrigada a ficar com ela e com Jack, apesar de sua tia nunca ter querido filhos.



—Isso deve ser muito duro para uma criança – comentou Ted com um tom de voz tão desgostosa como Dean se sentia por dentro – Por isso Cam se mostrava tão reservada. Provavelmente por que nunca confiou que Lorna ficasse com elas para sempre.

Os músculos de Dean se tencionaram. Lorna tinha que responder diante dele por muitas coisas... Muito mais que suas irmãs ou alguma outra pessoa.

—Mas, Jack é justo ao contrario — interveio Mark - Nada lhe preocupa, sempre é o centro das atenções, não lhe importa nada mais. Ela brinca e flerta, sempre está rodeada de pessoas. Os demais gravitam ao seu redor.

—E isso te dá medo?

—Não, normalmente, não - respondeu Mark encolhendo os ombros – Me intimida um pouco talvez, mas... É que ultimamente, seu comportamento é realmente escandaloso.

—O que quer dizer com isso?

Mark ia falar, mas Eve o interrompeu.

—Deixe disso, Mark – Dirigiu novamente aqueles enormes olhos azuis para Dean – A Jack não acontece nada. Cam se assegura disso. O que lhe ocorre é que está experimentando incomodidades próprias do crescimento ou algo assim.

Dean franziu o cenho.

—Tem vinte e um anos e mede mais de um metro e oitenta.

—Não chega – corrigiu Eve – É somente era uma forma de falar.

—Em todo caso, já não está crescendo. E não é isso ao que seu irmão está se referindo.

Quando Eve se dispunha a contestar, Dean a fez calar.

—Não. Quero ouvir o Mark.

Todo mundo se voltou para olhar a esse, que ficou vermelho como um tomate.

—Bom, o certo é que... – Lançou um rápido olhar de culpa a sua irmã – Eve tem razão. Eu... Isso... Não quero dizer nada.

—Olha o que fez – exclamou ela, voltando rumo a Dean e dando um soco carinhoso no ombro – Está morrendo de medo.

Dean levantou as sobrancelhas.

—Não fiz nada – A expressão de Eve era desafiante e brincalhona – Utilizei esse tom.

—Que tom?

—Um tom que revela a sua atitude protetora.

Quanta vez teria que dizer que ele não era esse tipo de irmão? A suposição de Eve o irritou de modo que se inclinou sobre ela para dizer:

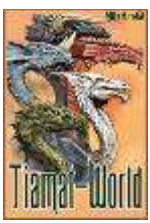
—Não estava sendo protetor. Em absoluto.

Ted se apressou a interromper.

—Ouçam, não é nada. Eve deixa em paz ao homem.

—Isso Eve – Mark os olhava – Deixa-o.

—Os por Deus – Girando os olhos ela deu outro soco em Dean antes de dirigir-se a seu pai – Tem uns ombros duros como pedra papai. Não acredito que vá se machucar.



Machucar? Fisicamente queria dizer? A ponto de começar a rir, Dean levantou o olhar e viu Ted que parecia preocupado.

—Como demônio acredita que poderia me machucar?

Agora era ela que parecia confusa.

—Dando um soco suponho. E somente. Deus sabe o que um lutador grande e malvado como você poderia fazer quando lhe contrariam.

De todas as besteiras... Dean sabia exatamente o que queria fazer com ela e não tinha nada a ver com fúria.

—E me deu um soco? – brincou simulando ter-se dado conta – Quando foi isso?

—Mas, bem – fingindo indignação, Eve se voltou rumo a ele para golpeá-lo. Nesse momento Dean lhe segurou o pulso instintivamente, fazendo que perdesse o equilíbrio. Eve parou de cara sobre o colo dele e quase terminou no chão.

Dean tratou de levantá-la, mas tinha cerveja em uma mão e Eve não deixava de mover-se tentando recuperar o equilíbrio. O fato é que a saia do seu vestido subiu ate os quadris.

Durante um breve segundo, Dean vislumbrou as calcinhas de encaixe cor de lavanda.

Com um gritinho, Eve se afastou de seu golpe e caiu no chão, com o rosto vermelho como um tomate, enquanto se cobria com a saia.

Mark parecia a ponto de morrer de um ataque de risada, enquanto Ted ria baixo.

Nesse momento apareceu Crystal. Lançou um olhar a sua filha e levantou as mãos.

—Por todos os santos Eve, o que está fazendo no chão?

Eve ficou de pé como pode, ameaçou a Dean com um temeroso punho e voltou a sentar-se junto a ele.

—Está bem?

Ela fez uma careta.

—Com esse seu grande sorriso, sua preocupação não parece muito autêntica – disse-lhe.

—Sinto muito – respondeu ele recompondo-se o cabelo revoltado – Quer que te ensine uns movimentos para que isso não volte a acontecer?

Para sua surpresa Eve assentiu.

—Sim gostaria – E em seguida se dirigiu rumo a seu irmão – E você já pode ir apagando essa expressão de seu rosto, Mark. Naturalmente já soa muito repugnante. Não precisa fazer caretas para ser ainda mais.

Sabendo que o jovem continuaria com o assunto, Dean se dirigiu rumo a ele.

—Então o que tem feito Jack?

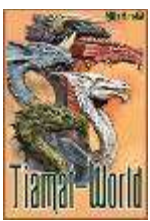
—Nada – disse ele de repente ficando pálido – de verdade.

—Conte-me.

—Está bem – Apesar de vermelha Eve disse – Se tem tanta vontade de saber, no fim de semana passado chamaram a policia por sua causa.

A polícia?

—Por que motivo?



—Escândalo público, isso é tudo. Aconteceu... algo, e suponho que Jack se incomodou. Saiu com umas amigas da Universidade, beberam demais e terminaram dançando encima das mesas.

A Dean não pareceu nada do outro mundo.

—E chamaram a polícia por causa disso?

—Tinha gente sentada nessas mesas, que tentava beber com tranquilidade.

Dean fez o possível para não rir.

—A polícia se limitou a fazer uma advertência, e chamou a Cam para que fosse buscá-la. Lorna jura que toda a cidade não faz mais que falar disso.

—As pessoas que sabem, basicamente, e o grupo da universidade com o que saiu – acrescentou Mark em uma tentativa de contribuir para tirar a importância – E de verdade, ninguém se surpreendeu muito. Não com Jack.

Dean deixou ir o assunto.

—O que é que aconteceu que a incomodou?

Eve se mostrou preocupada.

—Isso é algo que terá que perguntar a Cam.

Essa resposta redobrou sua curiosidade imediatamente.

—Estou perguntando a você.

Crystal soltou um som de impaciência.

—Não é nenhum segredo Eve – E em seguida se voltou rumo a Dean – Jack não quer vender a casa. Especialmente por que não está livre. A ideia da venda é por que o mantê-la custa muito, o que é absurdo. Se as três trabalhassem em vez de somente Cam, que se ocupa dos custos, chegariam sem problemas ao fim do mês.

De maneira que Lorna também não trabalhava? Como podia ser tão manipuladora...?

—É o único lar que Jack conhece - continuou Crystal que parecia decidida que Jack ganhasse a simpatia de Dean – Todos sabem que a mudança será muito brusca e para pior, de uma das casas mais lindas da cidade a um apartamento. E como, é natural, Jack não está muito contente.

—Mamãe, não acredito que...

—Por que Jack se preocupa com o que pensa a cidade?

As duas mulheres o olharam atentamente, mas foi Eve quem falou.

—É natural que lhe preocupe o que pensa os demais. Não acontece a todo mundo?

—A mim não.

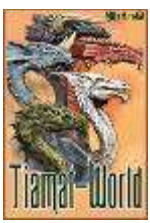
—A você não?

Dean negou com a cabeça. Foda tinha passado a maior parte da vida mudando de um lugar para outro, de maneira que nunca chegava a conhecer as pessoas o suficiente como para preocupar-se com o que poderiam pensar. Jack era uma menina mimada, isso era o que era.

—Está deprimida por que tem que se mudar? – grunhiu – É isso?

—Não está deprimida – corrigiu Eve – É que somente não gosta deixar para trás... – Vacilou provavelmente ao lembrar as circunstâncias de Dean.

—O que lhe resulta familiar? – acabou ele por ela.



Eve assentiu e deslizou a mão na sua. Tratava de reconfortá-lo? Dean ficou rígido. Queria coisas dela, mas não precisamente lástima.

—Se quer saber a minha opinião... — disse Crystal.

—Ele não pediu sua opinião — apressou a dizer Eve, mas sua mãe prosseguiu de todos os modos.

—Lorna desperdiçou grande parte do dinheiro da herança dessas meninas.

Dean já havia imaginado. Só poder ser isso. Grover sempre havia suposto que seria assim.

A mulher assentiu com a cabeça como para dar ênfase na afirmação.

—Não me interprete mal. Lorna é uma boa pessoa, mas não tem o mínimo sentido comum no que se refere à economia. De maneira que, com ela ao comando, suas necessidades eram as que se cobriam primeiro.

Eve gemeu e enterrou a cabeça nas mãos.

—Não posso acreditar.

Dean esfregou as suas costas, para fazer saber que a esclarecedora revelação de sua mão não lhe incomodava.

—Ainda lembro quando Cam precisou uns sapatos de claqué para o recital de final da sexta série. Como supôs, Lorna diria que custava uma fortuna. Mas, deixou de arrumar as unhas? Deixou de renovar seu guarda-roupa naquela primavera? Não. Contudo, Cam deixou de participar dos recitais do colégio. Não acredito que participou de nenhuma outra festa ou baile até que teve idade suficiente como para trabalhar e pagar as coisas com seu próprio dinheiro.

Dean não lhe gostou como soava aquilo. Pelo o que Grover lhe havia dito, o dinheiro que lhes haviam deixado seus pais deveria ter bastado para cobrir as necessidades de Cam e Jack, vestidos novos e sapatos para festas inclusive. Aos seus pais não lhes haviam faltado recursos, e não somente havia um seguro para pagar a casa depois de sua morte, mas sim que, haviam deixado um bom dinheiro. Isso acrescentou aos ativos e as contas bancárias que possuíam, deveria ter bastado para que desfrutassem de uma boa situação econômica.

—Sinto muito — Eve lançou um olhar a Dean — Minha mãe é uma fofoqueira. Vive para isso.

Crystal lhe deu uma tapa na filha.

—É seu irmão, assim que tem direito de saber tudo delas. De que outra maneira poderá ajudá-las?

Dean apertou os dentes.

—Não vim para ajudar.

Crystal fez um gesto com as mãos como tirando importância a seu comentário.

—Está bem. Eve me explicou por que não te havíamos visto antes.

—Ah é? — perguntou ele a Eve. De maneira que por isso haviam demorado tanto em voltar à cozinha. E ela dizia que sua mãe era uma fofoqueira?

—Perguntou-me — disse Eve defensivamente.

Em absoluto se envergonhava por ter metido o nariz onde não a chamavam, Crystal encolheu os ombros.



—Naturalmente, senti curiosidade por você. Tanto Cam como Jack passaram muito tempo com os nossos quando eram pequenas. Nossa casa era como um segundo lar para elas. Resultava estranho que tiveram um irmão do que nunca teriam ouvido falar.

—Durante os verões – explicou Mark – era como ter três irmãs. Superavam-me muito. Estavam mais tempo conosco que em sua casa.

—Não é que nos importávamos – disse Crystal sorrindo ao lembrá-lo – As duas eram um encanto, e me rompia a alma ao pensar que estavam crescendo sem uma mãe.

Acaso não era esse o papel que Lorna tinha que ter assumido? Pelo o que Crystal havia dito, Lorna havia sido bem gratificada por isso.

—Quantos anos tinham quando as conheceu?

—Nos mudamos para cá quando Eve tinha oito anos. É um ano e meio mais velha que Cam.

O que significava que Cam tinha seis anos, e já levaria quatro de baixo dos cuidados de Lorna, mais tempo do que havia passado com sua mãe biológica. Cam não se lembrava dele, Dean, de modo que possivelmente também se lembraria de seus pais. O que teria dito Lorna deles, de suas vidas, das circunstâncias de sua morte?

Certamente teria mentido.

Dean começou a pensar nisso, e se deu conta de que suas duas irmãs a chamavam de tia Lorna. Nada especialmente carinhoso.

Nada pessoal. Teria insistido a própria Lorna em que a chamassem assim?

Pra Dean, Grover havia sido seu pai, seu tio, sua... Família inteira, todos os membros em um. Era um homem de modos bruscos, mas nunca o havia feito sentir como se fosse um incomodo. Dean nunca se sentiu como um intruso na vida desse homem.

Ted se aproximou de sua esposa e pôs a mão em seu ombro. Apesar de que nunca antes o havia visto, Dean o reconheceu de forma automática como um gesto de apoio. Grover nunca sentou a cabeça com uma mulher. Nem sequer havia saído com nenhuma no sentido convencional da palavra. Simples, Grover levava as mulheres a casa com o único propósito de dormir com elas.

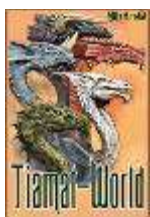
Não o dizia com essa clareza, mas também não se envergonhava disso. E Dean não havia demorado a seguir seus passos. A Grover sempre havia gostado das mulheres, mas nunca havia demonstrado um grau de intimidade emocional ou companheirismo doméstico com nenhuma. As relações de seu tio careciam sempre da silenciosa conexão que agora Dean via entre Ted e Crystal.

—Nos gostamos muito de suas irmãs – Ted sorriu a Crystal – As duas, mas especialmente de Cam, pela a intimidade que compartilha com Eve.

—Cam me confiava seus medos – explicou Crystal – Corria a mim quando precisava de alguém com quem falar alguém em quem confiar. Perguntava-me todas as coisas que uma juvenzinha perguntaria a sua mãe.

Dean se perguntou que coisa se referia. Fosse o que fosse lhe incomodava saber que Cam tinha tido que correr a mãe de uma amiga. Lorna deveria ter estado ali para ela em todos os momentos.

—Lorna não era muito próxima. Não compreendia as suas irmãs. Esperava que fossem perfeitas em todas as situações, que lhe causassem o mínimo de problemas. Não lhes deixava



demais espaço nem oportunidade para aprender a coisa por si mesma. E isso era duro para elas, mas especialmente para Cam.

Tanto para ele como para Crystal, Dean disse:

—Por que Cam se sentia responsável de Jack.

Crystal assentiu.

—Era apenas uma menina quando começou a cuidar de Jack, de todas as suas necessidades, protegendo-a e guiando-a.

—Lorna as agoniava com regras e mais regras – acrescentaram Eve, sentindo profundamente por elas – Assim que, quando Cam se metia em problemas, ou queria saber coisas de meninos ou, simplesmente precisava tomar ar e relaxar, vinha pra casa comigo e mamãe a aconselhava.

—E por sua vez – disse Crystal com grande orgulho – aprendeu a estar aqui quando Jack precisasse.

Dean pareceu refletir nisso. Ele havia passado um monte de anos viajando, dormindo em camas desconfortáveis, sem amigos, arrastando de um lugar a outro, dia atrás de dia. Pela noite, pensava em suas irmãs, e sempre havia acreditado que levariam uma vida fácil. Ao final, elas haviam ficado com tudo: a casa, os jogos, a piscina, os amigos... Tudo com o que um menino de nove anos desfrutava.

Havia sido ele a quem haviam dado uma patada com algumas malas. De verdade havia vivido em um erro tanto tempo?

—Crystal está a par de tantas informações sobre a venda da casa por que ela é a agente imobiliária a quem foi encarregada – explicou Ted – Livre de comissão, claro, dado que não poderá tirar dinheiro algum. Está tentando fazer o possível para evitar que Cam cometa algum erro por precipitar-se em sua decisão.

Dean apertou a mandíbula negando-se a perguntar. Mas, em sua cabeça onde ninguém podia ouvir, a pergunta ressoava uma e outra vez. Que decisões precipitadas? Por que sua irmã lhe havia escrito precisamente então e que queria com ele? Que precisava com tanta urgência que havia decidido entrar em contato com um irmão do que nunca haviam sabido nada?

Deu-se conta de repente que Eve o estava observando a espera de sua reação. Tratou de suavizar a sobrancelha, mas Eve já se havia levantado de um pulo.

—Já bastam todos vocês. Deixaram-me no ridículo. Agora estarei permanentemente vermelha pelo menos durante um ano – silenciou os protestos de sua família, começou a empurrá-los suavemente rumo a porta – É um milagre que Dean não saia correndo agora mesmo.

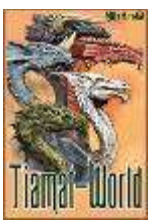
Sem pressa, ele ficou de pé.

—Não vou a parte alguma – Eles dois tinham um assunto pendente e não tinha a menor intenção de ir até que tivesse conseguido seu propósito. Além disso, tinha alguma outra pergunta que fazer quando sua família não estivesse presente.

—Certo – aceitou Crystal – Então poderia vir jantar com a gente amanhã a noite.

Eve fez uma careta e apressou a repreendê-la.

—Mamãe...



Lidar com os pais insistentes era uma novidade para Dean, mas também lhe pareceu interessante. Eve se mostrava de uma maneira quando estava sozinha, de outra diante de suas irmãs, e de outra distinta diante de seus pais.

Mas, dava no mesmo qual fosse a situação, ele a encontrava atraente em todas elas.

—Sinto muito, Crystal. Agradeço o convite, mas tenho coisas que fazer.

—Como que? – perguntou a mulher sem vergonha.

Antes que Eve pudesse gemer novamente, Dean se explicou.

—Procurar casas. Talvez possa dar-me algumas dicas.

Crystal se animou de imediato ao ouvi-lo.

—Dicas sobre o que?

—Qualquer casa que precise de algum tipo de reparação. Quero encontrar algo que possa consertar e vender depois num preço melhor.

Suas palavras há desanimaram um pouco.

—Não irá se mudar para cá?

—Não – respondeu ele e percebeu a tensão de Eve, que se movia inquieta ao seu lado – Viajo muito por isso não me instalo definitivamente em nenhum lugar.

—Tem experiência com reformas? – perguntou Crystal aceitando a resposta de Dean.

—É o que faço quando não estou treinando para algum combate.

Em algum lugar do bolso traseiro, Crystal tirou seu cartão e lhe entregou.

—Vem no meu escritório amanhã. Está bem ao meio-dia? Ali tenho os pontos de especificações para que dê uma olhada. Pode ser que encontre algo que te interesse.

Dean assentiu e guardou o cartão no bolso traseiro.

—Obrigado. Ali estarei.

—Onde está hospedado? – perguntou Ted.

—Em um hotel, Cross Streets.

Mark fez uma careta.

—Outra das propriedades de Roger. Sai com Cam.

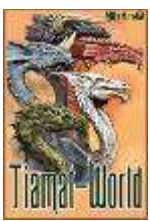
—Já nos conhecemos – Mas, Dean não havia se dado conta de que Roger era o proprietário do hotel. Não estava certo se isso lhe incomodava ou não. Teria que pensar nisso quando não estivesse tão tenso devido à vontade de sexo que tinha.

Tanto Crystal como Ted pareciam dispostos a começar qualquer outro assunto, mas Eve sufocou toda tentativa.

—É hora de irem – manifestou decidida ao tempo que começava a levar sua família rumo a porta.

Foram entre brincadeiras bem intencionadas, risos e algum outro convite. Em geral, a Dean lhe havia dado a impressão de ser amáveis e pouco convencionais, como se todos eles tomaram certas liberdades graças ao amor que compartilhavam.

Eve acendeu a luz da varanda e esperou na porta que seus pais e seu irmão atravessaram o jardim correndo embaixo da chuva até o carro. Quando todos estiveram acomodados no carro, fez-lhes um último gesto de despedida, fechou a porta e passou o ferrolho.



—Sinto muito por isso – Apoiou-se contra a parede – Não costumam ser tão intrometidos.

Dean sentiu nova tensão no ar, e dessa vez claramente sexual.

—De verdade espera que acredite?

Ela lançou uma gargalhada.

—Não – Evitando seu olhar, afastou-se da porta e dirigiu-se rumo à cozinha – Podem ser muito folgados, mas tem sempre boas intenções. Espero que não o fizeram mudar de ideia.

—Nem sonhe com isso – A observação enquanto recolhia duas garrafas de cerveja vazias da sala.

— E diga-me, se vai comprar uma casa é que não tem intenção de ir a curto prazo não? – perguntou-lhe por cima do ombro.

Dean negou-se comprometer dizendo algo que pudesse lamentar depois. Ainda não sabia o suficiente de suas irmãs, dos problemas que Cam pudesse ter ou por que Jack era tão rebelde, para tomar uma decisão. Até que tivesse uma ideia mais concreta, não sabia o que queria fazer. Comprar uma casa para arrumá-la parecia uma maneira muito oportuna de demorar as coisas até então.

—Pode ser. Ainda não decidi.

—Espero que fique por aqui um tempo – Eve dirigiu-se a pia e começou a lavar um prato.

—Sim?

—A Cam e a Jack apreciariam sua ajuda.

Dean se aproximou dela por trás e, pousando as mãos em sua cintura, inclinou-se e roçou sua cabeça em sua orelha por trás.

—Pela última vez – murmurou – Não sou esse tipo de irmão.

Eve lançou um olhar por cima do ombro, totalmente rígida.

—Então que tipo de irmão é?

—Saber agora que tipo de irmão sou é a última coisa que tenho em mente – Desfrutou da reação de Eve através do fino tecido de algodão de seu vestido de verão da forma em que se entrecortava a respiração, de como tremia ligeiramente.

Depositou um úmido beijo em um lado de seu pescoço ao tempo que lhe sussurrava:

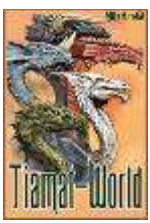
—Essa noite me interessa muito mais você.

Capítulo 07

A hora da verdade pensou Eve. Havia provocado Dean, o tinha persuadido, e ali estava sua recompensa. Ai Deus. Somente esperava poder manejá-lo.

—Dean – disse esboçando um sorriso, e começou a voltar. Não foi muito longe. Notou uma mão grande e quente sobre o ventre e Dean aproximou seus quadris de seu corpo, prendendo-a contra o balcão.

—Sim? – O ar dela em sua orelha lhe provocou calafrios – Sabe que tenho pensando em



—você, todo o dia? Tinha-me quase obcecado. Estive duro todo o tempo. Não podia me concentrar em nada mais, em ninguém mais – Contraiu os dedos, acariciando-lhe o estomago com delicadeza.

Eve olhou pela janela da cozinha, localizada bem acima da pia, sem ver na verdade a tormenta que caía entre as árvores fazendo que estas se dobrassem, nem os violentos raios que se viam no céu.

—Todo seu corpo, cada um de seus nervos, vibrava com consciência sexual.

—Eu também.

—Fico feliz em saber - disse ele traçando um leve caminho com os lábios ao longo de sua nuca até a orelha; pegou o lóbulo entre os dentes e começou a brincar com ele com a língua. Eve notava que os cílios lhe pesavam e, em seguida, os fechou por completo. Mas, privar-se do sentido da vista não fez senão intensificar os demais sentidos, conscientes da proximidade dele, de suas claras e devastadoras intenções.

Colocando suas longas pernas a ambos os lados dela e empurrando um pouco mais, rodeou a Eve com seu tamanho, sua força e seu aroma inesquecível. Ela sentia o calor do corpo masculino ao longo de todas suas costas, e lhe pareceu que os músculos se delimitavam. Dean mantinha as mãos ocupadas, fazendo-lhe pequenas carícias despreocupadas, mas tremendamente tentadoras.

Eve se sentia próxima dele, um tanto receosa do poderoso efeito que tinha sobre ela. E ao mesmo tempo, queria mais, mais contato, mais beijos seus.

Apoiou a cabeça em seu torso, sentindo como o coração lhe martelava dentro das costas.

—Tudo isso é muito estranho Dean - disse finalmente.

—Como assim? - Seus dedos continuaram acariciando o estômago, sugerindo, ameaçando descer sem chegar a fazer na verdade.

Era diabólico por que nesses momentos Eve somente podia pensar em como conseguir que a tocasse, quando fazia apenas um instante havia considerado a maneira de mantê-lo à distância. Utilizando sua mão livre, Dean lhe afastou o cabelo, descobrindo um pedaço mais de sua garganta antes de colocar a mão sobre seu ombro prendendo com suavidade.

Abriu a boca sobre a zona de delicada pele onde se unia o pescoço e o ombro e a lambeu.

—Ah Deus.

—Conhecemos bem essa parte?

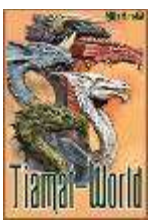
A forma em que perguntou, com uma voz profunda e intensamente insinuante, fez que Eve gemesse. Que bom era aquele cara. Demais. Não conseguia compreendê-lo, nem tampouco a reação que ela estava tendo.

—Como o faz?

—Isso? - Deslizou a língua ao longo de seu pescoço, traçando um caminho úmido e quente até sua orelha, foi direto então ao interior e lhe sussurrou - Ou isso? - Pressionou com seus dedos um pouco mais abaixo, próximos, muito próximos, mais se deteve na borda.

Eve maldisse. Ela não era uma mulher tímida. Não temia pedir o que queria que fizesse. Em outras relações havia sido sempre muito clara, apesar dos resultados não terem sido nem de perto iguais.

Naquele caso, Dean havia conseguido transportá-la até seu ponto forte quase sem esforço,



como se levasse uma hora de preliminares.

—Isso é uma loucura.

—Que goste quando te toco? - Deslizou a outra mão por seu ombro até chegar ao braço, e desde ali passou ao seu peito. Eve conteve uma exclamação de surpresa.

—Sim.

—Relaxe Eve.

—Estou relaxada.

A áspera gargalhada que brotou na garganta de Dean vibrou em todas as terminações nervosas de Eve.

—Não, não está. Está lutando contra mim.

Como demônios poderia saber?

Dean cobriu seu seio com uma mão, ainda que não parecia ter a intenção de excitá-la. Isso queria dizer, que não manuseava, nem apertava, nem explorava. O mamilo eriçou, marcando-se agressivamente contra o fino tecido do vestido, mas ele não o esfregou, nem sequer parecia se dar conta, nem mostrar interesse. Limitou-se a deixar a mão ali, enquanto seguia beijando o ombro, o pescoço, e a garganta.

Não mostrava pressa, assim Eve começou a ter dúvidas.

Até que sentiu como Dean cravava sua sólida ereção contra seu traseiro.

—Que pequeninha.

Disse-o de tal forma que soou como um delicado elogio.

—Dean espera.

Em vez de discutir ou pressioná-la, ele se limitou a dizer "de acordo", e apoiou o queixo sobre a cabeça de Eve.

—Quer conversar?

Maldito seja. Ela não podia apenas respirar, enquanto que ele não parecia alterado em absoluto, não lhe parecia justo. Mas, Eve sabia que aquilo não podia ser. Pode ser que fosse o momento de recuperar um pouco o controle.

—Sim falar estaria bem.

—Estou de acordo. Sobre o que quer falar?

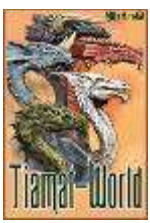
Eve precisava dizer algo que o desconcertasse, algo inesperado. De modo que perguntou uma coisa que realmente a preocupava.

—Aonde vamos com isso?

Durante um fugaz instante, Dean a abraçou de uma maneira que parecia totalmente afetuosa.

—Com sorte e um pouco de colaboração de sua parte, diria que faria um enlouquecedor orgasmo.

Ah Deus. Eve tinha a sensação de que aquele homem não precisava nem sorte e nem sua colaboração para fazer que isso acontecesse. Sentindo a necessidade de recuperar a compostura depois do ousado comentário de Dean, Eve fechou os olhos. Quando acreditou que já havia reunido todas as forças necessárias para falar disse:



—Queria dizer... Tudo isso. Não somente o sexo.

Dean abaixou um pouco a cabeça pensativo e contemplou seu perfil.

—Provavelmente seja cedo demais para dizer.

Você quer que eu vá?

Eve engoliu com dificuldade. Dean acabava de dar a volta no jogo.

—Também não sei, mas não sou dessas mulheres que vão para a cama com um homem de primeira, contudo.

—Então terei que me considerar afortunado.

Ela ignorou o comentário.

—É somente que me escolheu de surpresa e não estou sendo eu mesma. Quero dizer que, normalmente, não deixo que as coisas aconteçam tão rápido.

—Hum - Dean apoiou novamente o queixo na sua cabeça - E como se comporta com os homens normalmente?

Eve não se sentia capaz de dar a volta e olhá-lo no rosto. Certamente estaria aborrecido com a interrupção, por mais que seu tom soasse meramente curioso. Tinha que estar furioso.

—Saio com eles - Sim isso soava razoável - Te conheço desde ontem Dean. Toda nossa relação se limitou há um pouco de conversa diante de outras pessoas. Não pode dizer que saiba muito de você.

Algo mudou na voz dele.

—Está me pedindo que vá embora?

—Não - Ficaria extremamente frustrada se ele se fosse deixando-a assim. - Mas, quero que saiamos juntos, que nos conheçamos um pouco melhor. Depois dessa noite, claro.

Parecia algo ridículo dito por ele, mas não podia voltar atrás.

—Sim. De acordo. Posso fazê-lo - Como se quisesse tranquiliza-la um pouco, manteve as mãos quietas - O que acha se amanhã fossemos ver um filme?

A facilidade com a que se havia pregado a seus desejos pareceu aliviá-la.

—Um filme?

—Sim - Seu polegar esfregou um mamilo e Eve ofegou. Dean seguia acariciando-lhe, talvez para assegurar-se conseguir a resposta que queria - Tem algum cinema nessa cidade?

O ligeiro movimento que fazia com o polegar sobre seu mamilo, tão despreocupado e quase... Natural, impossibilitava nela todo pensamento coerente.

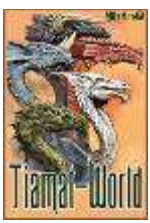
—Sim.

—Tem algo bom? - Com as duas mãos dele sobre seus seios, quente e cheios, Eve teve que tencionar as pernas para manter-se de pé - Quero dizer algum filme de luta ou de medo. Não uma dessas românticas que gostam as meninas. Não consigo suportar.

Com os olhos fechados e os punhos apertados, Eve negou com a cabeça.

—Não sei.

—Me ocuparei disso. Também podíamos jantar - Roçou sua testa com os lábios e, utilizando ambas as mãos puxou seus dois mamilos - Não sei dançar. Aponte-o como um dos meus muitos defeitos.



Por que não se calava para deixar que desfrutasse de como a estava fazendo se sentir?

—Sabe Eve? Não estou muito certo de que tenha escutado alguma coisa que disse.

Ela percebeu o tom de brincadeira de sua voz e supôs que estava brincando de propósito. Era irritante. Juntou toda a sua força com o propósito de colocá-lo em seu lugar, mas Dean se adiantou e lhe sussurrou:

—Acredito que sei por que - Deu-lhe um beijo na bochecha - Precisa-o verdade?

Eve notou que todos os músculos de seu corpo se tencionavam de pura expectativa. Não podia responder. Não podia nem sequer assentir com a cabeça.

—Quer gozar já Eve?

Um gemido deve ter servido de indicação, por que a mão direita de Dean se abriu caminho entre suas pernas e Eve notou como começava provocar-lhe uma sensação crescente de prazer.

Dean emitiu um selvagem som de desejo quando sua mão se afundou contra o tecido do vestido e as calcinhas de Eve. Seus dedos começaram a explorar, a tocar, levando-a a beira do orgasmo.

—Muito bem Eve. Está muito quente - Moveu os dedos acima e abaixo, e apesar da barreira de roupas, encontrou o inchado clitóris dela - Esse vestido não é barreira o suficiente, e duvido muito que suas calcinhas o sejam muito mais. Contudo, preferia que não tivesse barreiras.

Ela também.

Dean deslizou as mãos, tomou a barra do vestido e o levantou. Ao segundo, deslizou a mão dentro das calcinhas.

Quente... E molhada. Está mais que pronta não é carinho?

Eve fechou a mão ao redor do punho dele, não para afastá-lo, mais sim para assegurar de que não se afastaria dali. Estava tão próxima do orgasmo que naquele momento não importava mais nada.

—Shh. Agora devagar.

Dean a segurou com suavidade, apoiando contra seu corpo, servindo-lhe de apoio, abraçando-a. Balançou-a com o mais leve dos movimentos. Continuou beijando-a. E as pontas dos seus dedos praticaram verdadeira magia sobre ela.

—Não posso acreditar - ofegou Eve, com voz aguda e frágil por que não podia respirar. O mais profundo de seu ser começou a estremecer selvagemente. O mundo ficou borrado ao seu redor. Um minuto e chegaria.

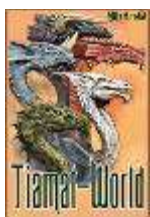
Quando notou a brisa sobre sua pele quente se deu conta de que Dean lhe havia baixado as tiras do vestido.

Tinha os seios descobertos.

—É linda e tão sensível - disse ele movendo sua mão de um seio ao outro, desenhando círculos ao redor de cada mamilo com a ponta do polegar - Morro de vontade de saboreá-la. Mas, no momento acredito que está posição nos está funcionando perfeitamente.

Eve se rendeu. Sem importar já o que Dean pudesse pensar dela, garantindo sua posição com as pernas abertas e o sentiu sorrindo contra sua bochecha.

—E já chega de falar - continuou Dean como se não fosse ele quem levasse um tempo



falando sozinho. Segurando-lhe com uma mão o seio e com a outra metida entre suas pernas disse - O único que tem que fazer é confiar em mim e desfrutar.

Confiar? Se apenas o conhecia. A ideia chegou e se foi tão rapidamente que Eve não pode nem pensar nela. Entre a sensação de uns dedos dele sobre seus mamilos e outros se deslizando entre suas pernas, a esmagadora potência do corpo que a segurava para que não se caísse e os ternos e úmidos beijos que depositava em sua garganta e sua nuca, Eve não era capaz de pensar de forma coerente. A sobrecarga sensorial bloqueava tudo o que não fosse prazer.

De alguma forma, Dean sabia quando aplicar a quantidade exata de pressão e nos lugares apropriados.

Maravilhou-se diante de sua destreza, diante o bem que conhecia seu corpo, melhor que ela, de fato. Eve piscou diante do crescente orgasmo.

As coisas que estava sentindo, as que ele lhe fazia sentir, eram mais fortes do que teria acreditado possível. Mais doces. Mais intensas.

E se aproximavam dela a toda velocidade que apenas podia acreditá-lo.

Teve que cravar os dedos nas coxas dele para guardar o equilíbrio. Não o havia planejado, para dizer a verdade, não estava em condições de planejar nada, mas se apertou contra ele e começou a se esfregar contra a sua ereção, desejando-o por completo, ele por inteiro.

Dean não emitiu o mínimo som, nem diminuiu o ritmo que ele mesmo havia colocado, apesar de que o coração lhe golpeava as costas e todo seu corpo emanava ondas de calor. Justo quando ela mais o necessitava, Dean a penetrou suavemente com um dedo, profundamente, e Eve se ouviu gemer, mas não importou. Ele pegou um de seus mamilos entre os dedos indicadores e polegar e puxou suavemente, queimando-a ainda mais.

—Se solta - sussurrou mordiscando amorosamente um ombro e, tal como lhe havia ordenado, Eve perdeu o último controle que lhe ficava.

O orgasmo brotou de seu interior, fazendo que seus músculos internos se apertassem contra o dedo que ele mantinha dentro dela. Com um ardoroso grunhido de apreciação, Dean pressionou mais ainda, mais fundo. Eve gozou então, tinha as pernas rígidas e a cabeça jogada para trás, e Dean continuou com suas carícias. Manteve-a no ponto alto de um prazer quase doloroso durante o que pareceu uma eternidade.

Finalmente, retirou o dedo e as sensações começaram a ceder. Suas pernas também o faziam, se Dean não a houvesse pegado nos seus braços.

—Onde está o quarto?

Tratando de compreender ainda o que acabava de acontecer, Eve ficou olhando-o fixamente. Não era uma ninfomaníaca que se gozaria no mais leve toque. Como a maioria das mulheres, os orgasmos brutais se resistiam. Foda, um simples orgasmo já era bastante raro. Isso não queria dizer que não houvesse desfrutado com o sexo. Mas... Não podia considerar do mesmo modo que acabava de fazer Dean. Não sabia como chamá-lo.

Ele sorriu.

—Está bem?

Estava... Fraca, perdida em uma espécie de neblina, e tremendamente satisfeita. Seguia



sentindo uma deliciosa cosquinha nas extremidades, uma espécie de onda, que ia cedendo, não deixava de palpitar em seu interior. Era como se o estômago lhe pesasse e lhe esfregasse ao mesmo tempo.

O sorriso de Dean alargou.

—Eve?

Completamente aturdida, o olhou fixamente. Não era capaz de pronunciar uma palavra, assim que levantou uma mão contra a bochecha dele, roçou nos hematomas que tinha na parte superior do queixo e em sua rígida mandíbula.

Era um homem extraordinário.

—Foda, neném, está me matando - Inclinando-se para frente, Dean a beijou com urgência e paixão os lábios entreabertos de Eve - Onde está seu quarto, preciosa? Quer que o procure sozinho?

Maravilhada diante de sua exibição de controla, Eve desceu o olhar e o fixou em sua boca. Suspirou, A expressão de Dean ficou mais intensa.

—Não importa. Já o encontrarei sozinho.

Mas dirigiu justo na direção oposta, o que obrigou Eve a falar, apesar de que faltava o ar.

—Atravessando o salão, a esquerda, a porta principal.

—Certo.

A levava em seus braços como se não pesasse nada, claro que para um homem viril, para um super atleta de trabalhados músculos como ele, Eve supôs que realmente não deveria pesar nada.

—É bom – sentiu compelida a dizer apoiando a cabeça contra seu ombro. Sabia que não era a palavra mais adequada, mas estupendo, devastador ou incrível pareceram excessivas.

—O que é bom? – Dean parecia ter um bom humor inesgotável – Acredito que não está em situação de jogar isso... – Dean a olhou com olhos quentes e uma expressão cheia de determinação – todavia.

A sensação de languidez se foi evaporando à medida que a invadia uma nova onda de desejo. O pulso começou a bater mais depressa; seus músculos relaxos se tencionaram. A confiança de Dean quase lhe bastou para levá-la novamente ao orgasmo.

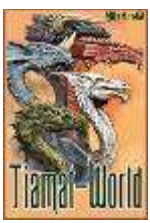
—Não estou certa de que posso resistir mais.

—Confia em mim – Dean girou os olhos castanhos claros e a segurou mais estreitamente entre seus braços – Pode e o fará.

Certo. Pelo jeito que falava o lógico era que se houvesse preocupado um pouco. A natureza dominante de Dean era evidente e, contudo, não dominava. Disso estava certa, por que havia visto como se comportava com Roger.

E com Cam. Até o momento, parecia possuir uma personalidade tão complexa que Eve não sabia o que pensar dele. Mas, uma coisa era certa: a química sexual podia derreter os ossos. Ao menos a ela. Mas, como seria para ele?

Sem afastar a colcha Dean a depositou sobre a cama. A colcha de desenho lhe havia custado uma fortuna, mas quando Dean tirou a camiseta, Eve decidiu que não importava.



Santo Deus. Existiam homens fisicamente tão perfeitos? Tão incrivelmente sexy? Inclusive cheio de hematomas e cicatrizes, o peito nu de Dean Conor bem valia uma dúzia de jogos de cama de desenho.

Saber que estava ferido e vê-lo eram duas coisas muito diferentes. Com súbita preocupação. Eve se incorporou com um ombro.

—Dean tem certeza que está bem?

Ele olhou os hematomas como se tivesse se esquecido deles.

—Não é nada.

Pois para ela não parecia. Manchas de cor lilás e tiras verdes cobriam parte do tórax e um ombro. Na parte baixa da costela esquerda, quase até o quadril, se podiam ver manchas de diversos tons.

A compaixão que sentiu por ele se fez quase asfixiante.

—Tem que doer.

—Agora mesmo – sussurrou ele – Não sinto nada.

Dean cravou o olhar nos seios desnudos de Eve e tirou os sapatos. Sem mostrar reserva nem pudor de nenhum tipo, baixou a braguilha da calça e as tirou, arrastando consigo a boxer.

Sim, parece que não era tão impassível depois de tudo. Desejava-a. E muito.

Incorporando-se um pouco até apoiar-se nos cotovelos, Eve saboreou a vista que Dean lhe presenteava. Os evidentes sinais de combate não faziam senão lhe dar um ar ainda mais masculino e impressionante. A maioria dos homens ainda estaria na cama, recuperando-se.

Dean Conor não. Ele considerava os sinais da batalha como triviais.

Estar tão próxima dele lhe causava verdadeiros estragos na paz mental de Eve. Podia sentir quão rápido que se estava rendendo e, demônio não era somente por seu físico arrebatador. Havia conhecido a outros homens atraentes, de fato havia saído com muitos. Mas nenhum tão impressionante como Dean.

Seria fácil se somente se tratasse de uma mera atração física em vez daquela mescla de sentimentos que a bombardeavam naquele mesmo instante. A embalagem exterior era um extra, o admitia, mas também estava sua atitude, a segurança com que se movia, e a forma em que a tratava: natural, sem reserva, mas também com uma serena admiração e uma aguda expectativa.

Nunca antes se havia sentido tão... Desejada. Nunca antes havia saído com um homem como ele. E como havia brincado com Jack, como havia desejado que Cam o abraçasse, apesar de que os braços platônicos não o faziam sentir demais cômodo. Tudo nele parecia atraente.

E por um momento durante a noite era todo seu.

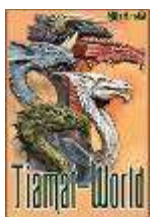
De pé de um lado da cama Dean lhe sorriu não com diversão mais sim com promessas sensuais.

—Sabe Eve? Está muito séria. Em que está pensando?

Ah Deus, poderia ler seus pensamentos. Um atributo mais para sua já enorme lista. Umedeceram-se os lábios secos, enquanto o olhava.

—Estou pensando que é o homem mais absurdamente atraente que conheci na vida.

Por alguma razão o elogio o fez franzir o cenho.



—Se quer me idealizar deixe que pelo menos te dê motivos – E dizendo a tomou pelos joelhos e separou as pernas, justo para colocar-se entre elas.

A excitação a sacudiu novamente.

O pelo corporal de Dean era de um tom castanho algo mais escuro que seus cabelos. Nesse momento, lembrou que seu irmão lhe havia contado que muitos lutadores descoloriam o pelo corporal para que se viessem mais as tatuagens e os músculos.

Mas, não Dean.

—Fico feliz que não descolore o pelo – disse-lhe passando as mãos por cima de seu peito.

Dean levantou uma sobrancelha, como se Eve finalmente o tivesse surpreendido. Resmungou em sinal de desprezo.

—Não tenho tempo para essas coisas maricas.

—Boa coisa.

Seus músculos se marcavam a cada movimento, tencionando e relaxando alternativamente. Tinha um corpo muito bem formado sem uma somente grama de gordura. E tudo ele era... Grande. Suas mãos, seus pés, seus ombros, seus bíceps, seu tórax.

Sua ereção.

Dean intuiu rumo aonde se dirigiam seus pensamentos e murmurou em voz baixa:

—Dessa vez não iremos com pressa.

Eve deixou cair à cabeça para trás e fechou os olhos sem dar crédito. Depressa? Segundo ele, a sessão de insuportável provocação a que a havia submetido na cozinha havia ido depressa. Com suas grandes palmas, Dean foi subindo desde os joelhos, passando pelas coxas, pelos quadris, até chegar às calcinhas. Desceu-as todo o possível, dado que ele seguia de pé entre suas pernas abertas. Suficiente, contudo.

Ela contemplava atentamente como lhe percorria o estômago, os quadris, uma coxa e depois a outra com as pontas dos dedos. Poderia ter sido uma carícia engraçada se não fosse por estar assustadoramente excitada.

Então a acariciou fugaz e tentadora, entre as pernas.

Logo, Dean retrocedeu um passo e baixando as calcinhas até os tornozelos, as tirou por completo.

—Como tiro o vestido?

Eve se obrigou a abrir os olhos

—Tem um zíper atrás.

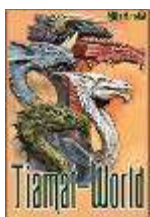
Aquele sorriso quente sexy apareceu de novo.

—Pode se virar então – Facilmente a colocou de barriga para baixo. Mas, em vez de baixar o zíper, Dean se deteve e, um segundo depois, Eve sentiu sua respiração na base de suas costas – Que traseiro sexy que tem.

Sem aviso algum, Eve sentiu como o beijava, por todas as partes, e teve que se segurar na colcha.

—Dean...

Esse deu uma última mordida a uma nádega e se ergueu de novo para descer o zíper. Uma



vez aberto, a colocou de barriga para cima e a ajudou a tirar o vestido.

Com expressão tensa, Dean permaneceu de pé junto a cama, contemplando seu corpo nu. Sem afastar em nenhum momento o olhar dela, alcançou os jeans e tirou uma camisinha.

—Toma a pílula?

Mostrava-se calmo e impassível em tudo.

—Sim.

—Ótimo. Nunca é demais o cuidado hoje em dia – disse ele colocando a camisinha.

Em seguida, colocou-se encima dela, acomodando os quadris entre suas pernas. E como se ele tivesse perdido a paciência, devorou sua boca. Mas, não a penetrou, nem sequer se moveu, exceto o justo para beijá-la com arrebatada paixão. Aquele homem sabia beijar uma mulher. Sabia como fazer que se consumisse.

E Eve estava começando a sentir-se ansiosa de novo.

—Dean – disse aproveitando um segundo em que liberou sua boca.

—E um jogo de boliche? – perguntou apoiando-se em cotovelos, enquanto contemplava seus seios. Então se inclinou para lambe o mamilo esquerdo.

Ela inspirou totalmente surpresa.

—Boliche? – acertou a dizer com a voz grave.

—Não gosta do boliche?

Como poderia falar ou esperar que ela falasse, enquanto lhe fazia aquelas coisas? Eve emitiu um gemido.

—Isso é um sim? Pareceu que podia ser uma boa ideia para um segundo encontro. Dou-me bem no boliche. Não fenomenal, mas sei me defender.

Devia estar de brincadeira. Mas, se assim era como queria jogar, sereno e calmo, ela também podia.

—O boliche está bem...

Dean esfregou um mamilo de Eve e começou a chupá-lo novamente.

Esquecendo dos hematomas, ela cravou os dedos nas costas e arqueou contra seu corpo.

—Estupendo. Então boliche depois de amanhã – confirmou-o quando levantou a cabeça para mudar ao outro mamilo.

Mostrava-se tão tranquilo e relaxado, mas tão hábil ao mesmo tempo, que em questão de minutos Eve havia perdido toda consciência do tempo e o lugar. Não deixava de retorcer contra ele, disposta a insistir para que deixasse de jogar e se concentrar no que devia.

—Estava pensando...

—Cale-se Dean.

—Falo sério. Talvez seja boa ideia nos conhecer melhor.

Eve segurou seu rosto com as mãos e aproximou de si.

—Deixe já Dean. Por favor.

Ele se estendeu ao seu lado e posou uma mão na parte baixa de seu ventre.

—Não, o digo de verdade. Conta algo sobre você.

Tinha aspecto de falar sério, maldito fosse.



—O que quer saber? – perguntou ela depois de apertar os dentes de frustração.

—Tudo – Dean a olhou nos olhos, colocando ao mesmo tempo as mãos entre suas coxas – Mas, comecemos por saber se gosta do sexo oral.

Seus hábeis e espertos dedos exploravam o corpo feminino e depois dentro dele. Profundamente, pressionando ainda mais profundamente. Saindo, traçando círculos pra voltar a fundir-se.

Estava a atormentando de propósito, mas Eve se via capaz de protestar.

—Sim.

—Você gosta?

—Sim. Eu... Sim.

Sem deixar de observá-la com sua perspicaz olhada, Dean introduziu os dedos novamente.

—Ah sim. Justo ali é? – disse ao ver que Eve levantava os quadris da cama.

Na verdade, exatamente ali.

Dean começou a esfregar com o polegar, deslizando suavemente sobre a carne super sensível. Uma vez e outra... Até que Eve começou a pressionar os quadris contra sua mão em uma tentativa de aumentar o contato.

—Dar ou receber? – perguntou então Dean com a voz rouca de desejo.

Sem compreender, Eve moveu a cabeça negativamente.

—Gosta que te beijem aqui Eve?

Dean introduziu novamente os dedos ao tempo que esfregava o polegar contra seu clitóris, colocando um ritmo deliciosamente provocador.

Eve sentiu como começava a palpitar por dentro, e supôs que ia gozar outra vez. Logo.

—Sim – sussurrou tentando aguentar, desejosa de sentir sua boca beijando-a ali, agora que o havia mencionado, estimulando incrivelmente sua imaginação.

De alguma maneira, sem que mudasse de expressão em absoluto, ela pode ver o prazer que ele também sentia e como sua excitação havia alcançado um novo nível.

—Justo o que queria ouvir.

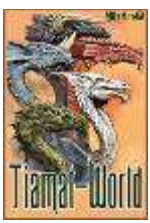
Inclinou-se sobre ela ate que sua boca lhe roçou nas costelas. Enquanto saia da cama para ajoelhar-se no chão, traçou com a língua um úmido caminho baixando pelo o abdômen até chegar ao umbigo.

Eve estava rígida, tinha a respiração entrecortada e o coração martelava nas costelas.

—Cheira tão condenadamente bem – disse ele mordiscando o quadril. Ela deu um resmungo e em seguida fechou os olhos e se segurou com força na colcha.

Sentiu a carícia do sedoso cabelo de Dean na parte interna de suas coxas quando este lhe separou mais as pernas, levando-as para dobrar os joelhos, e mostrar seu lado mais intimo por completo. Ela o fez... E conteve a respiração.

Durante uns segundos, a mais absoluta calma reinou no quarto e Eve supôs que ele a estava contemplando. Mas, não pareceu ser suficiente, por que ainda separou mais suas dobras internas com os dedos. Justo quando já acreditava que não poderia suportar um segundo mais seu silencio, Dean emitiu um breve gemido rouco e Eve sentiu seu ar, sua boca, sua língua.



A intensa intimidade do ato a deixou tensa, provocando espasmos em todos os músculos. Arqueou-se, retorcendo contra ele e afastando-se em seguida como se não pudesse suportar. Era evidente que Dean não era tímido em nenhuma situação. Abraçou-lhe as pernas com os braços e as imobilizou para que não pudesse retroceder diante do delicioso prazer. Em questão de segundos, um novo orgasmo a sacudiu. Dean não se afastou, continuou devorando-a, insaciável, incansável.

Eve ofegante fundiu os dedos entre seu cabelo.

—Chega – A língua de Dean não obedeceu, e continuou movendo-se – Dean é demais, por favor – Pediu-lhe.

Tranquilamente, Dean deslizou lambidas até o caminho da sua boca. Presenteou-lhe com pequenos beijos e quentes carícias com o nariz tão erótico como tudo o que lhe havia feito até o momento.

As lágrimas nublaram a visão de Eve.

—Sinto esgotada.

Dean se ergueu o suficiente como para olhá-la, com expressão terna e insondável. Expectante. Apertou a mandíbula e esfregou ambas as mãos contra as bochechas dela. Então com uma longa e profunda investida a penetrou.

Eve deixou escapar uma exclamação de surpresa e prazer ao senti-lo, por fim, em seu interior. O olhar de Dean consumia. Já não sorria. Já não brincava.

—Fico feliz que isso a tenha despertado – Levantou um pouco o queixo e a beijou longamente – Que maravilhosa – sussurrou contra seus lábios.

Deveria sentir-se envergonhada por ter feito as coisas que haviam feito sem que antes se conhecessem e que, além disso, ele sentisse livre sobre fazer comentários sobre algo tão íntimo e em termos tão carais.

Mas...

Dean impôs um ritmo lento, apesar das investidas profundas e, de alguma forma certamente escandalosa, Eve sentiu que seu corpo respondia de novo. Era espantoso. Tanto que não tinha forças para ficar vermelha.

—Estou... acabada Dean.

Ele fundiu os dedos em seus cabelos e apoiou a testa contra a dela.

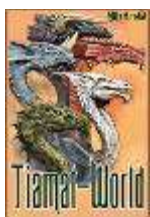
—Fico feliz – Respondeu sem interromper seu ritmo despreocupado apesar de decidido – Por que desde o momento em que te vi naquele bar de má vontade, não consegui mais deixar de pensar em você.

Apesar da neblina de sensualidade em que a sentia imersa, suas palavras lhe soaram como glória. Realmente glória.

Desta vez, foi Eve que o beijou. Ao retirar-lhe o cabelo do rosto, Dean fez uma careta de dor e Eve viu os pontos que tinha na testa. Tão machucado, mas tão forte e capaz. Tão condenadamente sexy.

—Sinto muito.

—Não é nada.



Sempre lhe tirava importância as feridas pessoais? Provavelmente. Por alguma razão, isso lhe pareceu algo agradável. E triste. E...

—Não o faça – ordenou ele com voz rouca, ao tempo em que investia um pouco mais forte, prendendo-a sobre a cama, permitindo descansar um pouco antes de seguir – Fique comigo, Eve. Preciso de você aqui.

Como podia ler seu pensamento com tanta facilidade?

—Estou aqui – respondeu ela com ternura.

Sustentando o olhar, Dean baixou uma mão e a esfregou contra um de seus peitos. Começou a brincar com ele com as pontas dos dedos, esfregando o mamilo e puxando cuidadosamente a ponta, aplicando uma excitante pressão.

Eve afogou um gemido, não de dor, sim de puro prazer.

—Melhor – sussurrou ele.

Depois de alcançar o clímax duas vezes, Eve se viu, por fim, capaz de acompanhar a ele em seu orgasmo. Começou por rodear a cintura com as pernas e a julgar pela intensidade de seu olhar, a Dean gostou que o fizesse.

Sorrindo, Eve lhe pôs as mãos sobre os ombros, cheio dos aranhões e hematomas.

—Dean.

—Hum? – fez ele com a mandíbula apertada.

—Gosto do sexo oral.

Durante um breve instante, Dean fechou os olhos.

—Sim, me dei conta.

Viu que ele estava a ponto de alcançar o orgasmo, apesar de que se continha.

—Que me façam – sussurrou – e fazê-lo.

Um olhar de pura e ardente luxúria escureceu o rosto de Dean. Seu enorme corpo se tencionou e se retirou um pouco dela justo antes de voltar a penetrá-la com mais força e aumentar o ritmo.

—Fico feliz em saber – respondeu afastando a mão com que lhe estava acariciando os mamilos para colocar debaixo das nádegas, elevando os quadris de maneira que pudesse aprofundar ainda mais em suas investidas.

Eve entreabriu os lábios e inspirou bruscamente.

—Está bem? – perguntou ele contraindo os dedos sobre suas nádegas.

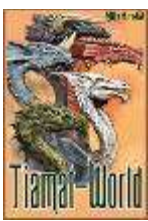
Ela conseguiu assentir com a cabeça, com Dean havia aprendido coisas de si mesma desconhecidas até o momento, como o fato de que o prazer e certo grau de incomodo podiam combinar-se criando um poderoso incentivo na relação sexual.

Cravou as unhas novamente nos ombros. Dean não se queixou, sem que observasse determinadamente seu rosto.

—Não quero lhe fazer mal Eve.

Sua preocupação com ela a emocionou. Quando Dean começou a reduzir a pressão, ela o segurou pelos tornozelos.

—Não o está fazendo. Pelo contrario.



Ele há contemplou um pouco mais e, ao final, se aproximou e lhe deu um beijo devorador e úmido.

—Fico feliz. Goza para mim outra vez – murmurou contra os lábios dela.

Outra vez? Não se via capaz de...

—Outra vez Eve.

A posição a permitia que com cada investida lhe acariciasse o clitóris, além de massagear a carne interna de seu sexo, e Eve pensou que... Bom, talvez pudesse.

Quando o corpo de Dean ficou rígido, todos seus músculos tensos, ela o abraçou, fecharam os olhos e gozaram juntos.

Um tempo depois, atrás da neblina de esgotamento físico e saciável, Eve começou a notar que se ia despejando a cabeça. Havia necessitado mais tempo antes de recuperar-se, mas como Dean não fez nada para querer se mover, não lhe importou. Podia sentir o poderoso batido de seu coração contra seus peitos. Seguia dentro dela.

Seus corpos estavam unidos pelo suor a altura do estomago e as coxas. Cada vez que respirava, aspirava seu aroma masculino, intensificando o ato sexual. Molhada, atônita, pasma inclusive, Eve ficou olhando o vazio.

Três vezes.

Quem poderia imaginar?

Bem, o havia lido em algum livro. Mas, sempre acreditava que era mentira, por que a ela nunca lhe havia acontecido. Nunca havia imaginado... Nunca tinha sonhado...

Mas, uma coisa era certa: depois daquilo, depois de estar com Dean, não voltaria a ser a mesma. E dado que esse pensava ir de Harmony, muito cedo, esse se era um pensamento chato.

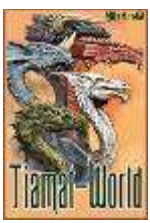
Por que estava certa, não sabia como, mas o estava, de que nenhum outro homem poderia se comparar a ele.

Capítulo 08

Dean ouviu Eve suspirar. Um longo e sentido suspiro que não conseguiu compreender. Enquanto começava a relaxar, ela se dedicava a refletir sobre coisas. Que coisas? Não tinha nem ideia. Mas, não gostava quando se submergia em seus pensamentos e seus olhos azuis adotavam um olhar cauteloso.

Ele nunca tinha tido problemas para atrair as mulheres até o momento. Nunca lhe havia ocorrido pensar que isso pudesse acontecer. Lançava-se um olhar para trás, inclusive quando não era mais que um adolescente, sempre que queria sexo, havia encontrado uma mulher sem esforço algum.

Não se enganava, tinha que admitir a possibilidade de que parte de sua atração por Eve era a distância emocional dela. Apesar de que fisicamente não o havia rejeitado, não o tinha afastado



apesar de não estar de acordo a respeito de suas irmãs; não havia utilizado o sexo para manipulá-lo. Também não o teria conseguido, mas... Isso ela não sabia.

Acaso seria honesta demais para jogar esse tipo de jogo?

Da mesma maneira que não lhe gostava de enganar-se, não gostava de dar voltas demais nas coisas. Para ele, tudo estava muito claro na vida. Tudo era branco ou preto. Simples e flamejante.

Ou ao menos costumava ser.

Levantou a cabeça para olhar Eve e não pode resistir em beijá-la. O problema era que, uma vez começava, não queria parar. Por sua parte, ela não se moveu, nem sequer devolveu o beijo.

Mas isso não o desanimou. Tinha-a deixado exausta, e sabia. Eve também sabia. Dean aprofundou o beijo, introduzindo a língua em sua boca, possuindo completamente como nunca antes na vida lhe tinha ocorrido pensar em algo tão bárbaro como o conceito de possuir uma mulher.

Quando finalmente a sentiu mover-se, Dean rodou até ficar de costas junto a ela. Não parecia disposta a se dar cem por cento, e ele somente queria isso. Não aceitaria outra coisa. Com um longo suspiro, ficou olhando o teto. Sentia-se agradavelmente saciado, um pouco suado e... Nervoso. Pela primeira vez.

Nunca tinha se sentido dessa maneira depois de um encontro amoroso.

Mas, parecia que com Eve era diferente.

Ali tombado, praticamente podia ouvi-la pensar. Podia sentir seu calor. Podia cheirar o aroma de seus corpos, mesclados com o cheiro do sexo.

Foda. Sentia-se em harmonia com ela, e isso não lhe gostava. Não deveria ter desaparecido um pouco essa agonizante avidez sexual agora que já tinha havia tido? Não deveria ser capaz de olhá-la e não sentir tanto apetite?

Dean girou a cabeça e olhou a Eve. Essa tinha os olhos fechados e seus braços descansavam relaxados as suas costas, as palmas para cima. Apesar do cabelo embaraçado e de maquiagem escorrida, tinha um aspecto tão suave, tão quente e adorável.

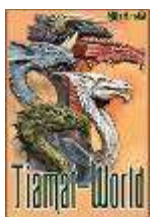
Dean queria fazê-lo outra vez, queria fazê-la gritar umas quantas vezes mais, queria mostrá-lhe... O que?

Passou uma mão pelo o rosto enquanto aprofundava seus movimentos. Tinha que reconhecer que havia estava brincando quando, normalmente, ele não se importava em absoluto demonstrar nada a ninguém.

Havia sido um bom amante?

E agora o que?

Apertou os dentes. Pois agora queria que Eve o reconhecesse. Queria que o lembrasse, sempre. Mas, por quê? Gostava de deixar satisfeitas as mulheres, sim. De fato, insistia nisso. Um homem como Deus manda tinha que assegurar que a dama desfrutasse primeiro. Sempre lhe havia gostado ouvir os sons femininos de prazer, sentir a maneira em que o corpo de uma mulher se completava com o seu nos espasmos, a forma em que a satisfação escurecia seus olhos.



Mas, não conseguia lembrar-se de ter investido com tanta força a nenhuma até esse momento. Foda, se Eve não tivesse começado a falar de sexo oral, o que para seu cérebro havia sido como a ver lhe fazendo uma chupada, provavelmente a teria levado a borda do clímax quantas vezes mais antes que ele gozasse.

Uma besteira. E uma insensatez. E uma deliciosa, e carnal, e...

Ainda estava recuperando de seu último combate. Não estava em sua melhor forma e sendo assim não estava em condições para meter-se em uma maratona de sexo.

E ainda assim desejava outra vez. Já.

E antes disso, queria tocá-la. Estreitá-la contra seu corpo. Aconchegar junto a ela.

Merda.

Dean pôs as mãos debaixo da cabeça, decidindo as deixar assim.

A seu lado, Eve mudou de posição. Com um som meio dormido, mas voluptuoso, ficou de costas e o olhou com um gesto sonhador.

Dean esperava que lhe fizesse algum elogio, que reconhecesse suas excepcionais dotes de fazer amor.

—Está ficando tarde – disse ela com um bocejo.

Dean franziu o cenho diante da diplomática indireta. Tal como haviam ido as coisas entre eles, se havia imaginado que Eve quisesse que ficasse para passar a noite. Foda, não queria que Eve o colocasse para fora. E, desde agora, ele não tinha nenhuma vontade de se levantar e ir, algo que jamais tinha acontecido na sua vida. Normalmente, gostava terminar a noite sozinho em sua cama, onde fosse que estivesse em cada ocasião. Sem compromissos. Sem mal entendidos.

Não podia dizer que usava as mulheres. Ele tomava, mas também dava. Era generoso. Eve podia ter fé nisso. Mas, essa noite, nesse momento, adoraria ficar na cama de Eve. Estava cômodo. E condenadamente cansado.

Fingindo não ter entendido a indireta, Dean a olhou.

—Conte-me algo sobre você.

—Além de minhas preferências sexuais, quer dizer?

Apesar de seu esgotamento, seu pênis se remexeu, incitando a dizer:

—Como você quiser.

Ela riu. Então colocou uma mão sobre seu peito e lhe acariciou levemente os mamilos.

—Não sei. Você primeiro.

—Uma vez salvei uma senhora mais velha.

Eve ficou surpresa.

Ele ficou atordoado.

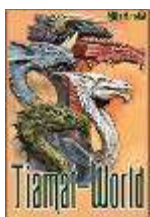
Ele atordoado? Desde quando? Nunca. Detestava aos que o faziam. Por que havia trazido o tema? Para convencê-la que era um herói?

Sentiu-se estúpido.

Eve se incorporou e se apoiou no cotovelo.

—O que quer dizer? Salvou-lhe a vida?

Tarde demais para voltar atrás.



—Sim – disse ele tirando a importância – Mas, não foi nada demais.

—Certo – ao ver que Dean não dizia nada mais, Eve deu uma cotovelada – Conte me como foi.

Desgostoso consigo mesmo, ele olhou ao teto.

—Tinha uns setenta e cinco anos. Estava tremendo feito uma louca e logo desmaiou. Um ataque do coração ou algo assim. Todo mundo estava ao seu redor ficou olhando-a, sem saber o que fazer.

—Onde aconteceu?

—Em um lugar ao ar livre, na Califórnia. Estava ali dando autógrafos com outros lutadores da SBC. Estávamos horas ali. A senhora também estava na fila, ficavam dez pessoas para chegar até mim. Fixei nela por que não é habitual que mulheres em sua idade queiram meu autógrafo. No geral, são homens de todas as idades e mulheres mais jovens.

Eve girou os olhos ao ouvir como dizia “mulheres mais jovens”, mas não comentou nada.

—Fosse como fosse, estava bem e ao momento, bum! Caiu contra o chão como um saco de cimento. Lembro que esse dia fazia muito sol e vi que começava a ficar molhada.

—Deus meu. Que horror.

—Sim – Dean analisou a expressão de Eve. Essa parecia bastante atenta ao relato, assim que talvez não tivesse sido tão má ideia contar a história – Em seguida se formou o caos. A mulher com a que havia estado falando começou a gritar e chorar, os demais tratava de acalmá-la. Um dos guardas de segurança chamou a emergência, mas estava tão nervoso que não era capaz de explicar com precisão o que tinha acontecido. Alguém jogou água em seu rosto, mas a mulher não se moveu. Depois, ninguém fez nada. Somente olhavam presas no pânico.

—Exceto você?

Dean fez uma careta.

—Perguntei se alguém sabia algo de primeiro socorros para que fizesse uma massagem cardíaca, mas o único que conseguiu foi que todo mundo me olhasse assustado, assim que fiz o que pude.

—Reanimou-a?

—Suponho que sim. Quando chegou a ambulância, ainda estava com ela. Em seguida me afastei para deixar aos enfermeiros, mas me disseram que o estava fazendo bem e me pediram que continuasse, enquanto eles montavam a maca e a instalação de emergência.

Então a mulher começou a cuspir e a vomitar, me afastei em seguida.

Eve sorriu amplamente.

—E quando começou a respirar, os técnicos de emergência se ocuparam do resto, e em questão de minutos, a ambulância foi a caminho do hospital.

—Sabe se ficou tudo bem?

—Telefonei ao hospital para comprovar – Um sorriso valente assomou aos lábios – Uns quantos meses depois, foi ver-me competir, e, Simon meu agente, a levou ao meu camarim para que me conhecesse.

—Devia estar muito emocionada.



Ele moveu a cabeça de um lado ao outro ao lembrar.

—Havia-me comprado flores.

—Ah.

—Umas enormes rosas amarelas – Simon havia posto as malditas flores na água e as levou quando saíram do local. Duraram quase uma semana – Disse-me que os da ambulância disseram que, se não fosse por mim, teria morrido. Não sei ao certo, mas ela assim parecia acreditar.

Eve afastou o cabelo com as pontas do dedo com ternura.

—Menos mal que sabia massagem cardíaca.

—Não sabia.

Ficou de boca aberta.

—Mas, então como...?

—Como a maioria das pessoas, o tinha visto fazer em filmes. E pensava que, de todas as formas, se estava morrendo, assim que também podia prejudicar muito por tentar – Encolheu os ombros – Aquela noite em que foi me ver depois de ganhar o combate a convidei para subir comigo ao ringue e nos fotografamos juntos. Sorriu como uma menina, mas adorou.

—Foi muito doce de sua parte.

Dean franziu o cenho.

—Não foi doce. Somente estava na fila querendo meu autografo quando desmaiou.

—Então se sentia responsável?

—Não. Mas, pensei que dedicar um pouco de atenção era o mínimo que podia fazer.

Eve o olhou cheio de respeito, e com uma expressão parecida à ternura que Dean não soube decifrar. Não sabia se gostava ou não. Em todo caso o incomodava.

—É estranho como a maioria das pessoas fica em choque, esperando que sejam os outros quem façam algo – a comentou percorrendo-o com o olhar de cima a abaixo – Mas, você não é esse tipo de homem, verdade?

Foda. Estava ficando mole com ele.

—Direi uma coisa. Graças aquilo, os meninos seguem se metendo comigo.

—Por quê?

—Está perguntando de verdade? Fiz um boca-a-boca em uma senhora mais velha. Naquele momento, ninguém riu. Mas, agora? Alguns dizem que a abusei, que respirava perfeitamente antes que eu a tombasse no chão. Outros afirmam que a mulher fingia, e eu caí.

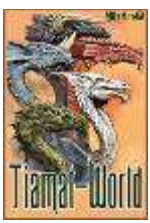
Também havia dito coisas mais grosseiras, mas as calou. Diziam na brincadeira, e tinha a sensação de que Eve não saberia apreciar seu sentido de humor.

—Caramba, por que não me surpreende? – Eve girou os olhos – Quero dizer que a maioria dos homens são tão imaturos.

Dean começou a rir.

—Sua vez. Conta algo sobre você.

Eve inclinou a cabeça e o beijou. Depois, sem importar seu estado de nudez, deixar cair de costas.



—O caso é que nunca salvo ninguém, nem faço a metade de interessante de o que pode ser a luta profissional.

—Ufa, menos mal.

—Deixe-me pensar.

Dean a olhou de soslaio e com uma brecha de impaciência. Então se levantou da cama e entrou no banheiro do quarto. Dali podia ouvir a tormenta que caía fora, a chuva e o vento golpeando as janelas.

Como Eve seguia em silêncio, decidiu ajudá-la um pouco.

—Foi a universidade? – perguntou através da porta aberta.

—Sim. Me formei em relações públicas, e depois fiz um curso de especialização em direção e administração de empresas turísticas.

—Esteve alguma vez fora daqui?

—Somente de férias. Em nenhum lugar exótico.

—Não tem vontade de se mudar a outro lugar, de ver o resto do país, talvez? – Enquanto falava se lavava e tirou o preservativo, perguntando-se se Eve o obrigara a ir ao meio da chuva. Se isso era o que planejava, não ia ser fácil.

—Harmony é meu lugar. Minha família e meus amigos estão aqui. Não me importaria visitar outros lugares, mas não me imagino vivendo em outro lugar.

Dean entrou no quarto justo a tempo de ver como terminava de retirar cuidadosamente a colcha. Logo se meteu outra vez na cama e se cobriu com o lençol.

Dean não esperou ser convidado, tombou ao seu lado, de cara para ela, apoiando em um cotovelo.

Eve levantou a sobrancelha.

Sorrindo amplamente, Dean retirou o lençol rumo aos pés da cama. Ela não se moveu exceto para ficar rígida.

Ele contemplou seu corpo desde as pernas torneadas, e ligeiramente bronzeadas até os mamilos, de um tom rosa escuro, nesse momento suave e muito tentador. Seu olhar se deslizou até ver o pequeno piercing do umbigo. Pôs uma mão em seu ventre, desfrutando da leveza e suavidade de sua pele.

Ela cobriu a mão com a sua.

—Nem fale Furacão. Esqueça. Não pode mais. Acabou.

Ele a olhou perguntando-se se deveria colocar a prova a sua afirmação.

Eve se afastou.

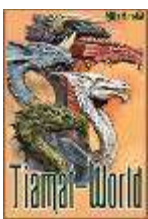
—Falo sério – Seus dedos se apertaram com os dele – Depois de três... Bom nunca acreditei que... Quero dizer que, oh Deus três.

—Sim.

Eve emitiu um longo e tremendo suspiro.

—Não posso mais.

Dean se sentiu elogiado e desafiado ao mesmo tempo, mas sufocou a urgência de mostrar o quão fácil seria fazê-la mudar de opinião.



—Está bem – aceitou com suavidade, afastando o cabelo do rosto.

Algo muito parecido com decepção nublou os olhos azuis de Eve, mas não comentou nada sobre sua rápida conformidade.

—Obrigada.

A resposta o fez rir.

—Está nua. Estou nu. Se não vamos ter mais sexo teremos que falar. Diga-me quantos anos tem? Vinte e tantos, não?

—Vinte e cinco.

—E em vinte e cinco anos o que fez Eve – Dean ficou surpreso com o pouco que sabia dela. Com a expressão mais frívola que pode disse: - Somente por curiosidade, como é seu sobrenome?

Eve gemeu envergonhada.

—Oh, Deus meu, que vergonha. Estou na cama, nua, com um cara bom que nem sequer sabe meu nome completo.

—Tem que viver a vida ao máximo.

Com absurda formalidade, Eve estendeu a mão apresentando-se.

—Eve Lavon.

Dean a segurou.

—E diga-me, Eve Lavon o que tem feito até hoje?

—Nada do que valha a pena falar de verdade – Franziu o cenho em atitude pensativa e ao fim, esboçou um sorriso travesso - Suponho que poderia dizer o aborrecido que sou com os homens normalmente.

—Normalmente?

—Sim – Enlaçou os dedos com os seus, talvez para assegurar-se de que não começaram a vagar por seu corpo – Mas, você não me aborrece Dean. Em absoluto. Suponho que é por que nunca conheci ninguém como você.

Ele aguardou, perguntando-se se diria algo mais.

—Mas, não se assuste – brincou Eve – Não vou pedir que venha viver comigo nem nada disso.

Dean liberou sua mão e apoiando debaixo do queixo dela, fez que girasse a cabeça e o olhasse.

—Admito que não nos conhecemos muito, mas logo descobrirá que não me assusto. Jamais.

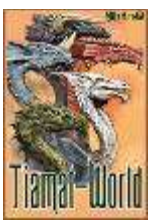
—Não?

—Não. Estará me confundindo com outro. Provavelmente um idiota, se é que me assusto.

Eve começou a rir.

—Se te dissesse que desde os doze anos meu desejo é ter um marido, um cachorro e três filhos, talvez quatro e viver em uma bonita casa com uma varanda pintada de branco, se assustaria?

—Não.



Dean começava a cansar de tanto falar, estando como estavam em uma cama, nus os dois. Mas, rir com ela também estava gostando. Não ria demais com as mulheres. E com os homens muito menos na verdade.

E logo estavam aqueles sedutores sorriso. E as brincadeiras provocativas. E seu aroma... Inclinou-se sobre ela até que quase a cobriu por completo e teve sua boca a poucos centímetros.

—Não me assusto, mas é um alívio saber que ainda não encontrou o cara que se enquadra com suas expectativas.

—Oh.

Pressionando o lábio inferior com os dentes, a acariciou com a língua e ao fim a soltou.

—E esses homens com que tanto se aborrecia?

Ela ficou olhando sua boca com a respiração entrecortada.

—Não estou certa.

Dean sorriu. Sim já acredito que lhe resultaria fácil mudar de opinião, de não ser por que ela já o tinha feito claro.

—Talvez não fossem o bastante fortes para você.

—Bastante fortes? – perguntou ela franzindo o cenho.

—Estou certo de que com mover um dedo tem a todos os homens que querer ou me engano?

Ao principio não respondeu. Mas deixou de franzir o cenho e alcançou o queixo.

—Contigo nem sequer teve que mover nada – disse ela com um sorriso travesso – Ou sim?

Dean colocou uma perna encima das dela, a pretendendo na cama.

—Isso é o que te pareceu? E eu que pensava que estava tentando se casar comigo, em vez de ser ao contrário. Especialmente depois do que você disse a Cam.

Inclinou-se para beijá-la e Eve lhe plantou as palmas das mãos no peito.

—Espera um pouco. Nunca fui atrás de um homem.

Dean quase começou a rir, mas ela continuou.

—E falando de sua irmã, quero saber quando voltará a vê-la.

Então foi sua vez de franzir o cenho.

—Acredito que tínhamos combinado que não se meteria em meus assuntos com Cam.

—Não – Eve negou com a cabeça com obstinação enquanto continuava mantendo-o a certa distância – Não se engane. Você me ordenou e te ignorei.

—Deixa-o Eve.

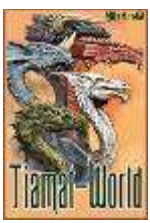
—Não – Em seguida o atraiu para junto dela e lhe deu um abrasador beijo com o que quase o distraiu – Assim, quando voltará a vê-la? Sei que está ansiosa por conhecê-lo e tem muito para contar. E me preocupa essa tormenta por que o telhado da casa...

Abrindo caminho entre seus corpos com uma mão, Dean a esfregou contra seu sexo, deixando-a no meio da frase.

—Tenho uma ideia.

—Esqueça – disse Eve baixando as sobrancelhas, e a voz rouca de desejo – Falo sério.

Não o falava sério.



—Em vez de tratar de me dar uma bronca, por que não me convida para passar a noite aqui?
Eve abriu os olhos de golpe e ficou olhando.

—Por que deveria fazer isso?

—Para que possamos chegar ao quinto.

Ficou atônita.

—Cinco? Está de brincadeira não?

—Não – respondeu ele, metendo o nariz entre seus seios.

—Mas... – Um suave gemido escapou de sua boca – O que aconteceu ao quarto?

Ele começou a lamber o mamilo, fazendo círculos com a língua.

—Vem antes do quinto, mas não gosto dos números pares, de modo que não poderia deixar em quatro – explicou ele, ao tempo que introduzia dois dedos dentro dela.

Dean a colocou encima dele. Eve rodeou o pescoço com os braços e seus protestos morreram rapidamente em seus lábios.

—Está bem. Pode ficar para dormir – sussurrou-lhe com um fio de voz.

Jack se sentou no banco localizado mais fundo do bar e terminou de reler a solicitação. Agora que já tinha vinte e um anos, suas possibilidades de emprego não estavam tão limitadas. E Dean tinha razão, tinha que trabalhar, tanto se Cam gostasse ou não.

Um tenebroso relâmpago atravessou o céu atrás da enorme janela do local, seguido pouco depois por um trovão. Suspirou. Sem dúvida teriam goteiras outra vez, o que significava que Lorna começaria a queixar-se sem parar de que não podia dormir e falaria pra Cam vender a casa,

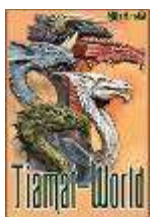
Com toda segurança Roger a contraria. Mas, Jack não queria trabalhar para ele. Já era bastante ruim que Cam o fizesse e que inclusive estivesse considerando a ideia de que se casarem. Sentiu um calafrio somente de pensá-lo.

Se conseguisse um trabalho de garçonne ali provavelmente tiraria uma boa gorjeta. Então podia ajudar com os gastos da casa e talvez assim pudessem ficar. Inclusive podia ser que Cam deixasse de pensar em se casar com Roger. O salário era uma merda, mas podia compensar as horas de trabalho com as aulas. E quanto podia custar servir as bebidas? Seria divertido rir com seus amigos que passariam pra vê-la. Podia fazê-lo. Seria como estar todo tempo em festa.

Jack terminou de reler a solicitação e se dirigiu a parte dianteira do bar, abrindo passo entre homens bêbados e mulheres safadas que não deixavam de flertar. No meio do caminho, reparou no homem enorme que entrava. Boca aberta, Jack contemplou aquele impressionante homem, estudando-o de cima a abaixo e de novo para cima.

Usava os jeans escuros pela a chuva, que se grudavam a suas pernas grossas e fortes como troncos de árvores. O cabelo preto, bem mais longo cobria à frente até que o lançasse para trás com a mão. A camiseta branca, também empapada e quase transparente por causa da água que se pegava no seu peito deixando um abundante caminho.

Jack tinha ficado paralisada. Demônios, sim podia fazer que o coração retomasse os batimentos.



Devia medir quase dois metros, e provavelmente não pesava menos de cento e dez quilos, todos eles de músculo duro como rocha. Várias tatuagens rodeavam seus colossais bíceps e desapareciam embaixo da manga de sua camiseta.

Um as orelhas calejadas e varias antigas cicatrizes em um lado do rosto não lhe restavam um ápice de atrativo a seu aspecto.

Mas não era somente seu tamanho e aparência externa, um vozeirão ajudava que dominasse o lugar. Também contribuía a ele a jovial confiança em si mesmo que emanava dele. Junto com uma serena determinação que fazia com que os homens se afastassem instintivamente de seu ângulo de visão.

Fascinada Jack conseguiu por fim que seus pés despregassem do chão, e se aproximou por trás, de sua mão pegava a solicitação praticamente esquecida. O objeto de sua atenção descansava seu peso sobre a barra do balcão, olhando a Dickey Webster, o encarregado e garçom do turno da noite.

—Estou procurando o Furacão Conor.

Apesar da grossa barra de madeira que os separava, Dickey retrocedeu um passo, franzindo o cenho, e negou com a cabeça.

—Aqui não queremos problemas.

O gigante sorriu.

—Também não quero problemas amigo, relaxe. Furacão é... Um amigo.

Dickey não pareceu tranquilizado.

—Não conheço ninguém com esse nome.

Jack sim. Acelerou o coração.

—Ah bom – prosseguiu Goliat – Ouviu ou não o nome, saberia de quem falo se o tivesse visto. E sei de boa informação que veio para cá. Conhecendo o Furacão como o conheço sua primeira parada teria sido num bar.

Sim, pensou Jack. Talvez não o conhecesse tão bem como acreditava. Enquanto o garçom articulava uma rápida resposta Jack olhou a hora, viu que era mais de meia noite e encolheu os ombros. Aquilo era interessante demais para não contar a alguém. Tirou o celular e telefonou a Eve, que respondeu depois de seis toques, com a voz um pouco roca que de costume e como se lhe faltasse o ar.

—Diga?

Jack ergueu a sobrancelha surpresa.

—Olá Eve, é a Jack.

—Jack?

—Sim a irmã de Cam – respondeu ela quase rindo.

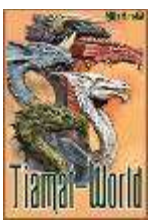
—Já sei quem é – Ouvia suspiros de fundo e sussurros – É muito tarde Jack.

—Eu sei.

—Aconteceu algo? O que aconteceu?

—Não aconteceu nada – Jack tentou adotar um tom brincalhão – Interrompi algo?

—Não! Nada – Mais sussurros e ruídos – E diga-me... Bom, o que foi?



Jack não pode aguentar e soltou uma gargalhada.

—Bom ia pedir o telefone de Dean por que quero falar com ele, mas dado que está com você...

Eve soltou um gemido envergonhado e um segundo depois Dean pegou o telefone.

—O que foi?

Sim, sim, sim. Ao que parece, os irmãos mais velhos não gostavam de interrupções.

—Ola irmãozinho. Não fique irritado comigo.

Jack ouviu um longo suspiro claramente aborrecido e em seguida Dean disse:

—Não estou o que acontece Jack? – repetiu com a voz muito mais calma.

—Sabe? Não diria nada e te deixaria seguir com o que de verdade fazia.

—Jack...

A gargalhada de Eve soou ao fundo.

—Mas, tenho diante um cara que está te procurando. E pensei que deveria saber.

—Um cara, onde? – perguntou Dean mais alerta.

—Estou no Roadkill Bar.

Houve uns segundos de silêncio.

—Não fala sério?

—Pois sim. É um pequeno local, a tão somente quinze minutos da minha casa – Fez uma careta – Nossa casa quero dizer.

Dean soltou uma longa exalação, mas não discutiu o assunto.

—Festa outra vez?

—Isso não é seu assunto não acha? – a retrucou com tom meloso.

O aborrecimento de Dean vibrava praticamente através do telefone.

—Quem pergunta por mim?

—Não sei, mas é um cara enorme. Mais que você inclusive. E disse Furacão e não Dean. Usa o cabelo preto e longo, uma orelha ligeiramente deformada, várias boas tatuagens, umas quantas cicatrizes...

—A quem está perguntando?

Era evidente que Dean havia reconhecido o tipo por sua descrição

—Ao encarregado da noite, que também é garçom, mas não sabe de nada. Devo supor que ainda não passou por aqui?

—Eve me disse que o único bar da cidade era aquele absurdo do Rodeo Bar de Roger.

Jack soltou uma suave gargalhada. Não lhe surpreendia que Dean tivesse a mesma impressão do bar de Roger que ela.

—Sim bom, duvido que Eve viesse por aqui ou lembraria de um lugar como esse.

—De modo que está aí agora.

Passando por algo do comentário Jack foi direta ao motivo de sua chamada.

—Nesse momento, seu amigo está dando uma volta pelo local. Não me importa dizer, esta assustando a todo mundo. Alguns estão se levantando e estão indo embora.

Outro longo suspiro.



—Deixa-me falar com ele.

Afastando o telefone do ouvido Jack ficou olhando o aparelho sem dar crédito. Dean tinha que estar de brincadeira. O aproximou outra vez ao ouvir.

—Quer que me dirija a ele e lhe dê o telefone?

—Devolverá-o, fedelha, não se preocupe. Diga somente que quero falar com ele.

Por algum motivo, Dean fez que a palavra “fedelha” soasse mais como um apelido carinhoso do que um insulto. Levantando o olhar, Jack viu ao enorme homem e, foi algo estranho, mas o certo é que uma corrente de excitação a percorreu por dentro.

Tinha um motivo para aproximar-se dele. Para falar com ele. Para fazer reparar nela.

—Sim certo, vou fazer. Espere um segundo.

Fazendo junção de toda a bravura que possuía, Jack se aproximou tranquilamente do homem e chamou sua atenção com golpezinhos em... Bom, não exatamente no ombro, por que esse ficava muito mais acima. Jack se considerava alta, mas seus dedos não chegavam mais além dos ombros dele.

Surpreso, lhe dedicou um breve olhar de rabo de olho. Então endireitou os ombros e lentamente voltou, olhando com muita mais atenção.

Seu descarado olhar fez que Jack se sentisse nua.

O sorriso do homem fez que o coração batesse mais depressa.

Em estado de alerta e com atitude abertamente sexual avançou um passo rumo a ela e a olhou com uns olhos cor de chocolate.

—Olá. Linda.

Por fora, Jack esboçou um sorriso suficiente diante semelhante demonstração de interesse, mas por dentro, seu ser palpitava e fervia. Aquele homem tinha os olhos mais escuros que havia visto, rodeados por umas espessas e curvadas cílios quase femininos.

E uma voz grave e melosa e uma maneira de falar que...

“Para o carro Jack”. Adotou uma pose relaxada, tirando uma cadeira e estendendo os braços.

—Quer falar com Furacão?

Agarrando-se o peito a altura do coração, o homem fez uma ridícula careta de tormento.

—Por favor, neném, não me diga que esse filho da puta te viu antes – Pegou-lhe a mão e a levou aos lábios, para plantar um beijo úmido, quente e muito provocativo na palma.

Jack ficou ali de pé com plena consciência sexual daquele homem.

Um sorriso fez que os escuros olhos dele brilhassem.

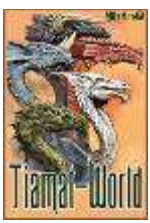
—Prometo que sou melhor – Adotou então um tom de voz ainda mais grave antes de continuar – Em todos os aspectos.

Jack quase deixou o telefone cair e a língua ficou pregada ao paladar. Então, sentiu como ele lhe acariciava o centro de palma da mão com o polegar e afastou a mão rapidamente.

—Não é isso.

—Não?

—Não.



—Menos mal não imagina como fico feliz em ouvir – Fez um gesto com a cabeça ao telefone
– O tem ai?

—Sim.

—Está bem. Os negócios primeiro. Mas, quando arrumar isso, você e eu temos que nos conhecer melhor.

Horrorizada ao ver-se incapaz de dizer nada engenhoso, Jack lhe entregou o telefone.

—Toma. Não tenha pressa.

Para deixá-lo falar com um pouco de privacidade, Jack começou a dar a volta, mas então ouviu que o homem dizia:

—Santo Deus, Furacão. O sonho úmido mais precioso que pode imaginar me acaba de aproximar e... O que disse? – Sua voz se converteu em um grunhido – Não diga besteira, idiota. Você não tem nenhuma irmã.

Jack se voltou para olhá-lo, mas ele não se deu conta.

Ele fez uma pausa e com voz claramente audível soltou:

—Duas? Não fode.

Jack sorriu amplamente.

Uma expressão de desgosto cruzou o rosto do homem que fazia caretas diante cada coisa que Dean dizia. Passando a mão pelo o cabelo revoltado soltou:

—E como demônios podia ter duas irmãs sem que ninguém soubesse?

Jack decidiu nesse momento que não queria dar privacidade alguma para a sua conversa, de modo que se apoiou contra a parede que havia junto dele, e lhe sorriu quando a olhou.

O homem começou a deslizar o olhar por seu corpo, mas então se deteve e regressou a seu rosto. Claramente desgostoso, franziu o cenho e apoiou o punho na cadeira.

Fosse o que fosse o que Dean lhe estivesse dizendo, o gigante escutava com atenção.

—Certo. Espera – Voltou-se rumo a Jack de novo, dessa vez a examinou rapidamente, para em seguida fixar os olhos nos seus com um olhar hipnotizador.

—Suponho que não terá papel e caneta verdade, encanto?

—Para que?

—Tenho que apontar a direção de Furacão.

Jack agitou os dedos indicando que lhe desse o telefone e o homem o entregou.

—Onde se hospeda Dean? Sim o conheço. Indicarei como chegar ao local.

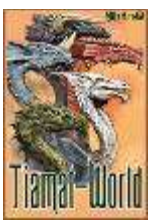
—Bem. Faça-o. E depois por que não volta para casa em vez de ficar mais tempo por ai? – sugeriu-lhe.

—O que acontece irmãozinho? Está preocupado comigo? – perguntou ela com o cenho franzido e tom provocador.

—Nenhum pouco. Mas, com Gregor ai...

—Gregor? Assim se chama? – Jack levantou a vista e voltou a perder-se na penetrante olhada cor de chocolate. Engoliu a saliva – Não tem jeito de se chamar Gregor.

Sem liberá-la do feitiço invisível em que a mantinha atada, o gigante fez como se levantasse um guarda-chuva imaginário a modo de cortes saudação a uma dama.



—Gregor O Maníaco Marsh para lhe servir, encanto.

Maníaco?

—Suponho que você também é lutador não?

—O melhor – disse ele.

Dean reclamou do outro lado do telefone.

—Jack diga que diga não acredita.

Ela assentiu.

—Certo, entendo é um mentiroso.

Gregor lançou uma gargalhada.

—Então irá voltar para casa agora ou não? – quis saber Dean

—O certo que sim, quando encontre a alguém que me leve.

Agora que já tinha conseguido um trabalho, tinha outras prioridades, como um telhado com goteiras e provavelmente uma bomba de piscina presa. E...

—O que quer dizer com isso? – perguntou Dean com um tom que destilava suspeita.

—Não tenho carro lembra? Mas, o bar está cheio de gente, encontrarei alguém conhecido que me leve.

Resignado Dean deixou escapar um longo suspiro.

—Todo mundo estará bêbado – disse ela.

—Não estou bebendo – disse ela.

la acrescentar, que apesar do que ele pudesse pensar, apenas bebia, mas se esqueceu do que estava dizendo quando Gregor estendeu seus braços de gigante oferecendo como se tratasse de um sacrifício.

—Também não bebi uma gota, carinho. Diga a teu condenado irmão que a levarei para casa.

Dean deve ter ouvido por que se apressou em dizer não um pouco alto.

Sem tirar o telefone da orelha, Jack olhou a Gregor. la se acostumando ao nome. Era um gigante. E lutador. E machista demais, a julgar por todos os seus termos carinhosos bregas que usava. Mas, no geral parecia bastante inofensivo.

—Por que não? – disse ela depois de considerar tudo.

—Isso – disse Gregor – Por que não?

Através do telefone quase puderam ouvir como Dean apertava os dentes.

—Jack pelo amor de Deus nem sequer o conhece.

—Mas, você sim – lembrou-lhe ela.

Gregor soltou uma suave gargalhada.

—Pois esse é problema.

—Merda – Outro longo suspiro um instante de vacilação envolto em uma total frustração até que Dean finalmente disse: - Fique onde está pentelha, vou te buscar.

Jack ficou de boca aberta. Dean tinha que estar de brincadeira. Era tarde. Estava com Eve. Não tinha nenhuma obrigação a respeito dela.

—Mas isso é... Uma loucura.

—Chegarei em alguns minutos.



—Dean, espera. Se não encontro ninguém que me leve, tem uma parada de ônibus aqui ao lado...

—Não se mova – Cortou-a Dean – Falo sério.

—Ouve, espera um momento... – Começou a dizer Jack, incomodada pelas ordens. Mas Dean lhe desligou o telefone, como... Um irmão maior muito sério e super protetor.

Certo. Caramba.

Jack não estava segura se a atitude de Dean lhe agradava ou a incomodava. O que sim era certo é que a custaria um tempo para acostumar-se. Fechou o telefone e o meteu no bolso.

—Qual é o veredito, encanto? – perguntou finalmente Gregor fingindo estar rezando.

—Sinto muito – Jack encolheu os ombros – Dean vem aqui me pegar.

—Esse fodido filho da puta – murmurou ele, cabisbaixo.

Deu tanta ênfase ao insulto que Jack não pode evitar soltar uma gargalhada.

—Olhe dessa forma. Irá demorar vinte minutos para chegar.

A expressão de Gregor se iluminou.

—Isso nos deixa vinte minutos para nos conhecer – disse dedicando-lhe outra daqueles sorrisos tão sexys e cheio de confiança em si mesmo – Vejo que fica um banco livre no fundo.

—Nada disso. Além disso, tenho que entregar a minha solicitação – acrescentou Jack negando com a cabeça.

—Que tipo de solicitação?

—De trabalho – Explicou ao tempo que começava a andar – Acabam de ir duas garçonetes e estão desesperados. O encarregado já me disse que cumprio os requisitos e espero que me contrate de imediato.

—Para começar essa noite?

Tomara. Mas, aquele cara não parecia ser da mesma opinião. De verdade tinha tanta vontade de passar um tempo com ela? Assim o esperava. Fazia muito que não se sentia intrigada com um homem.

—Não. Disse-me que começaria na próxima segunda.

—Então somente tem que entregar o papel?

—Sim – confirmou.

Pegou-o olhando seu traseiro. Dado que seu traseiro era a única parte de sua anatomia com curvas próprias de mulher não lhe importou muito. Mas, se decidia procurar com os olhos seus inexistentes seios, iam ter problemas.

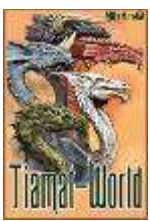
Jack fez uma pausa, seus olhares se encontraram e um novo fogo ardia nos olhos dele.

—E depois que entregar o papel? – perguntou Gregor sorrindo.

—Podemos nos sentar ali diante, onde tem um monte de luz – respondeu ela, colocando-se de novo em movimento – Assim a Dean seria mais fácil nos achar.

O gigante grunhiu a suas costas.

—Como se custasse muito me encontrar, sentando aonde quer que sentasse.



Nisso tinha razão, mas Jack não estava disposta a ficar em um lugar escuro, a sós com ele. E, além do mais, por muito que estivesse desfrutando com a admiração que lhe demonstrava, não queria perder a chegada de Dean.

Queria ver o aspecto que tinha seu irmão preocupado, nunca havia visto um.

Capítulo 09

Haviam dado trabalho a ele.

Dickey Webster, o gerente da noite de cabelo grisalho, além de atender no balcão, apenas olhou a solicitação.

—Começa na segunda, de oito da noite as duas da manhã. Tudo bem?

la-se bem, estava perfeito demais. Como ave noturna que era Jack podia ter elegido um horário que fosse melhor. Todos os garçons levavam o mesmo avental, que o bar lhes proporcionava, assim que não teria que se preocupar se devia levar um uniforme curto demais, ou um que não mostrasse nada. Podia ir de jeans e camiseta.

Trabalharia as segundas, quartas, sexta e sábados, o qual lhe deixaria um monte de tempo livre durante a semana para suas novas aulas.

Ao contribuir aos ingressos familiares, teria voz e voto nas decisões econômicas. O alívio e a emoção diante da perspectiva de que, por fim, iriam ter em conta sua opinião, quase eclipsaram a presença de Gregor.

Quase.

O amigo de Dean tinha um sentido de humor incrível, uma risada contagiosa, e um atrativo tão encantador que Jack se sentia oprimida. Em nenhum dos dezoito minutos que estiveram sentados, deixaram de ser observados por clientes do bar, homens e mulheres por igual. Os homens olhavam a Gregor com receoso interesse, e as mulheres, em troca, o faziam de lasciva avidez.

—Que maneira de atrair a atenção – comentou Jack

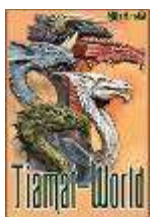
—Disse a panela ao pote – respondeu ele, dando um gole de seu refresco. Então se inclinou para frente e apoiou os cotovelos na mesa – Aposto que ficam de boca aberta quando você passa aonde quer que vá.

Jack encolheu os ombros. Sim atraia muitos olhares, mas isso não mudava o fato de que era alta demais, fraca demais e não tinha peito.

—Os homens são muito fáceis. Para eles é um costume. Observam toda mulher que cruze seu caminho. Isso não significa nada.

Gregor lhe lançou um malicioso sorriso de lado.

—Fazendo-se tímida é? Ok aceito – Estendeu a mão para pegar a dela – Quer que te recite uns versos? Talvez queira que fique de joelhos? Música suave? – Segurava a mão com delicadeza quando na verdade poderia arrancá-la – Flores? Bombons? O que gosta neném? Diga-me e farei.



—Não sei do que está falando.

—Claro que sim. Falo de te cortejar.

Ela se limitou a balançar a cabeça, o qual fez que Gregor sorrisse.

—Não é esse tipo de mulher romântica é? Melhor. A mim me dão náuseas essas breguices. Que tal se passo tudo isso e te digo o quão deliciosa é? Na verdade me está fazendo água na boca. É tão condenadamente sexy.

—Pelo amor de Deus. Deixe pra lá, certo? – Olhou ao seu redor, o público olhando deles como se estivessem enfeitiçados – Alguém poderia lhe ouvir.

Envergonhada, Jack tratou de soltar a mão e assim é como Dean os encontrou. Um segundo e não estava, e ao seguinte o tinha respirando no cangote.

Gregor também deve ter sentido por que seu rosto adotou uma expressão surpresa, repassando a outra de expectativa. Beijou as pontas dos dedos de Jack com uma flor e em seguida se dirigiu a Dean.

—Foda, que rápido que veio Furacão. E acreditei que ia precisar de uma matilha de cães para lhe encontrar. Quem ia dizer que perseguir sua irmã pequena te faria aparecer?

—Jack mede quase um metro e oitenta – pontualizou Dean com um tom peculiar com um pouco de aborrecimento – Não é o que se diga pequena.

—A meu lado é pequena – insistiu Gregor, adotando uma ridícula expressão de assombro – Mas, espera um momento, ninguém sabia que tinha irmã, não? Todos acreditavam que havia sido criado em um laboratório como parte de um experimento científico que não saiu muito bem. Assim que como ia saber que ela seria o ponto para te tirar da onde estava?

Diante das brincadeiras de Gregor, uma horrorosa sensação de medo atingiu o estômago de Jack.

Alheio a isso, Gregor lhe dedicou outro sorriso.

—Mas, agora o compreendo. Não somente tem uma linda irmã, mas sim é um anjo da guarda.

—É um idiota Gregor.

Esse resmungou.

—Vim correndo resgatá-la. Com o que conseguirás que ela acredita e que não confia em mim.

Jack compreendeu o que estava acontecendo e foi como se uma retro escavadeira passasse por ela: Gregor a havia cortejado para incomodar Dean, não por que se sentisse atraído por ela.

Estava claro que a havia usado.

E que ela havia sido o bastante idiota como para deixar que o fizesse.

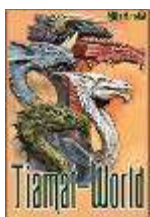
Remexendo no banco esperou para ver como Dean manejava a situação.

—Somente a vim para levar para casa – disse ele

—Por que me ofereci a fazer e não me queria próximo dela.

Dean cortou o ar com a mão.

—Não sou esse tipo de irmão, maldito seja.



—De verdade? – Gregor se levantou de seu assento e ficou de frente a Dean, que era somente um pouco mais baixo que ele – E que tipo de irmão é? Pergunto para saber no futuro. Com o que achei aqui, tenho intenções de ficar um tempo.

Jack ficou olhando-o. Gregor tinha a intenção de seguir usando-a?

Por cima de seu cadáver.

Decidida a fazer entender que havia compreendido seu jogo Jack esperou que lhe prestasse atenção e então disse:

—Canalha.

Gregor levantou a sobrancelha e soltou uma tremenda gargalhada.

—Foda furacão já acredito que é sua irmã.

De alguma forma Gregor parecia encantado enfrente ao insulto, mas Jack não pensava deixar-se enganar outra vez.

—Perde seu tempo – disse Dean – Não acredita que vai provocar-me, assim deixe. Se quiser brigar, terá que ser em combate oficial da SBC.

—Sabe? É o que queria, mas todos parecem mais dispostos a escutar você que a mim.

—Má sorte então, por que não penso em fazer nada a respeito – Dean se voltou rumo a Jack – Vamos.

Ela assentiu e se levantou do banco.

—Acredite, morro de vontade de ir.

Deram meia volta para ir, mas Gregor se colocou diante dela. A Jack não lhe passou inadvertido quão rápido se movia para seu imenso tamanho.

—Um momento encanto.

—Não sou seu “encanto” – Gregor foi falar de novo, mas ela o deteve dando um passo em direção a ele – Também não sou “querida” nem sua “neném”. Me chamo Jack e será melhor que se lembre no caso de que volte a me dirigir a palavra.

Gregor passou de surpresa a expressão conspiradora.

—Ah – Olhou rumo a Dean e em seguida fez um gesto de assentimento rumo a ela – Entendo. Diante do irmão mais velho as coisas mudam não?

—Não sou esse tipo de irmão cacete – grunhiu Dean.

Tanto Jack quanto a Gregor o ignorou.

—Certo que não. Dean não tem nenhuma influência sobre mim. Mas, quão idiota acredita que sou?

—Nunca disse...

—Qualquer um se daria conta de que verdadeiramente está procurando é encher Dean para que brigue com você.

—Eu não...

—Estava passando um tempo comigo pra ver se Dean aceitava o fato. Me usou.

Gregor colocou os dedos sobre seus lábios.

—Um confronto com seu irmão irritante é, sem dúvida, interessante, nen... – pigarreou – Jack, mas agora que lhe vi, isso não é o único que me interessa.



—Sim, certo. O que você diga – Ela adotou um gesto de mordaz de desdém – Vai lavar o cabelo de outro.

Gregor lhe bloqueou o passo novamente. Já não parecia divertido nem encantador.

—Espera um momento, me entendeu mal.

Tão próximo de sua costas que Jack podia perceber seu calor, Dean interveio.

—Saia do caminho Gregor.

Atada entre ambos os homens, Jack se sentiu verdadeiramente pequena, e isso sim que era novo para ela. Mas, não tinha tempo de desfrutar da novidade.

—Me dou bem em julgar o caráter das pessoas – disse a Gregor – E você carece dele.

Resmungando de indignação, ele se ergueu tanto que ainda pareceu ainda mais alto, maior. Para surpresa de Jack se dirigiu a Dean.

—Poderia me ajudar Furacão.

—E que demônios supõe que tenho que fazer?

—Poderíamos começar dizendo que nunca a usaria para provocar-lhe para que brigue comigo. Isso seria de covarde, nos dois sabemos.

Dean se enrugou o nariz e suspirou.

—Gregor não é nenhum covarde, Jack. É um tipo repugnante e um boca grande, e carece de habilidade sobre a lona, assim como de paciência, mas..

—Pedi que me ajudasse não me crucificasse – cortou o outro com sequeidão.

—Todavia me ressinto de minha última briga, não dormi demais essa semana e acaba de interromper um agradável encontro – A cada palavra se ia pegando mais as costas de Jack – De modo que me diga Gregor, por que demônio ia querer ajudá-lo quando queria te chutar?

Depois do grito que Dean acabava de soltar a seu ouvido, Jack pensou que ia ficar surda durante vários dias. E o crápula do Gregor parecia muito satisfeito de o ter feito perder as estribeiras.

Inclusive se atreveu passar várias vezes a língua de modo de reprimenda.

—Furacão, Furacão, Furacão. Nunca antes te vi perder a calma. Certo que esse passarinho não desperta seu instinto protetor?

Passarinho? Jack aspirou fundo sentindo que sua indignação crescia por momentos. Que insuportável cafajeste! Utilizando ambas as mãos, o golpeou com todas as forças. Nesse momento, Gregor estava olhando a Dean, e o golpe o pegou de surpresa, fazendo que retrocedesse dando um tropeço. Não longe, mas justo como para deixar a Jack o espaço suficiente para sair correndo. Coisa que fez.

A suas costas, Jack ouviu que Gregor lhe gritava.

—Encanto espera – E quando ela apertou o passo acrescentou – Ali vai meu coração, Furacão. Sua irmã acabou de me arrancar o peito.

—Você não tem coração, pedaço de canalha – disse Dean.

Um segundo depois, Jack viu a seu irmão a seu lado, acompanhando seu passo ao dela ao sair de proteção contra a chuva que oferecia ao redor do telhado do bar.

—Jack.



A humilhação que sentia não lhe permitia falar.

—Ninguém nunca te disse que não deveria atacar fisicamente a um lutador treinado que, além disso, é o dobro de seu tamanho?

—Já – disse ela sem poder evitar.

—E isso o que significa?

—Que você estava ali – espetou-lhe Jack sem deixar de andar. Pisava com tanta força que ia salpicando água de monte.

Dean a agarrou de um braço e a obrigou voltar.

—Esperava que brigasse por você?

Parecia tão furioso diante da possibilidade, que Jack quase esperava que de um momento a outro começasse a sair fumaça da sua cabeça.

—Claro que não – respondeu girando os olhos – Esse grandíssimo idiota quer brigar com você sobre uma lona, não em um bar. O que quero dizer é que ao vê-los os dois juntos compreendi que não é dos que maltrata as mulheres. Se fosse, você não conversaria com ele.

—Por quê?

—Por que não acredito que seja daqueles que se relacionam com cretinos que abusam dos demais.

—Não pode supor tal coisa sobre mim. Foda, nem sequer me conhece.

Durante um breve segundo Jack acariciou a mandíbula.

—É meu irmão, Dean. Não sei. É uma loucura o admito. Mas, te conheço.

Ele a olhou com cenho franzido e os braços cruzados, logo levantou o olhar, por dela, havia nada em realidade. Somente se via a rua, se ouvia o ruído e congestão humana. Então a olhou o rosto de novo.

—Aonde acredita que vai?

Não tinha nem ideia. Somente havia querido colocar distância entre ela e a fonte de sua vergonha: Gregor.

—A seu carro?

Muito devagar, sem deixar de olhá-la, Dean assentiu.

—Pois está na direção errada.

Não parecia preocupada com a chuva, claro que tampouco ela se havia fixado até então. Mas, nesse momento começou a sentir que o frio lhe calava os ossos, e cabelo lhe caíam sobre os ombros úmidos.

E tudo por que Gregor a havia colocado nervosa.

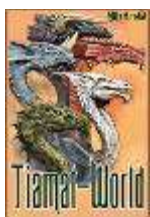
—Você dirá aonde.

—Menos mal, obrigada – E dando a volta, Dean começou a andar em passo apressado.

Jack o seguiu rua acima até que chegaram onde estava estacionado o carro, junto a cerca. Dean abriu a porta e esperou que se sentasse antes de rodear o veículo e sentar atrás do volante.

Jack estava congelada, empapada e se sentia como uma idiota.

—Então acredita que tenho referência pelas as pessoas com a que me relaciono? Queria dizer isso?



Jack sorriu para si. Para ser um tipo duro e grande, Dean lhe custava a aceitar que sua honra era tão visível como seus músculos.

—Sim. Pode que não te conheça faz muito tempo, mas não acredito que seja dos que aguenta essas coisas. Insultei a Gregor e parecia impaciente, mas não me deu a sensação de que te dera asco nem nada disso.

—Asco? – Dean franziu o cenho claramente ofendido – A mim não dá asco nada.

—O que acontece? Isso não seria masculino ou o que?

A expressão dele se assombrou ainda mais, mas não disse nada. Pôs o carro em movimento e ligou o ar-condicionado. Tateou com a mão o assento de trás em procura de uma blusa e deu a Jack.

Depois se abotoou o cinto e separou da vaga. A essa hora, as ruas estavam quase desertas. O áspero vento lançava gotas de chuva contra a janela como se fossem balas. Os para-brisa não davam conta.

Ao final de um minuto Dean a olhou.

—Está bem?

—Estou bem. É somente que sinto como uma idiota.

—E como é isso?

Suspirando Jack lançou a cabeça para trás e ficou olhando o vidro negro.

—Deveria ter sabido que na verdade não estava interessado.

—Por que...?

Sentindo-se pior nesses momentos, Jack se fundiu no assento e se rodeou a si mesma com os braços. A maquiagem borrava o rosto devido a chuva e o cabelo se grudava em seu rosto, além disso, havia sujado a barra dos jeans.

Por dentro e por fora, sentia feia e carente de atrativo. E não lhe apetecia falar disso. Mas, Dean não parou seu empenho.

—Jack?

Nos últimos dias haviam passado coisas demais, e não se via capaz de manejar a situação. Cam e ela não deixavam de brigar todo o tempo, estavam perdendo a casa pouco a pouco e agora parecia um irmão que não existia durante muito tempo...

Estava farta, e pagou com Dean.

—A ti que te importa em todo caso? Não te importo – A voz tremendo se converteu em tom de desprezo – Ou acaso te preocupa Gregor?

Lutando consigo mesma, Jack inspirou três rápidas bocadas de ar e, finalmente, caiu em conta do diferente que era de Dean. Estava sentado junto a ela, mas sua fria distância colocava muitos quilômetros entre ambos.

Oh Deus, maldito temperamento. O som de uns pneus sobre o asfalto molhado e a fúria da tormenta não podiam afogar o estrondo da culpa.

—Dean...

—Esqueça que te perguntei certo?



Pela a primeira vez desde que o conhecia, Dean pareceu distante e inacessível. Por sua culpa. Havia ido a Harmony quando recebeu a carta de Cam. Havia saído da cama de Eve somente para levá-la para casa daquele bar.

Por mais que dissesse o contrário, suas ações eram óbvias.

Um tremendo relâmpago rasgou a noite negra, iluminando o interior do carro. Jack desejou que não houvesse acontecido.

Desejou não ter visto o rosto de Dean, tão distante e deliberadamente inexpressivo e tão... Receoso.

O que podia fazer? Não se ocorria nada, afaste de ser sincera. Subiu as pernas ao assento e se voltou rumo a ela. Seu irmão não disse nada, nem sequer a olhou.

—Sabe que antes nunca tinha tido um irmão mais velho.

Ele a ignorou, mas Jack se negou a se sentir intimidada.

—Como é natural, carregarei de vez em quando – As lágrimas se agrupavam na garganta fazendo que a voz se quebrasse, e isso a irritava. Nada lhe desgostava mais que uma chorona – Vai ter que dar-me um pouco de tempo, maldita seja.

Um novo sentimento, algo parecido ao medo mais atroz, aspirou todo o oxigênio do carro. Dean a olhou então, e logo afastou o olhar.

—Juro o por Deus, Jack, se começar a chorar pararei aqui mesmo e te deixarei sentada na rua.

Credo, que ameaça mais horrível. Mas, Dean não parecia estar falando sério. Parecia mais desesperado.

Ela deixou escapar uma espantosa risada chorona desde o fundo da garganta.

—Sim, claro.

—Põe a prova – a desafiou ele, inclinando-se rumo ao porta-luvas tirou um saco de lenço de papel.

—Obrigada.

—Vieram com o carro de aluguel.

O comentário a fez rir de novo. Aproveitou que o ambiente parecia ter mudado um pouco para continuar sendo sincera.

—É por que é um tipo grande e muito atraente. Um cara legal.

—Quem?

Passar do pranto a gargalhada resultava mais estranho, apesar de que talvez fosse algo que os irmãos maiores podiam conseguir.

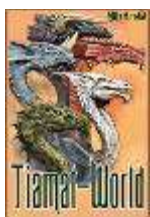
—Gregor.

—Não me faça vomitar – respondeu Dean, olhando-a com uma expressão mais horrorizada do que ela teria podido imaginar.

Então Jack começou a rir. Dean suportou as risadas, girando os olhos quando ela tratou de recobrar a postura sem conseguir.

—Já passou o ataque de histeria? – perguntou-lhe ao fim, a poucos minutos de sua casa.

—Não estava histérica. É somente que é muito gracioso.



—Sim e por isso me apelidaram de Furacão.

Sorrindo amplamente, Jack deu um golpe carinhoso no ombro.

—É muito engraçado – Estudou o bonito perfil do rosto – Obrigada. Aprecio de verdade sua preocupação.

—De nada – O silêncio reinou no carro durante uns minutos – Isso quer dizer que temos terminado de falar de Gregor?

—Por completo – De nenhuma maneira pensava comentar com Dean na insegurança que acreditava não ter seios.

—E vai a esse bar de vez em quando? – perguntou ele, encolhendo os ombros.

—Na verdade não – Meia dúzia de panos havia arrumado o rímel escorrido, mas não podia fazer muito com o cabelo – Fui apenas algumas vezes. O outro dia me lembrei em que havia pegado um cartaz solicitando gente, e preenchi uma solicitação.

—Por que ali?

—Por que não?

A exasperação de Dean saltava a vista com a força com que, de repente, agarrou o volante.

—É um bar. O mais provável é que está sempre cheio de homens que haviam bebido demais.

—E acreditava que esse seria o tipo de bar que você iria.

—Exato.

Sim, seu irmão era um grande brincalhão.

—Andei pensando no que disse.

—E o que eu disse? – grunhiu ele.

—Já sabe o de trabalhar, e estudar. Posso fazê-lo. Sei que posso. É somente que Cam sempre insistiu que não o fizesse, e pra mim era mais simples deixar do que fazer o que a mim parecia o correto.

—Não era assunto meu. Deveria ter fechado a boca.

Jack se alegrava de que não houvesse feito.

—Tinha razão Dean. Cam não tem por que suportar somente toda a carga econômica da casa – Oculto o sorriso antes de acrescentar – E agora posso te usar como apoio quando Cam se inteirar de que já me contrataram e lhe de um ataque.

Quando Dean chegou na rua, os faróis do carro iluminou o jardim úmido. A chuva mais forte havia cedido agora somente faiscava de forma persistente e os trovões resoavam a distância. A expressão dele não havia mudado, mas Jack percebia sua resistência.

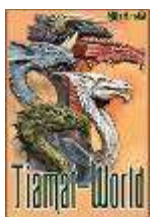
—Jack...

—Sei, sei – Deu-lhe umas palmadinhas no ombro em sinal de compreensão – Não é esse tipo de irmão. Não se preocupe.

—Merda – disse Dean pouco depois em voz muito, muito baixa – Não podia ter buscado trabalho em uma loja de roupa no centro comercial ou algo assim?

Jack resmungou.

—Sim claro. Pelo o salário mínimo não? Obrigada, mas não.



Não lhes faltava muito para chegar, o lamentava realmente. Era muito agradável conversar com Dean naquela forma.

—Ganharei alguns dólares mais por hora no bar, além disso, as gorjetas são boas. E sei não te deu conta, não sou o perfil de atendente de supermercado...

Um leve sorriso assomou os lábios de Dean.

—E como é esse perfil?

—Meninas animadas – disse ela sem pensar.

—E você não é assim – conveio ele.

—A maioria dessas madames do centro comercial são antigas animadoras que se matam pela a roupa do desenho, a moda e a paquera – Olhou pela a janela – Não tardará em me ver louca.

Dean riu de boa vontade.

—Sim, também ficaria louco.

Jack se voltou rumo a ele, desejosa de sentir que a apoiava, apesar de que não estava certa de por essa necessidade.

—Além disso, me vai bem o horário noturno. Ao contrário que Cam, não sou uma pessoa diurna. E, além disso, é meio período, assim que não me impedirá de ir a escola. Está bastante próxima e não me custará encontrar a alguém que me traga a casa de volta. E, quando não encontre a ninguém, sempre posso pegar o ônibus na parada que tem a algumas quadras do bar.

—Uma parada de ônibus – repetiu Dean sem grande entusiasmo. Logo assentiu, mordendo o lábio – A mencionou por telefone.

—Sim antes que me pegasse.

Dean aferrou de novo ao volante com força e ao fim relaxou um pouco.

—Escuta, não estou sendo um irmão protetor nem nada disso...

Sim que o estava sendo, e Jack se havia dado conta.

—Continua – se limitou a dizer a ele.

—... Mas, acredita que é uma boa ideia a andar por ali somente a noite? Não me pareceu a zona mais segura da cidade. Um par de quadras é muita distância se te surge um problema. Quem te ouviria pedir socorro?

—Não me acontecerá nada – tranquilizou-o ela. E isso esperava.

Mas foda, Dean havia conseguido assustá-la. Não era uma zona tão mal, apesar que tampouco estava muito iluminada nem transitava a noite.

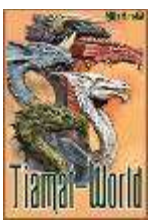
—Não sei.. – Os olhares de ambos se encontraram e ele a estudou durante um instante. Finalmente encolheu os ombros – Bom já é maior. Estou certo de que sabe o que tem que fazer.

Não parecia muito convencido.

Deteve o carro diante da casa.

—Gostaria de sugerir uma coisa... – Dean se deteve no meio da frase, pálido e sem dar crédito a o que via – Foda. Não pode ser.

A súbita impressão pegou a Jack de surpresa. Inclinou-se para frente para olhar o para-brisa. Seguiu olhando a Dean e viu... A sua irmã no telhado.



—Maldita seja – Jack se desabotoou rapidamente o cinto e abriu a porta – Deve estar entrando água dentro da casa a jorros pelo o maldito telhado para que tenha tido que subir precisamente agora.

—Não pode ser – Dean moveu negativamente a cabeça – Ninguém pode subir a um telhado durante uma tempestade elétrica. Espera um minuto. Que demônios está fazendo? O que tem na mão... plástico?

Jack saiu do carro.

—Sim. As vezes quando chove muito, e a água fica na parte de cima da casa, especialmente pelo o teto do quarto de tia Lona. Será melhor que eu vá ajudá-la – Apoiou-se no carro perguntando-se quanta sensibilidade seria apropriada. Ao final, se inclinou por dizer – Obrigada por vir e pegar-me Dean. Desfrutei muito conversando com você.

—Oh não. Claro que não irá fazer.

Pela primeira vez Dean pareceu absolutamente fora de si, mas Furacão que o homem que havia demonstrado até o momento.

Era impressionante. Até certo ponto aterrorizador.

E confuso.

Jack olhou para trás.

—Ocorre algo?

Dean apagou o contato e saiu do carro com uma expressão ameaçadora. Fechou a porta de um golpe que retumbou pelas ruas úmidas e vazias. Jack fez uma careta.

Sem deixar de reclamar, Dean atravessou como uma flecha o jardim empapado na direção a lateral da casa, onde subia, Cam forçava com um troço de plástico nas mãos.

Jack avançou atrás dele a tropeços.

Dean se deteve bem debaixo de onde sua irmã trabalhava. Afastando-se da lateral o suficiente como para poder ver Cam a luz do farol, pôs os braços em cruzado e gritou.

—Que demônios acredita que está fazendo?

Capítulo 10

Cam esteve a ponto de cair do telhado.

Tão concentrada estava com aquele maldito plástico no meio do vento e a chuva que não prestou atenção ao carro que havia estacionado na parte traseira. Supôs que seria algum vizinho que acabava de chegar a sua casa. Nem por um segundo teria ocorrido esperar uma visita de Dean àquelas horas.

O que estava fazendo ele ali?

—Dean? – gritou ela.

—Ola Cam. Dean me trouxe para casa – disse Jack.



Aproximando-se com cautela ao extremo do úmido telhado, Cam olhou para baixo, a seus irmãos.

Seus irmãos.

Aquilo seguia impactando-a. Apesar de estar atada no telhado em meio de uma tormenta, lágrimas de felicidade afluíram em seus olhos. Desde o momento em que havia conhecido Dean estava tentando evitar chorar.

Chorar de felicidade.

Mas, nem Dean nem Jack pareciam andar com pieguices a respeito, assim que não seria ela quem desse a nota.

A noite era o bastante escura como para que não viessem suas lágrimas, e, além disso, a chuva a dissimularia. De modo que, apertado os dentes, Cam agarrou bem o plástico e procurou falar com a voz firme.

—Onde estava Jack?

Levantando as mãos ao céu, Dean soltou uma gargalhada de incredulidade. Avançou dois passos rumo a casa e lhe lançou um olhar fulminante.

—O que demônio importa isso agora?

Cam notou que começavam a tremer os joelhos por causa da incomoda posição no telhado inclinado.

—Não sabia que tinha saído.

—Está no telhado Cam. Durante uma tormenta – disse ele muito lentamente como um grunhido, como se Cam fosse tão idiota que não tivesse se dado conta. E então ficou rígido – Com uma camisola.

O tom desagradável com que ele disse a incomodou. Havia colocado uma bata por cima. Quando começou a chover, que outra coisa poderia fazer? Vestir-se? Esperar o dia seguinte, e deixar que os danos fossem piores?

Não tinha dinheiro para consertos. Não tinha ninguém pra pedir ajuda, exceto Roger, e ele já havia ajudado bastante. O maldito plástico sacudia com o vento e se enrolava nas pernas. Afastou o cabelo úmido que lhe tapava o rosto. Tinha os lábios rígidos e a voz tremida.

—Tenho que terminar de fixar o plástico. Se quiser entre e em seguida descerei para preparar café.

Por um momento, Cam pensou que Dean ia subir e estrangulá-la. Parecia mais que capaz disso. E era estranho, por que não tinha muita luz nesse caminho do jardim, mas não tinha a menor dúvida de que seu irmão sentia nesse momento.

—Onde está a escada? – perguntou Dean logo relaxando.

Cam não sabia que pensar de sua mudança de humor.

—Na parte detrás. Por quê?

—Quero que desça já daí – E dizendo isso, desapareceu antes que ela pudesse dizer que ainda não havia terminado.

Cam se liberou do irritante plástico e retrocedeu pouco a pouco até o ponto do telhado por onde, segundo acreditava, ficava a maior quantidade de água.



Ao final de um minuto, uma mão grande e quente a segurou pelo cotovelo.

—Já chega Cam. Agora mesmo vai descer pela a escada e se meter na casa. Seca-se, e depois vai preparar café se quiser. Ou melhor, que Jack o faça.

Como demônio havia conseguido Dean subir tão rápido? E, ao contrário que ela, não tremia tentando ficar em equilíbrio. Ao contrário, permanecia erguido e plantado com firmeza sobre o telhado.

Cam negou com a cabeça.

—Jack não sabe fazer. Nunca o fez.

—Pois já está na hora que aprenda. Não é idiota. Sabe seguir as indicações do papel. Diga que o faça e fará.

Cam piscou surpresa e os tremores de frio passaram a ser chatos.

—Não irá fazer nada mais. Ocuparei-me.

Não havia nada que desejasse mais que dizer que concordava e ficar em casa, onde tinha calor e estaria seca, mas levava tempo demais se ocupando sozinha das coisas para permitir que seu adorado irmão rompesse na cena tratando de lhe dar ordens.

—Obrigada. É muito amável de sua parte, mas não posso...

—Sim, pode – Era como se suas palavras estivessem recobertas de uma estranha capa de aço – E irá fazê-lo.

Cam franziu o cenho.

—Sim de verdade quer ajudar, já que subiu, certo. Mas, somente tenho um martelo e uma máquina de pequenos pregos.

—Irei fazer.

—Pois, então pode segurar o plástico, enquanto cravo o prego. Assim terminaremos antes – A ideia de trabalhar com ele lhe agradava – Entre os dois...

—Impedirá-me.

De alguma forma, sem que Cam se dessa conta, Dean tinha conseguido levá-la até a escada. Jack aguardava de pé na mesma.

—É... – Suas palavras morreram em seus lábios. Discutir que aquele também era seu telhado, depois de ter passado tempo tentando convencê-lo de que parte da casa lhe pertencia, não parecia à melhor tática – É responsabilidade minha.

—Não mais – Contradiu Dean, segurando-a com força pelo braço – Tem cuidado. Os degraus estão molhados.

E esperou.

A camisola e a bata molhadas grudavam na perna. Os sapatos de esporte, que se havia atado a toda pressa, pingavam água a cada passo.

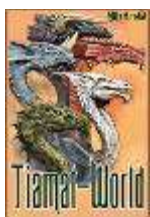
Ao ver que não tinha mais remédio, Cam desceu o primeiro degrau, mas então vacilou.

—O que irá fazer?

—Primeiro encontrar o lugar onde entra a água.

—Já o fiz. Estava cobrindo-o com o plástico.

Dean deu a volta e lançou um olhar ao pedaço de plástico.



—Acredito que não.

—Mas...

—A maioria das infiltrações se dá ao ponto onde faltam telhas, ou bem onde está solto, às vezes, onde o metal está oxidado, especialmente ao redor da chaminé. Também se pode filtrar através de telhas abertas.

—Estava usando o plástico para cobrir os pontos onde entrava água no quarto de tia Lorna.

O longo suspiro que emitiu Dean esquentou as bochechas geladas com seu quente ar.

—Não sabe de que está falando Cam. Sinto muito, mas não sabe. O lugar onde a água se filtra realmente rumo ao teto, no geral não tem muito que ver com a filtração do telhado. A água se move pela a parte inferior coberta, e percorre as vigas do teto antes de entrar no interior da casa.

—Sério?

—Olha, quanto mais tempo fico aqui, explicando, mais vou molhar-me e mais possibilidade terá de que os dois caímos e acabemos quebrando algo.

Nunca ninguém tinha lhe falado assim antes. Por alguma razão, deu-lhe vontade de sorrir. Não obstante, mordeu os lábios e assentiu.

—Você confia em mim. Sei o que faço.

—Certo – Confiava nele. E era uma sensação da mais agradável – Tenha cuidado.

—Não me diga – As palavras não haviam feito mais que sair de sua boca, quando Dean negou com a cabeça e abandonou todo o sarcasmo – Vá. Irei há uns minutos.

A segurou enquanto colocava um pé na escada e a soltou quando a viu descer.

Cam queria lhe agradecer, ou... Algo. Mas não sabia o que dizer, e Dean já se haviam dado a volta para procurar a origem das infiltrações.

Uma vez que desceu, passou a sua boca aberta pela irmã e entrou na casa. Em comparação com a noite sombria, o ambiente de dentro era quase borrado de tanto calor que fazia. Deus, somente esperava que não fosse por que o ar condicionado também tivesse quebrado. Uma catástrofe mais e de nada lhe serviria vender a casa, a dívida seria grande demais.

Sabendo que estava sozinha e com as luzes apagadas, Cam tirou a roupa molhada e as sandálias de esporte, atirou tudo na lavadora e subiu para vestir-se.

Segundos mais tardes, Jack abriu a porta somente um brecha e entrou no quarto. Enquanto, Cam secava a cabeça com a toalha, sua irmã ficou apoiada contra a porta fechada, olhando-a com nervosismo e impaciência.

—Aconteceu algo?

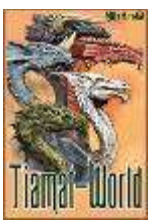
—Isso tudo é muito estranho – respondeu Jack.

—Estranho? – Deixando de lado a toalha, Cam colocou o jeans e uma blusa solta – Refere-se a que Dean veio e insistiu em ajudar?

—Sim – Jack se aproximou e sentou na borda da cama. Vacilou um momento antes de falar – Consegui trabalho na Roadkill Bar.

Cam estava penteando para desfazer do nó, mas ao ouvir sua irmã, deteve-se em seco.

—Você fez o que?



—Não pense em começar a protestar Cam. Dean tem razão. Preciso de um trabalho e esse é o que quero. Começo na segunda.

Isso era o que Jack pensava de sua preocupação, que estava protestando? Cam assentiu um pouco ferida.

—Entendo.

—O certo é que Dean se inteirou de que estava ali e insistiu em trazer-me para casa.

—Como se inteirou?

Com expressão tranquila e cúmplice, Jack se inclinou para frente.

—Deixou Eve para vir me buscar.

—A Eve? – Como havia ido parar Eve naquela enrolada historia?

—Estavam... Já sabe – Jack franziu o cenho e torceu a boca – Já sabe, passando um bom tempo.

Esquecendo-se do cabelo, Cam se sentou na cama junto a sua irmã.

—Como sabe?

—Telefonei para ver se tinha o telefone de Dean, já que ele não havia dado a nenhuma de nos, já temos visto a cena o bem que haviam conectado não?

“Conexão” era ficar muito pouco para descrever o choque sexual que havia tido entre Dean e Eve.

—Sim.

—Assim que telefonei, e por sua voz ao responder, asseguro que estava claro que não estava dormindo.

—Espera engraçadinha – A Cam meter o nariz na vida privada de Eve não parecia apropriado. Precisava um momento para assimilar as coisas – Para que queria o número de Dean?

—É uma longa história que de boa vontade te contarei logo. Mas verá que Eve não me deu o número de Dean – Jack se aproximou mais de sua irmã – Passou-lhe o telefone.

—Que horas era?

—Não faz mais de uma hora. E Dean não se incomodou em ocultar que os havia interrompido.

Aquilo era demais.

—Dean foi grosseiro com você?

Jack começou a rir.

—Tendo em vista a situação, comportou-se muito bem.

Eve e Dean já tinham intimidades? O certo era que Eve havia lhe deixado bem claro quanto a havia impressionado Dean, mas ainda assim... Cam moveu a cabeça para esclarecer as ideias.

—Por que não me chamou para ir buscá-la?

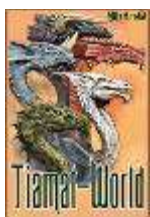
Jack se deixou cair para trás sobre a cama.

—Como é que sabia que ia me perguntar?

—Gostaria de pensar que seguimos sendo unidas.

Jack gemeu.

—Assim que não vamos falar de Eve e Dean?



Não era assunto seu, mas...

—Talvez depois.

Nesse momento, o esgotamento físico e emocional dominava Cam. Não pensava com clareza.

—Teria ido te buscar, Jack.

—Eu sei. Mas, teve um dia duro. Por que deveria fazê-la responsável por mim?

Um feroz sentimento de proteção rugiu dentro de Cam.

—Por que é minha irmã.

—Sim, claro. Mas tenho vinte e um anos, não doze. Somente sou um pouco menor que você

— Jack se apoiou nos cotovelos — Se dá conta de que somente por que papai e mamãe morreram me trata como se fosse frágil?

Fazia isso? Cam mordeu o lábio consciente de que era certo. Mas, amava tanto Jack que não desejava que se sentisse sozinha nunca.

Como havia acontecido com ela.

—Dean é um cara engraçado — Jack se deslizou para trás até colocar-se em meio da cama de tamanho médio de Cam. Como ave noturna que era, Jack estava mais acordada a essas horas que em nenhum outro momento do dia — Ao falar com ele, se dá conta de que não é igual aos outros caras.

—É teu irmão — Cam deixou o cabelo impossível e recolheu em um rabo de cavalo embaraçado — Não temos tido nenhum familiar masculino próximo, nem tampouco amigos íntimos. É lógico que a relação com Dean te pareça diferente que com outros homens.

—Certo. Entendi. Mas, é um irmão que não nos conhece Cam. Não é possível que lhe importemos.

Cam não estava certa disso. Depois de tudo, ela apenas o conhecia, mas em troca se importava com ele. E muito. Uma súbita martelada no telhado as fez endurecer.

Ele é.

Jack sorriu amplamente.

—Isso parece. E diria que não põe pregos cautelosamente, como você

As duas fizeram caretas ao ouvir as pesadas pisadas que percorriam o telhado, seguidas de mais marteladas.

Ouviram como uma porta se abria de golpe no corredor.

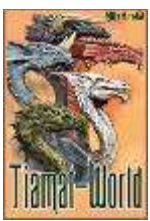
—O que aconteceu?

Jack girou os olhos.

—Já está a rainha do drama.

—Comporte-se — Esboçando um sorriso, Cam abriu a porta e saiu ao corredor pra tranquilizar sua tia — Sinto que a tenhamos acordado, tia Lorna.

Sua tia tinha o quarto maior de toda a casa, inclusive com banheiro próprio, em um extremo do segundo andar. O outro extremo, Jack e Cam ocupavam quartos menores, unidas entre si por um banheiro.



Desde o umbral da porta, Lorna olhava as duas irmãs alternativamente, e seu cenho aborrecido se voltou de confusão.

—Se as duas estão aqui, quem está no telhado?

—Dean.

O rosto de Lorna enrijeceu, dando um aspecto... Ridículo. Dormia com um turbante de algodão na cabeça para não enroscar o penteado, um creme no rosto, que fazia a testa brilhar, e pequenos pedaços de algo que parecia esparadrapos para cobrir as rugas mais marcadas.

Cam tratou de não ficar olhando, realmente tentou. Jack em troca não foi tão discreta.

—Tia Lorna, cortou a barba?

O tenso olhar da mulher se fixou nela.

—Do que fala?

—Tem pequenos pedaços de esparadrapos no rosto.

Lorna se inflamou como se fosse uma massa folhada.

—Imbecil. Uma mulher não se faz a barba.

Cam ocultou o sorriso. Com esparadrapo entre as sobrancelhas, encima do lábio superior e no ângulo de cada olho, fazer a barba soava ridículo.

Jack franziu o cenho em sinal de falsa preocupação.

—Então por que tem esparadrapo em toda a cara?

—É um tratamento contra as rugas.

Cam se colocou entre as duas antes que sua tia se aborrecesse de verdade.

—Insultar é coisa de criança tia Lorna.

A explosão parecia iminente.

Mas, antes que Lorna pudesse dar saída a sua fúria, Cam acrescentou:

—Além disso, não tem rugas. Para que precisa desse tratamento?

Isso acalmou a mulher, como previsto.

—Não tente me distrair. Quero saber o que está fazendo esse homem lá encima?

Jack rodeou sua irmã.

—Esse homem é o nosso irmão.

—Pois para ele já não importa! Antes deixou bem claro que...

—Chega – De uma maneira ou outra Cam estava decidida a conseguir que sua tia aceitasse a Dean.

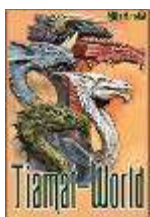
—Não, juvenzinha, não chega – Lorna atravessou o corredor feito uma fúria em direção a Cam – O que está fazendo ele aqui uma hora dessas? – exigiu saber, mas sem dar a Cam tempo de responder acrescentou – O que lhe disse? – acrescentou com suspeita.

—O que me disse? – Não compreendia a que se referia sua tia.

Lorna levantou um punho.

—Veio se meter onde não é chamado, para causar problemas, te digo. Nunca deveria ter deixado entrar em nossas vidas. Somente trará...

Aquilo era a gota d'água.



—Está no telhado! – gritou Cam, indo contra ela em passos firmes – Caiu a chuva, arrumando o maldito telhado para que seu quarto não inunde.

—Sim – respondeu Lorna erguendo-se com atitude arrogante – Já havia posto uma bacia para pegar a água. Não havia necessidade que ele fizesse. E por que não pediu a Roger? Por sim não se lembra, é seu prometido.

—Ainda não – insistiu Jack – Parece esquecer que Cam ainda não lhe prometeu nada. De fato, você é a única que...

Tentando evitar um enfrentamento com todas as leis, Cam pegou a Jack pelo o braço e começou a andar rumo à escada.

—Volta para a cama, tia Lorna.

—Não terminei de falar com você.

—Sim, já terminou – respondeu-lhe Cam por cima do ombro.

Sem soltar Jack, se aproximou da escada que dava para a sala de estar. Dean estava de pé ali.

Gotejando. Escutando.

Ai, Deus.

Dedicou a Cam uma única e longa olhada.

—E eu preocupado por que estava fazendo ruído demais.

Devia ter ouvido Lorna, apesar de não demonstrar. Como sempre, parecia calmo e dono de si mesmo, enquanto que ela havia brigado a gritos com sua tia.

Cam estava muito cansada de fingir sorrisos, mas ainda foi capaz de esboçar um a mais.

—Dean não havia me dado conta que havia terminado. Terei pronto o café em um minuto.

Os olhos castanhos claro de Dean, quase idênticos aos seus, se deslocaram rumo a Jack.

—Pensava que ela ia fazer.

—Jack e eu nos entretemos conversando.

Jack desceu as escadas atrás de Cam.

—Farei – Quando esteve mais próxima de Dean, se inclinou e disse – Mas se cair todos os seus pelos do corpo por bebê-lo, a culpa será sua.

Seu irmão sorriu. Até que voltou a olhar Cam.

—Temos que conversar.

—Claro.

Dean havia tirado o cabelo molhado do rosto e tinha tirado os sapatos molhados, mas a camiseta, empapada também, cercava o amplo tórax.

—Mas, tem que se secar primeiro – prosseguiu Cam – Trarei uma toalha. E, se quiser, pode por a camiseta na secadora.

Dean a pegou pelo braço antes que pudesse escapar. Cam se voltou rumo a ele automaticamente e o viu dirigir um gelado olhar para as escadas, rumo onde estava Lorna.

O que ia acontecer então?

—Diga-me por onde está entrando a água.

Ai Deus.



—A maior parte das infiltrações estão... No quarto de tia Lorna.

—De acordo.

Dean começou a subir as escadas e, em vista de que não a tinha soltado, Cam não sabia o que ia acontecer em seguida. Dean se deteve diante dela. Ainda estando um degrau abaixo de Lorna, a superava em altura. Esperou dois segundos antes de falar.

—Afastese.

A mulher fez o que pedia.

Resmungando. Dean atirou Cam na direção oposta do corredor, e Lorna se pegou a seus calcanhares.

Cam resistia obstinadamente a seguir.

—Nessa direção é o quarto de Jack e meu. O de tia Lorna está na outra ponta.

Ele lançou um olhar à mulher e sorriu com suficiência.

—Ficou com o quarto de meus pais?

—Estava vazio – Como se de imediato lamentasse ter dito, Lorna se levou uma mão na testa

– Pareceu melhor não incomodar a Jack e Cam ainda mais. Acabavam de perder a seus pais. Seus quartos resultariam mais familiares.

Dean fez uma pausa, olhando o quarto que havia no piso superior, de frente a Lorna.

Ao dar-se conta, Cam sentiu que se formava um nó na garganta. Pousou uma mão sobre a dele, que ainda a levava segurando o braço.

—Esse era seu quarto? – O quarto que a um menino de nove anos, que também havia perdido seus pais, também lhe resultaria familiar.

Doeu pensar nisso. Como teria se sentido?

—Sim – Dean descartou o sentimento como se nunca tivesse estado ali – Diga-me onde estão as infiltrações.

Lorna correu um pouco na frente dele, se colocou diante da porta, bloqueando o passo.

—Não quero que entre em meu quarto.

—Má sorte – Voltou-se rumo a Cam – Quer que arrume as infiltrações ou não?

—Arrumar? Quer dizer reparar? – Certo que não estava oferecendo a...

—Plastificar cada vez que chove não adiantou muito não acha?

Nem um pouco. Cam negou com a cabeça.

—Viu os plásticos?

As comissuras dos lábios de Dean se levantaram em pura diversão, e durante um segundo, parecia ponto de começar a rir.

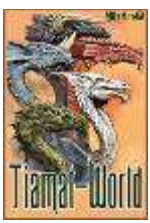
—Sim. Patéticos – Em seguida olhou a Lorna, e a diversão desapareceu – Mas, ao menos tentou.

—Não importa – disse a mulher – Vamos vender a casa de todas as formas.

Dean decidiu ignorá-la e voltou rumo a Cam.

—Terá que trocar todas as telhas. Deveria ter feito a uns cinco anos – Girou os olhos – Claro que, então somente tinha dezoito anos, e provavelmente ainda estava na escola.

Disse de propósito para provocar Lorna, e Cam sabia por experiência o que acontecia.



—Tudo parece romper ao mesmo tempo.

—É o que acontece, especialmente quando ninguém se ocupa de manter uma casa.

Apoiando o ombro na parede, junto a Lorna, Dean continuou como se esta não estivesse ali, com um turbante na cabeça, a cara coberta de esparadrapo, e bloqueando a entrada de seu quarto.

—Há duas camadas de telhas, e ambas em muito mal estado, assim o mais provável é que tenhamos que levantar o telhado por completo.

Cam sentiu que lhe estavam segurando a garganta.

—Temos? – repetiu com uma voz que parecia um grasnado.

—Necessito algo de atividade física para me manter em forma. E o novo amorzinho de Jack pode me ajudar.

Cam ergueu as mãos até os quadris.

—Jack tem um amorzinho?

—Não lhe contou?

—Disse-me que tinha história pra me contar e o que faria depois.

—Era isso.

Dean sorriu e Cam se distraiu contemplando o lindo que era quando relaxava.

—Gregor, o Maníaco Marsh – explicou.

—Meu Deus!

Dessa vez Dean soltou uma gargalhada.

—É um lutador Cam, como eu.

—Como você?

—Pertence à mesma organização, apesar de não e tão bom como sou. Em vista de que está tentando cortejar-me para que brigue com ele, e tentando cortejar a sua irmã por razões óbvias, não deve ser muito difícil enganá-lo para que nos ajude.

O rosto de Cam perdeu toda a expressão. Tinha um monte de coisas que pensar! Dean e Eve estavam tendo uma aventura, sua irmã saía com alguém chamado O Maníaco e seu irmão queria ajudá-la com o telhado.

Abriu a boca, mas dela não saiu nenhum som.

—Isso é absolutamente inaceitável – resmungou Lorna – Arrumar o telhado é um gasto de dinheiro inútil, já que de todas as formas vamos vender a casa – Afastou-se da porta – Cam, escute-me.

Quando se moveu, Dean aproveitou para abrir a porta e entrar no quarto.

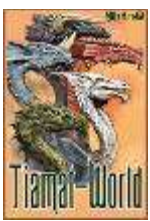
Somente havia dado alguns passos quando parou em seco. A prova de seu atordoamento foi o longo e agudo gemido que emitiu.

Cam encolheu os ombros com gesto contido rumo a sua tia e, em seguida, entrou no quarto. Dean estava ali de pé, olhando a enorme barriga que estava formando no teto.

Havia duplicado seu tamanho desde a última vez que Cam a viu.

—Ok. Isso é como a Coisa, não deixa de crescer.

Dean olhou então o balde de vinte litros meio cheio já e negou com a cabeça.



—Irá necessitar algo muito maior que isso. E rápido.

—Maior?

—Muito mais. Como uma banheira ou algo assim. O teto cada vez se dobra mais pelo o peso da água – Conforme falava, Dean pegou a bacia e foi esvaziar no banheiro – Não aguentará muito mais.

Cam observou Dean, que desaparecia no banheiro de sua tia. Olhou de novo a barriga grande, do tamanho de uma bola de basquete nesse momento. Não era um bom sinal. Então saiu correndo do quarto e desceu as escadas em direção a cozinha.

—Vem tomar o café? – perguntou Jack.

—Ainda não – Cam se meteu na lavanderia e começou a revirá-lo até dar com uma banheira de quarenta litros, mas não encontrou mais nada – Jack, procura uma bacia. Ou duas, ou três. Ande logo. O teto irá se abrir.

—O teto de Lorna?

—Sim.

Jack resmungou como se não importasse nada.

—Jack – Cam se deteve e lançou a sua irmã um olhar fulminante – Dean está sozinho com a tia Lorna em seu quarto.

—Oh merda – Jack passou junto a sua irmã, atravessou a lavanderia e entrou na garagem. Voltou com duas bacias, apesar de não muito grandes.

Teria que servir.

O súbito barulho fez as duas irmãs se encolherem no lugar. Reconheceram o grito enfurecido de Lorna, mas o outro som...

Dean estava apoiado contra a parede mais afastada, rindo a gargalhadas. Ria tanto que não podia manter-se em pé, mas estava deitado no meio do chão, com uma bacia vazia na mão.

No chão, no meio do quarto, estava Lorna empapada até os ossos, com o turbante bagunçado e o esparadrapo colocado em todo o rosto.

Jack não pode conter tampouco uma risada nervosa, e teve que colocar a mão na boca. Cam olhava fixamente a cena.

—O que aconteceu?

Dean não podia deixar de rir para responder.

Lorna, contudo, não encontrava graça na situação.

—Dean tinha razão – grunhiu ao olhar o teto. E dando as costas a todos, se foi encharcada de água até o banheiro – O teto se abriu.

Capítulo 11

Alguém bateu com as pontas dos dedos na porta quando Eve estava terminando de subir o zíper de seu vestido favorito. Era um vestido muito feminino, com um decote V e feito de um



suave tecido florido que se adaptava com perfeição a todas as curvas de seu corpo. Alcançou suas sandálias de salto e caminhou a porta fora colocando os brinços.

Era cedo demais para ter visitas, de modo que abriu a porta com curiosidade e sorriu alegremente ao ver quem era.

—Olá você.

—Olá.

Vestido com jeans e uma camiseta branca de algodão, Dean lançou um olhar atrás dela para se assegurar de que estava sozinha. Ao não ver nenhum dos curiosos membros de sua família, rodeou a cintura com um braço e a estreitou contra seu corpo para dar um longo e lento beijo. Não parecia ter pressa.

—Demônio, mulher, é ainda melhor do que me lembrava.

Eve sentiu que seu corpo derretia e que tremia como um flan.

—Você também.

Dando por certo que queria entrar, se afastou de lado para deixá-lo passar.

—Mas, sinto em dizer que me pega em um mau momento. Tenho que sair de casa dentro de dez minutos.

—Não foi nada. De todas as formas não posso ficar – Seguiu até a cozinha – Queria me desculpar por sair correndo na noite passada.

—Não fala sério né? – Deu um último sorvo de seu copo de café. Não era capaz de começar a jornada sem sua dose de cafeína – Quero que passe tempo com suas irmãs, lembra? De fato esperava que...

Dean levantou as mãos para que não continuasse falando.

—Já chega.

—Venha Dean – Sorrindo e com uma sensação de verdadeira mareou, Eve deixou o copo na pia, aproximou depois dele e lhe tomou o atraente e másculo rosto entre as mãos. Inclusive recém barbeado parecia cansado e tão sexy que lhe dava vontade de cancelar todos seus encontros para ficar com ele em casa – Sou a melhor amiga de Cam. Você e eu nos estamos dormindo juntos. Cedo ou tarde sairia o tema.

Dean deslizou as mãos com atrevimento até seu traseiro, atraindo seu corpo pra um contato mais íntimo.

—Agora que me disse o que queria saber, que a noite passada não foi simplesmente uma aventura de uma noite, me deixa duro.

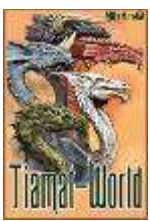
Rindo e golpeando de brincadeira, Eve tentou safar-se, mas ele bloqueou todos e cada um dos seus movimentos com facilidade.

—Dean - queixou pela metade.

—Eve – sussurrou – Tenho que cancelar os planos que tínhamos para essa tarde.

—Entendo – disse ela terrivelmente decepcionada.

—Posso passar a noite – Sua úmida língua lhe acariciou a orelha, fazendo-a estremecer de prazer – Lá pelas nove ou algo assim.



Um cubo de gelo não teria lhe causado tanta impressão. Tinha que estar de brincadeira. Eve lançou a cabeça para trás para ver o rosto.

Estava sério! Filho da Puta!

—Para dormir comigo? - respondeu furiosa e ferida em parte iguais, apertando os punhos – É isso que quis dizer não é?

A forma em que Dean sorriu, acrescentou confusão a seu torvelinho de emoções.

—Chama-me de otimista.

De alguma maneira, conseguiu meter uma perna entre as suas e, sem dar-se conta, Eve se encontrou de ventre contra ventre, sólido tórax contra seus suaves seios. O coração se acelerou de excitação.

Dean lhe olhou os lábios.

—Você sabe também que me deseja.

Assim era, mas os viciados voariam antes de ficar fácil.

—Não irá acontecer grandalhão, assim esqueça.

Dean cravou o olhar nela.

—Quer apostar?

Deus está certo de si! E, além disso, tinha razões para isso. Mas, ela não cederia.

—Claro. Como poderia perder?

—Humm – Dean contemplou o pronunciado decote em forma de V do vestido que realçava seu busto – O que poderíamos apostar?

—O que quiser. Deixo a sua escolha – disse ela para se distrair da facilidade que tinha para seduzi-la.

Outro deslumbrante sorriso.

—Está bem, procurarei algo.

Eve podia acostumar a ver Dean daquela maneira.

Poderia acostumar-se a vê-lo. Ponto.

E ali estava ele, afastando-se dela depois de somente uma noite.

Então lhe deu um beijo suave e rápido na boca.

—Mas, primeiro devo arrumar o telhado de Cam, que esta a ponto de cair. Plastificá-lo não irá servir de nada dessa vez. Agora mesmo vou pegar meu carro novo e depois vou ao armazém de material para alugar algumas ferramentas e comprar umas telhas.

Eve ficou de boca aberta surpresa.

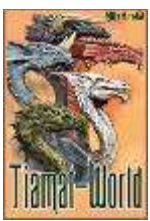
—Irá fazer o trabalho?

A conhecida e estranha mascara de indiferença cobriu o rosto dele como das outras vezes. Elevou um de seus maciços ombros com um gesto de indiferença.

—Por que não? Sabia fazer todo o tipo de obras com meu tio. Sou tão bom como qualquer outro que Cam possa contratar, e custaria um olho da cara. Além disso, dado que tenho tempo livre, posso terminar em uns dias, sempre que não chova.

Comovida ao ver que Dean se preocupava por suas irmãs, Eve se esfregou contra ele.

—É muito amável de sua parte.



Ele resmungou entre os dentes.

—Não é para tanto, não exagere – disse finalmente.

Era muito comovedor ver quão agradável que podia ser. Eve ocultou o sorriso em seu ombro.

—Dean, odeio ter que dizer, mas agora mesmo, não acredito que Cam possa permitir sequer comprar poucas telhas.

Os dedos de Dean desceram por seu traseiro, por detrás das coxas, e em seguida, subiram por debaixo da saia.

—Não deveria ter que fazê-lo. Lorna tinha dinheiro para esses casos.

—Se espera que Lorna ajude com os gastos, está louco. Essa mulher nunca...

—Shh – Seus dedos haviam encontrado a calcinha, e já a estavam provocando metendo-se por debaixo da borda que rodeava a perna – Ocuparei-me disso.

Contendo a respiração, Eve fechou os olhos e se concentrou em recuperar o controle. Dean acabava de dar um passo de gigante na vida de suas irmãs, e ela queria falar disso. Mas, não podia fazê-lo com sua mão ali, fazendo coisas escandalosas e maravilhosas.

—Tem que... Parar.

—Certo – Eve notou que Dean a obrigava a retroceder, até que suas costas topou contra a parede – Ainda tem cinco minutos não?

—Somente cinco.

Ele sorriu ao tempo que metia a mão novamente naquele ponto tão provocador lhe parecia. Era crueldade que lhe estivesse fazendo aquilo.

—Pode ser que cinco minutos são suficientes para ti, machão, mas não seria... – Dean mudou a posição dos dedos e Eve afogou um gemido – Oh Deus como faz?

Ele roçou sua testa com os lábios, enquanto seus dedos exploravam seu sexo, por fora e por dentro.

—Relaxe tá? Deixe e desfrute um pouco.

Eve apenas podia guardar silêncio, Aqueles dedos se moviam em seu interior com suavidade e determinação ao mesmo tempo. Um estremecimento cada vez mais intenso ameaçou se apoderar dela.

—Mas, Dean... Não tenho tempo de arrumar-me e vestir outra vez.

—Não terá que fazê-lo.

Interrompeu o tormento sexual que a estava submetendo o ponto para abaixar as calcinhas, que se deslizaram pelos joelhos até chegar aos tornozelos.

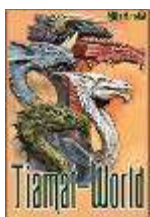
—Tire-as.

Eve não podia resistir.

—Todo mundo saberá o que estava fazendo quando vir meu aspecto.

A suave gargalhada dele afetou como se fosse dar uma lamentação.

—Ninguém saberá, prometo.



Colocando-se de joelhos, incitou a livrar-se das calcinhas, e depois traçou um caminho de beijos, da coxa até o quadril. Quando se levantou e ficou novamente diante dela olhando-a nos olhos, Eve supôs que estava perdida.

—Não posso acreditar que está fazendo isso.

—Pois acredite – disse ele, levando a mão direita entre suas pernas, enquanto com a esquerda abria os jeans e depois lhe dava uma ordem – Vamos mulher se não termina nosso tempo.

Cravando o olhar na enorme ereção, Eve sentiu a boca seca. Apenas a havia beijado, não lhe havia tocado os seios, a havia preparado realmente pouco... Mas, de alguma maneira aquilo não fazia senão aumentar sua excitação.

Olhou rumo às portas corrediças que tinha a sua direita. O jardim traseiro de sua casa era privado, mas ainda assim lhe parecia muito atrevido fazê-lo ali, em plena luz do dia, quase completamente vestida.

Não pode resistir.

Susteve um momento o olhar dele e em seguida utilizou os dentes para abrir o zíper da calça. Um novo estremecimento brilhou nos olhos de Dean.

—Provocadora – Acusou-a.

—Olha quem fala.

Tremiam as mãos quando susteve entre suas palmas o duro membro. Era tão quente e firme... Acariciou-o uma, duas vezes, deixou que o polegar deslizesse pela a sedosa glândula, estendendo por ele uma gota de quente fluido de sêmen.

Dean conteve a respiração.

—Vamos, coloque-o já.

—Calma.

Tomando mais tempo do necessário, Eve desenrolou a camisinha ao longo do ereto pênis. Dean fechou os olhos e deixou escapar um gemido entrecortado, e em seguida estava grudando sua boca contra a dela, um beijo longo e profundo, ao tempo que manobrava para colocar-se em posição, levantando Eve contra a parede, ajudando-a pra que rodeasse sua cintura com as pernas.

—Agarre meus ombros.

Ela fez o que dizia e Dean se fundiu em seu interior.

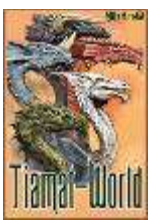
—Dean.

Cobrindo a boca novamente, utilizou a língua para imitar as rítmicas investidas que tinham lugar dentro de seu corpo. Eve começou a ver luzes brilhantes através dos olhos fechados.

A tensão foi subindo, surpreendendo-a pelo o rápido que estava acontecendo.

Dean elevou um pouco o quadril, ajustando o corpo dela para que sua ereção lhe tocasse o clitóris em cada investida. Eve lhe cravou as unhas nos ombros, enquanto ele a estreitava com mais força contra seu corpo, e o clímax a atravessou.

Liberou a boca para deixar escapar um gemido de prazer, consciente de que Dean a estava olhando, alegre com sua perda de controle. Não lhe importou. Nunca havia sentido nada igual. Era demais. Incrível demais.



Fácil e assustador demais.

Conforme cediam as sensações prazerosas, teve que inspirar profundamente várias vezes para não começar a chorar. Sentia-se... Relaxada, esgotada.

E... Viciada.

Na noite anterior tinha sido fantástico e não havia podido deixar de pensar nisso, e nele, desde então. Mas, o que acabava de acontecer deixava claro que Dean Conor exercia um efeito único nela, que lhe fazia sentir coisas que nenhum outro homem poderia. Tanto se tinha toda a noite como se não mais que cinco minutos, era capaz de fazer que se derretesse e esquecesse todas as convicções, provavelmente até seu orgulho.

Quase lhe dava medo. Quase.

—É um mágico ou algo, não?

Dean tinha o rosto apoiado no ângulo que formava a mandíbula e o ombro de Eve, e sua quente respiração lhe acariciava a garganta.

—Ainda me sobra um minuto, carinho. Deixa que recobre o ar, por favor.

Ela sorriu alegre com aquela atitude tão despreocupada rumo aos assuntos carnis e admirada ante semelhante demonstração de virilidade. Dean se derrubou sobre ela, falando em sussurros, e ainda assim, parecia mais homem que qualquer homem que ela tivesse conhecido.

Eve fundiu os dedos no espesso cabelo castanho claro dele.

—Deveria estar na cama.

—Contigo? Uma ideia genial.

Ela soltou uma gargalhada enquanto movia a cabeça em sinal de negação.

—Não. Recuperando-se.

—E que graça isso tem? – ergueu-se, procurou o rosto e a beijou uma vez mais antes de deixá-la de pé – Tem que ir ao banheiro?

—Humm, sim – Ao ver suas calcinhas no chão, entre os dois, Eve se afastou – Você primeiro – disse. Não estava certa de que as pernas responderiam.

Dean lhe segurou o rosto entre ambas as mãos e lhe acariciou a bochecha com o polegar.

—Tudo bem.

Subiu os jeans e foi ao banheiro.

Quando desapareceu, Eve entrou na lavanderia adjacente para refrescar-se ali um pouco. Era incrível a facilidade com que a excitava. Como se a tocasse com uma varinha. Sabia exatamente como acariciá-la.

Se fosse inteligente colocaria distância entre ambos.

Dean voltou. Eve não sabia como, mas ele tinha um aspecto canalha e vulnerável ao mesmo tempo.

—Então, as nove está bom?

Partes secretas de seu corpo estremeceram diante a ideia.

—Ainda quer vir? Quero dizer depois de... Disso.

Com toda segurança devia estar satisfeito.

—Sim. Ainda quero. Pode ser que mais que antes.



Eve deixou escapar um suspiro de alívio, por que ela sentia exatamente igual, sorriu.

—Tudo bem.

Os lábios de Dean curvaram em um amplo sorriso.

—Se dá conta de que acabei de ganhar a aposta?

A confusão de Eve se converteu rapidamente em compreensão.

—Espera um pouco...

—Não pode. Vai chegar atrasada – Aproximou-se dela em dois passos – Mas, não se preocupe desfrutará muito pagando.

—Dean...

Apagou seu protesto com um beijo e a deixou de pé, muda, aborrecida, e cheia de uma fervente antecipação.

Dean dirigia rumo a concessionária de memória. Somente havia estado ali uma vez, e menos mal que seu subconsciente parecia conhecer o caminho, por que seu cérebro não estava bom para seguir instruções.

Não havia ido ver Eve para uma gozada rápida. Justo ao contrario. O tinha feito com a intenção de dizer que tinha que cancelar o encontro. O que aconteceu em seguida não estava planejado. Mas, ao vê-la, ao ouvi-la e sentir seu aroma de recém saída do banho, seus planos tinha mudado.

Não sabia se deveria estar aborrecido, confuso ou envergonhado. Foda. Seguia assim, e Eve pensaria que era um sádico que não controlava seus instintos sexuais. Apesar de não importar controlar ela. Demônio, não. Isso adorava.

E ali estava o problema.

Depois de sair de sua casa na noite passada, havia pensado em Eve ao menos cinco vezes. Jack dizia algo ridículo e ele pensava em contar. Cam subia ao telhado em meio de uma tormenta, e ele queria correr para explicar. Lorna o acusou de parasita, e ele queria acudir Eve e...

Não.

Não o faria.

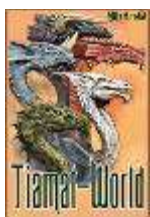
Então por que demônio lhe havia contado que tinha a intenção de arrumar o telhado? E falando nisso, por que ia arrumar o fodido telhado? Não era seu problema. Não tinha nada a ver com isso.

Ao parar no farol vermelho, fechou os olhos com intenção de clarear as ideias. Arrumaria o telhado e tudo acabaria.

Ponto. Tal como havia dito a Eve, fazer isso não era nada de outro mundo. Podia permitir, e quando se fosse, não teria pensando que uma mulher, sua irmã ou qualquer outra, teria que subir ao telhado em mal estado.

Arrancou e se uniu ao tráfego e, aos poucos minutos, chegou à concessionária. Ao entrar, viu um Ford Focus usado. Estava limpo, tinha bons pneus e preço razoável...

Maldita fosse.



Mantendo o olhar de pedra na frente, Dean entrou como uma exalação ao comercio e acabou com os documentos sem perguntar pelo o Ford. Tinha seu Sebring, não precisava de outro carro.

E arrumar o telhado era um ato de caridade mais que suficiente de sua parte.

Depois da tormenta da noite anterior, o ar fresco da manhã lhe agradecia. Dean levantou a capota e se dirigiu a direção que lhe dado a mãe de Eve. Queria dizer a Crystal que finalmente não ia olhar nenhuma propriedade. Ao menos no momento.

Seus escritórios davam uma sensação de exclusividade. O edifício era novo e contava com um jardim cuidadosamente desenhado por um profissional. Dean levantou seus óculos de sol ate encima da cabeça enquanto empurrava as portas de vidro temperado na entrada. Uma recepcionista muito agradável conduziu ate o espaço de Crystal.

No meio do caminho, pode ouvir a voz de um homem que, pelo o tom, parecia estar muito aborrecido.

—Isso é um absurdo. É uma perda de dinheiro e sabe.

—Escuta Roger, não é assunto meu – disse Crystal – Terá que falar com Cam.

Roger. Genial. Alguém a quem Dean não tinha vontade de ver.

—Vende a maldita propriedade de uma vez e Cam não terá que incomodar-se em fazer reformas.

—Sinto muito – retrucou Crystal – Não sou eu que dou a ordem de venda.

Um silêncio que destilava ira vibrou no ar durante um tempo.

—Faça os malditos documentos – ordenou o homem com os dentes apertados.

Dean chegou ao fundo do corredor bem a tempo de ver Crystal levantar-se de seu lugar e rodear a mesa do escritório. A julgar pela sua atitude, estava aborrecida.

—Farei quando Cam me disser, nem um segundo antes.

—Tentei falar com ela, mas não responde em casa e nem no celular – Quando Crystal se encolheu os ombros, Roger avançou um passo rumo a ela – Sabe perfeitamente que sou o único comprador, e não quero que repare o telhado.

Dean se apoiou no marco da porta.

—Por que não?

Roger se girou os calcanhares, primeiro surpreso e ao reconhecê-lo furioso.

—O que está fazendo aqui?

—Não é assunto seu, mas vim pela a mesma razão que a sua.

A ira se apoderou de Roger até que Dean esclareceu a situação.

—Estou pensando em comprar alguma propriedade.

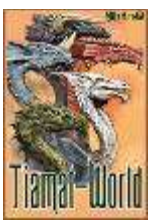
—A propriedade dos Conor?

Dean lhe lançou um olhar de “claro que não”, e em seguida se dirigiu a Crystal.

—Bom dia.

Ela lhe deu um franco e aliviado abraço de boas vindas.

—Chegou cedo.



—Sinto muito. Meus planos mudaram um pouco – Em seguida se voltou para Roger – O mais provável é que Cam segue dormindo. Esteve acordada até tarde por culpa de umas infiltrações de água no telhado.

—E você como sabe? – perguntou Roger girando os olhos.

—Ajudei a pará-las.

Ele avançou outro passo.

—Roger, vejo que já conhece ao irmão de Cam, Dean – disse Crystal.

—Seu irmão? – repetiu detendo-se em seco.

—Isso mesmo – respondeu Dean e franzindo o cenho em sinal de confusão acrescentou – Não sabia?

Roger era tão transparente que Dean podia ver cada pensamento e adivinhar cada intenção.

—Não – respondeu finalmente – Nos conhecemos outro dia, mas não...

Sem saber muito bem que tática seguir, Roger vacilou entre a fúria intimidadora e uma fingida despreocupação que pudesse ajudá-lo a averiguar um pouco mais.

Decidiu pela a segunda opção.

—Eve me deu a entender que não ia ficar – Com as mãos nos bolsos, Roger estreitou a mão – Enganou-se?

—Não – Dean voltou-se rumo a Crystal – Se tem algumas direções que possam interessar-me, levarei agora e as olharei quando puder.

—Claro, tenho aqui mesmo – Crystal lhe entregou várias páginas impressas metidas dentro de uma caderneta para assegurar a privacidade.

A frustração escurecia os olhos de Roger, que tentou que sua voz não transmitisse.

—Se não vai ficar, para que comprar uma casa?

—Para investir – Dean lançou um olhar às direções assentiu e dirigiu a Crystal – Obrigada. Te devo uma.

—Depois dos inconvenientes que se colocaram os homens na outra noite? Diria ainda não estamos quites.

Roger tentou chamar a atenção de Dean novamente.

—Investe no negocio imobiliário? Eu também. É próprio de homens inteligentes – Observou de forma especulativa – Não sei se sua irmã te disse, mas sou proprietário de vários estabelecimentos aqui em Harmony.

—Na verdade Eve me disse.

—Entendo – Um músculo vibrou na bochecha de Roger – Estão juntos?

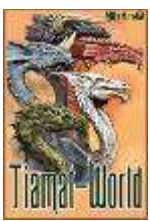
Em vez de responder, Dean percorreu a distância que o separava de Roger e, quando esteve a escassos trinta centímetros dele, sorriu.

—Minha vez.

Roger despregou a vista rumo a Crystal depois a Dean.

—Seu vez de que?

—De interrogar. Começarei perguntando por que não quer que Cam arrume o telhado.



Roger se debateu consigo mesmo, mas ao final retrocedeu. Com seu quase metro e noventa provavelmente não estava acostumado que ninguém lhe ficasse de cara. Mas, Dean não somente superava com mínimo dez centímetros, mas sim, além disso, tinha maior musculatura e muita prática na intimidação.

Nesse momento estava se aproveitando de ambas as coisas.

Dean não sabia por que queria intimidar Roger. Mas, tinha instinto para algumas coisas, e de uma maneira meramente visceral, aquele cara lhe inspirava aborrecimento e desconfiança. Contudo, Dean se cuidou de não mostrar seus sentimentos e se limitou a encolher os ombros.

—Sua irmã e eu estamos noivos.

—Não me diga. Acredito o que ouvi o assunto, todavia está no ar.

A expressão de Roger ficou tensa.

—Ainda precisamos arrumar alguns detalhes. Enquanto, não quero que se preocupe por coisas sem necessidade. Vou comprar a casa e me importa um caralho o estado do telhado.

Dean assentiu lentamente, mas não acreditou em uma palavra.

—Antes afirmava que era seu único comprador. Como assim?

—Quem mais iria querer? – respondeu Roger soltando uma gargalhada – Viu o telhado, mas também tenha problemas nas calhas, e que as janelas estão tão acabadas que nem servem pra nada. Qualquer dia terá uma sobrecarga na instalação elétrica ou se produza algum maldito curto circuito. A bomba de calor regular e teria que mudá-la. O...

—É estranho – Interrompeu Dean – A piscina está perfeita. Por que deixaria Cam que a casa se caísse aos pedaços, mas manteria a piscina em perfeito estado?

Crystal resmungou.

—Por que Lorna usa a piscina, por isso.

Dean não dava crédito.

—Lorna é nadadora?

—Não – respondeu Crystal – Mas, se entretém de outra forma. Celebra pequenas festas e reuniões.

Isso explicava a existência da linda mobília no jardim.

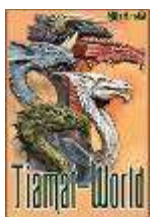
—Quando a bomba da piscina rompeu no princípio da temporada, Roger a fez arrumar – Crystal olhou alternativamente ambos os homens – De seu próprio bolso.

—É muito generoso de sua parte.

Dean se perguntava por que Roger havia ajudado a Cam com isso e não queria fazer com outras coisas, e por que Cam teria permitido que fizesse? Pelo o que havia visto de sua irmã, essa era independente demais e orgulhosa para seu próprio bem.

—As meninas gostam de nadar – Defendeu Roger – E, tampouco custou tanto.

Claro que gostavam de nadar. Havia crescido com uma piscina no jardim. Dean ainda lembrava os dias de verão antes da morte de seus pais. Todo o dia tombado no jardim, banhando-se e brincando na piscina até que estava cansado demais para fazer outra coisa que não fosse comer e dormir. Nada, nem sequer o trabalho mais pesado, cansado tanto do sol e da água. Mas,



era um cansaço agradável. O tipo de cansaço que fazia que os problemas parecessem menos graves e apagava a tensão.

Justo nesse momento, Dean tomou outra decisão. Negava-se a ponderar demais, nem a refletir em busca da verdadeira motivação. O desgosto que lhe provocava Roger parecia razão para qualquer coisa.

Voltando-se rumo a Crystal disse:

—Não venda a casa até que eu diga.

Roger resmungou.

—De que está falando? Você não tem nada a ver com isso.

—Na verdade tenho a última palavra.

Crystal ergueu as sobrancelhas e Dean explicou a situação a ambos.

—Cam me disse que parte da casa é minha. Que eu não tenha vivido nela, não muda o fato – Deu umas palmadinhas nos ombros de Roger – E acabo de decidir que não quero vendê-la.

—Isso é ridículo – Roger havia empalidecido por efeito da incredulidade – Cam e eu nós temos um trato!

—Mas você e eu não – retrucou Dean. E depois disso, fez um gesto a Crystal com a caderneta das direções despedindo-se dela – Obrigado outra vez. Manteremos contato.

Aturdida pelo o giro que haviam tomado os acontecimentos, Crystal assentiu.

—Sim estarei esperando com o coração aberto.

Dean se afastou a grandes passos da crescente fúria de Roger. Sentia-se como se tivesse tirado um enorme peso de cima. Até o dia lhe parecia mais iluminado.

Era hora de colocar-se em movimento. Tirou o celular que levava enganchado na cintura do jeans e marcou o número de Gregor.

Esse o pegou no terceiro toque com a respiração agitada e ruidosa.

—Sim?

O teria pegado em um momento indiscreto?

—Parece que o peguei fodendo ou treinando.

—Furacão, como está filho da puta?

—Respiro mais relaxadamente que você. Obrigado.

Gregor soltou uma gargalhada.

—Vou decepcioná-lo, te asseguro que a mim mesmo decepciona, mas não interrompeu nada excitante, estava correndo. O que foi?

Dean foi direto ao assunto.

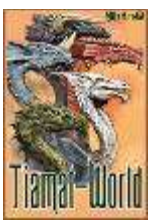
—Tenho uma proposta para você.

—Interessante. Sou todo ouvidos machão.

Dean desceu os óculos para proteger do sol. Levantou o olhar ao céu azul completamente limpo. Nem uma nuvem a vista. Mas, até quando duraria?

—Seria bom que me dessem uma mão numa coisa. Se me ajudar, tem tua briga.

—Briga? Foda, cara, o que quero é um combate oficial.



—Cada coisa ao seu tempo – respondeu ele. Abriu em seguida a porta de seu novo carro e se sentou atrás do volante – Mas, treinaremos depois de que tenhamos terminado o trabalho. Duas horas de luta de treinamento com você por dia para que trabalhe comigo, o que acha?

—Acredito que me pegou pelas as bolas, canalha.

A excitação fazia Gregor soltar as palavras.

—Mas que diabos, sim, sou seu homem. Diga o que precisa.

—Para começar terá que melhorar essa linguagem.

—E a você que merda importa?

Às vezes, Gregor podia ser um completo idiota.

—Vou trocar todo o telhado da casa de minha irmã, e provavelmente ela estará por ali. Não acredito que goste de te ouvir falar assim.

Fez-se um pesado silêncio, cheio de antecipação, depois da afirmação de Dean. Então Gregor falou em um sussurro, como se estivesse saboreando as palavras.

—Oh sim, sua irmã menor.

Dean girou os olhos.

—Não fale assim idiota.

—Como?

—Como se estivesse exposta no Buffet da ceia e você estivesse morto de fome – respondeu Dean. Movendo-se em terreno desconhecido para ele, lançou não obstante sua primeira advertência de irmão mais velho – Lembra que é minha irmã?

Gregor soltou uma gargalhada.

—Demônio, cara, sabendo que sua irmã estará por ali, o teria feito sem esperar nada em troca. Má sorte para você, por que fizemos um trato.

—Será um trabalho duro – advertiu-lhe Dean – E nos levará alguns dias.

—Estupendo – disse Gregor com grande satisfação – Quando mais melhor, por que penso desfrutar cada segundo.

Capítulo 12

Mais tarde, nesse mesmo dia, quando Dean rodeou a casa em direção ao jardim traseiro, viu a corpulenta figura de Gregor ocupando parte do espaço. Imaginou que deveria ter ido correndo até ali com a esperança de ver Jack. Gregor era todo sedutor, mas nunca o havia visto em ação antes.

O extra de tê-lo convencido para que o ajudasse era que assim podia ver o desenrolar de seu cortejo da primeira fila. Dean sabia por instinto que Jack não ia ser fácil. Era uma menina com muito caráter e alguns complexos, assim Gregor teria que andar com cuidado.



Nesse momento, somente Cam e Eve lhe faziam companhia. Significaria isso que Jack o estava evitando deliberadamente, ou que não sabia que estava ali? Ela gostava, disso estava certo. Então o que a detia?

Conforme se aproximava, contemplou como Gregor jorrava encanto com as duas mulheres. A atitude que mostrava a elas não se parecia com a forma tão territorial quase barbara, que havia se comportado com Jack. Gregor queria ter a amizade de ambas as mulheres por que sabia que estavam unidas a Jack.

Contudo, não estava funcionando.

Cam o contemplava com um olhar cercado de terror. Tentava ser amável, como sempre, mas não deixava de piscar atônita. E de olhar as orelhas, grossas e um tanto deformadas por causa dos golpes fortes demais recebidos durante as brigas. E aquelas tatuagens que lhe percorriam o tórax. O tórax desnudo, que para muitas mulheres resultaria intimidador.

Dean teria dito algo a respeito do fato de que Gregor não usava camisa, mas sua atenção se grudou em Eve, que estava de pé junto a Cam.

Tinha tirado o sedutor vestido que usava de manhã e tinha colocado uma calça três quartos ainda mais sedutoras e um top de decote “V”, que deixava ao descoberto uma tira da suave pele por cima da cintura do jeans. Dean viu o piercing do umbigo e ficou preso.

A diferença de Cam, Eve não parecia assustada pela a imponente aparência de Gregor.

Dean deixou cair ao chão às ferramentas que levava nos braços, com o seguinte intento.

Gregor se voltou, viu que era ele, e seu encanto converteu em amarga queixa.

—Maldito seja, Furacão, sua irmã pequena está me evitando.

—Não pode culpá-la por isso – comentou Dean e em seguida olhou a Cam – Onde está?

Depois de duas tentativas, Cam conseguiu encontrar voz.

—Ela... Ofereceu-se como voluntária para ir um ao supermercado.

—Para comprar comida – explicou Eve – Pensamos que poderíamos preparar uns hambúrgueres e uns cachorros quentes. O que acha? – Eve se aproximou dele com um sorriso enquanto falava – Tem fome?

—Sempre.

E no que se referia a ela era fácil dizer. Havia estado dentro de Eve fazia umas horas e já voltava a sentir tensão e nervosismo somente por tê-la próxima.

Gregor resmungou.

—E quando chegará sua irmã pequena?

—Não deveria demorar tanto – disse Cam, com expressão de esperança e um evidente desejo de fugir – Trarei um pouco de chá gelado a todos. O que acha?

—Genial – respondeu Gregor e com sua mão grande nas costas finas de Cam, a incitou rumo a casa – Ajudarei-te. Assim poderá contar-me mais coisas sobre Jack.

Negar não teria sido de boa educação, de modo que Cam se viu obrigada a dirigir-se rumo a cozinha, com uma expressão consternada e resignada.

Quando desaparecerão no interior da casa Eve sorriu amplamente.

—Tem uns amigos muito originais Furacão.



—Mais que um amigo, é um concorrente ansioso para conseguir o título, mas não é mau. Se entusiasma demais com as coisas.

—Sua irmã é uma dessas coisas?

Dean sorriu.

—Deixou-o verdadeiramente impactado. Juro-te que estava a ponto de recitar uns versos. E o melhor é que Jack não parece saber. Ela acredita que ele a está usando para chegar a mim.

—E está certo que não é assim?

—Gregor não funciona dessa maneira – respondeu Dean e, depois de pensar um momento se decidiu a perguntar – Tem ideia de por que Jack duvida de que ele possa estar realmente interessado nela?

—Não. Pelo o que sei, teve um monte de namoradinhos. Já ouviu meu irmão. Jack atrai a gente, meninos e meninas por igual. Esse seu gênio caustico é tão intenso quanto seu carisma.

—Pode ser – comentou-o, mas não engolia essa fachada que Jack queria mostrar. Havia visto fios demais de insegurança nela.

Então foi Eve quem ficou observando.

—Sabe? O dia que conheceu Jack arrematou como um elefante contra sua principal vulnerabilidade.

Dean não era nenhum idiota, lembrava perfeitamente do momento em que viu Jack.

—Sua altura e magreza?

—E o que isso causa. Ou melhor, dizendo, o que não.

—Ah – disse Dean.

Então era isso. Mulheres. Por que insistiam em pensar que os homens a julgavam pelo tamanho de seus seios?

—Certo, não é proporcional, e isso de verdade lhe preocupa?

Eve lhe lançou um olhar de exasperação.

—Preocuparia a maioria das mulheres.

—Pois não deveria. Nós homens não somos tão superficiais nem unidimensionais como tentam parecer. Sexo, nus, com as luzes acesas, umas quantas risadas, muitos ofegos e sem inibições – Piscou um olho – Isso é tudo o que queremos.

Eve ficou vermelha por que isso era exatamente o que tinha tido com ela. Dean lhe acariciou o queixo e sorriu outra vez, e lhe deu um beijo rápido e apaixonado.

—Se Jack desse chance a Gregor, estou certo que este lhe ensinaria o pouco que lhe importa que tenha uma tabua de sutiã pequeno.

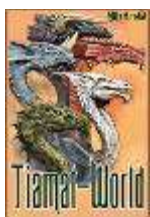
Agora que viu que Gregor estava verdadeiramente interessado em sua irmã, e não queria simplesmente mais uma, Dean pensou que não se importaria se conseguisse. A Jack não seria ruim para sua autoestima.

Eve clareou a garganta.

—Morro para saber como o conheceu.

—É uma história chata.

—Pois me aborreça.



Dean encolheu os ombros, mas contou.

—Gregor estava perguntando por mim em um bar e Jack ouviu – Dean não pode evitar, se inclinou e voltou a beijá-la – Já terminou com sua reunião?

—Humm – Eve se lambeu – Estou livre toda tarde. Não pude resistir a vir aqui para ver-te suar. Vai ser um espetáculo – Seu sorriso não podia esconder a preocupação em seus olhos – Certo que está disposto a colocar-se a trabalhar tão duro com esse calor?

Nenhuma mulher o havia olhado com preocupação. O belo sexo somente lhe proporcionava luxúria, manipulação, e no caso das fãs, cega admiração. A preocupação de Eve o desarmava e fazia desejar abraçá-la.

Afastou esses pensamentos e optou por brincar.

—A essas alturas, já deverias saber o “disposto” que posso estar.

Eve não riu. Roçou os dedos no queixo e lhe afastou o cabelo para ver os pontos que tinha na testa. Dean sentiu sua terna carícia em todo seu ser, em lugares em que os nunca havia pensado antes.

Como por exemplo, o coração.

Forçando uma gargalhada se afastou dela e tirou a camisa.

—Se quer me acariciar um pouco, tem lugares melhores.

—Tem um corpo esplêndido, disso não tenho dúvidas – Enlaçou os dedos de ambas as mãos com força – Mas, se começo a tocá-lo, não vou querer parar. E esse não é o momento.

Demônio. Era incrível o quanto que aquela mulher o afetava.

—Então guardarei esse pensamento para hoje a noite.

Depois de tirar a camisa sobre uma das cadeiras do jardim, Dean a beijou mais relaxado e logo se deu volta para selecionar as ferramentas que ia precisar. Havia pedido que levassem uma caçamba para os escombros, para tirar as telhas velhas. Mais tarde, o armazém de materiais lhes entregaria as telhas novas.

Eve o seguiu e Dean se deu conta de que queria algo. Tinha a intenção de cancelar o daquela noite somente por que havia perdido a aposta...

—Minha mãe me disse que não quer vender a casa. - Dean relaxou. Podia manejar esse lado intrometido seu.

—Isso mesmo.

—Então... O que pensa fazer?

—Falar com Cam primeiro. Não quero que isso a pegue de surpresa – Ergueu a sobrancelha – Não lhe disse nada, não é?

Eve negou com a cabeça.

—Imaginei que queria fazê-lo você. Será uma boa oportunidade para que fale mais. Talvez os ajude se conhecer melhor.

—Bom.

Com a cabeça metida já no trabalho que estava por vir, Dean caminhou em círculos ao redor dos materiais fazendo inventário mental para assegurar de que não havia esquecido nada. Dois



raspadores para tirar as telhas velhas, rolos de manta asfáltica, caixas de pregos galvanizados, beirais, alumínio, e dois grampeadores.

Com o fim de que pudessem fazer o trabalho mais rapidamente, antes que começasse a chover de novo, havia alugado todas as ferramentas em dobro. Com sorte, teriam o telhado pronto para instalar as telhas antes que terminasse o dia.

—Quando irá falar com Cam?

Dean lançou a Eve um olhar fugaz.

—Não deixa de pressionar-me para que tenhamos laços ou algo assim, mas isso não irá acontecer, assim tire da cabeça.

—De acordo – aceitou Eve, concordando com ele. Sentou-se na espreguiçadeira e fingiu examinar uns clubes – Mas, a nenhum dos dois machucará falar de certas... Coisas.

E agora queria apaziguá-lo? Aquilo não lhe agradava. Por alguma razão, Eve o havia colocado no papel de irmão próximo e preocupado, quando não conhecia o suficiente para fazer tal afirmação.

Não tinha nenhuma intenção de permitir que deixasse o que tinha que fazer. Mas, ao mesmo tempo tampouco poderia decepcioná-la.

De pé diante dela, Dean cruzou os braços, desejando fervorosamente que o olhasse. Quando Eve o fez, quase se distraiu com o brilho que desprendia seus olhos azuis debaixo do ardente sol do meio dia.

—Antes de começar preciso saber quantos arranjos precisa a casa para tirar algum proveito.

—Irá vendê-la?

Ainda não sabia, de modo que, em vez de mentir, se limitou a encolher os ombros.

—Segundo Roger está caindo aos pedaços.

—Exagera – disse Eve. Visivelmente angustiada, arrancou um pouco de erva e a deixou deslizar nos dedos – Mas, não muito.

—Então qual mal está?

Ela alcançou os ombros nus, atraindo com o movimento o olhar de Dean rumo à suave pele e sua delicada estrutura óssea.

—Não estou certa do que pode custar, mas é verdade que a casa tem estado muito descuidada. Cam, com sua tendência a carregar coisas demais, tratou de ocupar-se de tudo. E Lorna em troca nunca ajuda em nada – Afastou a vista outra vez – Para Jack e Cam continua sendo seu lugar. Nenhuma delas querem vender.

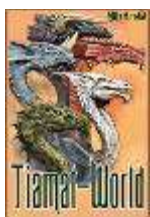
A insinuação estava clara.

—Ninguém deveria manter algo que não pode se permitir.

—Mas, pode que com um pouco de ajuda, agora podem permitir. Fiquei sabendo que convenceu Jack a procurar emprego.

Eve se havia recolhido o cabelo escuro em uma trança. Por obra do calor e da umidade, escapavam algumas mechas ao redor da orelha e da nuca. Dean não sabia dizer por que aquilo o deixava aceso.

Foda, tudo nela, até esse endiabrado lado intrometido seu, tinha um efeito único nele.



—Não teve nada que ver.

—Cam sempre animou que Jack não trabalhasse e assim poder concentrar-se nos estudos. Você disse que deveria poder fazer ambas as coisas, e agora ela fez caso de suas palavras e procurou um trabalho – A satisfação de Eve ficava clara naquela afirmação – Eu diria que você teve muito a ver.

Dean decidiu esclarecer certas coisas antes que ela lhe colocasse uma auréola de santidade ao redor da cabeça. Sentou-se a seu lado na grama.

—Antes que decida me dar o reconhecimento ou culpa por algo, deveria saber que Jack irá trabalhar em um bar bastante sórdido. Acredito que disse que se chamava Roadkill Bar.

Eve elevou suas escuras sobrancelhas de pura surpresa.

—Ouvi falar dele.

—Mas, nunca esteve ali?

Sentando tão próximo dela, Dean podia aspirar o cheiro de sua pele quente ao sol e o xampu de flores, um aroma com o que sua libido estava familiarizada rapidamente.

—Não é o tipo de lugar que gosto.

Dean não podia manter as mãos afastadas dela tendo-a tão próxima. Acariciou sua bochecha com o dorso dos dedos. Toda ela era suave.

Quando Eve girou a cabeça e beijou os dedos, Dean se afastou.

Era isso, escandalizar sua irmã e Gregor.

—Trabalhará no turno da noite, até as duas da manhã.

—Bom. Isso é muito tarde.

Eve esfregou um pouco de erva entre os polegares, passou nas palmas das mãos e a levou a boca. Olhando-o com olhos brilhantes, soprou com força.

O resultado foi um agudo gemido. Dean sorriu também.

—Tem muitos talentos.

—Papai ensinou quando eu tinha seis anos – Explicou-lhe. Levantou os joelhos, cruzou os braços e os apoiou nela – Que coisas seu tio te ensinou?

Obedecendo o costume, Dean tentou desviar aquela pergunta tão pessoal. Havia passado toda a vida mantendo distância, evitando todo o relacionado com sua vida privada.

—Pergunto-me por que demônio Cam demora tanto – disse olhando rumo a casa.

Quase como se houvesse estado esperando falarem seu nome, Cam apareceu. Olhou ao seu redor até que os viu e então cumprimentou.

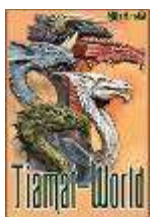
—Tive que preparar mais chá. Estará pronto logo.

A animação havia substituído sua atitude reservada, e Dean começou a suspeitar.

—Está tudo bem Cam? Gregor não está te deixando nervosa, não é?

—Não. Em absoluto – respondeu sua irmã. Seu sorriso deveria tê-lo prevenido – Está me contando toda a sua história na SBC. E me disse que me trará uma camiseta oficial com sua foto e fotos autografadas nos demais lutadores. É um homem muito agradável. Gostei – E dando a volta voltou ao interior.

Confuso, Dean observou como se afastava.



—Queria saber o que está contando.

Eve lhe golpeou o ombro brincando.

—Quem se importa? Não será nada ruim ou Cam o teria colocado fora da casa.

Ela e quantos mais?

—Eve, se deu conta como Gregor é grande?

—E você se deu conta do quão feliz Cam está tê-lo aqui? – ela retrucou – Não deixaria que ninguém falasse mal de você.

“Não – pensou Dean – provavelmente não faria.” Olhou rumo a casa com cenho franzido. Não merecia que Cam saísse em sua defesa.

Mas, gostava.

—E agora venha – insistiu Eve dando uma cotovelada – Conte-me como era sua relação com seu tio. Acredito que te ensinou muitas coisas.

Dean pensou um pouco nele e, finalmente, decidiu que, por que não. Deitou sobre a grama com os braços dobrados debaixo da cabeça, fechou os olhos e deixou o sol aliviar seus músculos doloridos.

—Grover me ensinou a construir coisas como Deus manda.

—Que tipo de coisas?

—Qualquer coisa. Desde como fazer uma ampliação ou construir uma casa inteira. Falava de como as pessoas preferem tomar atalhos, e considerava uma afronta pessoal que não fizesse as coisas bem. Me incluiu em seu grupo quando se encarregou de mim. Se podia levantar uma ferramenta, me deixava usar. Martelos e pontas de serra – Sorriu ao lembrar – Às vezes, a ferramenta pesava tanto quanto eu, mas as podia usar.

—É um milagre que não te fizesse mal.

—Ou que não fizesse a outro.

Dean ainda lembrava a imagem de seu tio a seu lado, supervisionando o que fazia, explicando-lhe pacientemente como fazê-lo bem.

Simplesmente... Estando com ele.

Algo que seus próprios pais nunca haviam feito.

—Tempo depois, me disse que o havia feito, por que queria me manter ocupado para que não pensasse na morte de meus pais e em minha nova vida. Supôs que se trabalhasse muito durante o dia, pela a noite estaria cansado demais para sentir pena de mim mesmo.

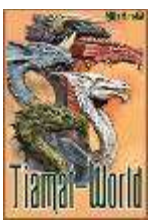
—E funcionou? – perguntou Eve muito, muito suavemente.

Não havia funcionado, mas não queria que ela soubesse como tampouco havia querido o soubesse seu tio.

—Ajudou a ser um homem independente. E eu gostava de estar com os outros homens. Eram... Rudes.

—Com você?

—Não, em seus modos. Os únicos adjetivos que conheciam eram insultos. Bebiam demais pelas as noites. Algumas vezes na semana brigavam entre si – Às vezes sentia falta daqueles dias – Também aprendi muito com eles.



-O que aprendeu?

Por onde começar? Havia coisas que não podia contar, mas quase tudo o que havia aprendido no grupo de seu tio haviam sido coisas inofensivas.

—Ensinaram-me a reparar qualquer coisa, desde um relógio até o motor de um carro. Se se move, o mais certo é que pode arrumá-lo.

—Isso te ajudaria a ser autossuficiente.

—Sim – Dean se relaxou um pouco mais – Além disso, me ensinaram a jogar pôquer, e a conseguir favores sem que ninguém se dessa conta – Sorriu – Também sei como forçar uma fechadura, fazer fogo com uns gravetos, preparar jantar e arrumar debaixo do jeans.

—Devo supor que nenhum deles estava casado?

Dean começou a rir.

—Nenhuma mulher normal os teria aguentado. Pelo menos uma longa temporada. Quando necessitava algo, os faziam eles mesmos – Havia tido mulheres, sim, mas não as que se casavam. Então Dean admitiu algo – E me ensinaram isso também.

—Então deve ser muito pratico ter você por perto.

O mal era que ele não ficava nunca muito tempo. Dean abriu o olho e viu Eve inclinada sobre ele. Notou que o coração começava a bater mais rápido.

—Está me convidando para ficar?

A boca de Eve tremou nervosamente, e então lhe pôs a mão sobre as magras costelas, sem saber, também sobre seu coração.

—A verdade é que estava pensando em Cam, e em todas as reformas que tem que fazer na casa – respondeu ela.

Dean emitiu um grunhido. Maldita mulher, que frustrante podia chegar a ser.

—Sério Dean, com sua ajuda, e agora que Jack irá contribuir economicamente, poderiam não vendê-la.

Dean era da opinião que, quanto antes tirasse o assunto da casa, melhor. Voltou a fechar os olhos para poder afastar de seu campo de visão Eve e a fé cega que tinha em sua generosidade.

Mas, isso não evitou que continuasse sendo consciente dela. Não somente fisicamente, mas também a ideia que Eve havia feito dele.

E, sem pensar, Dean se ouviu dizer.

—Deixarei tudo em perfeito estado.

Não havia feito mais que dizer e já desejava voltar atrás. Estava baixando os braços com a intenção de incorporar-se e começar a trabalhar, quando notou que a boca de Eve roçava na sua, incitando-o a abrir os olhos.

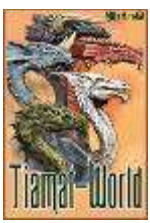
Tão próxima que Dean podia ver as sardas que cobria a ponta do nariz, Eve disse:

—É um homem fantástico, Dean Conor. Sabia?

Mais furioso consigo mesmo que com ela, Dean se moveu com rapidez. Tomou-a pelos os ombros e a tombou sobre a relva, colocando-se encima dela.

—Está se enganando Eve.

—Não.



Dean apertou a mandíbula.

—Não sabe nada de mim.

Ela cercou o rosto com as mãos e lhe dedicou um sorriso repleto de emoção.

—Quer saber o que acredito?

Por alguma razão, a tensão se apoderou dele.

—Provavelmente alguma estupidez romântica – Ao ver que Eve não vacilava em sua determinação emitiu um som de profundo desgosto – Está bem. Vai. Diga-me.

—Acredito que é você quem não sabe absolutamente nada de você.

Aquelas palavras o deixaram sem respiração. Abriu a boca com intenção de dizer que se enganava – apesar de que não tinha nem ideia do que ia dizer – quando um chiado histérico o interrompeu. Afastando-se de Eve e levantando-se com rapidez e agilidade, Dean se dispôs a enfrentar quem quer que fosse que acabava de interrompê-lo, e se encontrou com Jack que corria como louca para ele.

—E agora o que? – murmurou para si. As mulheres de Harmony, Kentucky, iam deixá-lo louco.

—Já pegou o carro – Jack se caminhava rumo além com as bolsas de compras nos braços, encurtando a distância que os separava com suas longas pernas em um tempo recorde. De uma das bolsas saiu uma espiga de milho, mas Jack não se deteve para pegá-la – É incrível Dean. Ainda mais bonito que no folheto. Adorei – A emoção havia feito que se colorissem as bochechas e acrescentasse um tom travesso nos olhos – Sei que agora está ocupado, mas depois tem que me levar para dar uma volta.

Dean movia a cabeça de um lado ao outro com absoluta incredulidade. Por todos os santos! Não era um carro caro. Nem sequer um carro particularmente esporte, e menos ainda comparado com os carros que usavam os outros lutadores de seu circuito. Gregor, por sua vez, havia estacionado seu Saleen Mustang conversível bem atrás do Sebring.

Mas, talvez Jack não estivesse se dado conta de que era de Gregor.

Ou... Talvez sim, tivesse se dado conta.

Jack estava de pé diante dele, todo sorrisos, com uma fileira de brincos de prata na orelha esquerda que resplandeciam a luz do sol. Tinha um penteado muito moderno, com seu cabelo loiro platino retorcido e levantado para cima, enquanto seus olhos castanhos claros pareciam enormes com sua maquiagem tão exagerada.

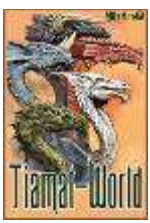
Igualmente a Eve, Jack vestia uma roupa leve, por que fazia calor. Uma camiseta curta lhe deixava ao ar praticamente todo o estômago, e o jeans curto de cintura baixa mostrava sua tatuagem. Completava o conjunto com uma sandália. Parecia mais uma adolescente do que uma jovem de vinte e um anos.

Sua animada conversa pareceu suavizar o humor de Dean.

—Acreditava que passaria o dia dormindo.

Jack desviou o olhar rumo a casa.

—O teria feito de não ser por que Golias apareceu na primeira hora – Olhou de novo a Dean com gesto acusador – E, falando de Golias, disse que você mandou que viesse.



—Para me ajudar com o telhado, sim.

—Isso é o que disse. Me diga Dean. Por que ele precisamente?

Esforçando-se para não romper em gargalhadas, seu irmão emitiu uma suave risada entre os dentes.

—Por que é grande. Surpreenderia-se como são pesadas as telhas. Até as de pior qualidade pesam cem quilos por cada dez metros quadrados – Olhou o telhado – A razão de duas capas de telha com o tamanho dessa casa diria que estamos falando de uns dois mil e setecentos quilos. Isso são quase três toneladas, querida. E sei que não queria que eu fizesse sozinho todo o trabalho.

Jack passou a visita pelo o tórax de Dean.

—Isso é certo, e mais ainda parece tão exausto.

—Estou bem.

—Com que bem? – Brincou Jack girando os olhos – Até os caras duros precisam uns dias para curar as feridas sabe?

Acabava de brincar com ele?

—Não tinha intenções de...

Jack enrugou o nariz e o interrompeu.

—Sim, certo, Gregor será de grande ajuda – Olhou de novo rumo a casa – Suponho que poderia suportar que ande por aqui uns dias.

—Suportá-lo. Atormentá-lo – disse Dean. E colocando um dedo debaixo do queixo, fez com que girasse o rosto para olhá-lo – Tente conhecê-lo. Serão alguns dias, procure aproveitar.

Um fio de algo, talvez gratidão, brilhou nos olhos de Jack, apesar de que rapidamente jogou a cabeça.

—Falando do rei de Roma – comentou Eve.

Dean levantou o olhar e viu que Gregor se aproximava deles os passos gigantes.

E sem camisa.

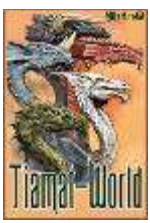
Algo que a Jack não passou despercebido. Essa jogou as bolsas de compras a Dean e endireitando os ombros, se dirigiu rumo a Gregor.

Capítulo 13

Decidida a deixar bem clara as coisas, Jack se dirigiu rumo a Gregor em grandes passos. Ele se aproximava sorridente, como se estivesse encantado em vê-la. E seu endemoniado olhar a percorreu dos pés a cabeça com descaro; demorou-se em seu ventre, estudou a tatuagem, deslizou ao longo de suas pernas. Jack sentiu que todo seu corpo ardia, até que Gregor ficou absorto olhando seu peito.

Que piada. Aquele tipo a considerava uma idiota? Seu peito era apenas visível e desde sempre, não merecia que ninguém lhe prestasse tanta atenção.

Jack se cruzou os braços ao instante.



Gregor foi abrir a boca, mas ela se adiantou:

—Não comece.

Gregor não sabia ao que se referia. Com suma cautela perguntou:

—Começar o que?

—Com o de querida, neném, preciosa – Gregor a olhou com o cenho franzido, como se aquilo o tivesse ofendido, mas Jack não se deixava intimidar – Se de verdade quer me conhecer, Gregor, tudo bem.

Ele suspiro aliviado e deixou de franzir o cenho.

—Vejo que começa a falar com bom senso.

—Mas – acrescentou Jack com dureza – Não deixarei que me use como um peão para persuadir Dean de que lute com você

O gesto de desagrado não demorou em reaparecer no rosto de Gregor, mas intenso ainda.

—Esqueça seu condenado irmão certo? Ele não tem nada a ver com isso.

—Oh, de verdade? – retrucou Jack, fundido todo o sarcasmo que pode em suas palavras.

Lenta e deliberadamente Gregor ergueu-se em toda a sua poderosa estatura e, para assegurar-se de que ninguém ouvisse, aproximaram-se mais um passo dela, até o ponto que não cabia nem um alfinete entre eles. Afortunadamente, por que quando Jack lançou um fugaz olhar a seu redor, viu que nenhum dos presentes dissimulava a vontade que tinha de saber o que estavam dizendo. Sua irmã Cam, Eve e Dean estavam de pé, observando com sumo interesse o espetáculo, o que era bastante incomodo.

Até que Gregor disse:

—Desejo-te, pequena e teimosa boba.

Boba! Jack descruzou os braços e apoiou as mãos nos quadris.

—Tem alguma mulher que não deseje?

—Sim – Estavam tão próximos que seu impressionante peitoral quase chocou contra o queixo dela - Duas delas estão fazendo agora mesmo o impossível para ouvir o que estamos conversando.

Oh. Envergonhada, Jack lançou um rápido olhar rumo a Eve e essa lhe sorriu. Olhou então a Cam e pode perceber a sua preocupação.

Consciente de que tinham que acabar aquilo em particular, disse-lhe Gregor:

—Vamos – E agarrando-lhe o grosso pulso, o arrastou até o extremo mais afastado da piscina.

Obedeceu de boa vontade, quase... Com ânsia. Longe dos ouvidos indiscretos, Jack se deteve e ficou na sua frente.

—E agora, permita que te diga que não gosto que me chamem de boba.

—Pois então, não se comporte como tal.

—Não o estava fazendo.

—Claro que sim. Desejo-te, e isso não tem nada a ver com Furacão – Com os braços a ambos os lados do corpo, em postura desafiante, Gregor acrescentou – Se, por alguma estranha razão não acredita, bastaria com que baixe um pouco a cabeça para comprovar que somente com me



dando uma bronca conseguiu que me excite quase por completo. Ou pode sentir com sua mão. Ou ambas as coisas.

Jack abriu desproporcionalmente os olhos, mas continuou olhando-o no rosto. Então lhe disse entre os dentes:

—Por Deus, não me diga que você está excitado. Minha irmã poderia ver.

—Não posso evitar – retrucou com a voz sedutora – É culpa sua.

Jack deu uma olhadinha, e no mesmo instante desejou não ter feito. Com um sincero gemido de profunda vergonha, cobriu o rosto.

—Certo, digamos que se excita com facilidade.

—Você me excita com facilidade – o retrucou com seriedade – Foda, não pensa que fico assim cada vez que vejo uma mulher, não é? Por que se assim fosse não teria tempo para brigar. No público tem um bom número de damas que o pedem a gritos.

Estupendo. Justo a imagem que ela queria. Monte de mulheres brigando por ganhar seus favores.

—Se tivesse uma ereção cada vez que vejo um peito bonito, jamais poderia...

—Já chega.

—Está bem – Tranquilizou-a, depois de ter-lhe feito perder as estribeiras – Mas, quero que entenda uma coisa, pequena...

Jack girou os olhos ao ouvir o tom suave de Gregor.

—Não sou pequena.

—Sim você é – retrucou-o e tomando o rosto entre as mãos, lhe acariciou a bochecha com os polegares, esperando que jogasse a cabeça para trás e o olhasse.

E era um incomodo, mas verdadeiramente sentiu pouca coisa. Não se podia dizer que fosse uma sensação cômoda, contudo, serviu para despertar nela uma consciência carnal que lhe acelerou o pulso.

—É pequena, frágil e muito sexy, e morro de vontade de vê-la nua – murmurou Gregor com a voz rouca de desejo.

Oh, sim. Aquele homem sabia ser convincente.

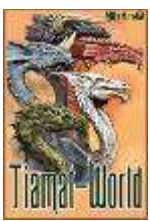
—Mas, quero que compreenda isso, querida - Acrescentou interrompendo-a quando ela foi protestar – Não sou um mentiroso, e não fico bem quando alguém em acusa de sê-lo. Quer que deixe de usar termos carinhosos com você. Tudo bem. Não vou fazer nenhuma promessa a respeito, por que é como sou e levo anos demais sendo assim. Mas, por você, estou disposto a tentar.

Por suas palavras, parecia como se qualquer esforço que estivesse disposto a fazer fosse muito a agradecer. Jack não duvidava de que poucas mulheres lhe pediram que mudasse algo.

—Caramba! Obrigada.

—Mas, somente se deixar de acusar-me de coisas que não fiz. Como usá-la.

—Então o que está tentando comigo não tem nada a ver com Dean?



—Nada. Acredite, enfrentarei com Furacão na lona outro dia. Não poderá resistir por toda a vida, e se para isso tenho que ir avançando de categoria rompendo cabeça a direita e esquerda, o farei.

Jack começou a rir.

—Sim, não tenho nenhuma dúvida de que é muito capaz disso.

—Já o acredito – Baixou a cabeça até apoiar a testa contra a dela – Não rejeitarei um atalho se me apresentar, mas não será perseguindo uma menina que não me interessa.

—Então, eu... Te interessa?

Gregor lançou um olhar brincalhão que fez que Jack ficasse vermelha.

—O que ia fazer aqui se não fosse assim? Tem muitas mulheres que estariam encantadas de que passasse um tempo com elas, inclusive em um povoado perdido como esse.

Jack girou os olhos, mas de novo teve que lhe dar razão. Havia visto pessoalmente como na noite anterior, no bar, as mulheres o comiam com os olhos.

—Mas, nenhuma delas conseguiu chamar tanto a minha atenção como você – continuou Gregor – E se não fosse por esse público que temos ansioso por saber o que estamos falando agora mesmo, te mostraria como me deixa. Sabe, em tudo sou bem proporcionado, não sei se entende a indireta.

Tinha entendido cem por cento. Em todo caso, com a proximidade que estavam teria sido muito difícil não fazê-lo.

—Meu corpo tende a se exibir sem ambiguidades quando alguém me interessa – Um gesto de incomodidade passou pelo seu olhar brincalhão – Sendo assim, em meu estado atual, acredito que terei que meter-me na piscina para poder aparecer em público.

Jack engoliu um gemido de prazer, mas disse com calma:

—Acredito que nisso posso ajudá-lo.

O fogo do desejo brilhou no escuro olhar de Gregor, e sua voz desceu de tom ainda mais, até não ser mais que um inflamado sussurro.

—De verdade?

—Oh, sim – respondeu ela.

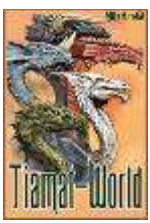
Então colocou ambas as mãos no peitoral desnudo de Gregor, fazendo todo o possível para ignorar a suavidade de sua pele, a dureza de seus músculos e seu cabelo enrolado. Inspirou fundo e o empurrou.

Gregor deixou escapar uma maldição por causa da surpresa, mas não pode deter-se. Agitando as pernas e braços no ar, caiu na água gelada com grande estrondo. Jack ouviu a risada de sua irmã, o grito afogado de Eve e o “oh-oh” de Dean. Quando Gregor emergiu, retirou o cabelo embaraçado do rosto com ambas as mãos. Seus cílios molhados pareciam ainda mais longos e grossos.

Esforçando-se por conter a risada, Jack se ajoelhou na borda da piscina e disse com sua voz mais doce:

—Melhor agora?

Gregor lhe correspondeu com um sorriso.



—As revanches podem ser terríveis. E te asseguro que não perdoou.

Pela primeira vez em muito tempo, Jack sentiu bastante despreocupada e alegre para permitir uma gargalhada de verdade.

—Teve o que mereceu por me chamar de boba.

Gregor se manteve flutuando verticalmente no meio da piscina.

—Fez por isso?

—Sim. E enquanto todos os demais que disse... — Jack vacilou um instante, mas pensou: Que demônios! Gostava de Gregor. E muito. Então por que logo se sentia tão tímida, quando todo o mundo sabia que não tinha nenhuma gota de timidez nela?

—Estou esperando — disse ele

Jack decidiu lançar-se

—O que acha de irmos ver um filme essa noite, quando terminar de trabalhar com Dean?

Com expressão decidida e cheia de confiança em si mesmo, Gregor nadou em direção a ela, chegou à borda e estendeu a mão.

—Trato feito.

—Ah não, nem pensar — disse com um grande sorriso — Terá que ser um acordo verbal.

—Covarde — brincou ele.

Mas, ela não mordeu o anzol.

—Não sou idiota Gregor e não penso em me meter na água sem estar com o biquíni.

—Coloque-o então.

Jack retrocedeu um passo mais. O biquíni seria mais evidente o pouco que tinha a oferecer. Gregor a olhou, mas confundiu seu vacilo.

—Tenho que pedir, por favor?

—Nadarei com você outro dia... Quando me demonstrar que sabe se comportar.

Gregor começou a rir, risada essa que se cortaram em seco quando Jack deu meia volta e se afastou dali balançando os quadris um pouco além da conta. Ouviu os respingos da água e, ao voltar à cabeça, viu Gregor havia submergido de novo.

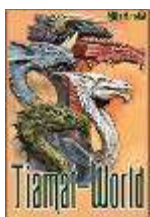
As coisas iam melhorando. Tinha trabalho. E o cara mais duro que teria podido imaginar estava interessado nela.

Somente faltava encontrar a maneira de manter a casa.

Roger deixou de prestar a atenção nas incessantes queixas de Lorna a respeito da maneira em que Dean Conor estava se intrometendo em sua vida, e estacionou junto à cerca, diante da casa de Cam. Viu o Sebring novo e o Mustang esportivo e sentiu profundamente satisfeito por seu Mercedes-Benz SL55 AMG prateado.

Depois de uma infância de pobreza, entrando e saindo de várias casas de acolhimento, Roger havia se convertido em um homem que prestava muita atenção na aparência. E ultimamente, toda a sua cheirava a êxito, em todos os sentidos.

Contudo, não era suficiente. E não seria até que conseguisse tudo o que queria tudo o que merecia.



Haviam o ofendido da pior maneira imaginável. E, os culpados não sentiam como tais, nunca haviam feito. Jamais tinham sido castigados.

Isso ardia em seu interior como se fosse ácido.

Como Cam não tinha tido que suportar as privações que havia vivido ele, não era uma pessoa preocupada com o material, mas certo que sabia apreciar a diferença entre o carro que ele conduzia e o que a maioria dos homens considerava um meio de transporte adequado.

—Olhá-o – chamou sua atenção Lorna – Agora está no telhado, fazendo um trabalho que não deveria fazer. E meio nu. É uma vergonha. Como supõe o que tenho que dizer?

As palavras de Lorna desviaram sua atenção de Roger e dos carros, rumo ao telhado da casa. Não tinha duvidas de que era Dean quem estava grudado no telhado, sem camisa, suando, molhado dos pés a cabeça, apesar de não trabalhar com menor intensidade.

—Deveria ter me contado isso antes.

Se Dean e Eve combinavam, existia a possibilidade de que Dean decidisse ficar na cidade. E, de fazê-lo, poderia arruinar todos os seus planos. Não podia aceitar que ele muito bastardo se intrometesse no assunto da casa.

—Supus que Cam te dissesse – justificou Lorna. E, em seguida, com um tom intencionalmente ofensivo, acrescentou – Por estar comprometidos, não estão tão unidos como era de se esperar.

Brincadeira impertinente. Mas, Roger não deixava se influenciar por suas observações.

—Todavia, não estamos oficialmente comprometidos, Lorna – respondeu sem deixar de olhar rumo ao telhado. Enquanto o fazia, Dean levantou uma tabua de telha que devia pesar mais de quarenta e cinco quilos, segurando-a como se não fosse nada, aproximou-se até a borda do telhado e as atirou na caçamba para os escombros que havia jogado.

—E quando se comprometerão oficialmente?

Roger sempre se havia sentido orgulhoso de sua força e de seu físico. Depois de que seus anos de jogador de futebol se interromperam de maneira brusca, não havia engordado. Não havia se dedicado a afogar as magoas em uma garrafa. Havia demonstrado a si mesmo o bem que se dava aos negócios ao conseguir ganhar dinheiro em bom ritmo.

Mas, comparado com a fama de Dean no mundo da luta, a vida de Roger, seu êxito ganhado no dia-a-dia com o suor de seu rosto, parecia tão emocionante como ver nadar um peixe no mar. E comparado com o que Dean era capaz de fazer... Bom, não havia comparação. No terreno físico, Roger somente podia defender-se do irmão de Cam com uma arma.

—Roger?

—Estou nisso – respondeu ele.

—Pois se dedique mais – retrucou-a.

Um segundo depois, uma sombra gigantesca se projetou no telhado, e apareceu um segundo homem. Os jeans pendiam de seus poderosos quadris deixando a vista uns esculpidos abdominais. Havia atado um pano na testa para afastar do rosto o cabelo preto e bastante longo. Com o peito e os ombros inchados pelo tanto de carga que carregava, deixou cair outro monte de telhas na caçamba.



Roger olhou para ele quase com reverência.

—Quem demônio é esse monstro?

—O que? Onde? — Lorna girou os olhos e procurou no telhado — Pois, não tenho ideia — Procurou no bolso seus óculos de sim, olhou de novo e ficou de boca aberta — Santo Deus.

Pelo seu tom diria que estava totalmente horrorizada.

—Não o reconhece? — perguntou ele.

Com os olhos abertos arregalados e o semblante pálido, Lorna disse:

—É... Obsceno — E seguiu olhando.

—Provavelmente seja outro lutador — murmurou Roger para si. E, a julgar por sua musculatura, o mais certo era que fosse um campeão.

—Estou envergonhada, mortificada — exclamou Lorna levando uma mão ao peito ao tempo que se voltava a olhar a Roger — A julgar por seu aspecto, deve ser um dos amigos de Dean. Mas, em que estaria pensando em trazer aqui esse criminoso?

—Não sabe se é um criminoso.

—Pois, desde já, parece ser.

Roger considerou suas palavras. Era um espécime colossal, formado por sólidos músculos. Seu corpo era uma exposição de tatuagens. Parecia um do tipo perigoso, e o bastante idiota para enfrentar a tudo o que se colocasse na sua frente.

Dean teria um grande apoio nele, maldito fosse.

—Santo Deus Roger. E, se meus vizinhos os veem subindo no meu telhado, desfilando pela a minha casa? — Lorna parecia à borda de um colapso — Tem que fazer algo. É o noivo de Cam. Pare essa barbaridade agora mesmo.

Fazendo o possível por esconder seu ódio e seu desgosto, Roger estudou detalhadamente Lorna. Como única aliada que tinha na família Conor, precisava daquela velha raposa. Mas, um daqueles dias, com sorte um dia não muito longe, deixaria de lhe ser útil. Uma das pálpebras de Roger tremeu ligeiramente, mostra de sua irritação, e Lorna haveria percebido se não fosse tão egocêntrica.

—Bom — Um monte de rugas surgiu na pele do lábio superior da mulher quando o franziu com gesto perverso — Irá fazer algo ou não?

—Sim — Roger olhou rumo ao telhado e aos dois homens que agiam como se a casa fosse deles. Olhou de novo a Lorna e, muito lentamente, disse — Cuidarei disso.

Lorna abriu muito os olhos e um fio de alarme os atravessou. Mas, ao momento girou com impaciência.

—Bem. Acredito que o primeiro que deveria fazer é...

Considerando que não tinha nada mais que discutir com ela, Roger abriu a porta do carro e saiu. Não permitiria que Lorna o submetesse a um interrogatório sobre seus planos. Deixaria que a velha raposa ficasse se perguntando o que iria fazer. Não queria que seguisse falando de seus motivos pessoais.



O céu estava claro e não se via nem uma nuvem no horizonte, de modo que Roger não se incomodou em colocar a capota do Mercedes. Abriu a porta para que Lorna saísse, e suportou que agarrasse seu braço, enquanto atravessavam o jardim em direção a parte traseira da casa.

Para Roger era palpável, em numerosos aspectos, a intromissão masculina na casa das Conor. A música de rock pesado do reprodutor de CD competia com os golpes de martelos, as pisadas das robustas botas, e alguns impropérios. O cheiro da carne na chapa enchia o ar.

Em uma mesa próxima, Jack colocava pratos de papel e copos de plástico sobre uma colorida toalha. Todos os poucos segundos, olhava rumo ao telhado e suspirava. Ou franzia o cenho. Ou simplesmente lambia os lábios.

Roger deu uma pequena olhada em seu corpo. Fisicamente, Jack não lhe interessava grande coisa. Parecia-lhe alta e magra demais, e desgostava sempre que usava tão pouca roupa e que se maquiasse de forma exagerada.

Mas, era uma Conor, e somente por isso, a curiosidade mórbida de Roger o obrigava saber dela o quanto fosse possível. A sombra de um enorme carvalho, Eve descansava em uma das espreguiçadeiras. Tinha os olhos fechados e o corpo relaxado, como se estivesse dormindo. Mas, Roger percebeu os sinais de tensão em seu rosto, pela a forma em que franzia aos poucos a sobancelha e apertava os lábios.

Doente ou Cansada?

Apesar de que de verdade não lhe importava.

Exceto pelo o fato de que Eve não dissimulava o muito que o desprezava e isso não podia ser. Cam valorizava a opinião de Eve, o que significava que também ele tinha que valorizá-la. E falando em Cam... A viu de pé diante da churrasqueira, movendo os finos quadris ao ritmo da musica, como se realmente tivesse desfrutando. Seria verdade? Ele acreditava que preferia música country. Teria que se lembrar de perguntar.

Queria saber tudo dela, tudo o que gostava e o que não. Suas preocupações. Seus medos. A doce e ingênua Cam. Observou como dava a volta nos hambúrgueres e as salsichas, com essa atenção pelo o detalhe que tanto o fascinava. Um dia não muito longe dele seria o destinatário dessa atenção... Na cama. Os dois juntos nus. Suados. Ofegantes.

Inspirando profundamente, Roger a contemplou fascinado, e foi consciente do grande efeito que lhe produzia. Cada dia se tornava mais possessivo. Em sua lista de desejos, Cam Conor ocupava o primeiro lugar. Que alguém se atrevesse a se impor entre os dois o deixava furioso.

Olhou aos homens trabalhando no telhado e viu que Dean o olhava com frieza. A aquela distância, sua expressão era indecifrável, mas Roger sentiu a advertência.

Negando se acovardar, Roger segurou o olhar até que Lorna exclamou logo:

—De quem foi à ideia escandalosa de piquenique?

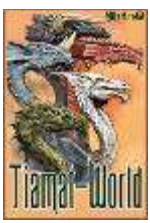
Nesse momento, todo mundo se deu conta de sua presença.

Eve se endireitou na espreguiçadeira.

Jack deixou de preparar a mesa para a comida.

Cam se voltou e sorriu a Roger.

—Roger quando chegou?



Aquele inocente sorriso seu nunca o deixava indiferente, sempre o emocionava. Provocava-o. Incitava-o sexualmente.

O sol acrescentou reflexos loiros a seu cabelo castanho claro, suave como o de uma menina. A unidade do dia mesclava com o calor da churrasqueira, tinha sua delicada pele com um úmido rubor. Em muitos aspectos parecia ter mais de vinte e três anos.

Até que se olhava seus olhos. Contemplava seu corpo.

Jovem ou não, tinha responsabilidades de mulher e sensualidade de mulher.

Roger controlou sua respiração com esforço.

—Acabamos de chegar.

Cam usava uma blusa sem mangas, de um tom verde claro, e jeans curtos de cor escura. Uma roupa nada pretensiosa que ocultava um corpo realmente tentador. Roger lhe havia visto de biquíni vezes suficientes para fantasiar com conhecimento de causa. A visão de sua estreita cintura e suas longas e bem torneadas pernas estavam gravadas a fogo em sua memória. Ao contrário que os de Jack, os seios de Cam se adaptariam com perfeição ao tamanho de suas mãos...

O desejo começou a remexer em suas entranhas. Por muitas razões, Cam se parecia com um sonho inalcançável. Mas, isso não era mais que uma ilusão, e o demonstraria conseguindo-a. Por que isso era exatamente o que iria fazer. De uma maneira ou outra. Afastando-se de Lorna, dirigiu-se rumo a Cam e a cumprimentou com um leve beijo nos lábios. Ela não o rejeitou, mas também não se demonstrou emocionada.

Como podia seguir mantendo-se afastado dela, quando o mundo estava lhe caindo encima? Apesar da intrusão de seu condenado irmão, seu verdadeiro salvador era Roger. No seu devido tempo, não ficaria mais remédio que recorrer a ele.

Para tudo.

E, então ele teria o que tanto merecia.

—Quero que alguém me responda agora mesmo – exigiu Lorna.

Roger apenas podia dissimular sua contrariedade. Lorna Ross não conhecia a sutileza nem a discrição.

Cam pôs a mão de modo que visse sobre os olhos.

—Decidi organizar um churrasco, tia Lorna. Faz um lindo dia, e estou certa de que Dean e Gregor terão apetite – explicou.

Lorna baixou a voz, mas não o suficiente.

—Gregor? E, posso saber quem é esse tal de Gregor com todas essas tatuagens? O que sabe dele? Está certa de que não é um condenado ou algo assim?

A risada contida vibrou nos lábios de Cam.

—É claro que não é nada disso. É um amigo de Dean.

Lorna resmungou com acento desdenhoso.

—E essa é recomendação suficiente para deixar que esse homem saiba onde vivemos?

Ante tão flagrante insulto, Cam ficou chocada. Roger foi intervir, mas ela não lhe deu oportunidade.



—Basta – Afastando-se de Roger, Cam o rodeou e se dirigiu rumo a sua tia. Não se incomodou em baixar a voz nem sequer um pouco. De fato, até pode ser que a levantara – Com essa recomendação permitiria que se mudasse a nossa casa se assim pedisse.

Lorna inspirou profundamente, disposta a lançar um de seus desagrangeis comentários, quando se viu interrompida pela ruidosa gargalhada de Dean.

Todo o mundo se voltou e o olhou.

Os gritos, do telhado, Dean disse:

—É muito generoso de sua parte Cam, mas não faça com que fique com medo, Gregor não irá ficar.

Cada vez mais indignada, Lorna esperou em vão que alguém saísse em sua defesa, mas todo o mundo estava ocupado contendo a risada. Quando a velha raposa se deu conta de que ninguém daria a cara por ela, o gesto foi mais azedo. Roger teve que fazer um grande esforço para não romper em gargalhadas.

Dean se voltou rumo ao gigante.

—Não estará pensando em ficar em Harmony não é Gregor?

Secando-se o suor do rosto com o antebraço, este disse:

—Acredito que não – Uns bíceps como melões se incharam a cada movimento que fazia. Baixou o braço e sorriu – A menos que sua irmã mais nova me peça.

Todo mundo se voltou rumo a Jack e esta, vermelha, resmungou tirando a importância.

—Já o vê, tia Lorna, não tem que se preocupar. Não ficará – Coçou o queixo antes de acrescentar – Ao menos não muito tempo.

Tremendo de raiva, Lorna varreu a todos com o olhar e disse:

—Já basta – Em seguida, converteu a Cam em sua ira – E você. Bastante mal é que não se ocorra nada melhor que tirar um dinheiro que não temos fazendo umas reformas que não são necessárias.

—São necessárias – corrigiu Cam.

—Blah. Deveria estar firmando os papéis para vender de uma vez por todas esse poço sem fim de gastos, e em vez disso, esta aqui fora, brincando e celebrando o dia com piquenique.

—Celebrando? É isso o que estamos fazendo? – Disse Dean a Gregor.

Lorna estava vermelha de raiva e tinha os lábios convertidos em uma linha branca.

—Nego-me a participar desse repugnante e irresponsável comportamento.

Voltou-se rumo a Roger em busca de apoio, o qual não lhe deixou muitas possibilidades.

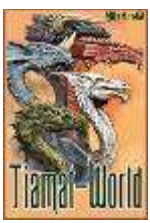
Com expressão tranquila, Roger disse a Cam:

—Demorarei somente um momento.

Ela lançou um olhar de meio lado a sua tia, mas Lorna a ignorou. Cam suspirou.

—Obrigada Roger. Guardarei alguns hambúrgueres – E, depois de dizer, deu a volta e voltou a churrasqueira.

Como se o contratempo houvesse sido algo sem importância, Dean e Gregor votaram a sua tarefa.



Cravando as unhas postičas no braço de Roger, Lorna o arrastou fora do jardim e entrou com ele na casa. Pelo o caminho, Roger ponderou a situação. De modo que o monstro de músculos desejava a Jack. Mal gosto de sua parte, mas mais poder para ele. Tirar a Jack de debaixo das asas protetoras de Cam significava menos responsabilidade para essa e, por conseguinte, lhe abriria caminho a seu objetivo.

E quando desapareceram da vista dos demais, Roger tirou a Lorna de cima com muito maus modos, apesar de sua irada olhada de incredulidade. Seria estúpida. Sem poder controlar sua fúria Roger a encurralou na pia. Desde ali, podia vigiar aos demais, enquanto lhe esclarecia algumas coisinhas sobre seu comportamento.

—Roger o que acha que está fazendo? – perguntou Lorna assustada.

Estava tão aborrecido que lhe dava vontade estrangulá-la.

—Em vez de perder sempre essas malditas estribeiras, por que não tenta fazer um esforço?

Ela piscou varias vezes sem compreender, o qual o obrigou a explicar melhor.

—Maldita seja Lorna – Esfregou a testa, assombrado uma vez mais de que alguém tão amável e ingênuo como Cam pudesse ter algum parentesco com uma bruxa calculista como Lorna – Como espera exatamente que maneje a situação, se me afasta dela?

Lorna jamais admitiria ter se equivocado.

—Não a estava manejando em absoluto. Ficar ali plantando não é manejar nada.

—E acredita que seus insultos tenham sido produtivos? – Espetou Roger, movendo a cabeça a um e outro lado diante da estupidez de Lorna – Já deveria conhecer a sua sobrinha melhor que isso.

—Oh acredite, conheço-a. É caprichosa e vaidosa.

—Está de brincadeira.

A velha ignorou seu sarcasmo.

—Mas, não importa. Não a criei para que se relacione com homens como Dean e esse Gregor.

Não, pensou Roger, mas Lorna também não havia conseguido esconder o ódio e a desconfiança que ela sentia dos homens. De alguma maneira, Cam havia sobrevivido com um entusiasmo pouco realista que o desconcertava, aborrecia e animava no momento seguinte.

—Cam se mostra protetora rumo a todos àqueles que lhe importa. E seu irmão lhe importa.

—Se nem sequer o conhece.

—Sabe que o afastou dela. Deveria pensar nisso antes de seguir metendo ervas daninhas nas mínimas oportunidades.

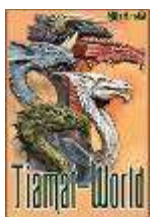
Lorna não queria ouvi-lo. Levou ao peito sua bolsa de grife e franziu o cenho, com o que marcou mais ainda as rugas do rosto.

—Esse cretino irá estragar tudo.

Não, se disse Roger. Não deixaria que nada estragasse seus planos.

Roger tirou então a carteira e deu a mulher várias notas de vinte dólares, dizendo:

—Por que não vai ao salão de beleza e faz uma limpeza ou uma massagem ou o que seja que façam as mulheres para se sentirem melhor?



—Bom... — disse Lorna contando o dinheiro cuidadosamente — Suponho que poderia chamar a uma amiga — Olhou a Roger a de esguelha — Pode ser que também fique pra comer, já que Deus sabe que não tenho nenhum desejo de comer carne queimada.

Com um sorriso tenso, Roger tirou outros quarenta dólares e os deu.

—Uma ideia excelente — Desfazer-se de Lorna valia bem aquele desembolso.

—Você que irá fazer?

De nenhuma maneira confiava em Lorna o suficiente para contar a verdade. Se, se inteirasse de suas origens e de por que queria o que tanto desejava, não somente atrasaria seus propósitos, mas que não seria capaz de manter a boca fechada.

—Sairei ao jardim para fazer uma social — respondeu ele — Mostrarei-me cordial e com um pouco de sorte, averiguarei o que esta acontecendo aqui, por dizer alguma maneira. Depois, já procurarei a maneira mais adequada de manejar a situação.

—E me manterá informada?

—Não o farei.

As pálpebras de Lorna se agitaram em indignação.

—Quanto menos saiba dos meus planos, melhor para você. Não quero que veja presa de nenhuma maneira.

A expressão de Lorna se tornou mais seria.

—Santo Deus que tem em mente?

Roger apenas podia acreditar na audácia daquela mulher. Lona havia gastado o dinheiro das sobrinhas sem pensar nelas em um só momento. As tinha usado, a elas e a sua herança, para levar uma vida de luxo. Mais de uma vez havia ultrapassado os limites legais de sua condição como tutora legal ao tomar as decisões econômicas que somente serviam aos seus propósitos pessoais.

Seguir com seu lucrativo meio de vida não seria fácil se Dean começasse a interferir.

Roger não se deteve e perguntou as claras:

—De verdade que importa como sempre manejo a situação e quando as coisas saem como queremos?

Ela terminou por ceder, como ele sabia que faria.

—Não, suponho que não.

—Bem. Então estamos de acordo. E agora deveria sair ao jardim ou Cam começara a perguntar por que demorei tanto.

Lorna enxugou uma lágrima de crocodilo.

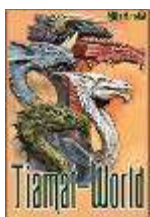
—É um bom amigo Roger.

Se o abraçasse vomitaria, pensou ele. De modo que optou por se afastar e se limitou a assentir com a cabeça em sinal de agradecimento.

—Que desfrute sua tarde livre Lorna. Ganhou-a.

Com a cabeça levantada, Lorna se afastou, levando consigo o dinheiro que Roger lhe tinha dado.

—Sim mereço — Mostrou de acordo ela, assentindo mais para si mesma que para ele.



Contente de ter terminado com Lorna, Roger se dirigiu as portas corrediças e saiu ao jardim. Não via os homens no telhado, mas ouvia suas pisadas como se estivessem trabalhando.

Eve havia voltado a relaxar na espreguiçadeira, debaixo da árvore. Não era próprio dela ser inativa tanto tempo. Em condições normais, mostrava como uma mulher cheia de energia que não parava quieta um momento. Inclusive quando estava sentada emanava dinamismo.

Teria passado a noite sem dormir com Dean Conor? Teria estado fodendo toda a noite até o amanhecer? Algo assim não surpreenderia em Eve, pois se mostrava ser uma mulher tremendamente sexual.

Percorreu seu corpo com o olhar, da cabeça aos pés. Bastaria para que Dean Conor ficasse em Harmony? Provavelmente. E isso significava que, de alguma maneira, teria que ocupar-se dele.

Eve era tão diferente de Cam que Roger as vezes se perguntava como podiam ser tão amigas. Ao pensar em Cam sentiu um formigamento familiar de desejo e calor. Observou-a desde sua posição dentro de casa.

Viu-a afastar um mosquito que voava envolta da carne e, em seguida, pegar um pranto com uma mão, enquanto com a outra segurava uma pinça para tirar a carne do fogo. Roger sentiu que em seu interior se removia distintas classes de fome. Fazia muito que não comia ao ar livre.

Comida preparada por Cam.

la já abrir as portas quando sua atenção foi rumo a Jack. Esta estava de pé em um lado do jardim, próximo a casa, onde ninguém a via. Roger observou como se ajustava a camiseta, tentando juntar seus pequenos peitos o bastante como para criar um decote mais pronunciado. Uma tentativa inútil. Contrariada, deixou de cair os braços ao longo da mesa e se afastou um pouco para olhar o telhado. Estava procurando Gregor? Muito provavelmente.

Viu-a apertar os lábios com raiva e avançar rumo a casa com a cabeça baixa.

Roger então abriu as portas.

—Ola Jack, tem um segundo?

Ela levantou a cabeça bruscamente e o olhou com suspeita, sentimento que confirmou infundindo a suas palavras em tom acusador.

—Pensei que tinha ido com a tia Lorna.

Ler o pensamento de Jack não era nem a metade difícil que ler o de sua irmã. Cam era profunda, enquanto Jack era superficial. Pode ser que fosse por ali se comportando como uma jovem segura se si, mas no fundo, as inseguranças de Jack resultariam mais que evidentes.

—Acredito que sua tia chamou uma amiga para passar o dia fora com ela.

Jack torceu a boca.

—Pois que aproveite.

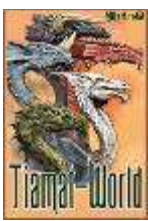
Quem dera Cam pudesse adotar a mesma atitude. Roger moveu a cabeça.

—Se tem um momento, gostaria de falar com você uma coisa – continuou.

Havia acontecido algo que, talvez, o faria ganhar pontos diante de Cam a vez que ajudava Jack.

Apoiando o peso na cadeira e com atitude displicente, Jack perguntou:

—O que quer?



—Já te disse, falar com você um minuto.

Ela colocou obstáculos.

—Esqueci as batatas fritas e os pepinos. Tenho que ir a procurar.

—Perfeito – disse Roger fazendo-se de lado para deixá-la passar – Posso ajudar e comentar o que pensei ao mesmo tempo.

Um ruído as suas costas fez que Jack se voltasse. Gregor estava de pé na porta. Com os ombros e o torso suado. Sua pele havia adquirido um tom um pouco mais escuro por efeito do sol. Uma garrafa de água gelada estava em sua mão.

Mas, seus olhos atentos como os de um falcão, irradiavam um fogo insuportável. Não se incomodou em esconder os abrasadores ciúmes que sentia.

E, justo por isso, Jack pareceu mudar de ideia.

—Esta bem – disse passando junto a Roger – Que tipo de sugestão?

Um jogo perigoso despertar a ira de um tipo como aquele pensou Roger. Mas, decidiu afastar de sua mente qualquer outra consideração e concentrar em seu objetivo: Ganhar a Cam. Depois de uma última olhada ao homem, que parecia estar matando-o com o olhar, Roger fechou a porta.

—Uma sugestão que acredito que te agradara.

E, ao longo a ele também.

Capítulo 14

Dean sabia que Gregor o estava olhando, enquanto terminava de despregar as últimas telhas. Havia levado três horas de duro trabalho ininterrupto arrancar a todas. Apesar de ele ter trabalhado duro não o incomodava. Ao contrario, nunca o assustava.

Mas, nos últimos quinze minutos, Gregor não havia deixado de observá-lo pelo rabo de olho. E não pensava perguntar por que. Não lhe daria essa satisfação. Ignoraria ate que terminasse o telhado e então.

—Olhe Furacão.

“Filho da puta intrometido...” Estava claro que ignorá-lo não ia funcionar. Não lhe surpreendia. Pegou a ferramenta e arrancou com brusquidão os restos de uma telha que se negava a sair, e levaram uns quantos pregos retorcidos ao mesmo tempo.

—O que?

Silêncio.

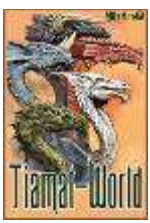
Contrariado, Dean ficou olhando-o e adotando um tom mais moderado disse:

—O que demônio quer Gregor?

Esse encolheu os ombros sujo de brilhante suor.

—Nunca te havia rido assim antes.

—Como?



—Como antes. Quando lhe deu esse corte a velha. Estava realmente desgostoso.

—E?

—Acredito que nunca te vi tão feliz.

—Que idiotice – retrucou Dean, lançando os restos de telha e os cravos a pilha – Não me venha com besteiras. Ouviu-me rir muitas vezes.

—Assim não. Como se de verdade estivesse desfrutando.

—O sol te deve ter fritado o cérebro – retrucou Dean, tirando um pano para limpar o suor da cara. Uma boa desculpa para não olhar Gregor – Menos mal que já é hora de um descanso.

Gregor também tirou o pano.

—Sabe perfeitamente que não acontece nada ao meu cérebro.

—Se você diz.

O outro o olhou com gesto cruel.

—Pelo amor de Deus, Dean não fique na defensiva. Somente tinha curiosidade...

—Pois que a trague – interrompeu-o Dean com brusquidão – Não quero que tenha curiosidade e que não te ocorra começar a meter o nariz – Acrescentou. E para assegurar de que não ficava dúvidas, lançou um olhar fulminante.

Não ia tolerar aquilo. Contudo, Gregor, longe de sentir-se ameaçado pelo caráter de Dean, seguia pressionando.

—Quer saber o que significa isso de ser uma família, verdade?

—Que te fodam.

Gregor ergueu uma sobrancelha exageradamente retomando seu sentido de humor.

—E que teria isso de divertido? Já sabe que o que preferia...

Consciente de que era exatamente o preferia, Dean lhe advertiu:

—Nem se atreva a dizer.

Gregor emitiu uma suave gargalhada e fez o gesto de fechar os lábios com um zíper.

Merda. De alguma maneira, Gregor havia conseguido levar a seu terreno e feito que ficasse diante dele. Dean o olhou com um semblante cuidadosamente desprovido de expressão.

—É um canalha muito incomodo sabia?

—Sim. Já havia dito isso antes – Concordou ele, assentindo com a cabeça.

Dean disse a si mesmo que sua reação tinha a ver com o calor e estava cansado e suado, não com o fato de ser o irmão de Jack.

—Por que não descemos para comer algo?

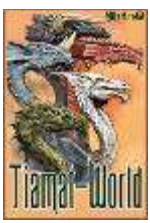
—Claro – respondeu Gregor, mas ao final de um momento começou de novo – Não estava julgando sabe?

Dean lançou a cabeça para trás e gemeu na direção do céu azul.

—Isso é fodidamente incrível.

Gregor não pode conter o sorriso.

—Não estava me metendo com você nem nada disso. Foda, Furacão, tem uma família muito agradável. Um monte de mulheres bonitas. São agradáveis. Faladeiras. Gosto delas. Todas menos da velha – Percorreu um calafrio – Que bruxa mais irritante não acha?



—Sim – concordou ele. Desagradável e manipuladora. Tinha explicado alguma vez à morte de seus pais as meninas? Fora o acidente de carro. Duvidava muito.

Deveria contar ele?

—Deve fazer a vida impossível de Jack e Cam não acha?

Dean tentou ignorar Gregor, mas esse havia dado no prego. Merda. Por sua parte, Cam e Jack pareciam estar resignadas, como se já tivessem se acostumado a essa severa atitude de Lorna fazia a vida e não questionavam. E isso era o que mais desgostava.

—Por que está tão amarga essa bruxa velha em todo caso? – perguntou Gregor.

Ao ver que Dean não respondia, tentou pressionar um pouco mais.

—Furacão, tem ideia do por quê?

Lentamente, Dean deixou a ferramenta no chão e olhou a Gregor.

—Ideia? Sim tenho uma ideia.

O outro ergueu as costas.

—Por que tenho a sensação de que não vou gostar da sua ideia?

—Talvez por que tenha algo que ver com lançar seu cozido traseiro deste telhado?

Sorrindo como um idiota, Gregor olhou lá de cima o chão.

—Preferia que não o fizesse – comentou olhando de novo Dean – Sabe, peso pelo menos quinze quilos mais que você, sou mais alto e tem uma boa surra.

—E? – Se ele decidisse empurrá-lo, Gregor cairia do telhado. Disso não lhe cabia dúvida.

—Pois sua irmã está ali embaixo, e pensaria que sou um neném se deixasse que me tirasse do telhado. Não poderia deixar que levasse a impressão errada, não acha? Além disso, imagino como ficaria o arbusto. Seria um desastre que, provavelmente, terminaria com você arrumando, já que se converteu em um domesticado homem de família.

Aquilo foi à gota d'água no vaso.

Ficando de pé, Dean avançou com atitude agressiva.

—Por que não se cala e se ocupa de seus malditos assuntos? Ou é que tenho que te fazer calar?

—Calma – Gregor lançou as mãos em sinal de rendição, e esperou que Dean tranquilizasse – Fica cara, relaxe, certo?

Sentindo como um idiota maior, Dean soltou um impropério e, finalmente se acalmou um pouco.

—Estou relaxado.

Gregor emitiu um grunhido ao ouvir semelhante mentira.

—De verdade Furacão. Gosto mais quanto ri – Disse isso, pegou uma pilha de velhas telhas e atravessou o telhado para atirá-las a lixeira.

Resmungando para si, Dean enxugou o suor do rosto e tentou ignorar o fio de culpa. Gregor era um idiota, mas não merecia carregar seu mau humor. Afortunadamente, ao contrario das mulheres, os homens não tinham que pedir desculpas cada vez que errava.

Quando Gregor voltou de atirar às telhas a lixeira, Dean lhe disse com tom relaxado:

—Vamos comer?



—Claro. Parece que já terminamos aqui.

Dean revisou a superfície do telhado. Todavia, ficava um monte de destroços de telhas torcidas grudados na madeira, e teria que tirar muito pregos que havia levantado. Os condutos de ventilação tinham um recobrimento de metal selado com pedaços de asfalto. Antes de colocar as telhas novas, teria que levantá-lo e raspar a telha. Mas, tudo isso podia esperar.

—Acredito que poderemos tomar um ar. Continuaremos depois.

—Obrigado Deus. Tenho um buraco tão grande no estomago, que as costelas dão para ver através da pele – disse Gregor descendo as escadas. Chegou à metade e logo saltou até o chão. Assim que aterrizou procurou Jack. Não estava em nenhum lugar.

Dean, por sua vez, se concentrou em Eve, e a observou entrar na casa. Era a terceira vez, e ao sair, se via cada vez mais apática. Disso não gostou nada. Estava sentado debaixo da árvore, relaxado, quando Eve voltou. Parecia incomoda, não fez caso e isso o incomodou.

Deixou a bebida e foi o seu encontro. Parecia perdida em seus pensamentos, tinha a cabeça baixa e caminhava no espaço. Dean a deteve colocando o dorso da mão na frente. Surpresa Eve levantou o olhar.

—O que faz?

Dean franziu o cenho.

—Está bem?

Ela se afastou com receio.

—Sim, por quê?

A Dean teve a sensação que tinha a pele quente, ainda que não parecesse que tivesse febre. Ainda assim parecia cansada, não a mulher dinâmica que conhecia.

—Por que não vai para casa e descansa um pouco? Não acredito que seja bom estar sentada aqui fora com esse sol.

Eve franziu o cenho.

—Estou bem.

—Pois não parece.

Ela ergueu os ombros desafiantes.

—E quem disse?

Por que se mostrava tão irritada? Dean pôs os braços no peito.

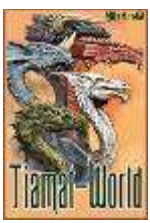
—Eu.

—Pois está enganado, por que não estou doente e não vou para casa. Pelo menos no momento. Depois de comer, sim teria que ir ali e mudar de roupa. Tenho um encontro à primeira hora da tarde.

—Que tipo de encontro?

Pela a maneira em que soou qualquer um diria que havia pedido que separasse do seu primogênito.

—Sou coordenadora de eventos Dean lembra? – Afastou uma mecha do rosto com mais ímpeto que necessário e cruzou os braços – Tenho que me reunir com um possível cliente.



Dean refletiu sobre o que acabava de dizer, o comparou com sua forma de atuar e decidiu que a mescla não gostou. Então a agarrou pelo braço e disse:

—Vem comigo.

Eve resistiu cravando os pés descalços na grama.

—Quer vá com você? O que faz?

Dean seguiu andando, arrastando-a rumo ao extremo mais afastado do jardim, próximo ao começo do bosque. De menino somente ia ali quando queria estar sozinho, para pensar. Aquele lugar proporcionava a intimidade necessária.

—Dean, Eve aonde vão? A comida está pronta – gritou Cam.

—Somente demoraremos um minuto – Gritou Dean em resposta.

—Tenho fome, droga - Eve, trotando atrás de Dean, pois apenas podia seguir o passo com suas enormes passadas que dava – Dean – sussurrou – Está fazendo um numero.

—E? – o retrucou. Havia chegado ao bosque e Dean a empurrou suavemente atrás do grosso arbusto.

—Bem, como quiser – disse Eve com um sorriso sarcástico – Não importa o que pensam os demais?

Dean suspirou. O que fosse que a tivesse incomodado tinha que ser algo importante para que estivesse de mal humor. E tinha intenção de averiguar o que era e arrumá-lo.

—Diga-me que é que acontece Eve – Pediu. Ao vê-la apertar os lábios, segurou o rosto com as mãos e beijou a ponta do nariz – Vamos carinho – Incitou com delicadeza – Fale.

O gesto pareceu surtir efeito, por que Eve abandonou sua atitude ressentida e se deixou cair contra o tronco em sinal de rendição.

Durante uns longos e agoniantes segundos, ficou olhando o musgo que cobria uma parte da arvore. Até que finalmente, levantou o olhar e o olhou.

—Tenho más noticias Dean. Não irá gostar.

Ele sentiu como se tivesse garras de gelo lhe agarrando o estomago. Dispôs a escutar, apertou a mandíbula e tencionou os músculos preparando-se para o pior. Apoiou um braço no tronco, atrás de Eve, invadindo parte de seu espaço.

—Diga-me.

—Bom – Ela afastou a vista um momento e logo o olhou de novo. Tinha o cenho franzido – Seria mais fácil se não me fulminasse com o olhar, como está fazendo.

O que acontecia era que Dean não tinha nenhuma vontade de deixá-lo fácil.

—Diga o que tenha que dizer, maldita seja.

Ela cruzou os braços em sinal desafiante.

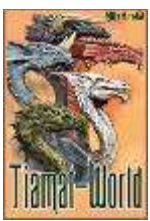
—O que vou dizer mudará um pouco os planos de hoje à noite.

Dean sentiu que ficava sem oxigênio nos pulmões. Seus planos da noite? Por isso parecia doente?

—Por planos se refere ao sexo? Estamos falando disso não é? – perguntou para se assegurar.

Ela assentiu com tristeza.

—Sim a mãe natureza veio me visitar.



A mãe natureza? Estava menstruada? Era isso?

Dean sentiu que recuperava a alegria, seus músculos se relaxaram e a raiva que havia começado a experimentar diante a rejeição. Queria rir, e ainda mais que isso, o que queria fazer era tirar a preocupação com um beijo.

Mas, não era nenhum idiota. Apoiou a outra mão na árvore, prendendo-a entre seus braços. Depois decidir o que mais oportuno era engolir a alegria, Dean pôs cara de preocupação.

— Está menstruada?

— Sim – Limitou a dizer ela.

A distância que estavam, podia cheirar o aroma de seu cabelo e sua pele banhada pelo o sol, que combinando com sua feminilidade, o afetava de uma maneira puramente sexual.

— E se sente mal por isso?

Os olhos azuis de Eve cravaram nos seus.

— Por que o pergunta?

“Oh-Oh cuidado com o olho” aconselhou a si mesmo.

— É somente não está tão... Animada como sempre – disse ao final, mas se calou, por que, além disso, estava mostrando realmente pequena com ele.

— A verdade é que me sinto fatal. Normalmente tenho uns sintomas bastante agudos. A regra dura uma semana. Fico inchada, e sim, estou esgotada.

Uma semana? Dean quase gemeu de desespero, mas se conteve.

— Sinto muito.

— Também – Respondeu ela, descendo a voz ao tempo que apoiava a frente no peito dele – Tinha muita vontade que chegasse essa noite.

Dean levantou o queixo com delicadeza.

— Não sou um homem apreensivo carinho. E tem muitas maneiras de...

— Esqueça – Arregalou os olhos, tentando afastar de si. Contudo, ao ver que Dean não pensava em se mover, elevou a cabeça ate chegar quase em nível da sua – Sou apreensiva, mas mesmo que não fosse não estou com humor. acredite Dean não sou boa companhia nesses momentos.

Assim nada de sexo. Para a sua surpresa, Dean se deu conta que não importava. Mas, como podia convencê-la? Comportar-se como cavalheiro não serviria de nada. Eve lhe diria que se fosse ao inferno e ele se negaria a fazê-lo. Levantou o queixo uma vez mais e a obrigou olhá-lo.

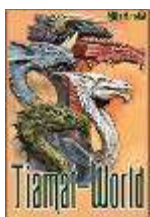
— Está em dívida comigo Eve.

— O que?

— Fizemos uma aposta senhorita. Perdeu e vou a sua casa – prosseguiu ele. O animo de Eve nesse momento parecia tão volúvel que Dean decidiu por um pouco mais de espaço, mas ainda não se rendeu - Se quer deitar no sofá e dormir, enquanto estou ali, por mim tudo bem. Posso aceitá-lo. Mas, não deixarei que cancele nosso encontro.

— Falei sério. Nada de sexo.

— Não estou surdo. Ouvi o que disse. Esperarei até que esteja pronta – retrucou ele sem ceder um pedaço de terreno – Mas, de todos os modos irei a sua casa hoje a noite.



Algo, talvez alívio, refletiu no semblante de Eve antes de cruzar os braços com obstinação e dar-lhe as costas.

—Como quiser – espetou – Faz o que achar melhor, mas logo não diga que não avisei.

Dean ficou em postura tensa, da rigidez dos ombros. Inclusive vendo ser rejeitado como nesse momento, não podia evitar sentir ternura, calidez e o prazer mais absoluto. Era muito estranho. Teria que suportar uns dias de celibato, mas ainda assim lhe dedicou um enorme sorriso.

—Perde seu tempo carinho – Inclinou e lhe deu um beijo na base do pescoço, notou como ela estremecia – Tem algo mais que saber de mim.

Ela o olhou por cima do ombro, as sobrancelhas arqueadas interrogativamente.

—Não me assusto com facilidade – concluiu Dean.

Sustentou o olhar um bom tempo, até que Eve terminou por desviar do seu.

Não, decidiu Dean, Eve não conseguiria assustá-lo, ele não cedia quando queria algo e, por alguma razão, queria a ela. Não somente pelo sexo. E não a qualquer outra mulher.

A Eve.

Nesse momento. Essa noite. No dia seguinte.

Com ou sem sexo.

E, demônio não tinha motivo algum para negar esse gosto. Se deixaria levar, desfrutaria e, entretanto, faria que Eve também desfrutasse.

Nada mais ao entrar no vestíbulo do motel Cross Streets, Dean viu a Roger no balcão de mármore de imitação, olhando fixamente a tela do computador. Sabia que era o proprietário, o gerente, mas era a primeira vez que o via ali.

Teve a sensação de que não era uma causalidade.

Roger demorou um longo minuto em perceber a presença de Dean. Quando levantou a vista e o viu olhando, literalmente deu um resmungo. A surpresa inicial deu passo à determinação. Roger abandonou seu posto no computador e, rodeando o balcão, dirigiu-se rumo a ele.

—Dean tem um minuto?

Somente para aborrecer, Dean olhou ao relógio.

—Posso um minuto. Tenho que tomar banho e trocar de roupa para ir à casa de Eve.

Roger franziu os lábios um momento com gesto de irritação.

—Entendo – respondeu ele esboçando um sorriso de ressentimento – Vocês dois tem sido praticamente inseparáveis.

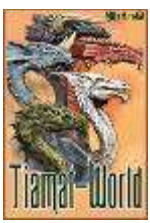
—Restam quarenta segundos Roger.

O rancor brilhou nos olhos verdes de Roger.

—Está bem. Você se importa de acompanhar ao meu escritório? Ali poderemos conversar mais cómodos.

Roger começou a andar, mas deteve ao ouvir a Dean dizer:

—Terá que ser aqui.



Encontravam-se no meio do vestibulo, o qual não proporcionava privacidade alguma. Roger tomou ar com certa brusquidão. Primeiro pensou em mostrar contenção, mas finalmente não conseguiu e estalou:

—Foda – Deu um passo rumo a Dean em atitude agressiva – Certo. Irei direto ao ponto.

—Sim, melhor – respondeu o outro, cruzando os braços ao tempo que se apoiava em uma parede.

—Quero saber por que veio a Harmony, quanto tempo irá ficar e que demônio quer de Cam. Ao não ver nenhuma razão em não responder aquelas perguntas, Dean encolheu os ombros.

—Vim por que Cam me convidou. Ainda não sei quanto tempo vou ficar, mas, enquanto, esteja aqui espero poder ajudá-la a recuperar as rendas de certas coisas.

—E isso o que significa? Recuperar algumas rendas de que?

—Está carregada de dividas. A casa precisa muitas reparações. Ainda não pensei detalhadamente nisso, de maneira que não sei até que ponto verá envolvido, mas tenho intenção de ajudá-la em ambas as coisas.

Dean observou Roger, aguardando sua reação.

Visivelmente frustrado, este passou a mão no cabelo loiro, ao fazê-lo despenteou um pouco, mas o ato o fez mais humano.

—la ajudá-la – disse ele mais para si que para Dean.

Certo. Mas, com que propósito? Perguntava-se Dean. Sempre havia se dado bem em julgar as pessoas, e Roger despertava nele todo o tipo de suspeitas. Não podia confiar que um homem que juntava tanto dinheiro como Roger se preocupava ou pudesse compreender as coisas realmente importantes da vida.

Alguém que abusava tanto dos demais não podia ser compassivo, amável e querer a sua irmã...

“Para, para, para”

Sem deixar de olhar fixamente a Roger, Dean retrocedeu uns passos, enquanto refletia sobre o que acabava de ocorrer.

De nenhuma maneira ia permitir começar a pensar em termos de... Foda, nem sequer podia formular o pensamento sem sentir um profundo receio. Mas, não tinha mais remédio que enfrentar os fatos. Em um tempo recorde, estava começando a se sentir como um... Irmão mais velho.

Merda.

Roger tinha o cenho franzido e o olhava com curiosidade e Dean decidiu acabar com aquilo.

—Isso é tudo? É que tenho coisas que fazer – Resmungou.

Roger meteu as mãos nos bolsos dos jeans e continuou falando com determinação.

—Pensei que... Bom, tendo em conta que Cam e eu casaremos...

—Talvez.

O mero fato de escutar essa palavra e a possibilidade que sugeria, estiveram a ponto de fazer que Roger ficasse violento.

—Nós vamos casar – retrucou, apertando os dentes de raiva – Que não fique duvidas.



Dean pensou que era uma reação interessante. Amaria a Cam de verdade? Ou talvez atuasse movido a outras razões?

—Quer chegar a alguma parte com isso Rog?

O diminutivo fez que Roger eriçasse os cabelos de raiva, mas conseguiu controlar.

—Já que vamos ser – Interrompeu um momento e franziu os lábios – Família, pensei que talvez quisesse me conhecer melhor.

Dean começou a rir.

—Não.

Família? Não, não e não. O último que tinha em mente era se colocar a entrevistar os possíveis pretendes de sua irmã. Se alguma vez algo tão estúpido, mereceria que o jogassem do ring, com os olhos tapados, com os melhores lutadores do Brasil.

—Cam é perfeitamente capaz de decidir por si só com quem quer casar – acrescentou.

—Maldito seja, cara, somente tento...

—Dean, Roger, o que acontece?

Ao ouvir a conhecida voz feminina, Dean fechou os olhos com certo medo. Mas, foi somente um segundo. Não queria perder nada, nem a reação de Roger e nem a de Cam. Sua irmã sabia que se hospedava no hotel, mas até o momento não haviam se encontrado ali nem uma vez somente. Claro que Dean também não havia passado tempo demais nele.

E pretendia seguir assim.

Roger se voltou bruscamente rumo Cam com a sensação de culpa.

—Carinho – disse com um sorriso forçado – Não a ouviu chegar.

Dean riu baixo ao ver o evidente incomodo do outro.

Por sua parte, Cam ficou perto de Roger com uma familiaridade que a Dean não passou despercebida. Posto que, depois de tudo, fossem um casal. Apesar de que isso não significava que sua irmã fosse se casar com aquele idiota.

Cam levava uma saia estreita de cor preta, camisa e uma placa de identificação. Aquilo enfureceu a Dean, que tipo de homem faria trabalhar a mulher que amava no turno da noite?

Roger tossiu.

—Cam, carinho, acreditei que estava fazendo o inventario.

Ela o desculpou com um terno sorriso.

—Sim, mas já terminei – Respondeu ao tempo que se dirigia rumo a Dean com certa cautela – Tudo vai bem?

Seu irmão não pode evitar com um amplo sorriso.

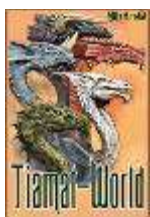
—Carece de sutileza, Cam – Respondeu e sem pensar acariciou a bochecha – Eve esta bem. Não tem que se preocupar.

Desgostosa consigo mesma, Cam esboçou um sorriso contido.

—Sei que não é meu assunto.

De quem não era o assunto era de Roger, mas Dean não se incomodou que Cam se mostrasse preocupada por sua amiga.

—Não passa nada.



—Quando sai de casa pra cá, Eve também se foi. Sei que tiveram uma discussão, e que ainda não superaram – Mordeu o lábio – Lamento que por ter tido que trabalhar no telhado não conseguiu arrumar as coisas.

Dean negou com a cabeça.

—Deixa de se angustiar. Não tem nada que arrumar. Vou a sua casa agora mesmo, assim que tomar banho e trocar de roupa.

Visivelmente contente, Cam relaxou.

—Isso é estupendo. Fico feliz.

—Pode ser que Eve seja o incentivo suficiente para ter seu irmão por aqui um tempo – disse Roger. Rodeou a cintura com um braço – Não gostaria disso?

—O que faça a ele feliz me faz também – respondeu Cam, metendo a mão no bolso da saia – Por certo, Dean tem algumas mensagens, passei o atendimento para seu quarto, mas também anotei – E dizendo isso, entregou a Dean vários papeis.

Este, os olhou por cima.

—Simon Evans, meu treinador... Entre outras coisas.

Esperava que não se tratasse de nada urgente que requeresse sua atenção. Quando se foi a Harmony tinha planejado que fosse uma visita curta. Simon sabia das coisas. Mas, agora... Bom, não sabia quanto tempo iria ficar. O único que sabia era que não queria ir ainda.

—Chamou três vezes – informou Cam.

—Sim – Dean franziu o cenho – Enquanto trabalhava no telhado, tinha o celular desligado por que não queria que incomodassem – disse. E não havia ocorrido pensar que alguém pudesse tentar localizado de outra maneira – Provavelmente não seja nada – Acrescentou. Isso esperava – Talvez se trate de uma oferta de patrocínio ou algo assim. Acontece às vezes.

Inquieta e receosa, Cam o tocou no braço.

—Dean... – Deteve e baixou a mão. Sua inquietude se fez palpável na maneira em que mudou de postura, olhou a seu irmão e, em seguida, desviou o olhar, todo ele antes de dizer – Não irá sem dizer, não é?

A preocupação de Cam foi para Dean como se houvesse dado um soco direto no coração. Merda. De verdade acreditava que faria algo semelhante? Que escaparia sem despedir? Acaso tinha dado motivos para pensar assim?

Antes que pudesse dizer algo para tranquiliza-la, Cam se lançou sem falar sem tom, nem som por efeito do nervosismo.

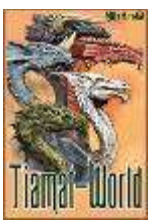
—Não quero pressionar nem nada. É somente que, como telefonou seu treinador, imaginei que seria por uma boa razão. E compreendo. Tem uma carreira muito séria que atender.

Uma carreira que supunha que era mais importante para ele que o reencontro com sua família perdida.

O sorriso de Cam tremeu.

—Tenho medo de acordar uma manhã e descobrir que se foi tão repentinamente como chegou. Tenho medo de não ter a oportunidade de dizer... – Sua voz de fez mais baixa – Adeus.

—Cam...



Desesperada se aproximou dele.

—Se não te importa muito, gostaria que me desse seu endereço e telefone. Não pretendo interferir na sua vida, prometo. Não iria visitar a menos que convide. Mas...

Empatia, afeto e a louca necessidade de protegê-la caiu sobre Dean como uma bomba, cegando e deixando sem falar. Não conseguiu pronunciar uma palavra somente, assim que, em vez disso, decidiu seguir seu instinto e deu a sua irmã um forte abraço que a levantou do chão.

Abraçar uma irmã era uma sensação totalmente desconhecida para ele. Agradável, mas não queria que se convertesse em uma rotina. Inspirou o aroma de seu cabelo e pareceu familiar, e muito estranho. Reconfortante. Tranquilizador.

O afeto de Cam fazia sentir como se estivesse entre areias movediças, que o absorviam com tanta força que sabia que se rebelar não ajudaria, só piorava as coisas.

—Não vou desaparecer, Cam. Prometo – disse Dean com a voz rouca pela emoção.

Ela suspirou e em seguida disse com um fio de voz.

—Dean, por favor.

Ele levantou a cabeça e viu o nervosismo e a raiva refletidos no rosto de Roger. Que demônio. Estava-a apertando contra seu peito com tanta força que poderia asfixiá-la. Ao contrário dele, Cam não era feita de fortes músculos e ossos grandes. Em comparação com ele, ela era pequena e delicada.

Roger ardia de desejos de atacá-lo. Dean viu em seus olhos, na forma em que respirava e em como estava se contendo. E quase saboreou a ideia de que proporcionasse um motivo para dar aquele idiota um bom soco no nariz.

Mas, Roger limitou a dizer com os dentes apertados.

—Pelo amor de Deus, solte-a. Irá asfixiá-la.

Depois de fazê-lo, Dean pegou a sua irmã pelos ombros e a separou um pouco dele.

—Sinto muito carinho. Está bem?

—Somente tenho unas costelas roxas – Respondeu ela com um malicioso sorriso muito parecido ao de Jack e Dean nunca antes viu.

Depois de alisar a roupa, Cam levantou as mãos e segurou entre elas o rosto de seu irmão.

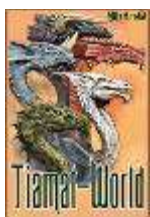
—Disse a verdade? Avisará antes de ir de Harmony?

Sua irmã era uma mulher muito expressiva, com um agudo instinto de proteção. Uma mulher que desfrutava com o contato físico. Dean pensou nela com Roger, e não gostou nada da imagem.

—Sim – respondeu lançando ao mesmo tempo a ele um olhar de advertência – Saberá.

—Obrigada - disse Cam rodeando a cintura com os braços, e dessa vez, a Dean pareceu algo natural devolver o abraço.

Quando Dean saiu uma hora mais tarde, tomado banho e roupa limpa, na recepção somente tinha um jovem. Supôs que Roger tinha ido pra casa e que Cam estaria ocupada com outros assuntos. Suspirou aliviado diante a ideia de poder evitar por enquanto mais encontros emotivos.



Fora, recebeu o ar quente e úmido. O ruído que fazia seus sapatos de sola de borracha sobre a calçada ressoava na escuridão. As luzes de segurança, colocadas na entrada do estacionamento, não chegavam até o fundo do mesmo, o que deixava muitos carros envoltos nas sombras.

Como Dean sempre estacionava longe dos outros carros, o Sebring estava afastado, uma estrutura difusa e apenas visível entre as más ervas e os descuidados arbustos do pequeno mercado situado bem atrás.

Dean aproveitou para telefonar a Simon Evans enquanto ia rumo ao veículo. Seu treinador respondeu no quarto toque.

—Evans.

Dean ia falar quando ouviu um pequeno ruído e percebeu um leve movimento entre as sombras. Foi algo muito vago, pode que até o houvesse imaginado, mas seu sentido ficou alerta.

Percorreu toda a zona com o olhar, tentando distinguir que se ocultava atrás da densa escuridão.

Nada.

Evans desligou.

Merda. Dean marcou o número de novo e dessa vez, quando Simon atendeu, apressou em dizer:

—Ola é o Dean. Sinto muito caiu à ligação.

—Tem má conexão? – perguntou Simon.

—Não, estava distraído – respondeu ele. Não viu motivo para contar que não havia dito nada por que algo o tinha assustado – Recebi suas mensagens. O que acontece?

—Muitas coisas, isso é o que acontece. Faz a mala e volta agora mesmo.

—Não.

Simon vacilou um momento.

—Mas, como o que te acontece? Nem sequer sabe do que se trata e já está negando?

—Morre de vontade de contar, então continue.

Com uma tremenda alegria, Simon disse:

—Desmond rompeu a mão no último combate. Um par de ossos. Não poderá competir um tempo.

—Sinto muito por ele. E o que tem a ver comigo?

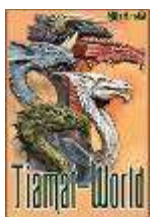
—Esse combate atraiu muita atenção. Quase toda negativa.

—Isso não é nenhuma novidade – retrucou Dean, sem deixar de percorrer a zona de sombras, enquanto se dirigia a seu carro – Nos temos feito arrecadadores de uma boa quantidade de má imprensa.

—E então onde você entra. Você é o menino bonito. Ganhou o êxito no pulso, é amável e simpático. Cuida do aspecto.

—Cuido do meu aspecto? – Retrucou Dean rindo de boa vontade. Tomar banho e fazer a barba diariamente era seus únicos cuidados de beleza – De onde tirou isso?

—Usa o cabelo curto e não tem piercing. Somente tem uma tatuagem faz anos. Não fuma, nem bebe, e quando quase todo mundo usa esteroides, você denuncia o seu uso.



—Somente fiz um maldito anuncio – resmungou Dean, movendo a cabeça negativamente. Um corte publicitário de vinte segundos que arremetia contra o uso de esteroides no esporte, não se emitia nos Estados Unidos, mas nos outros países.

—E, dá dinheiro para projetos educativos e um monte de organizações benéficas.

—Degradam fisicamente.

Simon lançou a voz por cima da sua.

—E, além disso, salvaste aquela mulher. Isso irá resultar útil durante uma boa temporada.

Anos.

Dean apertou a mandíbula.

—Espero que esteja de brincadeira.

—Querem fazer um vídeo com você. Uma espécie de reality em que te seguiriam a todas as partes e...

—Não.

—Incluiriam momentos destacados de alguns de seus combates. Algumas vitórias por fora de combate aos trinta segundos e outros que não resultassem até o final. Mas, você aparecerá sem nenhum machucado nem sangue.

—Não.

Foda, não. O último que queria era ter uma câmera encima as vinte e quatro horas do dia.

Simon suspirou, ofendido mudou de tática.

—Pensei que telefonaria quando se instalasse.

Dean encolheu os ombros. Ainda não havia se instalado, e duvidava que o fizesse alguma vez. Não poderia em um lugar que tinha tantas lembranças do passado como Harmony. Os amáveis momentos, mas a maioria ruim.

—Surgiram assuntos que me impediram de fazê-lo.

—Certo – Simon vacilou – Estou indo te ver.

Dean tirou as chaves do bolso.

—Para que?

O outro grunhiu de uma maneira que não deixava lugar para duvidas sobre o humor que se encontrava.

—Algo está acontecendo. Não se comporta como sempre.

—Estou bem.

Encontrava imerso na confusão por causa de duas irmãs que apenas conhecia era esta bem, se acredita que cheirava e via as coisas movendo na escuridão era bem, sim...

—Esse último combate te deixou sem forças Dean.

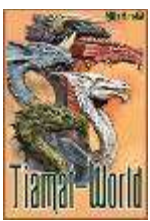
—Ganhei.

Simon resmungou.

—Movia-se como se fosse um fodido novato. Teve um monte de oportunidade de submeter aquele idiota e as deixou escapar.

Certo. Mas, ainda assim tinha ganhado.

—Gregor está aqui. Vou treinar com ele.



A manifestação de assombro de Simon ressoou como um canhão.

—Não me foda – Bradou tão forte como para perfurar o tímpano – Não te ocorre fazer nada disso até que chegue Dean. Falo sério. Pode ser que termine matando-o – Simon pegou ar e resmungou para si um momento antes de acrescentar – Já tenho papel e caneta. Diga o condenado endereço. Estarei ali dentro de uns dias.

Foda. Se todos comessem a lhe seguir até Harmony, talvez deveriam organizar ali algum tipo de exibição. Assim poderia incluir naquele ridículo vídeo. Eve poderia encarregar de organizar tudo. A sua família adoraria.

O que significava que ela também.

Não era má ideia.

Dean pôs fim as suas reflexões dizendo:

—Antes, quer fazer um favor?

—Depende. Dado o absurdo de seu comportamento, primeiro tenho que ouvir de que se trata.

—Contrata a alguém que investigue a Roger Sims. É um homem de negócios daqui, dono de vários estabelecimentos – Dean lhe deu o nome e de alguns deles para facilitar a investigação.

—Esse Roger fez alguma coisa?

—Na verdade não – respondeu Dean, olhando fixamente a escuridão que o rodeava e acrescentou para si – Ainda.

—Então qual é o problema?

Vendo que não tinha mais remédio que satisfazer a curiosidade de Simon disse:

—Sai com a minha irmã.

As palavras de Dean foram recebidas com um atônito silêncio, em seguida, seu treinador disse com caustico humor.

—Será idiota. Que quer faça que o elimine?

Quando uma notícia o surpreendia, Simon sempre tratava de acabar com a tensão com brincadeiras.

—Se não pensa cozinhar perguntas sobre essa minha família a que nunca havia falado antes, pode sugerir que traga o material?

—Material?

—Para treinar. Se for ser o saco de pancadas de Gregor terá que fazê-lo bem.

E, talvez, somente talvez, tivesse que aplicar essa máxima a todos os demais.

Capítulo 15

A luz da lua dançava sobre a superfície da água da piscina, uma brisa fina agitava o cabelo e acariciava aquelas zonas da pele que não cobria o biquíni: a garganta, o ventre e as coxas. Jack



escutava o canto dos grilos entre as árvores do bosque que começava ali onde terminava a casa. Ouviu também o canto da coruja.

E o som de seu próprio coração, acelerado pela expectativa e o desejo.

De pé muito próxima dela, as suas costas, enchendo seus sentidos com seu aroma e sua presença tão masculina, Gregor sussurrou:

—Está bem aqui fora.

Jack fechou os olhos brevemente, e em sua mente o viu naqueles ridículos calções verde lagarto nadador. Irradiava uma força sem igual. Suas coxas de aço, as atrevidas tatuagens e tanta confiança em si mesmo, davam um ar perigoso especialmente para o tamanho dela.

Tinha que estar louca por ter ficado sozinha com um cara como aquele.

Como se tivesse lido seus pensamentos, Gregor acariciou seu ombro com a palma da mão e depois fez que voltasse a olhá-lo.

—Tudo vai bem preciosa?

Nem de perto. Atraída sem querer, Jack se aproximou de Gregor.

—Por que não deveria ser assim?

—Não sei – o retrucou, apoiando as mãos em seus dois ombros com ternura – Mas, está muito calada e quando uma mulher não fala, me deixa arrepiado. É um mau sinal, Muito mal.

Jack soltou uma risada nervosa.

—De verdade? E como é isso?

—Significa que deve estar dando voltas em algo – Suas mãos desceram pela a garganta de Jack, roçando a delicada pele com seus dedos ásperos, e deixando-a arrepiada – Provavelmente não deveria estar aqui comigo. Mas, preferia que desfrutasse do momento.

O coração martelava nas costelas com tanta violência que fazia mal.

“Coragem – disse Jack – Mostre audácia. Descarada. Seja como Gregor espera que seja.”

Lançou a cabeça para trás e riu.

—E que se supõe que irá acontecer nesse momento que tenha que desfrutar?

Nem a escuridão da noite conseguiu esconder o brilho que resplandeceu nos olhos dele.

—Isso – Inclinou e pousou suavemente os lábios sobre os dela. Com a leveza de uma pluma. Com cautela. Com doçura e calma... Durante uns três segundos. Ao final dos quais Gregor gemeu, ao tempo que estreitava contra seu tremendo corpo, projetando aquele imensurável atrativo sexual sobre ela.

Ter o corpo esparramado contra o dele proporcionou a Jack a informação de primeira mão sobre o que era um corpo duro como rocha, e quente como um sol abrasador. E... Dinâmico. Elétrico.

Ao sentir que a levantava do chão, Jack agarrou nos amplos ombros e se maravilhou ao sentir suas provenientes e tensas coxas. Deus era muito mais homem que qualquer homem que tivesse conhecido ou sequer imaginado.

Enquanto, devorava sua boca com a dele, Gregor desceu uma de suas enormes mãos em torno de seu traseiro, levantando-a ainda mais para acomodar sobre a longa e sólida ereção que estava cravando no ventre.



Jack se afastou com brusquidão.

—Gregor... Espera.

Ofegando ele disse com a voz rouca:

—Está bem – Duas inspirações mais e depois com a voz ainda entrecortada – Quanto tempo.

Jack sabia que a risada que se apoderou dela era de nervoso. Ela não era desse tipo de meninas. E ultimamente não tinha muitos motivos para sair rindo despreocupadamente.

—Não sei. É que... Para mim isso é uma surpresa.

Gregor foi deixando cair até que seus pés tocassem os azulejos decorados que rodeavam a piscina.

—O que é uma surpresa?

Jack os assinalou com uma mão, com um gesto que evidenciava sua impotência na hora de explicar seus sentimentos.

—Isso. Estar aqui com você e as coisas que aconteceram na velocidade da luz.

Como um animal ferido, Gregor agachou à cabeça e emitiu um gemido. Levantou as duas mãos e esfregou o rosto.

Havia o aborrecido. Talvez agora pensasse que ela não era mais que uma esquentadora. Mas, Jack não havia planejado nada de tudo aquilo.

Teriam saído para tomar algo quando Gregor tivesse terminado o telhado com o Dean, a não ser por que Jack havia se dado conta de que tia Lorna tinha intenções de ficar até tarde com sua amiga, e que Cam não voltaria do trabalho até depois da meia-noite. Ir ver um filme ou jantar não agradava. Enquanto, ficar em casa, nadando com o Gregor, aproveitando a oportunidade para conhecê-lo melhor sim.

E isso era o que haviam feito.

Jack apoiou o seu peso em uma cadeira, e cruzou os braços.

—Talvez seja melhor ir embora – brincou – Não gosto de ver sofrer um homem de forma tão dramática.

Gregor retrocedeu um passo e deixou cair às mãos.

Jack ficou olhando-o fixamente aos olhos, esperando seu ataque de irritação, suas acusações.

—Sinto muito.

—O que disse? – perguntou ela olhando-o fixamente na escuridão.

Ele emitiu um som de absoluta frustração.

—Já me ouviu, preciosa. Sinto muito, maldita seja.

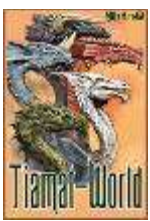
—Com o que sente?

—Sei perfeitamente que não é bom ir depressa com uma mulher. Todas querem as coisas no seu devido tempo.

—Todas? – repetiu Jack. Como podia ser tão imbecil aquele cara – Gregor ainda tem uma possibilidade, pequena possibilidade, de que possa salvar esse encontro.

Ele ficou quieto.

—Tem toda a minha atenção.



—Mas, juro que se me comparar a todas as mulheres com que estive essa será a última vez que nos falaremos.

O silêncio caiu sobre eles. Os dois se olharam um momento. E foi Gregor quem deu o primeiro passo, apesar de com cômico receio.

—Está bem. Sei que ofendi em algo, isso lhe aborreceu. Mas, poderia dizer o que fiz para não repeti-lo?

Aproximou dela, mas quando estive o bastante próximo para poder tocá-la, Jack subiu uma mão e o impediu. Gregor parou. Mas, era tão condenadamente corpulento, tão imponente, que era como se tivesse encima. Até esse ponto sentia sua proximidade sobre ela.

Notou como se fechavam os pulmões, mas conseguiu que sua voz soasse razoável.

—Para sua informação, gostei do ritmo em que íamos.

Gregor dobrou um pouco seus joelhos de maneira que seus olhos ficassem ao mesmo nível que os dela.

—Sim?

—Demais – confirmou Jack tocando o tórax sem poder conter – Isso me colocou muito nervosa.

Ele colocou sua mão encima da dela e começou a ofegar novamente.

—Acredita que poderá me explicar o que acaba de dizer?

Dessa vez foi à vez de Jack gemer.

—Direi uma coisa. Por que não entramos na piscina? Talvez esfrie um pouco. Com a cabeça fresca, as coisas se podem falar melhor.

Ela percebeu o ceticismo dele antes inclusive de falar.

—Segue sonhando preciosa. Agora mesmo, nem todo o Alasca poderia me esfriar.

—Tentemos de todos os modos.

Dito isso, Jack afundou nas profundas escuras da piscina com grande elegância. A água quente a envolveu, acariciando todos aqueles pontos que Gregor havia sensibilizado com suas atenções. Quando saiu a superfície, ele estava ali, sorrindo.

—Ok – disse rindo suavemente da cara de surpresa dela – Nada como uma sereia.

Era um bruto insolente, mas tão adorável... Adorável? Jack afastou o cabelo do rosto e escorregou.

Gregor entrou na água.

—Melhor? – perguntou Jack.

—Nem um pouco – respondeu ele, mantendo-se na vertical facilmente – Vem aqui, anda.

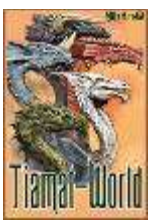
Um perigoso convite.

—Para que?

—Quero te tocar.

—Não deveria...

—Está bem.



Nada mais que aproximar, Gregor cobriu os lábios com os seus. Foi um beijo muito mais terno, menos invasivo, mas igualmente prazeroso. Um beijo que a excitou. E não demorou nem um minuto para se dar conta de que a estava segurando dentro da água,

Lançou um olhar e viu que Gregor havia movido até uma zona menos profunda sem que ela se dessa conta. Como suas pernas eram muito mais longas, ele estava de pé, enquanto ela não.

—Não era minha intenção ir depressa.

Disse com tanta doçura que Jack o perdoou ter falado de outras mulheres.

—Não acontece nada.

—E compará-la a outras mulheres foi estúpido.

—Estou de acordo.

—Você é totalmente diferente.

—Oh... Obrigada.

—Diferente no bom sentido – Deslizou as mãos e pousou na sua cintura – Bastou vê-la uma vez para sentir como quando me dão uma chave de estrangulamento em um combate: visão borrada, debilidade nos joelhos e também determinação.

Isso a fez sorrir.

—Sofre estrangulamento, às vezes?

—Não. Sou muito bom. Não posso me comparar a Furacão, ainda, mas estou no caminho.

Jack se afastou dele. Já estava falando de seu irmão outra vez? Se aquilo era algum tipo de tática para conseguir um combate com Dean, afogaria-o.

—Não quero...

—Sim, sei – Interrompeu-a ele, acomodando contra seu corpo – Também não quero falar dele.

Jack teria seguido protestando se não fosse pelo fato que Gregor a beijou de novo, com mais avidez que ternura dessa vez, e demônio, ela adorou que o fizesse. Tudo naquele homem a excitava até um ponto insuportável. Então a rodeou o pescoço com os braços e, mostrando sua ousadia, Gregor colocou as mãos em seus quadris.

Sem despregar os lábios do dela, sussurrou:

—Essa tatuagem me deixa excitado.

—De verdade.

—Imaginá-la, enquanto te faziam, retorcendo ao sentir a agulham, e como se retorcesse quando te beijei...

Deus.

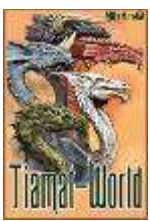
—É... É uma tatuagem bonita, mas não sexy.

—Você é bonita – Cobriu de beijos, enquanto percorria o corpo com as pontas dos dedos – E sexy.

—Gregor...

Seus dedos haviam alcançado já a entreperna do biquíni e Jack se surpreendeu ao notá-lo, mas isso também a excitou muito. Gregor emitiu um gemido de desejo.

—Foda, carinho, diga que está pronta, por favor. Antes que exploda.



Jack queria afastar dali antes de ficar no ridículo. E também queria rodear o corpo com as pernas e suplicar que não parasse. Contudo, o único que pode fazer foi negar com a cabeça.

—Não? – Traçou os lábios num úmido caminho ao longo de sua mandíbula, da garganta e desceu até a orelha. Ali lhe sussurrou decepcionado – Ainda não?

Jack sentia como uma idiota.

—Desejo você Gregor. De verdade.

—Mas?

Jack umedeceu os lábios e rogou que não risse dela quando contasse.

—Sou virgem.

Não riu. Brincou com ela.

Sorrindo, fundiu a mão em seu cabelo, enquanto dizia em tom suave:

—Está bem. O que você quiser neném. Seguirei seu jogo.

Jack sentiu que gelava o sangue nas veias.

—Jogo?

— Sim isso te deixa excitada – Beijou-a e nem sequer se deu conta que ela permanecia imóvel e rígida – Tenho que convencê-la para que tire esse pequeno biquíni?

Jack sentiu desejo de gritar. Contudo, falou com calma que quase chegava a ser fria.

—O que pode fazer é tirar as mãos de cima de mim.

Gregor a soltou, confuso. Furiosa, ferida e mortificada, Jack nadou com grande rapidez até a borda da piscina e saiu da água.

—Jack – O ouviu chamá-la, enquanto atravessava a piscina a nadava atrás dela, depois da confusão inicial.

Jack voltou rumo a ele, agradecida que estivesse escuro para que assim não pudesse ver as lágrimas e ela não pudesse ver a surpresa ou a diversão que aquilo provocava nele.

—De verdade, acredita que mentiria sobre algo assim, seu grande burro?

Ficou impressionada ao vê-lo apoiar as mãos na borda e sair de um pulo. Retrocedeu um pouco, mas em dois passos Gregor estava diante dela.

—Não me importa.

—O que não importa?

—Que seja ou não... Já sabe. Virgem.

Jack riu dele com desdém.

—Até custa dizer.

O incomodo de Gregor era palpável.

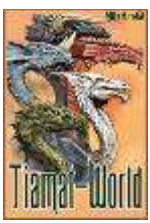
—Disse-o, maldita seja.

—Mas, não acredita – a retrucou com desprezo – Apesar de ter confessado o que sou.

—Estou de acordo. Você é.

—Não necessito de suas condescendências.

—Venha já, mulher – Gregor pairava sobre ela, respirando agitadamente; furioso, frustrado. E desesperado – Que demônio quer?



Jack não tinha uma resposta imediata a isso. Mas, sim sabia o que não queria que fosse exatamente o que Gregor oferecia. Desviou o rosto.

—Olha-se – O espetou depois de uns segundos – Toda você julga sexo, sabe disso.

—Julgo sexo?

—E que me caia morto agora mesmo se alguma vez vi uma virgem penteada e maquiada como você.

Jack apertou os dentes e avançou rumo a ele.

—Está me dizendo que estou vestida como uma puta?

—Não claro que não – segurou-a pela a cintura – O que digo e que está pintada com jeito de mulher que sabe o que quer, e isso foi o que pensei. Diz-se que não é, por mim, tudo bem. Não tenho nenhum problema. Não me importa.

Jack riu baixo.

—Tá. Não importa agora por que vê a oportunidade de dormir comigo facilmente.

Gregor levantou as mãos em sinal de redenção.

—Foda, sim, isso também.

—Sim, isso é o único que importa.

Gregor projetou a mandíbula para frente.

—O que me importa é que meus molhados calções parecem uma tenda de campanha graças a você – Aproximou dela até que pode sentir seu ar quente quando acrescentou – Quer olhar?

Fez-o e desejou não ter feito.

—Vá para casa Gregor.

—Minha casa está em Nevada.

Jack sentiu que o coração se encolhia, e emitiu um gemido afogado ante o incomodo daquela sensação.

—Mas, prometi a seu irmão que o ajudaria com o telhado e isso é o que pretendo fazer – E dizendo, agarrou uma toalha e se envolveu nela - Sou um homem de palavra.

Disse com ênfase e uma ponta de acusação como se ela não fosse.

—Não sou um homem.

—Acredito que não. Em mim está a prova.

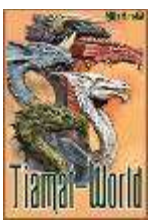
E dito isso se foi.

Jack ficou ali plantada, incapaz de se mover até que Gregor desapareceu na escuridão da noite. Todavia, seguia igual quando o ouviu por em marcha o carro e afastar da casa. Não saiu cantando pneu.

Era um cretino. Mas não esse tipo de cretino.

Havia ido.

Desanimada, Jack pegou sua toalha e entrou na casa. O único consolo que ficava era que havia dito que voltaria para terminar o telhado. Mas, conforme subia as escadas da casa vazia e silenciosa, perguntou quanto tempo acabaria o trabalho. Um dia mais, dois no máximo. Ela sempre havia sabido que teria problemas quando enfrentasse pela primeira vez uma relação



sexual. Vendo sua atitude, os homens esperavam coisas dela. E não podia agir de outra maneira. Não dava bem.

Não continuava virgem por questões morais, medo ou convicções religiosas. Era por que não tinha encontrado o homem pelo o que merecesse a pena explicar o que acontecia. Exceto que com Gregor tinha sentido algo diferente.

Ao que parece, tinha se enganado. Apesar de que também não era novidade. No ultimo ano tinha mentido a respeito de muitas coisas. Minutos depois tinha mudado de roupa e ido para cama. Mas, não dormia. Não podia fazê-lo.

Maldito fosse, já sentia falta de Gregor e esse ainda não tinha ido embora da cidade.

Dean percorreu o caminho na entrada da casa de Eve e chegou à porta com a mente ocupada em vários assuntos. Conhecendo como conhecia a Simon, sabia que apareceria cedo ou tarde, mais bem cedo. Com somente dois anos com ele, Simon gozava de uma estabilidade emocional que Dean não era capaz de imaginar sequer. Tinha uma relação solida com uma mulher, um lugar e uma família enorme.

Para Simon, as coisas eram brancas ou pretas, igual era para ele antes que Cam se ajeitasse em seus braços, emocionada de “conhecê-lo”.

Agora se sentia mais confuso que outra coisa. Mudava de opinião com mais rapidez que um político, deixava que as emoções governassem sobre suas decisões, e deliberadamente, tinha um caso com uma mulher que não tinha nada a ver com sua vida.

Enquanto, esperava que Eve abrisse a porta, sentiu uma pontada de culpa. Não gostou. Não sentia bem a culpa.

Sempre havia tentando fazer o que considerava certo e depois esquecia.

Mas, como ia fazer agora algo assim?

Como se Cam não tivesse suficiente motivos de preocupação já, ele havia contribuído a sua incerteza ao deixar que acreditasse que iria tão subitamente como havia chegado. Foda, se, não estava procurando motivos para ir... Mas, sabia que o faria.

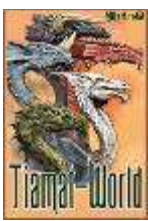
Algum dia.

Cam tinha preocupação demais com Jack, por seu trabalho – Um trabalho que tinha procurado graças a ele – Não era precisamente o melhor. E logo estava Gregor. Gostava dele, mas também sabia que era um mulherengo, e agora tinha colocado os olhos em Jack.

Bom trabalho menino. Até o momento não tinha marcado nada. O que mais surpreendia era que Cam não lhe dissesse que já fosse embora.

De novo.

Pensar nisso não fez mais que aumentar o ressentimento que sentia por Lorna. Aquela mulher tinha escondido coisas das suas irmãs, coisas importantes que tinham todo o direito de saber. Mas, contar não seria fácil, nem para ele e nem para elas. Claro que também não era seu dever esclarecer a situação. Contudo, estava em seu direito fazê-lo, de explicar com todos os cabelos e sinais. Uma vez que tomou a decisão de aceitar o convite de Cam e voltar a Harmony, tinha planejado fazer, contar tudo e mais um pouco.



Mas, então conheceu a suas irmãs, e seus planos não pareceram adequados. Não seria bom.

Além disso, tinha o instinto desagradável que Roger despertava nele. Desse homem não gostava. Não confiava nele. Estava tramando algo, não sabia de que se tratava, mas ele nunca ignorava o que dizia seus instintos. Tinha que averiguar em que lugar encaixava Roger no esquema das coisas e que ganhava fazendo que Cam dependesse dele. Por que isso era o que estava fazendo. Não a tinha ajudado o bastante para ela se sentir completamente em dívida com ele, mas sim o justo como para que o precisasse. Pode ser para que confiasse nele.

Dean chamou com os dedos mais uma vez, impaciente, até que Eve por fim abriu a porta. Olhou-o meio adormecida, o convidou a passar por sinais, ainda que com pouco entusiasmo, e deu a volta. Usava o cabelo recolhido em um rabo de cavalo, camiseta de futebol dois números maior, e ao que parecia nada mais.

Bom, talvez calcinhas. Não podia estar seguro, mas definitivamente, não usava shorts por baixo. E nem sutiã.

Embelezado, Dean ficou de pé no umbral, observando como Eve se arrastava de novo até o sofá e cair nele. Ao tombar, vislumbrou algo de suas calcinhas, o bastante sexy como para tentar um santo.

Agradável, muito, mas que muito agradável.

O som da televisão o tirou do fascinante exame de seu suave e adormecido corpo. Reconheceu o som dos grunhidos e golpes, a voz excitada do comentarista, as vibrações do público.

Com uma bolsa de papel em uma mão, Dean entrou e fechou a porta sem fazer ruído. Depois passou a chave.

—Está vendo gravações da SBC?

—Mark as trouxe. Ficou comigo vendo dois, para assegurar de que compreendia o significado de um combate, e depois foi – respondeu ela sem afastar a vista da tela – Quase tromba com ele.

Obrigado Deus pelo pequeno favor.

—Quanto te trouxe?

—Um monte – disse Eve, fazendo um gesto rumo à pilha de DVD, dez ou doze pelo menos, que havia sobre a estante, ao lado da televisão – Nos outros, passou todos os combates menos os seus. Nesse começou desde o principio. Acabo de terminar o treinamento com os pesos. Seu combate acaba de começar – Com o braço dobrado e a bochecha apoiada nele, Eve pôs de lado e fez uma bola – Serviu para distrair. Seus músculos parecem maiores quando está brigando. Apesar dos combates não durarem muito. Em todos eles, ou bem nocauteia o seu adversário ou o atira ao chão e retorce alguma parte até que bata na lona. Nenhuma das outras brigas passaram do primeiro assalto. É... Apaixonante.

—Os músculos incham durante um combate por que aumenta o ritmo sanguíneo – explicou Dean olhando a televisão.

Ela fez uma careta de dor.

—Pelo amor de Deus, que quer fazer esse cara em seu braço?



—A técnica chama Kimura – Sem olhar, com atenção fixa na tela Dean sentou junto aos pés de Eve, que sem falar encolheu um pouco mais as pernas para lhe dar lugar – Basicamente se trata de uma chave de bíceps que aplica sobre a articulação do ombro.

—Por que não bate na lona para que te solte?

—Não faz a técnica certa. Se fosse um lutador mais experiente, saberia e mudaria a posição.

Eve tampou os olhos.

—Não posso olhar.

Dean sorriu. Um segundo depois, ao ouvir os gritos de júbilo do público, Eve destampou os olhos e ergueu-se lentamente no sofá.

—O que aconteceu?

—Já disse sou bom – respondeu ele, inclinando no sofá, mas dessa vez não olhou a televisão, mas ela – Agora imobilizou no chão subindo encima, uma boa posição, por que posso golpear, enquanto ele somente tentar evitar os golpes, mas não pode devolver, ou ao menos não com muita força.

Quando o sangue começou a brotar no nariz do outro homem, Eve soltou uma exclamação.

—Os outros combates que vi não eram tão brutais.

—São golpes muito seguidos. Uma boa maneira de deixar esgotado seu adversário.

Eve ficou lívida, e Dean a tranquilizou dizendo:

—Não fique preocupada. O árbitro está a ponto de assinalar o fim – Deu umas palmadinhas na perna, gostou do contato com sua pele quente e sedosa, desceu até a coxa.

Ela pareceu não estar prestando atenção, os dedos dos pés se enroscaram de prazer. Dean decidiu que seria melhor parar, ou do contrário, esqueceria que essa noite não incluía sexo.

—Em seguida volto.

Eve não respondeu. Tinha toda atenção posta no final do combate.

Dean compadecido, levou a bolsa de papel para a cozinha. Encontrou uma tigela nos armários situados encima da pia, abriu então a tampa do sorvete e serviu duas porções grandes. Esperava que Eve gostasse da surpresa.

O combate terminou justo quando voltava à sala de estar, Eve desligou o DVD.

—Sempre está cheio de pessoas famosas.

—Entre o público quer dizer?

—Sim – respondeu ela muito surpresa – Estrelas de televisão e de cinema, modelos, esportistas.

—É muito popular – Dean sentou a seu lado e com uma suavidade entregou seu copo – Toma.

Eve reclinou rumo atrás do sofá e ficou olhando com firmeza o sorvete. Durante um momento não disse nada até que finalmente disse:

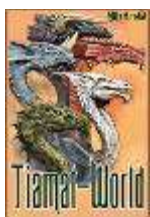
—Bolo de queijo, com sorvete.

—Sim. Tem um pote cheio no congelador se quiser mais.

—Como sabia? – perguntou ela sem pegar a tigela ainda.

—Cam me disse.

Ela levantou o olhar e o olhou.



—Falou com a Cam de nos?

—Disse que estava menstruada, pelo que tinha arruinado os planos dessa noite, mas que não queria que também sua noite fosse um desastre. Perguntei se sabia algo especial que pudesse trazer.

Eve o fulminou com o olhar.

—Genial – exclamou ela tirando a tigela e enchendo uma colherada – Agora sua irmã sabe que estamos transando sem eu conhecê-lo. Não sei o que pensará de mim.

Dean começou a rir.

—Era brincadeira.

Com a boca cheia, Eve resmungou:

—Oh.

—Disse que queria trazer o jantar, e ela me disse que o mais provável é que preferia sorvete.

—Cam me conhece muito bem – a retrucou enchendo outra colherada – Certo que já sabe que temos dormido juntos. Nunca pude esconder nada – Meteu a colherada na boca e fechou os olhos em êxtase – Hmm. Obrigada.

A expressão de seu rosto, enquanto saboreava o sorvete o encheu de satisfação. Com a voz suavizada pelo prazer respondeu:

—De nada.

Ela ofereceu a seguinte colherada, mas Dean a rejeitou, negando com a cabeça.

—Estou bem.

—Não tem ideia do que esta perdendo.

Claro que sabia. Mas, por Eve guardaria para si. Colocou os pés dela em seu colo e olhou detalhadamente os dedos. Tinha uns pés estreitos, delicadamente arqueados, lisos e suaves. Pra levar essas unhas tão perfeitas pintadas de rosa devia de fazer a pedicure regularmente.

Manter Eve Lavon não devia ser barato.

Dean já havia visto que gostava de roupa de boa qualidade, e nem uma vez a tinha visto repetir os sapatos. Tanto se ia arrumada como se tratasse de uma ocasião informal, sempre ia perfeitamente arrumada. Desde os brincos até a cor dos lábios, desde o penteado até o perfume, tudo estava planejado ao detalhe. Inclusive agora, com aquela camiseta de futebol, parecia não ter deixado nada ao azar. Estava muito sexy. O encaixe de cor vermelha de suas calcinhas rumo ao jogo de cor de sua camiseta.

Eve deu boa conta do sorvete em questão de minutos. Dean a contemplou, enquanto lambia a colher e perguntou:

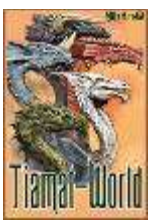
—Mais?

—No momento não. Talvez depois.

—Certo – respondeu ele. Podia sentir o quão tensa estava, de modo que lhe esfregou a parte de cima dos pés, os tendões e massageou os tornozelos.

Eve emitiu um sincero gemido de gratidão, apoiou a cabeça no respaldo e fechou os olhos.

—Está me convertendo em uma hedonista – Abriu um olho – Tem algo que não sabe fazer bem?



Enquanto, trabalhava na parte interna dos pés com os polegares, Dean observou como os dedos se enroscavam outra vez.

—Muitas coisas provavelmente.

—Por exemplo?

Ele encolheu os ombros.

—Acredito que não me dou bem em lidar com minhas irmãs.

Eve abriu os olhos e então se incorporou.

—Oh. Por que disse isso?

—Não são como esperava.

—Não esperava que fossem meninas agradáveis?

Não. Ele havia feito ideia de que seriam egoístas e aproveitadoras, como se elas tivessem tido algo a ver com o jogarem de sua própria casa quando tinha somente nove anos. Havia esperado encontrar duas mimadas e desconsideradas que lhe resultaria odiosas e repelentes.

E em seu lugar havia conhecido meninas amáveis, simpáticas, doces e carinhosas. Como deviam ser umas irmãs.

Soava melodrama, mas decidiu guardar para si seus pensamentos. Em seu lugar disse:

—Vou comprar um carro para Jack.

Capítulo 16

Eve deixou cair a colher na tigela com um barulho. Ficou olhando com os olhos abertos arregalados e os lábios entreabertos. Engoliu a saliva antes de falar.

—Vai comprar um carro?

Dean moveu a cabeça de um lado à outra com impaciência.

—Não se trata de um carro novo nem chamativo. De fato, pode ser até que o rejeite.

—Não – disse Eve – Não o rejeitará. Dará uma grande alegria.

Era Isso que esperava.

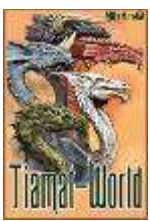
—É um pequeno Escort de quatro velocidades. Um utilitário. Simples, mas sólido. Nem sequer tem travas automáticas – E, para justificar acrescentou – Precisa um meio de transporte, caramba, ser independente, e...

—Dean – resmungou então Eve, com os lábios tremendo e teve que cobrir o rosto para esconder um soluço.

Surpreso ele ficou olhando-a com firmeza, e deu conta de que ia começar a chorar de verdade. Levantou os olhos ao céu e recostou no sofá.

—Por que demônio as mulheres sempre fazem isso?

—Por que estou menstruada – retrucou ela chorando – Por isso – Enxugou as lágrimas, nela ampliaram a manga de sua camiseta – E se meus estados emocionais te incomodam pode ir embora.



—Como é que sempre tenta se desfazer de mim?

—Por que me insulta? – protestou ela.

Dean deixou escapar um longo e exasperado suspiro, apesar de que não tinha intenção de bater em retirada.

—Não me referia as lágrimas, caralho. Isso é algo próprio das mulheres – Contemplou seus olhos úmidos e seu nariz enrijecia e acrescentou – E, além disso, está preciosa.

Preciosa? Furiosa, Eve contraiu o rosto banhado em lágrimas.

—É um comentário machista, mas...

Dean apressou a interrompê-la e evitar assim uma discussão.

—Antes referia a fazer uma montanha de algo que carece de importância. Não era um carro tão caro.

—Não era?

—Passei pela concessionária no caminho de casa – Dean sentiu um pouco envergonhado, uma sensação totalmente nova para ele – E, todavia, estava aberto.

—E... – Eve secou seus olhos chorosos, enquanto buscava as palavras certas – Já o comprou?

—Tenho que ir pegá-lo amanhã.

As lágrimas começaram a brotar de novo, mas Eve as reprimiu.

—Jack sabe?

—Não.

—Sabe Cam?

Dean negou com a cabeça.

—Oh-Oh – Eve tirou os pés do colo de Dean e os plantou no chão. Depois um segundo profundo de reflexão, voltou rumo a ele – Cam não irá gostar Dean.

—Não tem nada a ver com ela, isso é entre Jack e eu.

—Jack não tem seguro. Quero dizer, suponho que Cam a tenha incluído no seguro do carro como condutor ocasional, mas isso...

—Cuidarei disso.

Eve o olhou fixamente e outra vez começou a fazer pontos.

—Oh pelo amor de Deus – exclamou Dean levantando rápido e começando a caminhar de cima para baixo – Sou um homem solteiro com poucos gastos. Não tenho filhos, nem casa própria nem nada disso. Cam já tem o bastante. Não custa nada ajudar um pouco.

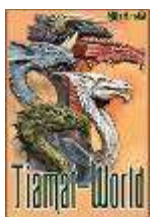
—Comprar um carro e correr com os gastos do seguro não é ajudar um pouco. É uma contribuição enorme.

—Não para alguém em minha situação – A necessidade de que Eve o compreendesse, fez acrescentar – E não acredito que isso tenha nada a ver com o fato de ser irmão mais velho, nem com nenhum outro estúpido clichê.

—Não se trata de um clichê – interveio ela – Tem que ver com o que é um bom cara.

Dean girou os olhos.

—Pare já Eve.



Ela olhou com uma expressão próxima a adoração.

—Quem dera não estivesse menstruada.

Surpreso Dean perguntou:

—Por quê?

—Por que agora mesmo está irresistível.

Isso voltou a irritá-lo.

—Somente por que comprei um maldito carro...

—O certo é que tem muito pouco que ver com o carro, assim que não fique na defensiva – Enquanto, refletia sobre o que queria expressar, alisou a borda da camiseta, que chegava nos joelhos – Não é somente uma coisa Dean. É todo o conjunto. É o corpo e o rosto, a atitude e a confiança, sua capacidade e honra...

Honra? De todo o...

—Também te desejo. Muito – Dean a interrompeu antes de que o colocasse em um pedestal de santidade. Foda, se não fosse por que ele não ficava vermelho, estaria vermelho como um tomate – Mas, não importa esperar até que se sintam mais cômoda.

Com um sorriso tremendo, Eve estendeu a mão para que sentasse outra vez. Nada mais a fazer, enroscou em seu colo e apoiou a cabeça em seu peito.

—Sinto ter sido tão rude com você essa tarde.

—Está perdoadada.

—Fico feliz de que insistisse em vir, apesar de meu mau humor.

—Também – respondeu ele, e dizia sério. Muitas de suas preocupações teriam se dissipado depois de falar com Eve – Entende que não contei do carro para seduzi-la nem nada disso, não é?

—Sei – Eve mudou a cabeça de posição para olhá-lo e sorriu. Acariciou então a quente garganta e o pescoço – Dean.

—Hm?

—Por que está contando?

Quem dera soubesse. Mas, era fácil falar com Eve. Conhecia suas irmãs, preocupava-se por elas e esperava que ele fizesse o mesmo. Ao contrário de Gregor, não o atormentava por que ajudava a Cam.

Não, ela se limitava a chorar.

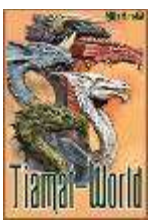
Ao fim de ganhar tempo, começou a tocar no rabo de cabelo, soltando e deixando o cabelo cair nas costas. Eve precisava uma resposta, de modo que, pegando o rosto entre as mãos, roçou as sobrancelhas com o polegar e disse:

—Suponho que... Não posso deixar de dar voltas. Ao que Cam e Jack tem tido que suportar, quero dizer.

—O que tiveram que suportar?

Dean afastou a vista, voltando seu perspicaz olhar.

—Não sei maldita seja. O que acontece é que sempre pensei, quero dizer, que assumi que elas tinham ficado com a boa parte da vida boa, quando nossos pais morreram. Não significa que o tio Grover fosse mal. Não foi. Para mim ele era muito importante.



—Amava-o

Dean assentiu. Não se envergonhava de seus sentimentos por Grover.

—E o respeitava, admirava e gostava. Foi um modelo fantástico. Justo, sem filosofia demais. Considerado quase de maneira espontânea.

—Decente – formulou-a com convicção.

Dean franziu o cenho.

—Grover era forte como um cavalo, e estava decidido que fizessem as coisas a sua maneira, mas sem recorrer a força ou abuso.

—Hmmm. Lembra a alguém que conheço.

Para evitar que Eve começasse a falar de suas habilidades, pegou a mão e examinou seus dedos. Delicados e femininos, mas fortes em sua maneira. Imaginou ao redor de seu pênis, apertando, acariciando e o desejo se apoderou dele. Ali sentado, com o suave e quente peso de seu corpo no colo, sentindo sua tranquila respiração, sabia que não custaria nada fazê-la mudar de opinião a respeito de fazer amor apesar de que tivesse menstruada.

Mas, não faria.

Ao não dispor de uma base lógica que o mesmo pudesse compreender com facilidade, Dean queria que ela viesse que podia desfrutar de sua companhia com ou sem sexo. Deixou cair a cabeça para trás do sofá fechando os olhos para não perder o fio da conversa.

—Atormenta comparar Grover com Lorna, por que, então tenho que admitir que vivi com muitos prejuízos.

—Isso não é verdade.

—Sim é. Na verdade, foi quem saiu ganhando depois da morte de nossos pais – insistiu – Sempre senti como houvessem me jogado a chutes. E agora... Agora sinto que as abandonei.

—Dean – Eve remexeu no colo dele até erguer e poder dar um beijo no queixo, Dean teve que apertar os dentes – Não te atormente pensando que Lorna tem sido tão má. Não foi – Com uma terna carícia, Eve aproximou o rosto do seu – Cam e Jack sempre tiveram tudo o que precisaram.

—Mas, não tiveram amor – “Não tiveram a mim”. Apertou os punhos - Também não tiveram afeto – Um fato incontestável que saltava a vista cada vez que via a Lorna com elas.

—Não sei. Lorna é uma mulher estranha. Por fora, parece que preocupa somente com as aparências e de seu próprio bem estar.

—Tratando de Lorna, não estou muito seguro de que tem algo debaixo da superfície.

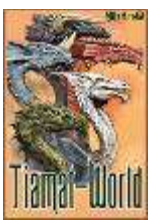
Eve apertou os punhos nas costas.

—Levara a Cam ao médico quando precisava. Não privou nunca de ir ao dentista. Pode que não tivessem o último da moda e maquiagem, mas sempre iam bem vestidas e limpas – Sorriu com animo tranquilizador – Isso conta não?

A cada palavra, Dean sentia pior. Começou a acariciar as costas.

—Em alguns dos países nos que trabalhei com Grover, o medico mais próximo estava a um dia de viagem de carro. Somente ia ate ele em caso de extrema necessidade.

—Não sei por que, mas, não acredito que fique doente muitas vezes.



—Quase nunca. Acredito que desenvolvi um bom sistema imunológico – Sem dar conta, sua mão tinha descido até o quadril de Eve e voltou a subir – Ia ao dentista somente quando doíam algum dente, e somente me compravam roupa quando a que tinha caía aos pedaços.

Eve adotou uma expressão irônica.

—Ah, então talvez isso explique a escolha de suas roupas atuais.

Dean começou a rir, por que usava uns jeans muito gastos e uma camiseta preta bastante descolorida da SBC.

—A comodidade explica muitas as coisas que faço.

—Tá, claro. Como deixar que te deem uma surra no ring?

Fingiu afastá-la de seu colo. Eve protestou e então a deixou onde estava dizendo:

—É uma sabe-tudo. Deram-me mais que um soco. É inevitável. Mas, pagam bem para brigar, isso enche as arquibancadas.

Eve parecia albergar alguma dúvida e ele ficou outra vez na defensiva. Exceto quando negociava um contrato novo, jamais falava de dinheiro com ninguém, principalmente por que não permitia que o dinheiro definisse quem ele era, nem como lutador nem como pessoa. Havia se convertido em um expert em evitar às respostas diretas as perguntas da imprensa e se alguém se atrevia a perguntar somente pelo desejo de fofocar, o único que conseguia era o que colocasse em seu lugar sem sutileza demais.

Mas, desta vez, antes que pudesse reprimi-las, as palavras rodaram fora de sua boca como por vontade própria.

—Ganho quatro milhões somente por ir até o ring.

Eve ficou com a boca aberta.

—A quantidade aumenta se ganho o combate, e como disse Eve, normalmente ganho.

Quando, por fim, encontrou a voz, ela disse quase com um sussurro:

—Não tinha nem ideia.

—Já me dei conta.

Afastou dele então e lançou um olhar furioso.

—Não estava perguntando quanto ganhava.

—Não, estava fazendo suposições – Olhou-a com severidade – E, todas elas incorretas.

Eve percorreu com o olhar e, finalmente, cedeu.

—Tá certo, acredito, seu estilo de vestir é cômodo.

Tinha que soar tão sarcástico, demônio?

—Incomoda-se?

—Não. Por que me incomodaria?

Ate o idiota de Roger havia se dado conta de que estavam se convertendo em um casal rapidamente.

—Carinho, você sempre irá como recém saída de uma revista de moda e, estou longe disso. Só isso.

—E?

—Pois que te veem comigo em publico.



O falso olhar de confusão de Eve não enganaria a ninguém.

—Não é que iremos casar, nem nada disso. Não temos uma relação tão séria.

Que negasse uma relação séria fez que Dean ficasse rígido, e sentiu ofendido até o limite do irracional. Quando falou, o fez em um tom frio e desafiante.

—Acredita nisso?

—Claro que sim – Como se houvesse mal interpretado seu mau humor e quisesse tranquilizá-lo, Eve deu umas palmadinhas no peito - Não se preocupe Dean. Não irei esquecer de que somente veio de visita e irá embora logo.

—Não sei quando vou ir.

Ela limitou a sorrir.

—Mas, sabe que não irá ficar. Assim que não complicarei as coisas, prometo.

—Maldita seja, Eve...

—Estou desfrutando muito com você, não irei negar. E, espero poder vê-lo mais, enquanto esteja aqui. Mas, não cometerei o erro de me apaixonar por você.

—Então não hein?

Já encarregaria ele de ver até onde alcançava sua determinação de manter as distâncias. Se o propunha, podia fazer que ela... Mas, em que demônios estava pensando? Olhou-a com o cenho franzido, apesar da irritação que sentia, estava dirigida a si mesmo, por sua reação visceral diante da falta de interesse demonstrado por Eve.

—Não. Não tem que se preocupar pensando que irei tentar mudá-lo. Não é assunto meu como se vista, e sei disso – Dito isso se atreveu a sorrir, roçou o queixo com a ponta dos dedos, uma carícia inocente que o acendeu – Além disso, vista o que vista, para mim está lindíssimo.

Merda. Dean sabia que tinha que desviar a atenção rumo a outra coisa. Quanto antes. A necessidade que tinha dela era irresistível. E, agora, o que queria era que Eve admitisse o que sentia por ele algo mais que uma atração física.

Por que ele sentia algo mais.

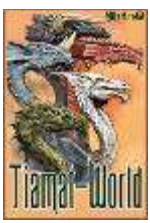
Conhecia-a desde rumo pouco como para ter esses sentimentos. A parte racional de seu cérebro dizia isso, mas o resto de seu corpo, de sua psique e de sua alma insistiam em que o tempo não importava. Dessa vez não.

Sabia que parte de sua fascinação por Eve podia ser por causa da relação próxima que tinha com suas irmãs. Tinha uma conexão íntima com Cam e com Jack, as conhecia melhor do que ele chegaria a conhecê-las, pois elas compartilhavam uma sólida base que ele havia perdido.

Contudo, era bastante inteligente para saber que uma mulher normal e coerente não teria podido atraí-lo com tanta facilidade. Cobrou consciência da química existente entre eles desde o momento em que a viu, ali de pé, no bar de Roger. Desejou-a desde o começo, e tê-la não havia feito desaparecer a necessidade que sentia. Conhecê-la intimamente somente havia contribuído a intensificar mais as coisas, se possível.

Com a palma da mão, Dean deteve os dedos de Eve, que brincalhona, percorreram o abdômen, e perguntou uma coisa que preocupava desde muito tempo.

—Cam sabe como morreram nossos pais?



A pergunta a deixou confusa.

—A que se refere? Morreram em um acidente de carro não?

—Isso é o único que sabe Cam?

Cada vez mais preocupada, Eve disse:

—Por quê? Teria mais coisas que saber?

—Nunca contou nada mais?

—Dean – Eve afastou de seu colo antes que ele pudesse detê-la – Hoje não tenho paciência demais, como já terias podido comprovar. Assim que, deixa de andar em círculos e diga o que está acontecendo.

Dean passou a mão pelo cabelo. Deveria contar a Eve antes que Cam e Jack soubessem? Podia confiar que ela não diria nada. Mas, essa não era a questão.

Pensando em voz alta, Dean admitiu:

—Nem estou certo de que deveriam saber. Quero dizer que não é algo agradável para uma filha – Voltou rumo a Eve de modo a perguntar, disse – Imagino que nenhuma das duas lembra muito de nossos pais.

—Não. E, a não ser das fotos, carecem de uma lembrança visual durante a infância, e a adolescência.

—Pode ser que fosse melhor.

De fato, pode ser que esse houvesse sido o raciocínio de Lorna no momento de retirar todas as fotos. Seria possível que houvesse movido por um objetivo altruísta, depois de tudo? Na realidade que não acreditava.

—Algumas pessoas não são feitas para ser pais.

—Refere-se a Lorna?

Ele negou com a cabeça.

—Como sabe, somente tinha nove anos quando meus pais morreram.

—Um menino muito pequeno.

—Faltava amadurecer muito – conveio ele – Mas, era o bastante grande para que me lembre de meus amigos, dos jogos e as travessuras que fazíamos. Lamentavelmente, não posso recordar mais que um ou dois sorrisos de minha mãe. O único que me lembro é que era uma mulher bonita, que não parecia nem atuava como uma mãe.

Eve encostou-se ao sofá e o escutou falar em silêncio.

—Contratava as pessoas para que se ocupassem de Cam e Jack, e ela somente dava sua opinião a respeito como tinham que ir vestidas para que suas amigas pudessem dizer as macacas que eram.

—E você?

—Os meninos eram responsabilidade do pai – respondeu ele encolhendo os ombros ao lembrar essas ideias de sua mãe – Mas, papai era o tipo de homem que gostava da imagem de pai de família, mas não da família em si. Quando não estava trabalhando, estava jogando golfe com homens negócios, fazendo contatos, esses tipos de coisas.



—Como disse, somente tinha nove anos quando morreram. Foi algo horrível: perdeu seus pais e te afastaram do seu lugar. Pode ser que não se lembre com exatidão.

Disse esperançada e triste. Dean sorriu. Eve havia dito que algum dia gostaria de ter filhos. Sabia por instinto que seria uma mãe carinhosa que se preocuparia com seus filhos. Havia chegado a essa conclusão depois de ver como se comportava com sua família, e a relação que tinha com Cam.

—Você tem uma relação muito estreita com seus pais, e por isso provavelmente resulte difícil de acreditar que um pai e uma mãe possam mostrar tanta indiferença. Mas, assim é como eram os meus. Recordo muitas coisas, e o que não lembrava estava nas fotografias e as cartas. E meu tio explicou o que não tinha entendido.

—E não acredita que ele pudesse ter uma visão parcial das coisas?

—Não – Dean acariciou o rosto dela e falou com sinceridade – Minha mãe tinha uma aventura fazia muito tempo. Meu pai a encontrou na cama, em nossa casa, com outro homem. Estava brincando com meus amigos, mas Cam e Jack estavam ali, dormindo a sesta no berço.

—Deus meu.

Dean deixou cair a mão.

—Segundo a baba, meus pais começaram a discutir a gritos. O amante de minha mãe se foi... E minha mãe foi com ele.

Eve permaneceu sentada muda.

—Suponho que meu pai não estava disposto a permitir. Ou talvez estivesse aborrecido demais para deixar que o outro homem fosse tranquilamente. O caso é que pegou seu carro e saiu atrás dele. Os dois carros iam a grande velocidade, e por isso tiveram o acidente. O irônico do caso é que, apesar de ir em carros diferentes, tanto meu pai como minha mãe morreram – Dean negou com a cabeça – Em troca, o amante de minha mãe não.

Lívica e retorcida as mãos, Eve sussurrou:

—Cam e Jack não têm nem ideia.

—Imaginava, mas não sabia com certeza. Lorna sim sabe. Poderia ter dito – Encolheu os ombros – Grover e ela estavam juntos em casa, depois do funeral, quando o homem apareceu.

Eve introduziu uma mão na dele. Com voz tinha de raiva contida, perguntou:

—E onde você estava?

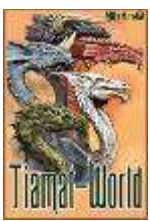
—Sentado no sofá – Dean sorriu com amargura ao lembrá-lo – Grover havia estado explicando que iria com ele, que não ficaria com minhas irmãs. Estava se esforçando para que o me dizia ser emocionante, quando aquele homem entrou sem chamar, com a raiva de um trovão.

—Oh, Deus Dean – Eve rodeou com seus braços e estreitou com força.

Queria reconfortá-lo, não excitá-lo. Desde que havia voltado a Harmony, Dean havia tido mais experiências únicas com as mulheres que em toda a sua vida.

Experiências boas.

Fazia muitos anos que não revivia aquele dia, e com razão. Odiava essas lembranças, a forma em que sempre atraía pra si aquela sensação de desagradável vazio, e de encontrar-se perdido e vazio.



—Lembro que o homem entrou gritando que meu pai havia matado a minha mãe, apesar de na verdade, naquele momento não entendia o que queria dizer. Não parava de repetir que sem ela, ele não tinha razão de viver.

—Pequeno idiota egoísta.

Dean deu conta de que Eve estava chorando de novo, mas dessa vez de raiva. Não tinha dúvida de que tinha as emoções a flor da pele, e ele não estavam servindo precisamente de ajuda. Decidiu que o melhor seria terminar de contar a história.

—Grover era um homem impressionante. Atravessou a sala com uma exalação e deixou inconsciente com um soco igual do Superman.

—Um soco de Superman?

—Uma direita impulsionando com força o corpo – A descrição não fazia justiça ao soco em questão, mas Dean não sabia que outra maneira explicar – Depois, Grover abriu a porta e atirou o cara, arrastando-o pela escada até a rua. E ali o deixou. Quando entrou em casa, todavia, parecia terrivelmente furioso. Disse a Lorna que fosse se ocupar de Cam e Jack.

—E ela o fez?

—Oh acredito. Dois segundos depois, Grover e eu ficamos sozinhos. Plantou-se diante de mim, e lembro que me pareceu que tinha um jeito mal, mas não tinha medo. Não dele. Disse que não fizesse caso do homem por que não era mais que um bêbado, e que nunca escutasse o que disse um bêbado. Repetiu que tinha que ir com ele, e me disse que ele se ocuparia de mim.

—Muito direto – disse Eve.

—Sim, mas me senti melhor sabe? Ao menos durante um tempo. Em vez de preocupar-me pelo futuro, estava ansioso por perguntar a Grover sobre a luta.

—Despediu de suas irmãs?

—Não. Nos fomos nesse momento. Grover disse que ele me facilitaria tudo o que necessitasse – Dean negou com a cabeça ao lembrar o rápido que mudou tudo, o que diferente que foi sua vida a partir daquele momento – Quando nós entramos no carro de Grover, aquele tipo seguia no chão, com o rosto coberto de sangue.

Eve apertou os lábios e disse:

—Bom, a verdade é que não me dá nenhuma lastima. Teve o que merecia.

Dean riu sem alegria.

—Pensei o mesmo. Ele também estava casado e tinha um filho. Grover acreditava que havia deixado a sua mulher, mas não sabia com segurança.

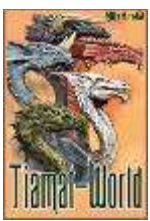
—É uma história horrível Dean.

—Sim, sei – Acariciou a bochecha com o dorso da mão – Acredita que Cam e Jack deveriam saber?

—Não sei.

—Meus pais deixaram dinheiro, Eve. Bastante como para que durasse, até pagasse universidade das duas – Inclinou para frente e apoiou os cotovelos nos joelhos – É absurdo que agora se vejam em situação precária.

Eve esfregou a que não se dá bem administrar o dinheiro.



Dean voltou rumo a Eve e disse:

—Pra mim está tudo bem.

Ela coçou o queixo.

—A mim também.

O tom desafiante que captou em sua voz quase o fez sorrir.

—Me dei conta em seguida. Não muitas mulheres solteiras de sua idade podem permitir uma casa tão bonita.

—Oh... Bom... Obrigada – Assustada, Eve franziu o cenho – Acredito que Lorna provavelmente tentou, mas passou de ser uma mulher solteira de trinta e seis anos a ter que ocupar-se de duas meninas pequenas.

—Essa forma de falar me lembra de Cam.

—Ela disse muitas vezes. Cam defende a Lorna. De fato, Cam defende a todo aquele que importava.

E isso o incluía.

—Está ficando tarde – comentou Dean – E por hoje já terminei de reviver lembranças – Tomou a Eve em seus braços - É hora de ir pra cama.

—O que faz? Posso caminhar sozinha.

—Mas, gosto de te levar nos braços – Começou a andar rumo ao quarto e no caminho, fundiu o nariz em seu pescoço – Assim posso sentir o aroma de sabão e o creme que colocou depois do banho. É muito agradável.

—Supõe que seja relaxante.

—Sim. Sinto muito... Relaxado.

Eve o rodeou com os braços e apoiou a cabeça em seu ombro.

—Doe, todo o que sofreu.

—Ocorreu faz muito tempo. Provavelmente não deveria ter tirado o assunto – Chegou ao dormitório e fechou a porta de um soco depois de entrar.

—Queria saber se Cam ou Jack o sabiam. E, Dean, fico feliz que tenha confiado em mim para contá-lo.

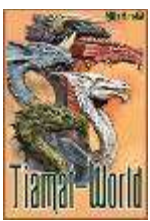
Muito espaço, Dean deixou que o corpo de Eve se deslizasse pregado ao seu até tocar o chão. Então colocou as mãos em sua cintura e sorriu.

—Pronta para ir pra cama?

—Tenho que fazer algo antes – Pôs de pontas de pé para dar um beijo e dirigiu rumo ao banheiro que havia no quarto.

Surpreendido ainda pela a maneira em que havia se aberto com ela, Dean a observou afastar-se. Não havia passado despercebido que Eve realmente o escutava, enquanto falava que contribuía com suas próprias opiniões de vez em quando, mas sem pressioná-lo quando ele não queria continuar.

Em mais de um sentido, Eve Lavon era uma mulher muito especial.



Ao ouvir correr a água dentro do banheiro, Dean saiu do quarto e foi ao carro por sua mala com alguns artigos pessoais. Quando Eve saiu do banheiro, fez um gesto de escova de dente e disse:

—Minha vez – E fechou a porta diante de sua cara surpresa.

Depois de lavar os dentes, Dean tirou a camiseta e os jeans, dobrou, os meteu em sua bolsa, que deixou, junto com os sapatos, ao lado da porta do banheiro.

Entrou então as escuras no quarto. Vislumbrou o corpo de Eve metido na cama, coberto pelo lençol, aparentemente dormindo. Percebeu que o fato de que um homem ficasse para passar a noite era novo para ela, e compreendeu que precisava se esconder. Mas, não queria abandonar esse comportamento.

—Não vejo nada – disse ao tempo que corria as cortinas para que entrasse luz da lua – Assim está melhor – Não obteve resposta – O que achou do encontro de hoje?

Finalmente, Eve o olhou.

—Bem – Percorreu com o olhar da cabeça aos pés, demorando nas partes frontais do boxers – Tenho um novo trabalho.

Dean se dirigiu ao outro extremo da cama, levantou o lençol e tombou junto as costas de Eve. Deslizou uma mão debaixo da almofada dela e pousou a outra em sua cintura até dar com uma postura cômoda.

—Isso está bem – Beijou a orelha – Algo interessante?

—Um casamento.

Dean fez uma pausa.

—De verdade? Também faz essas coisas?

—Faço de tudo – ela orgulhosa.

—Hmm – murmurou ele. Para evitar que se afastasse, pôs uma mão no ventre e se pegou mais a ela, até que teve perfeitamente grudada, seu quadril contra o traseiro de Eve – Fico feliz sabê-lo.

Ela riu por baixo.

—Não me referia a isso.

—E que tipo de casamento será?

Eve o olhou por cima do ombro e perguntou:

—De verdade se interessa?

Incapaz de conter-se Dean voltou a beijá-la.

—E por que não teria interesse? É uma mulher muito interessante.

Logo, ela se voltou para olhá-lo de frente.

—A noiva não tem nem ideia do que quer e o noivo não confia em si mesmo. Deram carta branca para fazer o que quisesse.

Inclusive em meio da escuridão, Dean reconheceu o esplendor da excitação em seus olhos.

—Gosta da ideia é?

—Logo. Se não pode organizar o casamento perfeito para mim, posso fazê-lo para outros.



Demônio, ter a Eve tão próxima era verdadeiramente agradável. E, estimulante, mas ignoraria esse último sentimento pelo o prazer de simplesmente abraçá-la.

—Conta-me que está planejando carinho. Como é para você, o casamento perfeito?

Capítulo 17

Eve não podia acreditar que Dean quisesse falar disso. A maioria dos homens ficava nervosos quando alguém falava de casamento ou vestido branco e finais felizes.

Mas, Dean Conor não. A ele nada incomodava.

Exceto o amor de suas irmãs.

Eve se incorporou rapidamente e acendeu o abajur. Dean não reclamou. Limitou-se a apoiar a cabeça na palma da mão e esperou.

—Não querem um casamento milionário. Terá somente cinquenta convidados.

—E você? Quanta pessoa queria convidar ao seu casamento?

Teria pensado nisso tantas vezes, que disse sem pensar.

—Da minha parte, seria trinta convidados, mas o número total dependeria dos familiares e amigos do noivo.

Dean sorriu.

—Imagina um monte de caras como Gregor vestidos de smoking? – Disse ele, e o sorriso deu passo a uma gargalhada em perfeição – Teria que limitar a minha família ou de outro modo, teria que convidar a uma centena de lutadores tatuados.

Eve, fascinada pela a jovialidade de Dean compartilhava de seus planos de um casamento imaginário, disse:

—Não gosto muito de smoking. Parecem formais demais.

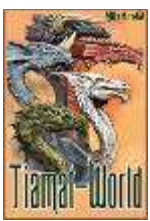
—E pensava que era uma menina formal por que sempre está tão bem vestida e tão arrumada – disse ele, percorrendo a perna com um dedo.

—Tem ocasiões nas que gosto de arrumar, como a qualquer mulher, mas para um casamento, sempre pensei que seria bonito colocar algo mais cômodo, um vestido de um tecido vaporoso e suave, em vez de quilômetros de laço firme. Branco, isso sim. Talvez de bordado inglês em delicado algodão. Longo até os tornozelos – Fechou os olhos – Em vez de rosas, levaria margaridas e cravos. E em lugar de véu, prenderiam algumas dessas mesmas flores no cabelo.

—Linda – disse ele contemplando mais as suas pernas que seu rosto.

Fazendo uma imagem mental, Eve levantou as pernas e as rodou com os braços na altura dos joelhos.

—As damas de honra poderiam usar vestidos similares, em tons pastel. Amarelo narciso, verde água e azul céu. O padrinho e amigos do noivo, calças soltas de algodão em cor bege e, túnicas de suave algodão, e... – Deteve logo e começou a rir um tanto envergonhada – Passei um pouco não?



Com a voz rouca Dean disse:

—Estou visualizando perfeitamente.

Ela fez uma careta.

—Em todo caso, essa é minha ideia, ainda que goste, não obrigaria a meus novos clientes em aceitá-la.

—Por que não?

Encolheu os ombros.

—Por que os casamentos são algo muito sério para a maioria das pessoas. Gosto meu trabalho e não quero ganhar fama de hippie descerebrada. Além disso, esse é o meu casamento. Reservo para mim.

Dean ficou em silêncio uns momentos, e finalmente, estendeu uma mão.

—Vem aqui. Deixa que te abrace.

—Está bem – Apagou a luz e tombou a seu lado, sentindo-se tensa e como uma idiota – Supõe que para esse casal organizarei algo mais normal, mas tradicional.

Dean aproximou contra seu peito, as costas dela em contato com o peito dele.

—Smoking e laços firmes?

O calor de seu corpo e seu aroma único que desprendia a envolveram.

—Com marcha nupcial e flores de laranjeira. É o que querem. Nada muito elaborado. E isso é o que farei.

—Se você é encarregada, sairá perfeito.

Eve mordeu o lábio.

—Obrigada.

Dean beijou o seu ombro.

—Como se sente? Bem?

Surpreendeu-se dando conta que sim.

—Pois, o certo é que estou muito bem.

—Fico feliz em ouvi-lo – disse ele, pousando a mão em seu ventre.

Eve odiava ter que dizer nada, mas não sabia como poderia evitá-lo. Na postura em que se encontravam, podia sentir sua ereção.

—Dean...

—Shh – o retrucou, acariciando o ventre, e então se deteve – Não se preocupe.

Devia estar de brincadeira.

—Mas, é que tem uma ereção.

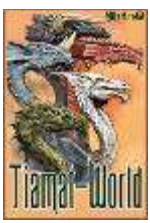
—Sei. Não é algo que passe despercebido, mas, acredite, não tem que ficar preocupada.

Eve voltou para olhá-lo, e ao fazê-lo, a mão de Dean caiu de seu ventre até seu quadril.

—Está certo?

Na escuridão não se via praticamente nada, mas pode vislumbrar a brancura de seus dentes quando sorriu. Dean colocou todo o seu cabelo para trás e deu um beijo em sua testa.

—Se fosse um problema, iria ocupar dele e voltaria aqui com você.



Eve ficou sem palavras. Tão obvio deve ter sido seu gesto de aturdimento que Dean soltou uma gargalhada.

—Todo mundo faz isso Eve.

Mas, não todo mundo falava disso. Seu malicioso sorriso praticamente iluminava o quarto.

—Sabe que é certo carinho. E os que dizem que não, mentem ou tem uma péssima memória.

—Vamos dormir um pouco – Propôs ela, aconchegando contra ele para que não visse seu rosto.

Dean começou a rir outra vez.

—Não posso acreditar que te de tanta vergonha algo tão natural.

Por toda resposta, Eve fingiu roncar. E, afortunadamente para sua paz mental, Dean deu um suave apertão, ficou de lado e arrastou contra seu corpo.

—Boa noite, minha vida.

Minha vida. Soava maravilhosamente vindo dele.

Ela não disse nada. Tão somente deu um beijo no peito, fechou os olhos e desfrutou de sua proximidade. Justo antes de ficar dormida, teve o inquietante pensamento de que Dean Conor podia ser a cura para a sua cólica menstrual.

Que má sorte que não tivesse intenções de ficar ali para sempre.

Quando Eve acordou na manhã seguinte, um tímido sol tentava abrir passo na manhã de nuvens. Incorporou na cama, sentindo um pouco dolorida inclusive depois de ter dormido profundamente e, olhou rumo ao outro lado da cama. Vazio.

Forçando o ouvido, ouviu a voz de Dean e supôs que estaria falando ao telefone. Depois de uma rápida saída de visita ao banheiro, dirigiu até a sala de estar.

Dean andava de cima a abaixo, com o celular pregado na orelha.

—São as duas rodas do lado que ficam na calçada. Não, não rachou, mas cortou as válvulas, de modo que não posso enchê-lo. Sem nenhuma duvida foi algo deliberado – Levantou o grosso pulso e olhou o relógio – Obrigado. Sim, está bem. Até a essa hora.

Nada mais que fazer, Eve perguntou:

—Estouraram seus pneus?

Ele se voltou rumo ela com um sorriso.

—Ola, neném – cumprimentou-a atravessando o quarto em duas passadas – Sinto muito. Acordei você?

—Não. Tinha que acordar já... – Um bocejo a tomou por surpresa, e Dean sorriu ao ver como se tampava a boca – Sinto muito. É que ainda não estou acordada de tudo.

—Tem algum encontro hoje?

—Dentro de unas horas. Mas, normalmente custo bastante para acordar.

Com essa ternura que Eve havia começado a se acostumar, Dean acariciou a bochecha com os dedos.

—Como pode uma mulher estar tão condenadamente linda logo ao acordar?



Eve se dispôs a responder, mas Dean a impediu colocando o polegar nos lábios.

—Era uma pergunta retórica, assim que não se incomode em dizer que precisa pentear os cabelos ou que tem os olhos inchados.

—As duas coisas são certas.

Com um olhar quente e íntimo, Dean sussurrou:

—Pois ainda assim está de comer.

Eve sentiu que a percorria uma onda de sensações e os olhos piscavam.

—É rápido demais em fazer isso, e, mais ainda quando não posso aproveitá-lo.

—Sinto muito – disse ele dando um rápido beijo na testa – O café já está pronto.

—Bendito seja – respondeu ela. Rodeou para se dirigir a cozinha e perguntou de novo – Alguém furou os pneus?

—Suponho que somente tenha sido uma brincadeira. O serviço de assistência estará aqui em meia hora, mas chegarei tarde a casa de Cam por que terei que esperar que o tenham arrumado.

Eve encheu de fumegante café um corpo de grande tamanho.

—Posso levá-lo a casa de Cam se quiser – ofereceu – Quando chegar os caras da assistência estarei pronta.

Dean afastou uma cadeira da mesa e sentou montado nela.

—Não quero apressá-la.

Eve não disse que, depois da cura de sonho na noite passada com ele, estava disposta a enfrentar a uns dragões fazia falta. Uma ducha rápida e maquiar-se um pouco não levaria nem meia hora.

—Não tem problema – Com o copo na mão, se dirigiu a porta da cozinha, mas se deteve no meio do caminho para dizer – Naturalmente, seu café é perfeito.

—Outra coisa que faço bem?

—A condenada lista começa a ser infinita.

Dean ficou surpreso ao ver a Eve pronta e arrumada em tão pouco tempo. E, claro, estava incrível, com um elegante top de crochê de alto decote, jeans amplos de cor marrom, e sandálias combinando. Contemplava o conjunto umas delicadas joias de ouro.

Quando chegaram, Cam e Gregor estavam de pé no lado de fora da casa, olhando ao céu com preocupação. Enquanto viu que Dean saía do carro de Eve, Gregor pegou seu café, deu o copo vazio rumo a Cam e foi recebê-lo. Cruzou com Eve, que se encaminhava a cumprimentar a Cam e fez um mero gesto de cabeça.

—Sua irmã já se foi – resmungou Gregor em um tom que parecia de reprovação.

Dean franziu o cenho.

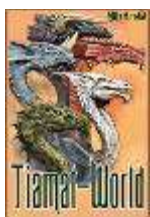
—Sim, e?

—Cam disse que levou a sua tia para as compras, mas sei que não é isso. Está me evitando.

—Por quê? – perguntou Dean levantando uma sobrancelha – O que fez dessa vez?

Para sua surpresa, Gregor ficou vermelho. Durante um momento, não foi capaz de dizer nada, até que, a meia voz e apertando os dentes grunhiu:

—Que te fodam Furacão – E se dirigiu rumo ao jardim como alma que leva o diabo.



Certo. Dean o observou, perguntando que teria feito. Quanto mais pensava nele, mais tenso ficava. Ao final de uns momentos, começou a andar puto atrás dele, disposto a pedir explicações quando ouviu uma imprecação seguida de um longo estrondo.

Cam e Eve olharam a Dean, e um segundo depois saíram a carreira rumo a parte traseira da casa.

Ali encontrou a Gregor no chão, meio coberto pelas escadas, e com um começo de galo na cabeça.

Sem poder acreditar, Dean ficou nos pés de Gregor.

—Caiu do telhado?

O outro deixou de esfregar a cabeça e então fulminou a Dean com o olhar.

—Não, não cai do telhado – Furioso lançou a escada de lado e ficou sentado no chão, resmungando e fazendo caretas – A maldita escada quebrou.

Dean teve um terrível pressentimento.

—Do que está falando?

—No décimo ou décimo primeiro degrau. Menos mal que não tinha chegado encima – grunhiu Gregor tirando a grama de um rasgo que tinha feito no braço – A madeira partiu debaixo do meu pé e perdi o equilíbrio. Tentei agarrar num cano, mas não pude alcançar. Sai voando e a escada caiu encima de mim.

Enquanto, Eve e Cam rodeavam Gregor com preocupação e se mostravam solícitas com ele, Dean examinou a escada partida e franziu o cenho. O degrau não havia partido por que a escada fosse velha ou estivesse em más condições. A julgar pelas manchas alaranjadas que haviam ficado ao redor, mais bem parecia que alguém tinha usado uma serra oxidada para cortar a madeira da escada quase por completo. O justo para que, com um pouco de pressão, ou os cento e vinte cinco quilos de Gregor, a rompesse.

O propósito era... Quem que subisse a escada cairia.

Sabotagem? Igual aos seus pneus?

Dean se lembrou de ter visto uma sombra, pode ser que de uma pessoa, próxima de seu carro quando saiu do motel. Mas, estava falando com Simon, e pesou a advertência de seu instinto, que havia tirado a importância ao incidente.

Até essa manhã, em que havia encontrado as rodas esvaziadas.

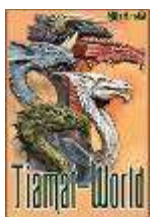
E agora aquilo.

A não ser que os dois incidentes juntos davam pé a uma solida suspeita, havia acreditado que se tratava de uma brincadeira. Mas, depois do ataque deliberado as rodas de seu carro, diria que tanto Gregor como ele eram os objetivos. Não tinha duvida: Alguém queria fazer-lhes danos.

Na véspera, no vestíbulo do hotel, Roger havia demonstrado as claras que não era bem vindo, e logo, quando abandonou sobre o chão úmido de orvalho, não podia passar por alto a possibilidade.

Mas, por quê?

Cam, horrorizada se apressou a tirar os restos de grama e terra, enquanto Gregor tentava se levantar com grande esforço, como o demonstravam suas caretas de dor e queixas.



—Estou bem – dizia ele, que tentava aproximar-se a examinar as escadas.

Com sussurro de lastima, Cam disse:

—Mas, sua pobre cabeça.

Dean lançou um olhar a testa de Gregor, e restou importância a preocupação de Cam.

—É um corte. Tiveram golpes piores.

—Irei por um pouco de gelo – Ofereceu Eve.

—Não se incomode – Insistiu Gregor, dando uns golpes com os dedos na cabeça – Dean tem razão. Não é nada. Tenho um crânio de aço endurecido. É somente que me incomoda ter caído.

Cam retorcia as mãos, enquanto olhava os dois homens alternativamente.

—O que aconteceu é horrível. Poderia ter-lhe matado.

—Por essa caída de nada? Não se preocupe – Aproximou então de Dean e inclinou sobre a escada. Bastaram dois segundos para chegar a mesma conclusão que ele – Maldita seja! Juraria que...

Dean lançou uma breve, mas significava olhada.

—Que a madeira tinha sido cerrada? Penso o mesmo.

Gregor, que apesar das aparências não era nenhum idiota, franziu o cenho, mas não disse nada.

—Entendo.

Dean assentiu. Não queria dizer nada a ninguém, todavia. Obteria respostas a seu devido tempo a sua maneira, sem que o idiota que havia feito se inteirar.

—Teria que ter comprovado o estado da escada – disse Cam, com uma profunda razão – Irei comprar uma nova agora.

—Não – Opôs-se Dean – Nós arrumaremos essa.

—Mas, a madeira se partiu...

—Não acontece nada. Quase terminamos. Evitaremos esse degrau e pronto.

O ruído de um carro que estacionava na parte da frente da casa chamou a atenção de Gregor. Seu rosto endureceu com determinação.

—Dean tem razão. Não demoraremos em terminar.

E dito isso, apoiou a escada contra a parede de casa e subiu ao telhado.

Fazendo sombra com a mão sobre os olhos, pé na escada, Dean olhou para cima.

—Ouvi a Jack – disse.

—Sim – respondeu Gregor, tirando um pano do bolso que atou ao redor da frente.

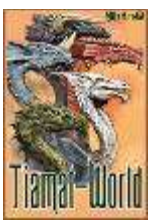
—Acreditava que queria falar com ela.

—Quería, antes que me tocasse o nariz tentando me evitar. Agora, já não sei se quero ou não. Além disso, se me quiser ver, já sabe onde me encontrar.

—Fala como um idiota.

—Que te fodam Furacão – respondeu, mas ao momento acrescentou com atitude constrita – Sinto muito senhoritas – Em seguida deu meia volta e terminou de subir no telhado.

Suspirando, Dean dirigiu as duas mulheres. Cam mordeu o lábio, mais para evitar rir que ofendida pela a linguagem de Gregor. Eve olhou a hora, impaciente por acudir a seu encontro.



—Não se preocupe, Gregor somente estava descarregando a tensão. Tenho a impressão de que, seja o que for Jack e eles solucionarão.

—A mim não me preocupa o bastante – retrucou Cam – Reconheço um homem apaixonado quando vejo.

—Gregor? – surpreendeu Dean. Não podia estar falando sério.

—Resiste, admito. Mas, não servirá de nada. Se Jack não fosse a minha irmã, Gregor quase me daria pena. Não tem nenhuma possibilidade – Inclinou um pouco rumo a ele e acrescentou em um sussurro – Mas, Jack ainda não sabe, e talvez seja melhor que siga assim.

—Se você diz.

Logo Cam lançou um olhar a Eve e disse:

—Tenho que fazer umas coisas lá dentro, assim os deixarei sozinhos para se despedirem.

Nada mais além de ir, Dean atraiu Eve aos seus braços.

—Quanto te verei?

—Voltarei para casa as sete – respondeu ela brincando com a borda da camiseta de Dean – Virá a noite?

—Sim – respondeu ele beijando-a. Não queria parar – E, amanhã de noite. E passarei a noite.

Eve assentiu, mas disse:

—Seguirei sem poder... Fazê-lo.

—E seguirei desfrutando de sua companhia.

O rosto de Eve iluminou.

—Tudo bem então.

—Promete uma coisa.

Ela balançou a cabeça.

—O que quiser.

—Tem muito cuidado.

Ao ver que franzia o cenho sem compreender, Dean considerou a situação. Alguém possivelmente Roger, queria fazer mal. E que melhor maneira que fazendo mal a Eve?

A mera ideia o aterrorizava e foi o que o fez decidir.

Pegou-a pelo braço e disse:

—Deixa que te acompanhe ao carro. Quero explicar uma coisa.

Capítulo 18

Algumas horas mais tarde, durante quais fizeram grandes progressos, Dean tirou os panos e olhou a Gregor. Havia estado trabalhando quase em absoluto silêncio, e isso era algo incomum com seu companheiro.

—Fica pouco para terminarmos. O que acha se hoje comemos um pouco antes? Tenho algo que fazer.



Sem levantar o olhar, enquanto terminava de cravar o prego, Gregor respondeu:

—Como quiser. É algo importante?

Dean tirou importância do assunto. O silêncio de Gregor o havia colocado tão nervoso que era um alívio ouvi-lo falar de novo. Mas, queria dizer antes a Jack.

—Vem para dentro?

—Não sei – respondeu começando a cravar outro prego – Vai você. Pensarei um pouco mais.

—Como quiser – respondeu Dean. O ultimo que queria era irritar a um lutador mal humorado.

Poucos minutos depois, quando abriu as portas e entrou na casa, encontrou suas irmãs duas irmãs na cozinha. Jack estava falando com Cam, sentada em uma cadeira, com as pernas cruzadas e os joelhos sobressaindo em um ângulo estranho. Tinha um aspecto... Adorável. Tão bizarro como podia ser.

Cam estava de pé diante da tabua de passar, que tinha colocado entre a cozinha e a lavanderia, assentindo de vez em quando ao que dizia sua irmã. Tinha uma boa pilha de roupa pendente. Não importava que houvesse trabalhado até tarde da noite anterior e que houvesse levantado tão cedo, Cam não se permitia sem estar fazendo nada.

Era estranho o muito que haviam se acostumado a mutua presença em tão pouco tempo. Para ele era como se as conhecesse realmente, quando algo assim era impossível. E gostava... Sabia perfeitamente como iam se comportar nos próximos minutos. Sabia o que faria Jack e como reagiria Cam. Sabia as razões de cada uma para ele.

Eram suas próprias motivações as que seguiam sendo um caos e um mar revolto. Não queria demorar mais, e optou por chamar sua atenção.

—Olá – disse.

Quase ao unísono, suas irmãs levantaram a vista e dedicaram um carinhoso sorriso.

Jack levantou da cadeira.

—Parece quente. Quer beber algo?

—Água gelada, obrigado.

Cam deixou a tabua de lado. Sacudiu a camisa que acabava de passar, pegou cuidadosamente e atravessou a sala em direção a ele.

—Que tal vai o telhado?

—Acabamos por hoje.

—De verdade? – Cam se deteve de logo e sorriu com esforço – Bom. Isso é fantástico. Não sabia que pudesse fazê-lo rápido.

Dean sabia exatamente por que sua irmã se comportava dessa forma tão estranha. Desejou que houvesse uma forma de facilitar as coisas, mas sabia que a própria Cam o faria impossível.

—Não sei como agradecer – continuou ela confirmando seus pensamentos – Se me disser quanto devo, pagarei agora mesmo.

Aquele era um bom momento como qualquer outro, disse Dean, plantou com firmeza olhando ao chão.

—Não vou aceitar seu dinheiro Cam.



A julgar pela a forma em que reagiu, diria que a havia insultado gravemente. Inspirou fundo e devolveu o olhar a tempo que forçava um rígido sorriso.

—Claro que o aceitara. Não permitirei.

—Não pode fazer nada para impedir.

A certeza dessas palavras terminou de provocar um estalo de fúria.

—Não preciso de caridade.

—Essa também e minha casa lembra? – Dean pegou uma cadeira e sentou em atitude despreocupada, apesar de que por dentro partia o coração ver o sofrimento de sua irmã. Jogou-se em uma cadeira e soltou um suspiro de cansaço – Você mesma disse.

Com cautela, olhando alternativamente a cada um dos seus irmãos, Jack deixou o copo de água com gelo diante de Dean.

—Obrigada.

—De nada.

Com a voz mais fria Dean tinha ouvido ate o momento Cam disse:

—Se soubesse que não deixaria pagar, jamais teria consentido que arrumasse o telhado.

—Não pedi permissão carinho – respondeu Dean com doçura.

Cam tinha as bochechas vermelhas de raiva.

—Cam, sente-se.

Ela cruzou os braços e negou com a cabeça.

—Não quero me sentar.

—Como quiser. Fique de pé então. Mas, não irá gostar do que tenho a dizer.

Jack fascinada sentou na frente de Dean, apoiou as mãos e esperou.

—Pelo o que tenho entendido Roger ajudou a fazer algumas reparações e melhoras na casa.

—Quem te disse isso? – exigiu saber ela.

—O próprio Roger quando me encontrei com ele por causalidade na imobiliária em que trabalha a mãe de Eve. Também me disse que a casa precisava muitas mais reparações.

O olhar de Cam transluzia a luta que estava em seu interior entre a cautela e a raiva.

—Por isso vou vendê-la.

—A Roger.

Ela negou furiosamente com a cabeça.

—Não. Jamais.

Perplexo Dean ficou olhando-a com firmeza.

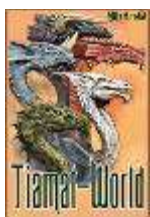
—Mas, acreditava que estavam...

—Comprometidos já sei – Finalmente Cam decidiu sentar – Verá, que igual a você, Roger acredita que pode vir e salvar a pobre menina em apuros. Somente que prefiro salvar-me sozinha.

Salvar-se sozinha de que? Das dividas?

—Cam, se tem em mente casar com ele, é natural que queria te ajudar.

—Não casarei, enquanto esteja em divida com ele. Não me sentiria bem. A dívida sempre estaria ali, entre os dois. Um casamento não pode basear-se algo assim. E, definitivamente, o meu não será assim.



Jack inspirou bruscamente sentindo uma ponta de culpa. Em seguida, ergueu no assento e olhou as mãos, evitando o contato visual com suas irmãs. Dean deu-se conta, mas Cam não. Contudo, decidiu que jáalaria depois com Jack de sua reação.

—Quando vender a casa e cancelar a dívida poderei casar.

—Com Roger?

—Sim. Provavelmente.

Dean não havia esperado essa saída de sua irmã.

—Ama-o Cam?

la negar com a cabeça, mas logo se deteve.

—Acredito que sim. Conheço toda a vida – explicou elevando o queixo.

—E isso quanto tempo tem?

—Crescemos juntos. Fomos juntos ao colégio e tudo isso.

—São namorados desde então?

Dean não havia caído na conta de que Roger fosse dali. Um calafrio percorreu a coluna vertebral. Se aquele homem levava tanto tempo próximo dela, então tudo era possível.

—Não começamos a sair ate o colégio, mas sempre fomos amigos, bons amigos. Conheço melhor que ninguém. Apesar de que se esforçasse muito, as vezes demais, por ganhar a amizade de Eve, sei que ela não entende e não gosta – Cam lançou um breve olhar a Jack – E sei que você também não Jack.

Dean esperou a que essa negasse, mas em vez disso, abaixou a cabeça. A Cam não pareceu importar.

—Em muitas ocasiões vejo um lado de Roger que os demais não veem. Comigo sempre é muito doce e amável. Sempre quer me ajudar de todas as formas possíveis – Olhou a Dean – Não teve uma vida fácil. Teve que trabalhar muito para conseguir o que tem. Ganhou tudo por seu trabalho e sou orgulhosa dele.

Merda. Cam o fazia parecia ser um santo.

—Mas, assim é como estão as coisas. Roger fez tanto por mim que me custa decidir o que sinto verdadeiramente, por que também sou muito agradecida. Estou em dívida com ele e... Obrigação rumo a ele.

Dean permanecia admirado. Sua irmã era uma menina com cabeça.

—Já vejo.

—Não quero confundir meus sentimentos, e desde logo não quero confundir os dele.

Talvez deveriam deixar para mais tarde a discussão sobre as demais reparações.

—Entendo.

—De verdade? – Cam desviou a vista, sem olhar a nada em particular – É tão independente.

“Mas estou sozinho.”

A Dean não agradou esse pensamento. Para iludi-la, pousou uma mão sobre a mesa.

—Disse que parte dessa casa também é minha.

Cam o olhou de novo com receio.

—Assim é.



—Pois, não quero vendê-la. E, também não a quero caindo aos pedaços. Você se ocupou de mantê-la há anos. Agora é minha vez.

Cam abriu e fechou a boca duas vezes antes que as palavras surgissem nela.

—Não seja ridículo! Vivia aqui. Não é o mesmo.

—Pode ser que também viva aqui

—Mas, o que está dizendo?

—As temporadas, claro. Dependendo de minha... Agenda – Ah Deus. Agora sim que a havia feito boa.

Jack levantou a vista nada mais ouvi-lo.

—De verdade? Está pensando em ficar a viver aqui permanentemente?

—Semi-permanente. Talvez – E, em seguida – Merda, não sei.

Jack dedicou um resplandecente sorriso, divertida com a visível confusão de seu irmão.

—Genial. Gostaria o ter por aqui as vezes.

Desgostoso consigo mesmo, Dean despregou a atenção de Jack a Cam.

—E em vista de que esse é agora meu lugar, também significa que tenho todo o direito a fazer as melhoras que considere necessárias.

Confusa Cam disse:

—Suponho que sim.

A Dean não gostou dessa atitude derrotada, mas se ocuparia em solucionar.

—Bem. Então tudo arrumado.

Nesse momento, Gregor assomou a cabeça. Olhou a Cam e somente Cam.

—Tem alguma possibilidade de comer algo?

Jack desviou a vista e lhe deu as costas com a deliberada frieza. Os bons modos obrigaram a Cam a tratar de compensar o mau comportamento de sua irmã.

—Claro que sim Gregor. Sinto muito. Queria ter preparado algo, mas me esqueci. Suponho que estava absorta em minha conversa com Jack. Mas, posso preparar um sanduíche. O que acha?

—Está ótimo – respondeu Gregor entrando na cozinha – E de que estavam falando?

—Antes de chegar Dean, tentávamos decidir como irá e voltará Jack do trabalho amanhã.

Gregor fechou as portas atrás dele e, ainda sem olhar a Jack disse:

—Levarei-a.

Jack se voltou e fixou nele um olhar furioso.

—Prefiro ir andando – sussurrou – Ou engatinhando... Ou... Ou rolando pela calçada.

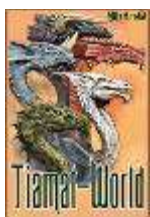
Cam emitiu um som de impaciência.

—Jack pelo amor de Deus.

Dean não pode conter-se mais e rompeu em gargalhada. Contudo, cortou em seco ao encontrar-se com os semblantes franzidos de Cam e de Jack.

—Não irá andando – Contradiu Cam com calma, tanto para chegar ao incomodo silêncio como pelo resto dos motivos que tivesse – Pegaras meu carro e ligarei pro Roger.

Perdido no riso, pensou Dean, e resmungou. Cam o olhou, viu seu sorriso contido e soltou um gemido.



—E agora o que? – perguntou.

—Comprei um carro.

Cam e Jack perguntaram juntas:

— Pra quem?

—Pra você – respondeu ele, fazendo um gesto com a cabeça rumo a Jack – Comprei um carro. Nada chamativo – explicou ao ver que sua irmã piscava várias vezes seguida por efeito de incredulidade – Um Ford Escort.

De novo no unísono as irmãs disseram:

—Você fez o que?

Dean pensou no assombro que era como se as duas tivessem formulado o mesmo pensamento ao mesmo tempo e o houvessem verbalizado com tanta exatidão. Como pareceu que Cam era a mais difícil de convencer, Dean dirigiu a ela primeiro.

—Jack precisava um meio de transporte e comprei um carro. Fim da história.

—Oh Deus meu – disse ela e por uma vez parecia mais inclinada a esbofeteá-lo que abraçá-lo.

Ao contrario de sua outra irmã, que levantou de sua cadeira presa na excitação.

—De que cor é?

—Prateado.

Cam lançou sua irmã um olhar de advertência indicando que a tranquilizasse, e em seguida, voltou todo seu desgosto a Dean.

—Não pode comprar um carro.

Jack girou os olhos.

—Claro que pode. Disse que o fez.

—Não – gritou Cam a Jack perdendo os nervos de uma maneira incomum dela – Não pode. Dean não nos deve nada, e muito menos um carro. E se acaso...

Ele ficou de pé, pouco desejoso de deixar que Cam continuasse por esse caminho.

—Não se trata de dever ou não dever – Pôs as mãos sobre os ombros de Cam antes que ficasse brava – Pode permitir. Quero fazê-lo – Apertou ligeiramente em sinal de desculpa e acrescentou – E não tem nada a ver com você Cam.

Ela olhou com os olhos abertos e um olhar muito dolorido neles.

Mas, Dean se manteve firme. Cam tinha que se dar conta de que ela não era responsável por sua irmã. Não mais.

—Isso é entre Jack e eu.

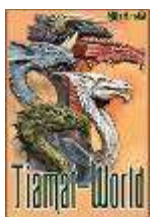
Jack avançou um passo e mostrou uma mudança radical de opinião.

—Se Cam não quer que eu fique com o carro, não o farei.

Dean a estudou detalhadamente, e viu determinação em seus olhos, e se sentiu tão orgulhoso da lealdade de Jack rumo a sua irmã que quase engasgou.

—Parece justo. Mas, vou fazer o que agora com o carro? Está pago. E a concessionária não deixará que devolva.

Esperançada, Jack olhou a sua irmã de canto de olho.



Todavia, atônita e dolorida, Cam encolheu de ombros.

—Tem razão. Não é assunto meu.

Dean a sacudiu um pouco, mas com ternura disse:

—Disse que era algo entre Jack e eu, mas como irmã mais velha, tudo relativo a Jack é assunto seu.

Um brilho dourado apareceu nos olhos castanhos de Cam.

—Então, também é assunto teu como irmão mais velho?

Dean pasmado deixou cair as mãos e retrocedeu um passo. Tragou a saliva. Olhou a Jack de soslaio e fez tudo o possível por ignorar a colossal presença de Gregor.

—Algo assim, sim.

Um lento sorriso brotou os lábios de Cam.

—Então, tá certo. Obrigada

Ele teve a terrível suspeita que havia sido manipulado. Em seguida, Jack agitou as mãos no ar então.

—Sou eu a que deveria estar ofendida vendo como acreditam que preciso que me cuidem, mas tenho curiosidade demais pelo o carro para me aborrecer – Sorriu – Quando poderei vê-lo?

Aliviado ao ver que tudo parecia arrumado. Dean olhou a hora.

—Podemos ir procurá-lo agora mesmo. Sabe conduzir um carro com cambio manual?

—Não – respondeu ela desanimada.

Gregor chamou a atenção sobre sua pessoa ao dizer:

—Eu sim. Ensinarei.

—Não...

—Maldita seja Jack – estalou Gregor, causando um sobressalto a todos exceto a Dean – Acredito em você está bem?

Jack empalideceu e disse em um fio de voz.

—Cale-se Gregor.

Ele avançou rumo ao centro da cozinha, sem prestar atenção a quase tirou Dean ao passar perto dele.

—Não até que me perdoe.

—No que acredita Gregor? – quis saber Cam.

Com o olhar fixo em Jack, Gregor quadrou seus imensos ombros.

—Jack explicou que...

—Gregor.

Ele ficou na frente dela.

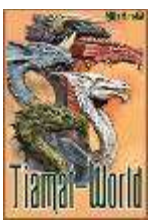
—E, bom? Irá perdoar ou não?

Uma fúria impotente fez que Jack se estremecesse.

—Isso é chantagem.

—Não, é desespero – Gregor entornou os olhos – Com alguém tão teimosa como você, farei o que precisar.

Com os dentes apertados, a jovem disse por fim:



- Estão está bem. Está perdoado durante um período de prova.
- Aceito – retrucou com um imenso sorriso nos lábios.
- Mas, sim...
- Não farei – Cortou ele, rodeando os ombros com um braço – Vamos recolher seu carro.

Jack sentia a respiração de Gregor. Notava o controle de sua face e no rosto. O calor de seu interesse por que a queimava.

Apertou os dentes e a marcha se engasgou. Então explodiu:

—Já basta! Por favor... Para. Não pode concentrar-me se não deixa de fazer isso.

Gregor acariciou a bochecha com os dedos.

—Acredito que nunca dormi com uma virgem. Deus, estou ansioso.

Jack sentiu que se derretia de excitação ali mesmo. Pisou na embreagem, pôs o carro em ponto morto e puxou o freio.

Aquela hora da noite e com o calor que fazia, o parque estava quase deserto. Teria sido o lugar perfeito para uma aula de direção se Gregor não estivesse mais concentrado em seduzi-la.

Ao dar-se conta de o que ela havia feito, ele olhou ao seu redor e franziu o cenho.

—Está no meio da rua.

Jack abriu a porta, saiu do carro e se afastou:

—Jack.

Ela não parou, sem que se dirigisse rumo o espaço do bosque que se abria junto ao caminho, atravessando em direção a um espaço com mesas de piquenique. Sacudiu com a mão a superfície de um banco para apartar as folhas e os bichos, e sentou.

Em questão de uns trinta segundos, chegou Gregor arrastando os pés entre as folhas.

—Maldita seja mulher. Acreditava que ia voltar a casa andando, ou alguma estupidez pelo estilo.

—Não.

Uma taturana andava pela a mesa. Jack capturou com ajuda de uma folha e a depositou de novo no chão.

Gregor sentou ao seu lado sem dizer nada durante um momento.

—Não vou pressioná-la. Se acredita que sim, bom, se enganasse.

—De verdade? – Jack sentia tão desequilibrada pelo calor que não queria nem discutir.

—Sim, de verdade. Eu... É somente que é tão bonita. E tão sexy.

—Continua.

—E virgem – Gregor ficou tenso – Deus bendito, não sabe como me põe sabê-lo.

Jack não pode conter a risada.

—E, naturalmente, já decidiu que você será o primeiro com quem irei dormir.

—Bom... Sim, isso espero – Vacilou um momento e, lentamente, sua expressão se escureceu como uma nuvem de tormenta – Acaso não serei?

Jack não sentiu absoluta intimidade.

—Não sei, Gregor.



Tencionou todos os músculos. Sua voz soou um pouco rouca quando perguntou em um sussurro:

—Está vendo outra pessoa?

Jack quase que começara a golpear o peito como um gorila de um momento a outro.

—Não.

—Esta segura?

—Vai começar a me chamar de mentirosa outra vez? – disse ela de brincadeira.

—Não – respondeu ele relaxando um pouco – Claro que não. Se você disse que serei eu, então serei eu.

Oh, pelo amor de...

—Não disse que seria você.

—Sou o único com quem está saindo – observou ele com um sorriso suficiente.

—Mas, isso não significa que tenha intenções de perder a virgindade com você.

—Oh.

Jack não compreendia como uma ancora como ele podia se mostrar tão caído.

—Está me deixando louca Gregor.

—Pois, tenta ficar em meu lugar carinho, e então sim saberá o que significa ficar louco.

Depois de um profundo suspiro, Jack passou uma perna, por cima do banco e sentou montada em Gregor.

—Escuta. O que digo é que não estou pronta, ainda. Agora sei. E não gosto que me pressione.

Ele afundou o queixo, terrivelmente ofendido.

—Não o fiz. Não o faria.

Jack girou os olhos.

—Não? Então como chama seus olhares de desejo, as caricias e os exagerados elogios?

Gregor fez outra daquelas caricias, e dessa vez o objetivo foi um lado da garganta.

—Isso é culpa sua, linda, não minha. Se não fosse tão irresistível.

Ela afastou a mão.

—A isso precisamente é a que me referia.

—Estou me adaptando, maldita seja. Não espero que você desça os jeans nem nada disso...

Bom, aos menos que queria fazer.

Jack inspirou fundo, mas Gregor continuou antes que ela pudesse descarregar sua fúria contra ele.

—Mas, é sexy, tanto que me esta voltando louco, no bom sentido da palavra. Posso suportá-lo. Queria suportá-lo. Demônio quanto precisa? Um mês? Bem. Esperei um mês – Pegou a mão e lhe beijou os pulsos – Mas, não posso não tocá-la ou olhá-la. Isso é pedir demais.

Havia tanta sinceridade em suas palavras que Jack acreditou. E talvez fosse esse o motivo de que sem poder conter disse:

—Tenho corpo de um menino.

Erguendo uma sobrancelha, Gregor desceu o olhar rumo a seu colo.



—Como disse?

Jack se soltou e lhe deu uma bofetada.

—Ali não idiota. Nisso como qualquer outra mulher – Jack levou as mãos ao peito – Aqui.

Gregor olhou as mãos, umedeceu os lábios e seguindo olhando.

—Ali?

Exasperada, Jack pegou uma de suas mãos e colocou a palma sobre um de seus pequenos seios, o ouviu gemer entrecortadamente.

—Por que demônio geme?

Com a boca aberta e respirando de forma rápida e pesada, Gregor despregou o olhar da mão com a que cobria o peito até seu rosto. Engoliu saliva com dificuldade. Com o olhar nublado, o rosto vermelho e a voz rouca de desejo disse:

—É condenadamente suave.

—Sou reta.

—Noto seu peito, o mamilo inchado e tenso... Acredito que poderia gozar nos jeans.

Jack ficou o olhando.

—Fala sério?

Ele engoliu a saliva outra vez mas não deixou de olhá-la nos olhos.

—Não queria dar-me uma mão com isso verdade? Uma somente carícia sua... Não, disse que não está preparada, e por Deus vou esperar até que esteja.

—Gregor...

Esse afastou a mão bruscamente de seu seio e levantou do banco em um abrir e fechar de olhos.

Atônita, Jack o viu afastar-se como um raio.

Contudo, não se foi muito longe. Somente o justo para poder recuperar o domínio de si mesmo. Ficou uns passos, de costas para ela. Respirando a grandes e rápidas bocadas.

—Deveríamos ir.

—Estava pensando em operar.

Gregor deu a volta tão depressa que quase tropeçou. Toda uma gama de expressões cruzou o rosto em rápida sucessão até que, finalmente, se instalou a de determinação.

De um somente passo cobriu a distancia que o separava de Jack. Segurou-a então pela a parte superior dos braços e a levantou até que seus olhos estivessem ao mesmo nível que os seus.

—De que demônio está falando? – perguntou com veemência.

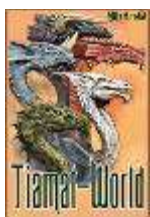
—Sei que não tenho peito suficiente, Gregor. É algo que sempre incomodou. E muito. É uma das razões por que tenho evitado os meninos por tanto tempo.

Gregor olhou os seios com as fossas nasais dilatadas, transpassando um olhar escuro.

—Bem, pois, não sabe quanto fico feliz, por que agora sei que serei o primeiro, não posso suportar a ideia de imaginá-la em uma cama com algum idiota.

Levantada do chão pelas as mãos de Gregor, Jack deixou escapar outro longo suspiro de exasperação.

—Está realmente obcecado para ser o primeiro não é?



—Nem imagina o quanto.

Jack não soube que demônio a empurrou a fazê-lo, mas o caso é que ouviu dizer a si mesma:

—Roger se ofereceu para pagar a operação.

—Que operação.

—A do aumento dos seios.

Lentamente, a deixou ir ao chão, mas não a soltou.

—Que fez, o que?

Oh-oh. Certo, agora conhecia a diferença entre ver Gregor irritado e vê-lo realmente furioso.

E o que estava presenciando era a fúria em um estado puro.

—É o noivo de Cam sabia?

—E que demônio tem a ver com tudo isso?

—Bom Roger disse que sabia o quanto me incomodava não ter seios. Suponho que às vezes sou muito óbvia.

—Pois, não sabia.

Jack resmungou iradamente.

—No que se refere as mulheres, você é tão astuto como um pedaço de madeira.

—Ou pode ser que nunca me ocorreu pensar que uma mulher tão sensual como você pudesse estar traumatizada por algo que não tem a menor importância – respondeu ele, apertando os dentes. Estava tenso e irritado outra vez.

Ok. Um discurso impressionante pensou Jack.

A menor importância? Que tipo de frase era essa?

—Deixe-nos. O importante é que a mim incomoda, e Roger disse que queria fazer algo por mim para agradar a Cam, de modo que me propôs entrar em contato com um cirurgião plástico que não cobraria muito pela a operação. Inclusive ofereceu pagá-la.

—Vou matar esse idiota.

Jack fez uma careta.

—Você não irá matar ninguém Gregor.

—Sim irei fazê-lo.

E, soltando-a, começou a andar rumo ao carro. Parecia tê-lo dito tão sério, que Jack logo ficou nervosa.

—Espera um momento!

Mas, Gregor não parou.

—Se não quiser voltar andando para casa, aconselho eu traga seu pequeno traseiro aqui e entre no carro.

Que cara de pau! Jack teve que correr para alcançá-lo, e então ficou diante da porta do copiloto.

—Não deixarei que...

Ele a levantou, colocou de lado e abriu a porta.

Meteu a chave no contato, e sem saber o que fazer, desesperada, Jack subiu no seu colo.

—Maldito seja Gregor falo sério.



—Também. Muito sério. Esse babaca não tem que fixar-se em seu corpo, e muito menos fazer comentários a respeito, e de nenhuma maneira deveria meter na cabeça que precisa que nenhum médico medíocre faça uma operação.

Apesar de tê-la encima Gregor virou a chave e pôs o motor em marcha. O pânico se apoderou de Jack.

—Gregor, por favor.

Ele deteve e ficou olhando-a com firmeza durante um momento, no meio de um tenso silêncio até que finalmente disse:

—Por favor, o que?

Uma inquietante suspeita se apoderou dela. Estaria ele de brincadeira? Já não parecia tão aborrecido, mas não podia estar certa.

—Por favor, não fique assim.

Gregor se manteve em silêncio. A verdade era que Jack tinha gostado como a havia defendido, especialmente em algo que a fazia se sentir tão insegura como mulher.

—Por favor, não brigue com Roger.

—Não sabe que não faz falta nenhuma maldita operação?

—Se você acredita que não, mas – disse colocando muito mais ênfase – se decido que quero fazê-la.

—Por mim tudo bem. Sempre e quando seja por que deseja e não por que acredita que precise.

Que doce.

—De acordo.

Gregor não havia terminado.

—Por que se preocupa que parta a cara de Roger? Tinha a impressão de que não gostava muito dele.

—E não gosto. Ou bom, não gostava. Mas, dei conta de que Cam ama de verdade esse idiota, e isso muda tudo.

—Ela disse?

Parecia verdadeiramente surpreso.

—Sim. Sei. É uma loucura, mas é certo. Suponho que Roger deve ter algo que passou despercebido.

—A pele de cobra? Os dentes afiados? O que?

Jack apertou os lábios.

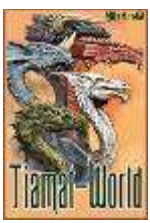
—Não deveria ter contado de sua oferta.

Gregor franziu o cenho com a mesma ferocidade de antes.

—Deveria ter me falado antes.

Certo. Talvez fosse hora de pressionar um pouco. Jack balançou a cabeça e perguntou:

—E isso por quê?



Para sua surpresa, Gregor não se intimidou. Olhou-a nos olhos, tomou o rosto entre as mãos e a beijou. Um beijo longo, úmido e profundo. Jack deixou seu corpo relaxar contra o dele, e devolveu o beijo. Ele se afastou finalmente e roçou o nariz no seu.

—Por isso. Tem algo entre nós. Algo grande.

A esperança cresceu dentro de Jack.

—De verdade acredita assim?

Por sua parte, Jack sabia que ela já estava meio apaixonada daquele enorme homem. Pode ser que algo mais que meio apaixonada.

Gregor assentiu.

—Sei disso – Plantou a palma da mão sobre o seio de Jack outra vez e o acariciou. Em seguida, visivelmente decidido, a levantou e ajudou a sentar no banco do passageiro – Amanhã, o mês que vem, ou dentro de um ano, serei o primeiro carinho. Conte com isso.

Jack sorriu do mais profundo de seu coração, e pôs o cinto com as mãos tremendo.

—Certo.

—Não irá fazer nenhuma estúpida operação não é?

—Não. Já tinha decidido não fazê-la, por que sei que Cam consideraria mais uma dívida a acrescentar.

—Esqueça o dinheiro, maldita seja. Você...

—E, além disso – interrompeu-o Jack, sufocando um novo estado de cólera – Já havia decidido que se alguém não gostasse como sou, péssima sorte. Não vou mudar.

—Aleluia – exclamou Gregor e percorreu com o olhar todo o seu corpo, e terminando com um agudo gemido – Já é tentadora assim.

—Obrigada. E o que acontece com Roger?

Gregor meteu a marcha e foram a caminho.

—Deixarei em paz dessa vez, depois de explicar que é minha.

“La vai um possessivo”

—Não irá lhe fazer mal?

—Não. Seria como pegar um cachorro. Não me sentiria bem.

Isso não era o que havia dito um momento atrás, de modo que Jack decidiu dizer o que pensa.

—Fico feliz em sabê-lo por que não poderia estar com alguém que pega as pessoas somente por que não gosta do que fazem.

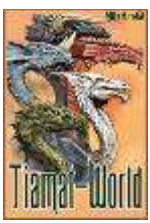
Gregor girou os olhos.

—Incomoda-se que brigue?

—O que me incomoda e que abuse das pessoas – Balançou a cabeça – Adoraria vê-lo brigar. Não em vídeo, pessoalmente.

Gregor pensou nisso.

—Poderia arrumá-lo. De fato, a ideia de tê-la próxima, parece perfeita – disse ele sorrindo – Será melhor que não esteja muito longe quando decidir que já foi casta há bastante tempo e está preparada para deixar de ser.



Jack riu de boa vontade, mas o certo era que já estava preparada. O único que faltava era encontrar o momento adequado para dizer.

Capítulo 19

O sol fundia no céu, estendendo um manto vermelho no horizonte. Dean aplicou uns últimos toques de asfalto sobre as esquinas soltas de telhas ao redor dos tubos de ventilação.

Acabava de limpar as mãos e estava ficando de pé quando notou que alguém o observava. Tentando mostrar despreocupação, percorreu a zona que o rodeava, mas não viu a ninguém. Mas, sentia. Disso não tinha dúvidas. Percorreu um calafrio. Pensou no degrau cerrado e em seus pneus esvaziados, não queria correr riscos. Com cautela, começou a descer pela a escada, prestando atenção a todo o momento ao seu redor.

A casa estava em silêncio. Não tinha ninguém. Roger tinha telefonado e Cam estava indo ao trabalho como habitual. Com sua benção, Gregor e Jack haviam saído há horas, supostamente para praticar com a mudança manual do carro, apesar de que imaginava que fariam algo mais que isso.

Dean tinha gostado da ideia de Gregor com a sua irmã, especialmente depois de ver como essa o afetava. E, enquanto estivesse com ele, sabia que Jack não correria perigo algum. A luz dos últimos acontecimentos, isso era importante.

Não muito depois que os outros haviam saído, Lorna tinha voltado para casa. Seu desgosto ao ver que somente estava ali Dean estava evidente ao extremo.

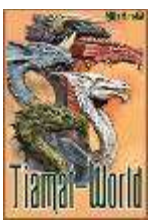
Bruxa louca.

Com seu agudo tom de voz tinha exigido saber quanto tempo ficaria e, ao se dar conta de que teria que estar sozinha com ele na casa durante várias horas, havia ido soltando faíscas. Dean deveria ter sentido culpa, Lorna parecia mais cansada que de costume, supôs que sua intromissão, assim como as dificuldades econômicas e os problemas de vivenciava, estava fazendo mole. Não era uma mulher jovem e forte, e logo, as coisas não funcionavam daquela maneira.

Contudo, não sentiu culpa. Tinha muita vontade de encontrar uma oportunidade de dizer a Lorna o que pensava dela e de seus hábitos maternos, de modo que melhor que se fosse, por que, apesar de sua agressiva personalidade, suas irmãs se preocupavam com ela. Isso dificultaria Dean soltar as coisas ao seu gosto.

Escondendo-se na sombra da casa, olhou as horas. Eve já estaria em casa, e a imaginou como tinha encontrado na noite passada, feito um ovo no sofá, com roupa cômoda: tão suave e quente, pensar nela acelerava os pulsos. Deu-se conta de que estava sorrindo. De antecipação. De prazer.

Umas horas antes, esse mesmo dia, havia dito que queria mudar pra sua casa para estar mais próximo caso acontecesse alguma coisa. Depois de contar da escada, ela tinha levado a



sugestão a sério e tinha aceitado. No fundo, Dean pensava que ambos sabiam que era uma desculpa fácil, mas os dois tinham intenção de aproveitá-la.

Eve compreendia que, pelo o momento, não quisesse contar a ninguém suas suspeitas. Não por que não confiava em suas irmãs, mas quanto menos gente soubesse menos possibilidades teria que Roger soubesse. E, como suspeito numero um, não queria que o fizesse para ver se assim dava um passo em falso. Como melhor amiga de Cam, resultou um problema para Eve, mas prometeu não dizer nada.

Guardou as ferramentas e a escada, limpou tudo e fechou a casa com chave. Sentindo se, todavia, observado, foi para seu carro. Uma vez dentro, ligou o ar condicionando e telefonou a Eve.

—Sim?

O tom meloso, quase adormecido, de sua voz o fez sorrir.

—Ola. Tem fome?

—Humm. Não sei. O que tem em mente?

Dean não pensava mais que aconchegar com ela no sofá, mas disse:

—Se quiser podemos sair. Lembro que te prometi alguns encontros.

—E, tenho intenção de que cumpra.

—Ou posso levar algo para casa.

A palavra “casa” ficou flutuando entre os dois explodindo de um significado silencioso e emotivo.

Ao fim de um momento, Eve disse:

—Se quiser que saíamos, posso colocar uns jeans.

Significava isso eu não usava nada no momento? Dean representou uma provocativa imagem mental e sua voz adquiriu um tom rouco.

—O que você quiser.

—De verdade não tem preferência?

—De verdade – mentiu ele.

—Então jantamos aqui. Estava vendo outra de suas lutas, em câmera lenta. Acredita que poderia me ensinar alguns desses movimentos?

A antecipação ultrapassou seus outros sentidos.

—Sim – forçou a dizer saboreando a ideia – Posso fazê-lo.

O celular anunciou outra chamada. Dean ignorou.

—Irei primeiro ao hotel pegar algumas coisas e tomar um banho. O que quer que leve para jantar?

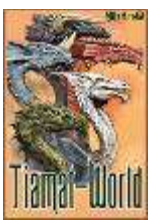
—Surpreenda-me – respondeu ela. O som da nova chamada soou de novo – Não irá atender?

—Não.

—Poderia ser Cam ou Jack.

Dean olhou o numero que parecia na tela e disse:

—Provavelmente não.



—Quem é?

—Não sei. Não reconheço o numero.

—Dean atenda, poderia ser importante.

A insistência de Eve não incomodava. Justo ao contrario, por alguma razão fazia que sua relação parecesse mais oficial.

—Quem quer que seja já desligou. Não se preocupe. Fora Jack ou Cam por que tiveram um problema, chamariam em seguida não acha?

—Provavelmente.

Dean lançou um olhar ao retrovisor. Seguia sem ver ninguém. Desceu na direita.

—Não demorarei.

—Estou impaciente – respondeu ela com voz suave.

No alto da colina que surgia atrás do hotel, Roger sentou no chão, sobre a almofada de folhas mortas. Os insetos noturnos começavam a agitar, mas não prestou atenção.

Não importava ter enchido de barro os sapatos, nem que a calça social tivesse sido varias vezes enganchadas em algum arbusto.

Nada já tinha importância os arbustos.

Estava acabando o tempo. Se quisesse mudar as coisas, teria que agir logo.

Mas, podia fazer? Havia tentado e tinha fracassado.

Fechou os olhos com força e lembrou a reação de Cam ao pedir de novo que casasse com ele. Tinha pressionado, agora sabia. Mas, que outra coisa poderia fazer quando todos seus planos estavam caindo ao seu redor?

Viu o doce, mas triste sorriso de Cam. Viu o olhar triste em seus olhos. Inclusive antes de receber o não, a rejeição havia começado a soar em sua cabeça. Afastar-se dela parecia a única opção possível. Cam o havia estado telefonando depois, mas ele não queria ouvir suas palavras de consolo, suas desculpas. Já não. Seu condenado irmão tinha a culpa de que tudo tinha mudado.

Era um idiota.

Apoiou-se contra uma árvore e ficou olhando o hotel no pé da colina. Daquele ponto elevado podia ver o estacionamento cheio, as luzes se acendiam automaticamente, uma a uma. Via os carros passar e as pessoas que entravam e saiam.

Sabia o que tinha que fazer.

A raiva, a decepção, e o remorso queimavam nas veias. Não teria querido chegar a esse extremo, mas Cam não deixava opção. Toda sua vida teve que aguentar que os demais o fodessem. Havia tido que suportar que tirassem o que por direito era dele, o que merecia. O que desejava.

Mas, havia terminado.

Estava contra a parede. Já não tinha nada a perder.

Quando Dean saiu do quarto do hotel e encontrou Gregor apoiado contra a parede, esperando-o. Antes que pudesse perguntar alguma coisa, Gregor disse:



—Já era hora – E começou a andar de seu lado – Teria batido na porta, mas não lembrava o numero de seu quarto.

—Acontece algo ruim?

—Se considera mal que sua irmã quer operar, então sim.

Dean voltou depressa que Gregor retrocedeu um passo surpreso.

—De que demônio está falando? Jack está doente? Ferida?

—Não. Merda. Fique calmo. Não queria assustá-lo.

Assustá-lo? Havia feito mais que assustá-lo. Dean franziu o cenho e mentalmente recuperou o controle.

—De que operação se trata?

—Não irá fazê-la. Ao menos por agora.

—Gregor – disse Dean com um tom que obrigou o outro a desembuchar.

—Roger ia pagar uma operação de aumento de seios.

De tudo o que Gregor podia ter dito, Dean jamais teria esperado aquilo. Pelo amor de Deus, nem sequer queria parar para pensar em Jack tendo seio ou não. Mas, que Roger estivesse envolvido, que tivesse atrevido a sugerir....

Dean começou a andar com determinação.

—Vou matar a esse filho da puta.

—Nada disso cara – espetou Gregor apressando a segurá-lo – Se, alguém irá matá-lo, serei eu.

Dean diminuiu o passo.

—Então para que merda me incomoda contando?

—Jack fez prometer que não o mataria.

Dean começou a rir.

—Isso é problema seu. Não prometi nada.

Sorrindo de orelha a orelha, Gregor disse:

—Nisso tem razão. Mas, espera um pouco, deixa-me olhar ao menos.

Chegaram ao vestíbulo, que encontraram vazios. Mais uma vez.

Dean aproximou como um raio do balcão da recepção e golpeou com fúria a campainha até que um jovem aproximou. Mas, esse não sabia onde estava Cam e Roger, e esse último não respondia a sua chamada. O jovem ofereceu a dar qualquer mensagem, mas Dean rejeitou o oferecimento. Frustrado, passou uma mão pelo o cabelo, enquanto considerava as alternativas, e chegou à disparada a conclusão de que, talvez, primeiro deveria discutir aquilo com Eve. Ela conhecia a Jack melhor que ele. Seria racional em vez de emocional, como sabia que era ele.

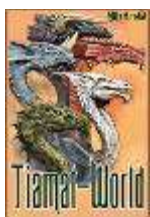
Com essa ideia na cabeça, saiu do hotel, esquecendo de que Gregor pisava em seus calcanhares.

—Que esperar um pouco?

Dean deteve fechou os olhos e voltou muito rápido.

—Agora o que?

—Quero saber o que tem em mente?



—Ainda não sei – respondeu Dean, dirigindo ao seu carro. Dessa vez havia estacionado mais próximo do edifício, debaixo de um farol de luz. E, sem poder evitar, disse em tom acusador e bastante aborrecido – Mas, em que demônio estava pensando Jack?

Gregor encolheu os ombros.

—Em que precisava ter mais tempo para atrair os homens, suponho.

Dean ficou olhando-o.

—Não tem muito peito, mas isso não me importa, claro que ela não sabia – Continuou Gregor.

—Esqueça que perguntei – interrompeu Dean, enquanto abria a porta do carro. A cabeça lhe dava voltas. Como se não houvesse dito nada, Gregor se apoiou contra o carro e seguiu falando.

—Disse que já é condenadamente sexy assim.

—Gregor.

—Como é seu irmão, provavelmente não veja, mas é muito sensual.

—Quer que te mate também?

Gregor negou com a cabeça, mas não pode conter o sorriso.

—Acredito que foi convencida, por que me disse que já tinha esquecido o assunto de cortar e pegar o plástico.

“Santo Deus”

—Nenhuma palavra mais.

—Sabe? Nada gostaria mais que ver ao bom Roger estirado como uma borracha, mas acredito que para Jack é importante que não faça nada desse tipo.

Um assunto de conversa mais seguro. Dean pode relaxar.

—Sim. Provavelmente Cam está apaixonada por ele, por isso Jack quer protegê-lo.

—Foda, Furacão, que inteligente.

Com um humor de cachorro, Dean voltou rumo a Gregor.

—Está me irritando para que brigue com você?

—Não. Claro que não. Digo por que isso foi exatamente o que Jack disse – Sorriu – Acredito que a conhece bem melhor não?

Dean ia dizer a Gregor que podia fazer com suas observações quando um inseto do tamanho de um mamute a julgar pelo ruído que fazia, passou zumbindo por sua orelha. Solto um palavrão, tratou de afastar o bicho e, um segundo depois, Gregor lançou encima com todo o seu peso no corpo. Como o pegou de surpresa não teve problema algum em tombá-lo, mas não resultaria fácil mantê-lo ali.

Dean reagiu por instinto. Nada mais cair ao chão se remexeu de maneira que ficou encima de Gregor. Segurou os grossos braços debaixo de seu corpo e as pernas com as botas, imobilizando eficazmente.

—Perdeu a fodida cabeça? – perguntou Dean com voz calma, olhando próximo com firmeza a Gregor.

Esse forçava debaixo de Dean sem poder libertar, ate que por fim disse com a voz entrecortada:



—Disparos.

Confuso Dean franziu o cenho e uma bala impactou no chão, justo a direita de ambos, fazendo saltar a grama e... Pintura azul.

—Oh merda.

Os dois homens rodaram como se fossem um, e se esconderam atrás do carro de Dean. Este tinha o celular na mão quando Gregor disse em tom de censura:

—Malditas crianças.

—Crianças? – repetiu Dean esperando que a polícia atendesse seu telefonema.

—Acredita que é outra coisa? Era uma bala de tinta que lançaram não? – Gregor moveu a cabeça de um lado a outro – Não importa confessar, levei um susto de morte. Acreditava que era uma arma de verdade. E o primeiro disparo passou roçando na orelha.

—Se está é sua maneira de explicar por que se atirou encima de mim, não é necessário que o faça.

Gregor esticou a orelha.

—O que digo é que... Escuta: Acabaram os disparos.

Dean ficou olhando-o.

—Talvez seja por que seu objetivo quer dizer – nós - estamos escondidos.

Finalmente, a polícia respondeu sua chamada e, em questão de dez minutos, apareceu um carro patrulha com as luzes e sirenes de emergências ligadas. As pessoas saíram do hotel para ver o que estava fazendo aquele barulho.

E Roger continuava sem aparecer.

Mas, como podia assinalar os dedos sem contar com mais provas? Mais?

Demônio, mas sim, não tinha nenhuma. Nenhuma que contasse realmente. Por esse motivo, deixou que a polícia chegasse a suas próprias conclusões, enquanto ele telefonava a Eve para dizer que chegaria tarde e por que. Terminou de falar com ela justo ao tempo de ver Gregor falando em sussurros através de seu próprio telefone.

—Jack?

Gregor assentiu, disse algumas coisas mais e despediu.

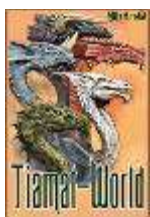
—Que má sorte que Cam não tenha celular. Também poderia ligar pra ela – observou Gregor.

Cam não tinha celular? Isso era novo para Dean. Sua surpresa deveu resultar evidente por que Gregor optou por explicar mais.

—Pedi a Jack o numero de sua irmã e me disse que nenhuma das duas tem celular. Não gostam de pagar faturas todo o mês.

Dean colocou os braços cruzados e se afastou. Não era que não gostassem das faturas mensais, mas não podiam pagá-las.

Se não houvesse estado ocupado tentando manter as coisas distantes com Cam e Jack, pode ser que houvesse dado conta. Assim poderia ter...



Seus pensamentos voltaram para outro ponto. Cam havia mostrado desgostosa pelo o dinheiro em que ele tinha gastado no telhado e no carro, e encima de Dean tinha a intenção de fazer mais reparações no interior da casa.

Como demônio ia convencê-la para que além que tivesse um celular e deixasse pagar a fatura? E por que estava tão desesperado por fazê-lo? Mas ele já sabia a resposta. Eram suas irmãs.

Haviam passado vinte anos sem se ver e, ainda assim, era como se nenhum desses dias importasse. Não mais.

Talvez fora isso o que significava ter uma família. Cam nunca havia tido duvidas sobre a conexão entre eles. Desde o principio, o havia tratado como irmão de que a tinham separado e havia confiado que ele deixasse fazer.

Ele teria resistido, mas tinha que admitir que Cam havia ganhado.

Demônio, como queria falar disso com a Eve.

O agente Ramsey, um policial veterano com vinte anos de serviço, aproximou, enquanto, seu companheiro se encaminhava rumo a multidão de agregados ali.

—Temos examinado a zona, mas já sabe como é isso. Somente temos encontrado umas bolas de tinta. Provavelmente as dispararam desde algum ponto alto da colina. Quem quer que seja, poderia vê-los aqui, a luz das lâmpadas de segurança, enquanto que ele ficava nas sombras.

—Bastardo covarde – murmurou Dean mais convencido que nunca de que Roger era quem estava atrás daquilo.

—Acredita que foi coisa de crianças? – perguntou Gregor.

O policial encolheu os ombros.

—Não importa. Segue sendo uma agressão grave. Um de vocês, ou os dois, poderiam ter estado mortos.

Gregor brincou do comentário.

—Com uma pistola de brincadeira?

Com uma seriedade que não admitia réplica, o policial meteu debaixo do braço do caderno em que estava tomando nota, e se dispôs a começar uma conversa.

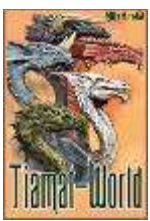
—Nos meus temos chamavam pistolas de cano comprimido. E sei de muitos meninos que fizeram dano com um desses negócios. Teve os que ficaram cegos. Agora a pistola de tinta passou a ser uma arma letal dos meninos.

—Letal? – repetiu Gregor.

—Esse ano no nosso país foi vendido mais de três milhões dessas condenadas. E o fato de utilizem ar cumprido em vez de pólvora para lançar seus projeteis não a faz menos perigosa que uma arma de fogo convencional. Contudo, como as pessoas as consideram de brincadeira, não tomam as precauções necessárias a respeito.

—Não o sabia – disse Gregor mostrando-se envergonhado da bronca.

—Quer alguma estatística? – Ramsey levantou um dedo – Aqui têm estatísticas: a velocidade inicial de uma pistola de bolas de tinta pode variar entre quarenta e cinco e os trezentos sessenta



e cinco metros por segundo. Em uma pistola tradicional é de duzentos e trinta a quatrocentos e vinte metros por segundo.

Dean soltou um gemido.

—Não tem muita diferença.

O agente tirou outro dedo e seguiu com a conta.

—Produzem mais de vinte mil feridas graves e aproximadamente, quatrocentas mortes cada ano.

Gregor esfregou a nuca, incomodo com aquela reprimenda.

Ramsey tirou um terceiro dedo, acompanhando de uma brutal olhada.

—A maioria dessas lesões e quase todas as mortes são de meninos menores de quinze anos.

Dean sentiu lástima de Gregor e lhe deu uma palmada no ombro do policial.

—Deve ser muito duro ter que enfrentar isso.

—Eu que o diga. E passei a vida vendo a esses pais que se empenham em dizer que se trata de brincadeiras. Se dependesse de mim, estariam fora do mercado. Assim não teríamos que brigar com essa merda – Com a mão indicou a mancha de tintura que havia ficado no estacionamento do hotel.

Gregor esclareceu a garganta.

—Que possibilidades têm de encontrar o idiota que fez isso?

—Praticamente nenhuma e acredito muito que tenha saído da cidade. Não temos testemunhas e nada que nos sirva como prova. Quem quer que seja que lhes disparou, faz um tempo que desapareceu. E, não se pode registrar todos os idiotas que tem essas armas. Mas, estarei atento, e se me intero de algo saberei o que fazer.

Dean estreitou a mão.

—Entendemos. Obrigado por vir tão rápido.

—Quisera poder fazer mais.

Ao ir embora os policiais, Dean olhou rumo ao hotel.

O certo é que se alegrava que não tivessem nenhuma pista. Queria enfrentar Roger sozinho.

Quando Dean chegou por fim a casa de Eve, esta estava faminta. Olhou ao entrar no vestíbulo e o rodeou com os braços. Era estranho como todo seu mau humor havia se evaporado com nada mais que tocar ela. Dean fez o possível para devolver o abraço, tendo em conta que levava entre eles um cubo de frango frito e uma bolsa com várias saladas para acompanhar.

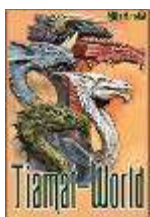
—Ola – cumprimentou – Está bem?

Eve deu um passo para trás para olhá-lo.

—Está louco? Claro que estou bem. Somente estava oferecendo consolo, depois do horrível dia que teve.

Ao esboçar Dean aquele sexy sorriso que Eve havia chegado a adorar, apagou um pouco do cansaço do rosto.

—Com que consolo? – Retrocedeu um passo para olhá-la – Como consegue estar sempre tão sexy?



Ela sorriu. Por ele havia posto o pijama de camisa de tiras de rios brancos e rosa, com jogo de umas calças curtas floridas.

—Sempre não. Uma vez tive gripe – disse pegando a comida e encaminhando rumo a cozinha – Tinha febre e vomitava a cada dez minutos. Sentia tão mal que não tinha forças nem para cortar o cabelo. Acredite, foi algo muito desagradável.

—Quem dera tivesse estado aqui para ajudá-la.

Eve sentiu que o coração dava voltas. Sim, Dean havia sido de grande ajuda. E conhecendo, não acreditava que houvesse posto nenhum problema de seu repelente aspecto então. Era um homem tão simples com um comportamento tão natural diante da vida e seus desafios que provavelmente teria sabido como ocupar-se da situação sem problemas.

—Depois do dia que teve, poderíamos ter feito uns sanduiches. Não era necessário parar para comprar comida.

—Queria fazê-lo.

Quando levantou os braços para abrir o móvel e tirar os pratos, Dean a estreitou por trás. Aproximou o nariz da nuca e lhe sussurrou:

—Senti sua falta.

Eve sentiu um novo vulcão. Seguia-se assim, dentro de pouco ia sentir enjoada. Com os pratos nas mãos, voltou rumo a ele e sorriu

Dean a olhou e suspirou.

—Ok. De que se trata?

Sua intuição a surpreendeu, mas não vacilou.

—Acredito que deveria dizer a Cam o que está acontecendo?

—Ainda não – respondeu ele beijando o nariz. Em seguida, pegou os pratos e os levou a mesa.

—Mas, isso está se voltando mais grave. Esvaziar as rodas do carro é uma coisa. Provocar a caída de uma escada e disparar... Poderia ter perdido um olho.

—Ou algo pior sabe – Abriu a sacola de frango e colocou o nariz – Estou faminto.

—Dean – disse Eve com exasperação – É sua irmã. Tem que confiar nela.

—Não. Não tenho que fazê-lo – retrucou-a olhando de canto.

—Pois deveria!

—Ela acredita que está apaixonada por Roger. Não seria objetiva nisso – respondeu, enquanto tirava os cobertos da caixa e os colocava na mesa.

Eve pensou que era muito agradável ver como Dean colaborava. Não seria próprio de ele sentar diante da televisão, enquanto os demais, em concreto sua esposa, faziam as tarefas.

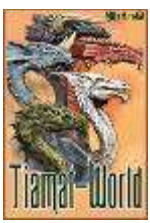
E isso era o mais perigoso que jamais teria passado pela cabeça.

—Sei. Disse-me. Mas, Cam não é a mulher que tome o amor acima de tudo – observou Eve, sentando depois de tirar alguns refrescos da geladeira.

—E isso o que quer dizer?

—Quero dizer que não somente acredita. Está apaixonada por ele.

Dean se deixou cair na cadeira.



—Ali o tem – disse com suficiência.

Eve franziu o cenho ante sua atitude, mas não se rendeu.

—Duvido muito de que Cam pudesse amar um homem capaz de fazer o que está sugerindo.

—Sei.

Visivelmente aborrecido agora, Dean serviu uma montanha de salada de batata em um prato e pôs diante de Eve.

Ela deu uma olhada àquela quantidade de comida suficiente para dois homens adultos e mexeu a cabeça.

—O que é que sabe?

—Que levaria isso como uma mulher.

—Será por que sou uma mulher. Mas, é consciente de que poderia dizer o mesmo de você, quero dizer, que está vindo de um ponto de vista de homem.

—E qual é esse ponto de vista?

—Que Roger não gosta de você, que não quer que sua irmã se case com ele, e por isso tem que ser o vilão da história.

Dean terminou de mastigar o frango que tinha na boca, tragou, deu um gole no seu refrigerante e assinalou com o garfo.

—Certo que estou olhando com a lógica. As pessoas raramente fazem sem motivos

—Tudo o que aconteceu não tem por que estar necessariamente relacionado.

—Já não acredito nas coincidências. Não quando se trata de três seguidas.

Eve deteve para organizar suas ideias e pensar em outra estratégia.

—Vejo como se move a maquina de seu cérebro enquanto pensa – Observou Dean – Mas, te advirto que não é fácil me manipular.

Ela resmungou o comentário com um gesto de impaciência.

—E se chegamos a um acordo?

—De que tipo?

—Deixemos que passe alguns dias. Se não acontecer nada, conta a Cam suas suspeitas. Confia em que terá suficiente sentido comum como para saber a diferença entre um bom homem e um mal – Sorriu com doçura – Depois de tudo, a você calou desde o primeiro momento.

Na opinião de Eve, Dean, ponderou a sugestão durante um bom tempo. Já ia atirar um osso quando aceitou.

—Está bem. Tenho alguém fazendo averiguações sobre o passado de Roger, e até que tenha noticias suas, não quero dizer nada.

Eve reclinou na cadeira e o olhou atônita.

—Espero que seja uma brincadeira.

—Em absoluto. Mas tem outra razão. Também havia pensado que você conhecesse as meninas melhor do que eu.

—As meninas? – brincou ela encarando com uma sobrancelha como se a tivesse ofendido.

—Mulheres. Irmãs – Dean moveu a cabeça de um lado a outro – Cam e Jack. Estou começando a conhecê-las, mas sei que me escapam muitas coisas. Suponho que entre o tempo



que passe em casa ocupando das reparações quero fazer e o passe falando com você, poderei fazer uma ideia melhor de como manejá-las.

—Manejá-las?

Dean lançou um olhar, enquanto pegava outro pedaço de frango.

—Não faz mais que repetir o que digo.

—Somente as estúpidas.

—Irá comer ou não?

Eve desceu o olhar rumo seu prato e observou a pequena quantidade que faltava de sua enorme comida que Dean tinha servido.

—Comi. É somente que não sou uma gulosa. É impossível que possa comer tudo isso de uma vez.

—Sinto muito. Come o que queira e depois ensinarei esses movimentos que queria aprender.

—Certo que gostaria de fazê-lo?

—Certo – A olhou com seus olhos castanhos carregados de promessas sensuais – Alguma preferência?

Sem duvidar Eve disse:

—Quero aprender a fazer uma presa de imobilização de braço, um estrangulamento com o traseiro atrás e a técnica Kimura.

Dean voltou a sorrir lentamente.

—Esteve vendo combates não?

—E aprendi muito. Quando me ensinar algumas coisas, tenho a intenção de dar a esse meu irmão a maior surpresa de sua vida.

O telefone tocou, enquanto Dean seguia gargalhando. Eve se desculpou e foi atender pensando no caminho o agradável era vê-lo assim, brincando, relaxado. O som de sua risada a fez sorrir por dentro e por fora.

Mas, essa desvaneceu quando ouviu a voz alterada de Cam.

Depois de falar com ela alguns minutos. Eve se ofereceu a ir sua casa, haviam se consolado mutuamente muitas vezes, e nenhum homem, nem sequer seu irmão, por muitas boas intenções que tivesse, poderia mudar isso. Mas, Cam sabia que Eve estava com Dean, e insistiu que somente desejava meter na cama.

Eve regressou a mesa com o cenho franzido.

—Acontece algo?

Provavelmente muitas coisas.

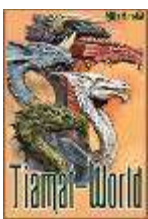
—Não irá gostar.

—Conte de todos os modos.

Em vez de alongar o inevitável, Eve apoiou um cotovelo na mesa e lhe explicou o que sabia.

—Roger pediu a Cam que se cassasse com ele. Outra vez. Cam se negou. Outra vez. Mas, dessa vez Roger não o levou bem.

Meio levantado na cadeira Dean perguntou:



—O que fez esse canalha?

—Nada do que está pensando. Não gritou, nem a pressionou. Somente foi embora. Liso e simples – Eve não podia evitar sentir pena dele – Cam disse que parecia desolado.

Dean resmungou com desdém.

—Uma hora depois recebeu uma mensagem escrita do seu punho e letra.

Eve compreendia a reação de Dean, por que não havia muito, também ela desprezava a Roger. Sempre com aquela atitude agressiva e controladora, alguém tão diferente de Cam.

Mas, através dessa, havia começado a ver Roger com outros olhos. Se sua amiga o amava, assim era, não podia ser tão mal.

—A nota dizia que iria tomar uns dias livres, e que se colocaria em contato com ela quando voltasse. Cam está desesperada e sente culpa por não ter explicado bem. Não sabe aonde foi, e não responde suas chamadas.

Dean se levantou e olhou rumo a escuridão através da janela.

—Quando aconteceu?

Parecia tão perdido em seus pensamentos que Eve aproximou e apoiou contra ele.

—Como uma hora antes que alguém disparasse em você.

Dean não disse nada, mas guardou para si o que pensava. Eve tentou de animá-lo a que falasse com ela.

—Em que pensa?

Com a despreocupação de alguém acostumado a esse gesto, Dean rodeou os ombros com os braços e ela se acomodou contra seu corpo.

—Que essa súbita viagem de Roger não é mais que uma desculpa. Que deve estar planejando algo mais – Então a olhou – Não sei que pode ser, nem por que. E não descansarei até que o averigüe.

Capítulo 20

Três dias depois do desaparecimento de Roger transcorreram sem acidentes. Ainda assim, Dean não era capaz de relaxar, e decidiu passar mais tempo com Cam e com Jack. Trabalharam juntos na casa, comeram e nadaram. No que referia a fortalecer a relação parecia melhor em um ano. Em um abrir e fechar de olhos, Dean começou a ter lembranças de suas irmãs, alguns da recém criação e outros que compartilharam quando eram meninas e Lorna suas tutoras.

Cam contou historias incríveis de Jack, coisas que soavam horrendas e angustiantes, o que provavelmente seria o que Cam teriam parecido, sendo como era uma mulher tão maternal.

Por sua parte, Jack olhou a Cam descrevendo-a como uma estrita professora de colégio ou uma pequena bibliotecária. Nenhuma das duas se ofendeu, em vez disso riram uma da outra. Ambas se mostravam de um afeto aberto, e sincero, confiavam no amor que transmitiam. Dean invejava a proximidade, e também se deleitava com ela.



Quando baixava guarda, sentia parte disso.

A não ser pela preocupação e a falta de alegria habitual em Cam, haviam sido perfeitos. Não era que Cam se queixava, nem que passasse o dia fazendo bico. Seu orgulho não o permitia. Mas, Dean notava que seus sorrisos não eram resplandecentes, e que nunca alcançavam seus olhos. Queria falar com ela de Roger, e das suspeitas que tinha respeito a seu sumiço, mas demônio, não sabia como fazê-lo sem a angustiar ainda mais.

Cam não era a única irmã que lhe preocupava. Seu outro motivo de inquietude tinha haver com a Jack, mais especificamente a maneira em que Gregor vigiava todos e cada um de seus movimentos com um olhar que qualquer homem reconheceria. Odiava admitir, mas depois de tudo havia se convertido em um irmão mais velho, e o certo era que não havia sido tão difícil. Sua determinação de não permitir que surgisse nenhum tipo de laço com elas não tinha servido de nada frente ao contagioso encanto de suas irmãs.

Ele sempre havia se vangloriado de se conhecer. Aceitava quem era e o que queria. Afrontava suas debilidades e conhecia seus pontos fortes. Mas, estando com Jack e Cam não se reconhecia. O que acreditava que queria, mudava a medida que passava tempo com elas. Seu futuro antes claramente desenhado já não parecia tão atraente. Gostava de estar com Jack e com Cam, mas não gostava da forma em que aquilo o debilitava.

Passar as noites com Eve ajudava. Tinha-a ensinado a fazer alguns movimentos e às vezes, quando lutavam, ela o surpreendia. Não por que tivesse nenhuma possibilidade de vencê-lo, claro, ela era rápida e lembrava cada detalhe. Por cada combate que perdia fisicamente, Eve conseguia uma situação de empate, já foi gastando as brincadeiras pelo muito que se preocupava com suas irmãs, ou bem hesitando a envolver-se em suas vidas o qual as deixava em tabuas. Sua atitude rumo o processo de recuperação do afeto menos chocante e mais natural.

Se por ela fosse, ele mudaria a Harmony e viveria debaixo do mesmo teto que suas irmãs, e falaria com elas tudo, desde seus períodos de menstruação até o fecho do sutiã que usavam, passando pela a última moda.

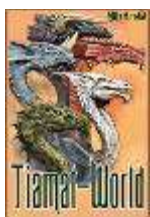
Eve afirmava que os irmãos deveriam poder compartilhar tudo, e contar uns aos outros qualquer situação.

Sabendo que ela tinha essa relação com seu irmão, Dean confiava em seu juízo. Contudo, isso não fazia mais fácil a tarefa de fortalecer os laços com suas irmãs, sendo como era um homem que sempre havia se considerado um homem livre.

—Quando voltará a lutar?

Sentada no chão, com as costas apoiada contra a parede. Cam observava como Dean reparava o teto do quarto de Lorna. Tê-la ali, conversando de coisas sem importância, deveria fazer ficar aborrecido. Com outras mulheres – mulheres que não eram para ele em absoluto como irmãs – Não havia sentido o mínimo interesse em conhecê-las. Contudo a caramadagem que ia crescendo entre ele e Cam lhe encantava.

Lorna tinha se mantido afastada de Dean quase todo o tempo, mas nesse dia não deixava de cercá-lo, olhando furtivamente constantemente dentro do quarto, onde se encontrava trabalhando e sempre com expressão franzida. Provavelmente esperava pegá-lo roubando algo da



sua penteadeira ou mexendo no seu armário. Dean sabia que saltaria a menor oportunidade reafirmando a mais baixa opinião que tinha dele.

Ao ouvir a pergunta de Cam, Lorna demorou um momento e ficou olhando-o aguardando ver que dizia.

—Simon quer organizar algo. Um programa especial de promoção. Não sei muito, mas acredito que seriam parecidos a um desses realitys shows.

Dean aplicou um pouco de gesso sobre os friso do telhado. Quando secasse, lixaria, e depois o pintaria da mesma cor que o resto do quarto.

—Um reality sobre você?

Ele encolheu os ombros sem afastar a atenção do que estava fazendo.

—Segundo me disse Simon, suponho que as câmeras me seguiriam durante seis semanas ou algo assim que duraria um treinamento e depois gravariam o combate.

Lorna entrou no quarto com expressão e um tom de voz esperançada.

—E quando é esse combate? Significa isso que nos deixa?

—Ainda não decidi – respondeu Dean, desfrutando ao ver a decepção de Lorna – Mas, ainda que o fizesse voltaria. Não lhe disse as meninas?

Cam clareou a garganta.

—E para quando quer Simon que comece a rodar as filmagens?

Mas, sua tentativa de mudar de assunto caiu por terra.

De maneira que Cam não havia dito a Lorna nada sobre seus planos. Não lhe surpreendia, conhecendo a mulher.

Essa não demorou em reagir com brusquidão habitual.

—Tem algo importante que contar juvenzinha? – Seu tom e seu aspecto pareciam mais de pânico que aborrecimento – O que fez agora esse intrometido?

Consciente de que o intrometido era ele, Dean decidiu intervir para evitar que Cam se dedicasse a defendê-lo e terminar sendo o objeto de raiva de Lorna.

—Decidi ficar e viver em Harmony para sempre.

A velha abriu tanto a boca que a mandíbula quase chegou ao chão.

—O que? – gritou com sua voz de grasma. E no final gritou com mais força – Não.

O certo era que Dean não havia tomado tal decisão. Não era próprio de ele blefar, mas não pode resistir àquela oportunidade de ouro de irritar a Lorna.

Lamentavelmente Cam não sabia que era um blefe, e ficou de pé cheia de excitação.

—Fala sério?

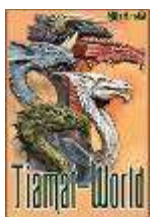
Dean teria se arrependido de um pronunciamento tão impetuoso, mas não tinha visto a Cam tão feliz desde que Roger se foi, o que convertia o blefe em um fato.

De maneira nenhuma pensava em decepcionar a Cam.

—Sim – respondeu ele, descendo a escada e sorrindo diante da reação de sua irmã – Por quê?

Ela se lançou sobre ele chorando e rindo.

—Dean é maravilhoso! Não posso acreditar que Eve não me disse.



Ele a rodeou com os braços como se levasse toda a vida abraçando-a.

—Será por que ainda não disse a Eve.

Lorna recobrou por fim a compostura e o olhou com os olhos entornados, sua boca contraída em uma careta de ódio.

—E por que teria que dizer a essa menina? Ela não é da família. Ela não é ninguém. Ela...

Sem soltar Dean, Cam a interrompeu e disse:

—Por que Dean está apaixonado por ela.

Dessa vez ele quem ficou de boca aberta. Ouvir na boca de Cam um pensamento que mantinha oculto no mais profundo de seu ser, o deixou sem ar nos pulmões.

Cam brincalhona lhe deu uma cotovelada e continuou sorrindo.

—Oh venha já Dean. Acredita que não me daria conta de algo tão evidente?

O mesmo argumento que ele havia dado a si mesmo os ofereceu a Cam.

—Não a conheço desde tanto tempo para estar apaixonado por ela. E você não me conhece tanto tempo para fazer uma afirmação desse tipo sobre o que sinto. Por o que você respeita, poderia comportar igual a todas as mulheres.

A Cam fez um sorriso de adulação

—E é assim?

O automático “sim” morreu em sua língua. Desde o principio, sua determinação de ter a Eve o havia ajudado a amortecer o choque que implicava a volta a sua cidade natal, seu passado e as vidas de suas irmãs. Não somente havia desejado a Eve, havia desejado com toda a sua alma. E isso não havia mudado. Igual dava que estivesse próximo que longe dela. O desejo não desaparecia.

E por que não? Eve era atraente, também o desejava e havia aspectos de seu caráter que atrairia a qualquer homem.

Dean pensou em Tiffany, a groupie que havia amanhecido em seu quarto na manhã seguinte ao seu combate, e franziu o cenho. Uma mulher bonita. Jovial. Sexy. Mais que disposta. E, além disso, Tiffany compartilhava seu amor pelo esporte que praticava.

—Não. Não sinto o mesmo com todas as mulheres – admitiu.

—Não parece muito contente.

—É inquietante, se quer que seja sincero.

—Não entendo por que – O sorriso de Cam suavizou – O amor não responde a uma linha temporal, sabe? Quando é amor é amor.

Teria confessado Eve? A ideia o intrigava.

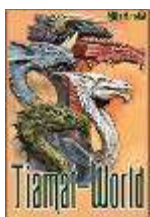
—E parece que é o que tem entre mim e Eve?

—Quase desde o momento em que te viu demonstrou ter uma conexão com você que não havia visto ter antes com ninguém. Acredito que é genial.

Com um tom que apenas parecia humano, Lorna sussurrou:

—Já não vejo no que há de genial nisso.

Dean lançou uma olhada, e até ficou surpreso ao ver que estava quase fora de si, refletindo uma dor e uma fúria que não se incomodava em esconder.



Atônita Cam estendeu a mão para ela.

—Tia Lorna...

—Não – A mulher se afastou rapidamente e lançou seu apelo a Cam – Não vê que quer tomar o comando? É um plano calculado e retorcido. Já fez que seu prometido se fosse. É não te importa?

Cam se afastou de Dean.

—Dean não teve nada a ver com isso, tia Lorna. Roger e eu teremos que solucionar algumas coisas.

—Certo. E como irá solucionar as coisas com Roger se ele não está aqui? – retrucou Lorna cujas palavras destilaram um profundo desprezo.

Cam levantou o queixo, apesar de não parecer muito convencida.

—Voltará.

—Jamais deveria ter permitido que Dean o afastasse de você. Roger nos teria salvado da ruína econômica – A raiva de Lorna apenas tinha sentido – Ofereceu. Queria ajudar. É rico e amável. Um bom partido. Mas, você o rejeitou uma e outra vez. E agora suplica que esse fique?

A acusação implícita em tom de Lorna reforçou a Cam.

—Claro que quero que Dean fique. É meu irmão. Teu sobrinho.

Cheia de ódio, Lorna voltou a vista para Dean.

—Não o quis antes e não o quero agora.

Cam afogou uma exclamação de horror, mas Dean cruzou os braços, perguntando ate onde seria capaz de chegar Lorna. Diria por fim, o muito que o desprezava? O que podia ter feito um menino de nove anos para ganhar aquela aversão?

—Já basta – ordenou Cam.

Mas, Lorna negou a abandonar sua postura.

—Está sendo uma completa estúpida menina. Não pode confiar nele. Sei que Grover o criou a sua imagem e semelhança. Oh sim, Dean brinca de ser o complacente irmão mais velho até que se infiltre em nossas vidas, e então exigirá o pagamento imediato da dívida e nos jogará na rua de uma patada. Espere e verá.

Cam olhou a Dean, talvez com esperança de que esse se defendesse. Mas, ele não tinha intenção de fazer tal coisa. Não devia a Lorna nenhuma explicação.

—É igual a eles – prosseguiu a mulher com regozijo, se aproximando de Dean ao tempo que apontava seu pulso diante dele – Você já era velho demais para que pudesse mudar, as meninas, em troca, somente eram uns bebês que não haviam sido contaminadas por eles.

Cam confusa olhou alternativamente a Dean e a sua tia.

—Quem são eles?

Dean havia querido que Lorna admitisse as falhas de seus pais, mas agora... Não podia suportar a ideia de desgostar a Cam.

—Fique quieta Lorna.

—Queria que elas soubessem – Acusou – Ameaçou contar você mesmo.

—Mudei de opinião.



—Pois, que azar.

Cam teve que elevar a voz para chamar a atenção.

—Nos dizer o que?

Tremendo dos pés a cabeça, Lorna se voltou rumo a ela.

—Que os pais de vocês eram uns bêbados e imorais – Sentindo justificada em sua fúria, Lorna apertou o pulso sobre o peito – Tratei de protegê-las. Por isso o afastei dele – disse assinalando a Dean com um de seus dedos de manicure perfeita.

Dean decidiu que não importava o que dissesse ele, Cam havia afrontado já suficientes realidades em sua vida. Mas, queria proteger qualquer ilusão que pudesse ter, se é que havia alguma sobre seus pais.

—Já chega Lorna. Deixe.

Como se não tivesse ouvido, a mulher continuou vomitando sua fúria.

—Por isso fui tão rígida com vocês, por isso nunca as consenti de nenhuma maneira. O sangue de vossos pais correm por suas veias, por isso não podia permitir que o álcool entrasse....

—Cale-se maldita seja – Dean lançou rumo a ela, ainda que não sabia muito bem o que ia fazer.

Cam o deteve colocando uma mão no peito.

—Não acontece nada Dean. Já sabia. E Jack também.

Dean ficou olhando-a, profundamente emocionado. Cam estava ali, erguida e orgulhosa, forte e compassiva a respeito de sua tia. O orgulho que sentia por ela se multiplicou.

Lorna ficou pálida.

—Não – disse sacudindo a cabeça com incredulidade – Desfiz de tudo. Das cartas, das fotos...

—De mim – Agregou Dean.

—Mas, não pode se desfazer das lembranças – explicou Cam, balançando a cabeça com gesto compassivo – As pessoas falam tia Lorna. Era inevitável que ouvisse algumas coisas.

—Não pode estar certa – A mulher seguiu sacudindo a cabeça negando – Cuidei de tudo. De tudo. Não é possível. Diga que está inventando.

—Não queria preocupá-la – respondeu Cam estendendo a mão, mas Lorna rejeitou.

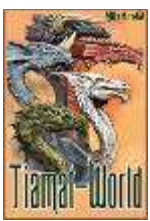
—Mente. Ele te disse não é? – disse agora olhando a Dean.

—Dean não teve que me dizer nada – Apesar da rejeição de Lorna, Cam tomou as mãos – Não me importa que fizeram meus pais tia Lorna. Jack e eu tivemos a você, e agradecemos tudo o que fez por nos.

—Sim – disse ela respirando mais relaxada – Sim tiveram a mim. Sempre me tiveram – Tentou sorrir, mas apenas pode apagar o desconsolo de seu semblante – Não deixe que Dean arruíne tudo.

Santo Deus pensou. Que demônio esperava Lorna que fizesse?

—Engana-se com Dean – insistiu Cam – É um bom homem. Sei que fez o que acredita ser mais adequado, mas não deveria tê-lo jogado.



—Não, não deveria tê-lo feito – concordou Lorna com um fio de voz, escondendo o olhar – Por que agora voltou e quer vingança.

—Vingança? – Cam franziu o cenho com preocupação – Que besteira.

—Odeia-me. Como poderia não fazê-lo? Ira me jogar, te digo.

Da porta se ouviu a voz de Eve:

—Dean não irá jogar ninguém. Adora suas irmãs. Se lhe der a menor oportunidade, até pode que você mesma acabando gostando dele Lorna.

Dean havia se sentindo incomodo a cada palavra de Lorna. Desprezava-a, e ainda pior, sentia pena dela. Tudo junto lhe havia causado uma desagradável sensação na boca do estomago. Contudo, ao ver Eve, relaxou.

—Ola.

Ela dirigiu um iluminado sorriso.

—Ola para você também.

Algo parecia diferente nela. Ou pode que o celibato o fizesse sentir assim. Dean não a havia saboreado o suficiente quando chegou as regras e...

Eve aproximou de Cam.

—Está bem? – perguntou carinhosamente.

Dean olhou a sua irmã, e somente então se deu conta o quão pálida estava.

—Cam?

O que havia perdido? Fazia somente um momento Cam estava ali, tranquilizando a Lorna, com o controle absoluto da situação, e em troca, agora parecia totalmente vulnerável.

Grossas lágrimas ficaram em seus olhos, mas ela as afastou com um gesto impaciente da mão e o olhou.

—É verdade o que Eve disse?

Dean estava totalmente confuso.

—O que disse?

—Oh pelo amor de Deus menina – disse Lorna, dando uns carinhosos golpes na palma da mão – Não derrube agora. Roger te ajudará. Ajudará-nos em todas as horríveis situações, se você permitir.

Cam negou com a cabeça.

—Dean nos ama? A mim e a Jack, quero dizer?

Era por isso que estava chorando?

Antes que ele pudesse dizer alguma coisa, se ouviu Gregor dizer:

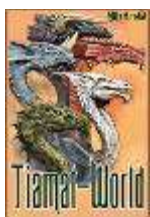
—Que oportuno sou não acredita Furacão?

Incomodo por sua intromissão, Dean voltou sua atenção a Gregor, então viu também a Simon na porta do quarto. A seu lado estava Jack, de boca aberta.

Eve olhou a Simon, logo afastou o olhar, mas imediatamente voltou a olhá-lo.

—Oh Deus meu.

Cam piscou para secar as lágrimas, e perguntou em voz alta, sem dirigir-se a ninguém em particular:



—Quem é esse homem?

Divertido, Dean moveu a cabeça de um lado ao outro. O belo sexo reagia sempre de forma idêntica ao ver Simon. A seus trinta e um anos, e com um currículo de trinta e cinco vitórias em artes marciais mistas, um empate e somente uma derrota, era um homem dos mais atraentes. Nada de orelha com buracos, nem cicatrizes, ou tatuagens exageradas.

Media quase um metro e noventa, e pesava noventa e três quilos de puro músculo. Com seu tom de pele dourado natural, as sobrancelhas e o pedaço do peitoral escuro, sua imponente atitude e a cabeça raspada, Simon chamava atenção onde fosse.

Sua cabeça calva não era um acidente da natureza, tempo atrás Simon tinha raspado, e agora isso havia se convertido em sua marca pessoal. Por algum motivo, a falta de cabelo somente servia para que as mulheres se fixassem ainda mais em seus escuros olhos.

A elas devia que não lhe deram nenhum apelido resistente, como Furacão, O Maníaco. Ao principio de sua carreira esportiva, haviam sido seus fãs femininas as que o haviam batizado como “O Sublime”.

E lhe caía como uma luva.

—Senhoritas – disse Dean, consciente de que até Lorna havia ficado muda e de boca aberta

– O homem pelo que todas se caem a baba é Simon Evans, meu treinador, gerente, produtor e qualquer outra função que surja.

Ignorando a referência de Dean rumo a atenção que atraía, Simon olhou ao redor.

—Quem é família do Furacão?

Com os olhos arregalados, Cam e Jack levantaram a mão em um modo um tanto vacilante.

—Nossa – Simon cruzou os braços no peito e assentiu – Agora o entendo.

—O que compreende? – perguntou Gregor.

—O significado da tatuagem de Furacão.

Alarmado pela a direção que haviam tomado os pensamentos de Simon, Dean lhe fez uma advertência.

—Não se atreva.

Tarde demais.

—Três ramos entrelaçados – explicou Simon fazendo um gesto com a cabeça rumo ao bíceps de Dean – Duas delas adornadas com delicadas copas de rosa e a terceira coberta de espinhos.

—E? – perguntou Gregor.

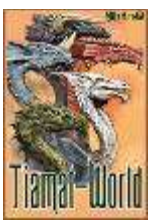
Durante anos, os demais lutadores o haviam feito a pergunta sobre o significado de sua tatuagem, se é que tinha algum. E Dean sempre havia repetido que sua musa não havia sido outra que a ignorância da juventude. E agora Simon pretendia deixá-lo em evidência.

Com a esperança de não estar presente durante a revelação do segredo, Dean começou a recolher suas ferramentas.

—São Dean e suas irmãs – anunciou Simon.

“Merda, merda, merda”

Sentindo sobre a pele queimando de curiosidade dos olhares, o coração lhe deu volta.



—E agora que vi a suas irmãs, sabe exatamente que galho representa Dean – esclareceu Simon.

Chegados a esse ponto, Dean haveria saído, mas Eve, Cam e Jack bloquearam o passo. As três tinham esse olhar de adoração que às vezes colocam as mulheres quando acreditam que um homem fez algo que seja comovedor.

—Não é nada – afirmou fortemente – Não faça que pareça algo significativo por que não é.

—Em absoluto – sussurrou Cam, todavia com aquele sorriso sentimental e comovido no rosto.

Por sua parte, Jack sorria tão abertamente que podiam ver até as amídalas.

—Fico feliz de que fizesse essa tatuagem antes de me conhecer, por que senão, seria o ramo de espinhos.

Dean apertou os dentes com força e viu que Eve observava suas irmãs como uma mãe orgulhosa. Isso foi o que o fez empalidecer mais que qualquer outra coisa. Empurrou o cubo meio vazio rumo Eve e passou junto a suas irmãs o mais depressa que pode. Deteve-se junto a Simon o justo para perguntar:

—Sabe já algo daquilo que pedi para comprovar?

—Estou esperando um telefonema.

—Quando?

—De um momento ao outro.

Dean assentiu. Se Roger tinha algo que esconder, averiguaria.

—Vamos Gregor.

—Onde?

Dean deteve no corredor e disse:

—A um ginásio. Já olhei a um.

—De verdade?

—Sim. E agora que o bocudo de Simon também esta aqui, podemos iniciar as sessões de treinamento que prometi – prosseguiu, e deu meio volta sem esperar para ver se alguém o seguia ou não.

Estava envergonhado demais. Tinha inclusive a horrível suspeita de que teria ficado vermelho.

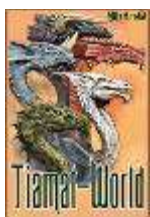
Conforme se afastava, ouviu o que Gregor dizia.

—Foda, Simon, não quero treinar com ele estando como está tão mal de pulgas. Irá me matar.

—Idiota, te matará de todas as formas – respondeu Simon, começando a andar atrás de Dean – Mas, é a melhor maneira que aprender.

—Como Gregor irá aprender alguma coisa se estará morto? – perguntou Eve as suas costas.

Com o único desejo de colocar distância, Dean desceu a escada correndo, chegou a cozinha, e... Se perguntou onde ir. Não queria alongar-se e deixar Eve ali. O jardim traseiro parecia o suficiente íntimo, mas teria que esperar que ela descesse para levá-la ali. Olhou rumo a lavanderia, a sala... Demônio. Deteve no meio da cozinha.



Ele nunca fugia de ninguém.

Ok, nunca havia fugido de um homem. Mas, com suas irmãs não era diferente, ao menos a esse respeito. Correr era de covardes, não importava, quem te perseguisse.

Não tinha motivo para se sentir tão envergonhado. Tinha quatorze anos quando fez a estúpida tatuagem, e nos quinze anos que haviam passado desde então não havia feito nenhuma outra. Todo o mundo fica melodramático e comete erros estúpidos quando é jovem.

Enquanto, esperava que os demais o alcançasse, Dean apoiou encima, cruzou os joelhos e parou de refletir sobre as novas circunstâncias de sua vida.

Eve o amava? Isso esperava, por que Cam tinha razão, ele a amava. Era mais que isso. Precisava dela. Sem saber como, sua vida havia dado uma volta.

Como se tratasse do Flautista de Hamelin², todo mundo havia seguido a Dean. Em questão de segundos, um monte de pessoas infestavam a cozinha, e o murmuro a distância das conversas enchia o ar.

Lorna seguia resmungando, mais para si que para os demais. Cam e Jack consideravam a ideia de Dean se mudar a Harmony, sem deixar de lançar, enquanto tanto dissimulava olhares embelezados a Simon. Gregor, por sua vez, advertiu a Simon que Jack não estava livre, por se este ocorresse alguma ideia, a que Simon respondeu que se fossem fritar espargos.

Somente Eve se aproximou de Dean e foi para dizer:

—Tem que dizer a sua irmã sobre Roger. Faz três dias que desapareceu e ainda não voltou.

—Sempre indo direto ao assunto – respondeu ele. Deus meu, adorava-a.

Eve olhou-o com o cenho franzido.

—De verdade irá lutar com Gregor?

—Uma sessão de treinamento não é um combate, mas sim vou fazer. Tenho que liberar toda essa tensão e não tem melhor maneira que amassando a cabeça de Gregor.

Eve acariciou o torso dos dedos:

—Bom isso não sei, mas me ocorre uma maneira melhor.

Dean ficou em silêncio.

—O que significa isso Eve? – perguntou ele aprisionando os dedos – Não brinque comigo.

Ela riu absolutamente compadecida e inclinou um pouco mais sobre o sussurrar ao ouvido.

—Significa que volto a estar em perfeita disposição para atividades mais íntimas.

Foi como se a escuridão o rodeasse de repente. As vozes na cozinha abaixaram. Não havia ninguém mais ali que Eve. Sem soltar a mão, Dean afastou de cima e se dirigiu rumo as portas.

—Dean – suplicou-a tentando freneticamente soltar a mão.

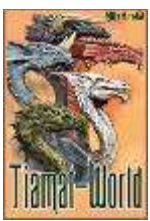
—Somente será um minuto – disse ele – Talvez menos

Meio envergonhada, meio rindo Eve sussurrou:

—Irá ter que esperar.

—Não posso.

² O Flautista de Hamelin é um conto folclórico, reescrito pela primeira vez pelos Irmãos Grimm e que narra um desastre incomum acontecido na cidade de Hamelin, na Alemanha. Conta sobre um caçador de ratos que utilizava a hipnose através de sua flauta.



Dean abriu as portas e...

—Aonde acreditam que vão os dois? – exigiu saber Lorna.

Dean parou em seco e engoliu a saliva. Demônio estava excitado, de modo que não podia dar a volta e enfrentar suas duas irmãs, seu treinador, Gregor e Lorna.

Então Eve começou a rir.

—Não nos vamos. É que tenho que dizer algo a Dean. Voltaremos em um momento, prometo.

—Bem diria que uma meia hora – sussurrou Gregor.

—Acredito que tem razão – concordou Simon – Furacão carece de sutileza. Terei que trabalhar mais esse aspecto dele.

—De que fala? – exigiu saber Lorna.

Eve emitiu um gemido e empurrou a Dean através das portas, atravessando a varanda e a grama até chegar às árvores do bosque contínuo. Não se deteve até que deixou de ouvir as vozes. Chegaram a uma árvore grande e então Dean lhe deu a volta e fez que apoiasse as costas no tronco, aprisionando-a em seus braços.

—Obrigada.

Ela opôs resistência, empurrando o tórax com as palmas das mãos.

—Nem pense nisso.

Sua débil resistência não era nada para ele.

—Pois estou pensando Eve. Sinto muito.

Isso a fez rir de novo.

—É incorrigível.

—Estou tão quente que não posso suportar.

—Pobrezinho – acalmou ela, colocando na ponta para beijá-lo. Estava tão preciosa que Dean desejava poder levá-la dali – Posso cancelar alguns encontros que tinha de tarde. Se quiser, nos veremos em minha casa em algumas horas.

O gemido que emitiu desde o mais profundo de sua garganta deixou em evidência que o plano não o satisfazia.

—Horas?

—Sinto muito, mas essa manhã tenho que fazer algumas coisas urgentes.

Realmente parecia senti-lo, por ela e por ele. Isso a ajudou a recuperar a compostura. Deu uma olhada rumo à casa e viu várias pessoas nas portas do pátio, observando-os.

—Suponho que nem sequer poderei massagear um pouco, com um bando de intrometidos nos olhando.

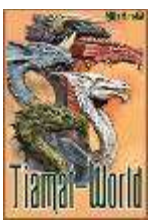
Eve tirou a cabeça por um lado da árvore, e viu que tinham um público.

—Não. Além disso, tem que dizer a Cam sobre Roger e...

—Eve...

—... E tem que decidir que irá fazer com Lorna. Não quero nem pensar na desgraça que pode fazer a vida de Cam somente por que te odeia.

—E se o jogo na rua, como ela espera que faça?



—Não. E não tem graça – Eve olhou outra vez rumo a casa – Dean por que não me havia dito o lindo que era seu treinador?

—Por que os homens não falam assim.

Ela balançou a cabeça.

—Não te importa que pense que ele é lindo?

Dean grunhiu.

—Você e todas as demais mulheres – respondeu ele dando um rápido beijo – Não, não me importo. Não está cega, claro.

Mas, também não era o tipo de mulher que se relacionava com dois homens ao mesmo tempo.

—Então sou uma aposta segura? É isso que está me dizendo?

Dean lançou uma gargalhada ao ver como Eve fingia se sentir insultada.

—É honrada.

—Isso soa melhor – Suspirou com pesar – Tenho que ir. Promete que falará com Cam.

—Não sabe por que não estava ali, mas Lorna fez passar muito mal. Acredito que já tive bastante por um dia.

—Desculpas, desculpas – Eve pousou a mão sobre o peito dele – Tem direito de saber o que pensa, sendo assim prometa.

Dean terminou por aceitar que Eve conhecia as suas irmãs melhor que ele.

—Está bem. Se importa tanto para você.

—Obrigada – Demorou ainda um pouco e olhou sua mão dentro da dela, finalmente o olhou nos olhos – E quanto a tatuagem...

Dean a soltou.

—Não vou falar mais disso.

—De acordo.

—Falo sério Eve.

—Eu sei – Seus olhos resplandeciam e teve que esforçar para conter o sorriso – Mas, Simon tinha razão?

Dean pôs os braços no peito e deu meia volta afastando uns quantos passos antes de voltar. Estava claro que Eve não deixaria estar. Quando algo se metia na cabeça, não havia forma de fazê-la mudar de opinião.

—Sim tinha razão. Fim de assunto.

—Mas, isso é muito...

—Não diga: doce – Advertiu ele. Até ali podia chegar.

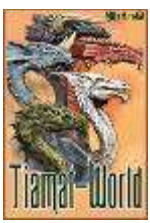
O brilho brincalhão abandonou os olhos de Eve. Em seu lugar, Dean viu algo muito mais profundo quando disse:

—O que te parece nobre?

Nobre? Dean arqueou uma sobrancelha em sinal de surpresa.

—Supõe que é uma brincadeira?

Eve moveu a cabeça muito rápido negando.



—Que um menino de quatorze anos, inclusive depois de ter estado cinco anos separado de suas irmãs, as queria tanto como para fazer uma lembrança permanente delas em seu próprio corpo, onde não pudesse perder jamais, nem ninguém pudesse roubá-lo, é muito, muito nobre.

Maldição. Dean ficou olhando-a, extasiado. Seguiria vendo sempre o melhor dele?

Isso esperava.

Consciente de que tinha que esclarecer um pouco a situação ou declarar ali mesmo, Dean aproximou dela.

—Sabe o que acredito?

—O que?

Estava quase ao seu lado.

—Pois, que o único que quer é levar ao jardim, e por isso que me faz todos esses elogios.

Entre risadas, Eve começou a andar rumo a casa.

—Tem razão. Quero fazê-lo – E adiantando-se a qualquer comentário que Dean pudesse fazer ao respeito, olhou a hora e disse – As duas em ponto de acordo?

Resignado a esperar Dean assentiu:

—Ali estarei.

—E, estarei esperando – Retrucou-a. Em seguida, deu a volta e se afastou em bom passo.

Cam estava de pé na porta principal, observando como se afastava aquela maravilha de espécime viril com Gregor e Jack. Inclusive de costas a deixava sem ar. Desde o alto de sua cabeça, perfeitamente esculpida, até a ponta dos pés, Simon Evans parecia ser capaz de assegurar o deleite de uma mulher em todos os sentidos.

Alguém deveria tê-la prevenido. Num momento e sua cabeça dava voltas em torno da desagradável discussão entre Lorna e Dean, e no seguinte estava ele. Havia a deixado sem fala.

Nunca havia visto alguém igual. Era tão... Lindo. Mas, em um sentido muito masculino. Desceu seu olhar havia se sentido incapaz de respirar e muito menos falar. E quando se movia...

Com um calafrio, lançou um último olhar e se obrigou a fechar a porta. Compadecia da mulher que estivesse com ele.

Desde logo, tinha que ser muito valente. Contudo, era Roger com todas as suas imperfeições o dono do coração de Cam.

Voltava-se com ela.

Lorna que por algum ridículo motivo se negava a deixar suas sobrinhas sozinhas com Dean, ia e vinha pelo o vestíbulo atrás dela. Atuava como se seu irmão fosse um vilão. A forma em que havia formulado todas aquelas insultantes acusações, fazendo o possível que parecesse que Dean era o culpado de todos os problemas, passados e presentes, enfurecia a Cam. Mas, ao mesmo tempo Lorna havia parecido especialmente frágil ao mencionar o passado, e somente por isso se havia contido e não lhe disse tudo o que pensava. A tia Lorna havia renunciado a muitas coisas para criá-las. Quando seus pais morreram, ela era uma mulher jovem, solteira, sem ataduras e nem obrigações.



Cam não podia esquecer como também não podia deixar ir embora ao irmão que acabava de aparecer em suas vidas.

Menos mal que Roger já havia contado às histórias que circulavam pela cidade sobre seus pais. Para Cam havia sido uma comoção terrível descobrir que isso distanciava muito de serem pessoas protegidas e carinhosas que deveriam ser. Mas, Roger sempre pendente do que seria melhor para ela, havia pensado que conhecer a verdade facilitaria muito as coisas quando o passado surgisse.

Agora entendia por que Lorna havia tirado todas as fotos e apagado todas as lembranças de seus pais, por que detestava ao álcool, por que sempre havia sido tão rígida. Seu pai e sua mãe haviam protagonizado um horrível escândalo, deixando para trás sua tia com dois bebês, rodeada de rumores, especulações e os cochichos das pessoas.

Não, corrigiu-se Cam, haviam lhe deixado três crianças, mas ela havia jogado Dean da casa da forma mais cruel. Para Lorna, as aparências eram tudo, de modo que lhe devia fazer resultar insuportável ter que enfrentar aos vizinhos, responder as perguntas curiosas e ignorar as grosseiras olhadas. E, apesar de tudo, havia ficado e as tinha educado o melhor que podia saber. Não o havia feito maravilhosamente, mas também não foi horrível.

No geral, Lorna levava o cabelo sempre impecável, e vestia-se bem. Mas, ultimamente parecia quase velha. Pra Cam era motivo de preocupação e de pena. Sua tia se sentia ainda mais insegura de sua posição no lugar do que a própria Cam poderia imaginar.

Dean colocou a cabeça nesse momento.

—Se tem um minuto, queria falar com você – disse a sua irmã, olhando a Lorna de canto – Na cozinha. Preparei uns sanduíches. Podemos falar enquanto comemos.

Em vez de responder, Cam disse:

—Seu amigo é muito lindo.

Dean lhe dirigiu um olhar divertido.

—Isso foi o que ouvi.

—É um homem impressionante – murmurou Lorna, sem deixar de mover de um lado ao outro inquieta – Tem mais amigos do que pensava.

—E isso lhe incomoda? – perguntou Dean.

Cam não desejava que comessem a brigar novamente. Queria a Dean, mas enquanto que ele era jovem, vital e independente, sua tia chegava aos sessenta anos e sentia medo quanto ao seu futuro.

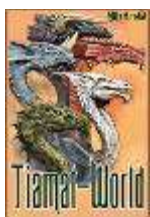
—Dean...

—Seus pais também tinham amigos – comentou Lorna com a voz baixa. Logo levantou o olhar e enfrentou a Dean, girando os olhos, o qual não fez mais que acrescentar rugas ao seu semblante – Desleais mentirosos e lascivos amigos.

—Tia Lorna – disse a Lorna em modo de advertência – Não pode comparar Dean com nossos pais. Ele não é eles.

A mulher adotou uma rígida pose.

—Eu sei.



O que o admitisse, surpreendeu tanto a Cam quanto a Dean..

—É verdade parece diferente – continuou Lorna – Mais forte. Mais solto. Mas, os fatos são como são, e se houvesse voltado no passado seria enterrado.

—Não – a contradisse Cam. Negava-se a permitir que sua tia seguisse enganando-se – Algo assim não desaparece jamais. As coisas mais feias e desagradáveis da vida sempre acabavam surgindo, normalmente quando menos se espera.

Lorna sorriu.

—Nisso tem razão.

De novo, Cam ficou surpresa. A tia Lorna havia aceitado por fim que Dean formava parte da família? Deus, isso esperava.

—Por favor, não sinta desgosto, tia Lorna. É muito melhor conhecer a verdade para saber como enfrentar ela.

A mulher assentiu e se voltou rumo a Dean.

—Não deveria ter jogado a culpa em você. Na verdade a culpa foi minha. Não soube manejar a situação como deveria.

Claramente confuso Dean lançou um olhar de canto a sua irmã antes de responder.

—Cam e Jack são maravilhosas, e você as criou, Lorna. Isso conta muito.

—Sim conta. Obrigada – Sua tia entrelaçou os dedos e balançou a cabeça de uma forma curiosa – Falou muito de amor por aqui hoje.

Cam mordeu o lábio.

Dean disse sem mudar:

—É muito fácil amar a Cam e Jack.

—E a Eve? – pressionou Lorna aproximando-se de Dean – É verdade que ela influenciou na sua decisão de ficar?

Ao lembrar os comentários respectivos a sua amiga, Cam se apressou a responder a sua tia antes de Dean.

—Eve é uma pessoa maravilhosa, tia Lorna.

Essa a escutou com expressão profundamente pensativa.

—Suponho que se é sua melhor amiga deve ter qualidades.

Era o mais amável que Lorna havia dito sobre Eve. Cam piscou sinceramente surpresa e sorriu.

Dean a amava e também a Jack, e desejava voltar a Harmony por elas. Sua tia por sua parte estava suavizando sua postura. Ao parecer, as coisas começavam por fim a ser como deveriam. Se Roger voltasse, a felicidade de Cam seria completa. De momento, a menina tinha esperanças de um final feliz.

—Vamos comer. Estou morrendo de fome – retrucou.

Lorna saiu detrás dos dois irmãos.

—Se Dean tem algo que dizer, também quero ouvir.

—Sinto muito, mas quero falar com Cam sozinho – explicou ele.



—Não – insistiu Lorna, mantendo firme sua postura – Apesar de todos os problemas que temos tido, Cam segue sendo minha sobrinha. Como você bem disse, as criei, e me preocupo com ela. O que seja que tenha que dizer, terá que dizer diante de mim para que possa protegê-la.

Cam não podia culpar Dean por querer excluir a Lorna. E tinha razão para se mostrar indignado. Às vezes, também se sentia igual.

Mas, para evitar maiores hostilidades, decidiu dar razão a sua tia.

—Não acontece nada Dean. Não importa que fique – E dizendo pegou uma cadeira e sentou. Encolhendo os ombros, Dean fez o mesmo, Lorna em troca ficou de pé.

—Não se trata de assuntos familiares, Cam – explicou. Seu gesto era cruel e sua irmã começou a preocupar – Trata-se de Roger.

—De Roger? – repetiu Cam negando confusa a cabeça.

—É um santo – declarou Lorna – Um santo, estou dizendo. Ocupou-se de nós, te ajudado desde que temos precisado...

—Mexeu nas rodas do meu carro – Informou Dean – Foi ele quem serrou o degrau da escada, esperando que caísse quem fosse ao subir por ela.

Cam não era capaz de pronunciar nenhuma palavra. Dean a pegou pela a mão.

—E atirou em mim.

—Atirou em você? – Cam soltou uma nervosa risadinha de incredulidade – Mas, Dean, Roger nem sequer tem uma arma.

—Pode ser que tenha uma pistola convencional. Atacaram com uma pistola de bolas de tinta. E acredite, não era nenhuma brincadeira. Tinha potência suficiente para ter matado se uma dessas bolas tivesse acertado minha cabeça.

—Mas... – Nada daquilo tinha sentido. Cam voltou rumo a Lorna, que permanecia de pé igualmente chocada – Mas, isso não tem sentido.

—Sinto muito Cam – disse Dean apertando a mão carinhosamente – Sei que parece uma loucura, mas não sei quem mais poderia tê-lo feito. Roger sabia que ia ver a Eve na noite em que esvaziaram os pneus do meu carro, sabia que estávamos trabalhando no telhado, e tinha acesso a sua casa, de maneira que não teve problemas para manipular a escada. E foi no seu hotel, em que Roger sabia que estava hospedado, onde atiraram em mim e Gregor.

Cam negou com a cabeça, obstinada se negando a acreditar que Roger tinha feito tal coisa.

—Tem que haver alguma outra explicação.

—Vista por cima, parecem provas sem circunstâncias. E estou ansioso por falar com Roger quando voltar. Mas, abandonou a cidade justo depois do último incidente.

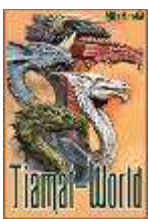
—Por que rejeitei sua proposta de casamento.

—Ou por que chamei a polícia.

Lorna ficou atrás de Cam e pôs a mão em seu ombro.

—Acredito que deveria ir Dean. Já fez bastante dano.

—Não – Objetou Cam, dando palmadinhas a sua tia com a mão, enquanto trabalhava de sair daquela neblina de confusão – Lembra que essa também é a casa de Dean.



—Não importa carinho – interveio Dean levantando – Prometa que se Roger ficar em contato com você me avisará.

—Não sei...

—Não vou pegá-lo, pode ficar tranquila. Somente quero falar com ele. Se estiver enganado, não custará esclarecer a situação, e de boa vontade pedirei desculpas. Mas, até então, não quero que fique sozinha com ele.

Para sua surpresa, a tia Lorna lhe deu razão.

—Não custa ficar de olho querida. E quando Dean falar com ele, podemos esquecer esse cansativo assunto.

—Está bem. Avisarei se souber algo dele.

Cam rogou que isso acontecesse logo. Não podia suportar a ideia que de Roger não voltasse com ela jamais.

Dean assentiu satisfeito.

—E agora, dado que vou mudar a Harmony, e tenho intenções de fazer cargo de todos os problemas econômicos de que tenham, agradeceria que me desse os livros da contabilidade – disse e enlaçou as mãos nas costas.

Cam olhou a Lorna.

—A tia Lorna se ocupou sempre de nosso dinheiro, assim que terá que falar com ela.

—Me dou bem com os números – disse Lorna.

Cam lhe deu razão com um sorriso.

—Nos foi de muita ajuda ao afastar o incomodo de ter que preocupar-nos das faturas e gastos.

Cam desejava que Dean pudesse compreender. Sua tia precisava ter um papel importante em suas vidas, algo que a fizesse sentir valiosa e lhe permitisse participar de alguma maneira.

Para seu grande alívio, Dean assentiu.

—O que acha de amanhã de tarde?

—Está ótimo – respondeu Lorna.

—Obrigado – disse Dean. Em seguida, se inclinou e lhe deu a Cam um beijo na bochecha – Agora tenho que ir.

Preocupada ao pensar que ia por culpa de tia Lorna, Cam disse:

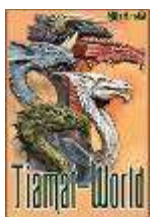
—E a comida?

Dean piscou um olho.

—Já pegarei algo no caminho. Tenho que ir e tirar todos os pontos, e logo ficar com Eve.

—Ah – exclamou Cam com um enorme sorriso – Bom, nesse caso, suponho que te verei amanhã pela tarde.

Capítulo 21



Antes que Dean chegasse ao final do caminho da entrada, Eve abriu a porta da casa. Devia estar esperando-o.

Havia tirado a roupa de trabalho e havia colocado em seu lugar uma camiseta e uns jeans curtos. Usava o cabelo solto, que caía sobre as costas. Ia descalça, e não lhe passou despercebido que não havia colocado sutiã.

Depois de uma olhada em seu semblante de expectativa, Dean soube que os dois sentiam o mesmo. Não aumentou o passo, não disse nenhuma palavra. Quando a alcançou, Eve o rodeou com os braços e Dean entrou na casa obrigando-a a andar para trás, sem soltá-la; uma vez dentro, fechou a porta de um chute.

Colocando uma mão debaixo do traseiro, levantou-a e ela o abraçou com as pernas. Pegando uma a outra, dirigindo ao dormitório.

No quarto não ouvia nada, exceto suas respirações agitadas e algum ou outro gemido e outros sons de prazer. Durante o que pareceu uma eternidade, Dean a segurou contra ele, beijando-a, deslizando as mãos por suas costas, por aquele exuberante traseiro, e mais abaixo.

Eve arqueou contra ele e liberou sua boca.

—Não posso esperar mais.

—Não tem que fazê-lo – respondeu ele, deixando-a sozinha, ao tempo que lhe tirava a camiseta pela cabeça. Passou um braço por trás para segurar, levantou-a e atraiu rumo si, de maneira que pode meter um de seus mamilos na boca. Eve agarrou a seu cabelo.

Cheirava a sabão, a creme e a Eve, uma combinação que o voltava louco. Mudou ao outro mamilo, fazendo-a gemer e então ela tentou abrir o zíper da calça.

Mas, Dean capturou suas mãos.

—Ainda não carinho.

—Dean...

—Shh. Confia em mim.

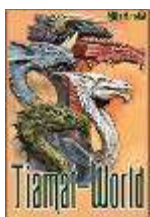
Sem soltar as mãos, a conduziu de costas a cama. Quando suas pernas chocaram com a borda do leito, a incitou a tombar de costas e ele se colocou sobre ela, apoiando os joelhos a ambos os lados de seus quadris. Beijou as palmas das mãos em seguida fez que a colocasse encima da cabeça.

Com um gemido de assentimento, Eve girou a cabeça de um lado e fechou os olhos.

Dean contemplou seu corpo detalhadamente tomando seu tempo. Era preciosa, e sexy. Mas, sobre tudo era sua. E o havia sabido quase desde o primeiro momento em que a viu no bar de Roger.

Inclinou-se e foi deixando um caminho de beijos sobre sua terna pele, desde o ombro até o peito, desde costas até os quadris. Eve retorcia, mas pelo menos permanecia quieta. Com lenta precisão, Dean se moveu por seu lado direito, e tirou os shorts e as calcinhas. Suas mãos se detiveram suavemente em sua cintura, enquanto dizia:

—Abre as pernas para mim.



Ela obedeceu, mas não era bastante para ele, de modo que lhe levantou a perna esquerda até dobrá-la. E logo a fez girar para fora, de modo Eve ficou, agora sim, totalmente aberta e arrebatadoramente tentadora.

Dean respirou fundo, descendo os dedos pela parte interna de sua perna, cada vez mais para cima, até alcançar a sedosa pele de seu sexo, molhado, quente e suavemente inchado. Reclinou sobre um cotovelo junto dela e a olhou no rosto, enquanto introduzia os dedos em seu interior.

Quando uma de suas precisas carícias a fez estremecer e gemer em seguida, Dean sorriu.

—Você gosta não é?

—Gosto de você.

Ele introduziu os dedos em seu interior com muito cuidado, e tão profundamente como pode.

—Somente gosta?

Ela estendeu os braços, mas Dean a deteve.

—Não, fique como está e deixa que desfrute de você. Tenho a sensação de ter estado esperando isso toda uma vida.

Eve abriu os olhos, e o olhou através da neblina que escurecia a vista.

—Não.

—Não o que?

—Que não somente gosto de você.

Ao aceitá-lo, a tensão se apoderou dele. Dean reclamou sua boca de novo, fundindo a língua ao tempo que introduzia dois dedos dentro de seu sexo. Podia sentir como se tencionava os músculos ao seu redor, então os tirou e provou com três. A excitação de Eve favorecia a penetração, umedecendo, enchendo o quarto de seu aroma.

Eve começou a respirar cada vez mais rapidamente, mais agitadamente.

Incapaz de seguir resistindo, Dean se afastou dela para olhá-la, viu seu olhar de decepção e então levou os dedos molhados com seu aroma na boca. Fechou os olhos enquanto o fazia, e ao abri-los de novo, contemplou sua expressão.

Eve o olhava com o rosto vermelho e em seus olhos refletia excitação.

—Quero mais Eve – Agachou e beijou o ventre – Quero tudo – Seguiu descendo.

Ela abriu ainda mais as pernas, tensa de pura excitação. Dean sujeitou os joelhos para abrir ao máximo e, depois uma arrebatadora olhada, a cobriu com a boca.

Eve soltou uma exclamação de prazer ao contato, e de novo ao sentir como sua língua remexia sobre seu sexo, a penetrava, a enchendo de profundas e suaves lambidas.

Consciente de que não podia suportar muito mais, Dean colocou as duas pernas dela encima de seus ombros, a abriu um pouco mais, atraiu seu inchado clitóris rumo a boca e começou a sugar lentamente.

Em questão de segundos, Eve começou a se retorcer na cama até que gozou em sua boca. Com as mãos fundidas nos cabelos dele, alcançou o clímax entre gritos e gemidos, e por fim, deixou-se cair sobre o colchão. Pequenos espasmos de prazer ainda lhe sacudiam o corpo. Tinha a pele suada e quente.



Dean retrocedeu e tirou os jeans. Eve jazia na cama saciada, sorridente e feliz. Ele apenas assim pode pensar na precaução de colocar a camisinha antes de se introduzir nela, apertando os dentes para suportar o incrível prazer.

O primeiro ataque o colocou muito dentro, e então, estreitou contra seu coração, com força demais, mas incapaz de soltá-la.

Eve rodeou a cintura com as pernas e começou a emitir suave e reconfortantes sons em seu ouvido. Dean a montou com força, quase violentamente de tanto que a precisava, mas ela permaneceu grudada nele, seguindo seu ritmo. Quando, por fim, alcançou o orgasmo, e lançou a cabeça para trás ao gozar, Eve acariciou seu tórax e o contemplou.

Derrubou-se sobre ela, com as extremidades ainda tremendo e o pênis úmido de seus fluídos, Dean soube que queria fazê-lo de novo. Cada noite, também muitos dias, durante o resto de sua vida.

Eram quase as nove quando soou o telefone. Relaxado depois de uma longa sessão de sexo, Dean observou Eve sair da cama, nua e vermelha da cabeça aos pés, por efeito do roce da barba por fazer. Tateou a roupa e remexeu nos lençóis, por todo bagunçado quarto até que, finalmente, deu com o telefone, escondido na cadeira.

—Diga?

Dean olhava seu rosto, a forma em que seus lábios se moviam ao falar, a ligeira inclinação de sua cabeça, como se colocava uma mecha do revoltado cabelo atrás da orelha com um de seus longos e esbeltos dedos.

Ser nocauteado não era nada comparado com aquilo.

Queria-a tanto que doía, uma dor mais aguda que qualquer dor física, mais agonizante. Seu inesgotável desejo dela era como um ser vivo que palpitasse em seu coração, em sua cabeça, em suas coxas e em seus tornozelos. Inclusive depois de ter feito amor várias vezes, sentia a necessidade de respirá-la, saboreá-la, tocá-la, estreitá-la contra seu corpo, precisava, sinceramente, estar com Eve.

Eram tantas coisas que ela fazia ou dizia que o afetava, profundamente. Em vez de considerá-lo inútil, como a qualquer garoto de quatorze anos, o havia intitulado de Nobel. Desde o começo quando nem ele mesmo nem tinha ideia, sabia como reagiria suas irmãs. Havia esperado muito dele e tudo de bom.

Como podia não amá-la?

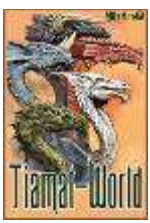
Não deu muita atenção ao que falava pelo telefone, tão somente era consciente dos sentimentos que o inundavam com toda claridade pela primeira vez desde que voltou a Harmony.

Quando desligou a observou aproximar da cama e sentar na borda.

—Dean.

—Hmm? — respondeu ele estendendo a mão rumo a um de seus peitos. Não por que quisesse voltar a fazer amor apesar de que isso também. E, também não por que estava nua.

Era tão condenadamente sexy que o deixava sem ar, mas nem sequer esse era o motivo. Tocou-a por que podia fazê-lo, por que Eve era sua, apesar dela ainda não saber.



—Era Lorna – disse franzindo o cenho.

—Acontece algo?

—Roger telefonou a Cam e pediu que fosse vê-lo no hotel. Já havia saído rumo ali.

Dean levantou como um raio.

—Que fez o que?

—Lorna disse que falou para Cam que telefonasse a você antes de ver Roger e queria que o soubesse.

Ele já estava procurando os jeans para vestir.

—Filho da puta.

Eve o ajudou a procurá-los.

—Acredita que corre algum perigo?

—Não sei – Foda. Onde estava seu celular? Sua carteira? – Preciso das minhas chaves, maldita seja.

A urgência fluiu em Eve.

—Irei com você.

Dean a segurou pelos ombros.

—Não. Não quero que esteja próxima de Roger. Tenho um mau pressentimento.

—Mas...

—Agora não Eve – Soltou-a e colocou os jeans – Dessa vez não.

Colocou a camiseta e calçou os tênis. Então voltou e viu que Eve também olhava o quarto em busca de sua própria roupa.

—Não irá vir.

—Você não é meu chefe.

Dean se deteve. Estava decidido a fazê-la ver com razão. Somente que não havia tempo. Inspirou fundo, tentando reunir sua paciência.

—Normalmente, encontro adorável essa necessidade que tem de se intrometer em meus assuntos.

Eve deteve e ficou olhando incrédula e dolorida.

—Contudo, dessa vez não. Use a inteligência, por favor. Está discutindo quando Cam pode estar em perigo.

—Se de verdade acredita, chame a polícia.

—Para dizer o que? Que suspeito que seu noivo é culpado de uns estranhos ataques? Não seja estúpida.

Eve ficou rígida.

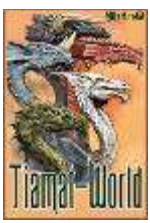
—Estúpida?

Demônio, não tinha tido a intenção de insultá-la, mas não tinha tempo para solucionar.

—Maldita seja Eve...

Ela agachou recolheu as chaves e atirou.

—Vá – Deixou cair na borda da cama – Estarei aqui quando voltar.



Aquele soou mais como uma ameaça que como uma promessa, mas Dean assentiu e correu rumo a porta.

—Obrigado.

Já lhe pediria desculpas por tê-la chamado de estúpida quando voltasse. Certo que sabia que não o havia dito no sentido real.

Quando Dean entrou no carro no estacionamento do hotel, a maior parte de sua preocupação por Eve ficou também estacionada. Era uma mulher razoável, que não utilizaria uma pequena palavra contra ele. Ou sim?

Então viu a Roger. E Cam e a Jack. E a Gregor que tentava agarrar a Roger... Ou algo assim. Se Gregor tivesse realmente querido fazer, Cam e Jack não teriam podido deter. Saiu do carro e se dirigiu rumo a eles.

—Afastese Gregor.

—Todavia, pensa que Jack tem que fazer essa operação de aumento de seio – bradou Gregor.

Roger, com mais raiva que preocupado disse:

—Não é isso. O que disse a ela foi que se quisesse fazer a ajudaria.

Jack deu um golpe em Gregor, empurrou-o e até o beliscou, mas ele seguiu aproximando-se de Roger com atitude intimidadora.

Frenética, Cam correu rumo a Dean o alcançou na metade do caminho.

—Por favor, pare-o Dean. Por favor.

Rígido ele assentiu. Chegou até onde estava Gregor, o agarrou pela nuca, e o afastou de um empurrão. O outro não havia esperado tal coisa. Até ao ponto que pegou desprevenido, que caiu sentado no chão. Ao final de um segundo, Jack estava ao seu lado, impaciente, perguntando se estava ferido.

—Onde estava Roger?

—Em nenhuma parte – respondeu ele alisando a roupa, vermelho de raiva – Precisava de um tempo para pensar, assim, decidi ficar em casa uns dias.

—E uma causalidade que, enquanto você não estava alguém atirou em mim, não? – retrucou Dean.

—Não estou com humor para suas ridículas acusações, cara, assim se afaste.

—Está muito enganado se acredita que irei fazer.

Roger ficou na frente dele.

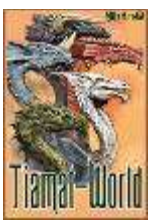
—Quer que arrumemos isso em particular?

—Sim.

Essa resposta o pegou de surpresa, provavelmente por que, até então, Dean havia evitado brigar com ele, mas viu que Roger já não o descartava.

Simples e mais determinado que nunca, Dean ia aceitar quando Gregor ficou de pé e se colocou entre os dois homens.

—Vamos Dean é certo que não quer matá-lo.



—Não, claro que não quer. Venha, deixe já, Dean – interveio Cam. E então acrescentou em direção a Roger – Não permitirei que brigue com meu irmão.

Roger a olhou com receio e assentiu ligeiramente.

—Escuta, Cam me disse de suas suspeitas e o que aconteceu. Mas, não fiz isso.

Dean afastou Gregor de lado e se dirigiu a Roger.

—Então quem?

Ao limite de sua paciência Roger lhe respondeu com um grunhido.

—E como quer que saiba cretino arrogante? – retrucou, ficando a escassos centímetros de Dean – Imaginou que terá estado aborrecendo muitas pessoas desde que chegou.

Dean sorriu com malícia.

—Não irá ficar sozinho com minha irmã. Não um cara como você.

Cam elevou as mãos ao céu.

—Acreditava que não era esse tipo de irmão.

—E não era – Dean olhou envergonhado – Mas, agora sou.

—Bom isso muda as coisas – refletiu Gregor em voz alta, encolhendo os ombros – Pois, adiante, arrebente a cara dele Dean. Merece.

Roger desceu a cabeça, lançou uma áspera gargalhada e então levantou o olhar rumo a Cam.

—Não dormi muito esses dias, mas Lorna me deixou uma mensagem na secretaria dizendo que tinha algo importante que a dizer, sendo assim, aqui estou. Se nos conta de que se trata, poderei livrar-me mais uma vez do cretino e prepotente do seu irmão.

Cam piscou confusa.

—Mas... A Tia Lorna me disse que era você quem tinha algo que dizer.

Roger apertou a mandíbula.

—E assim é. Mas, seu timão não quer nos deixar sozinho, assim temo que, antes de fazer com que me odeie, terei que insistir nisso.

Fazer que o odiasse? Dean estudou Roger e perguntou que demônio estava falando?

Cam estava confusa.

—Oh Roger, nunca poderia odiá-lo. Quisera pudesse acredita em mim.

Ele se voltou e dedicou a contemplar a escuridão.

Cam tocou o braço.

—Te amo de verdade. Mas, não posso casar com você.

—Nem no ano passado. Nem agora – Roger afastou a mão do braço – E também não no futuro.

—Não disse isso.

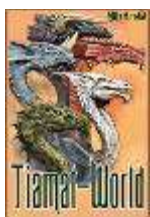
Dean teve a repentina suspeita de que entre sua irmã e Roger tinha um enorme mal entendido e perdeu a paciência.

—Não casará com você, enquanto lhe deva dinheiro.

Roger se voltou com tudo quando o ouviu. Olhou a Dean e depois a Cam.

—De que fala?

Envergonhada, ela agachou a cabeça, e Dean respondeu em seu lugar.



—Não quer que as dividas fiquem entre vocês dois. E isso faz que me pergunte por que demônio está, pois, tão decidido a manter essa situação.

Confundida Cam negou com a cabeça.

—Manter a situação?

—Pelo amor de Deus me sinto como um interprete – suspirou Dean – Roger fez com que sua divida aumente com ele pagando pequenas coisas e te empresta dinheiro para que não possa pagar de imediato. Sei que também da algo a Lorna, de vez em quando.

Cam ficou olhando a Roger com firmeza.

—Faz isso?

—Não se ofenda, mas sua tia às vezes é insuportável.

Dean riu baixo.

—E, é mais fácil dar dinheiro para que se vá dar uma volta não?

—Sim.

—Mas, isso não explica por que mantém Cam em divida com você.

Roger olhou alternadamente Cam, Dean e de novo a Cam. Apoiou na parede de azulejo do hotel.

—É bastante fácil imaginar. A única maneira que me ocorre de conservá-la ao meu lado é mantendo a dívida. Enquanto, sinta que me deve algo, não cortará os laços que nos unem.

Gregor resmungou.

—Não nos parece algo tão fodidamente doce como a melancia?

Jack lhe deu um beliscão, mais forte dessa vez.

—Quer ficar quieto Gregor?

—Não até que me explique por que demônio pensou que podia fazer comentários sobre seu corpo.

Cam também sentia curiosidade em sabê-lo.

Roger passou uma mão pelo cabelo e encolheu os ombros.

—Vi que lhe preocupava...

—O que viu? – perguntou Jack.

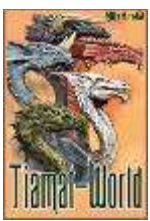
—Estava olhando ao telhado, onde estava trabalhando ele – explicou Roger, assinalando a Gregor – Então olhou aos... – Fez um gesto em direção ao torso – Nunca lhe incomodou esconder que não gostava de mim ao ver que te incomodava não ter curvas, pensei que talvez, ajudando a solucionar esse problema seria uma boa maneira de ser bom com você. Você teria o que queria e ganharia a sua gratidão.

—Isso é incrível – murmurou Cam movendo a cabeça a direita e a esquerda, como se estivesse aturdida – Acreditou que fazendo isso ganharia a amizade de alguém?

—Fora Lorna, todas as pessoas que você ama na vida me desprezam.

—Não preciso da aprovação de ninguém Roger.

O comentário pareceu acender sua ira novamente.



—Pois fico feliz por você – espetou com um sorriso sarcástico – Mas, nenhuma das estratégias que provei deram resultado. Ocorreu que agradando as pessoas que ama não faria mal a ninguém.

Cam ficou na frente dele.

—Isso é ridículo. Já te disse que te amo.

—Pois então, case comigo. Maldita seja.

—Está bem.

Um manto de silêncio envolveu os presentes.

Ate que Roger deixou cair a cabeça rumo com um gemido.

—Não posso acreditar – Um tipo de tensão diferente se apoderou então dele – Agora que sua tia está ponto de colocar-me em evidência vai e diz sim por fim.

Dean seguia tendo a sensação de que algo não ia bem e centrou em Roger.

—Colocá-lo em evidência?

—Suponho que já não tem importância. Se não conto, Lorna o fará – Lançou um olhar fugaz a seu publico, aceitou que ninguém ia mover-se dali e voltou a olhar Cam – Conte para você de seus pais, que bebiam demais e eram infelizes.

E, logo Dean o soube. Fechou os olhos e chamou de idiota uma e outra vez, por não ter caído antes da conta.

—Sim – confirmou Cam, olhando a Roger adiante.

Dean desejou que houvesse alguma maneira de evitar aquilo a sua irmã.

—Você é o filho.

Ninguém o entendeu exceto Roger.

—Sim.

—Lembro que Grover me disse que o amante de minha mãe também tinha uma família – Dean lembrou a história como se houvesse ocorrido no dia anterior – Quando minha mãe morreu, o homem com quem havia enganado ao meu pai ficou tão desolado com sua morte que abandonou seu filho e sua mulher.

—Era um bêbado, sempre deprimido por algo – disse Roger com a voz monótona – Acabava de completar onze anos quando aconteceu tudo. Seus pais morreram, e minha vida se rompeu em mil pedaços. Não muito diferente do que aconteceu a vocês, exceto que vocês seguiam tendo família.

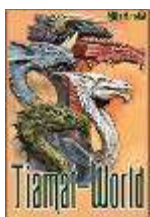
Cam mordeu o lábio e os olhos cheios de lágrimas.

—E você não?

Roger negou com a cabeça.

—Depois que meu pai se foi, minha mãe passou um mês chorando. Apenas se dava conta da minha existência, estava demais ocupada maldizendo a seu marido e ao minuto seguinte rogando por que voltasse. Ate que se rendeu. Um dia cheguei do colégio e também havia ido. Assim como meu pai. A diferença é que ela deixou um bilhete. Dizia-me que não iria voltar – Roger soltou uma risadinha.

Cam quis tocá-lo, mas ele se afastou.



—As pessoas se interiram claro. E, logo comecei a vagar por causas adotivas, uma depois da outra.

—Sinto muito – sussurrou Cam – Não tinha nem ideia.

Roger apertou os punhos e seus ombros ficaram tensos.

—Perdi tudo o que tinha – Voltou para olhar o rosto – E não queria perder você.

—Não o fará.

Roger soltou uma gargalhada.

—Lorna me disse o que sentia por mim. Que nunca poderia superar a vergonha de estar comigo. Quando todo o mundo soubesse quem sou, os cochichos não terminariam. Tem que admitir é uma tremenda ironia que tenha me apaixonado justamente por você.

Como se ninguém existisse, Cam olhou a Roger e lhe disse com ternura:

—Não me importa.

—la contar – disse ele – Tomei uns dias livres para juntar coragem. Já tinha tentado de tudo, e então me dei conta de que não iria consegui-la, de que nunca casaria comigo e pensei que pelo menos deveria saber a verdade.

Gregor olhava confuso a todos os presentes.

—Se tinha quinze anos quando aconteceu, não sabe já todo mundo quem é?

—Não. Vivia a uns condados daqui, e quando entrei para casa de adoção passei vários anos fora. Quando voltei, estava com outro nome e tinha mudado muito. Tem muitos meninos que se convertem em homens na primeira ou segunda.

Cam estendeu a mão. Roger tentou afastar, mas era difícil persuadir a Cam uma vez que ela metia na cabeça que deveria consolar alguém. Dean o sabia por experiência.

Abraçando a Roger, Cam disse, por fim:

—Não entendo por que queria que nós viéssemos para contar isso.

Roger girou finalmente com seus braços e apoiou a bochecha em sua cabeça.

—Não queria – respondeu estreitando-a com força – Era você que queria nos encontrar.

Cam afastou um pouco e o olhou com o cenho franzido.

—Não. Tia Lorna disse que estava aqui e queria me ver – Com um sorriso contido se dirigiu então a Dean – Sinto não ter telefonado. Lorna e eu concordamos que não era necessário. Sabia que Roger não podia ser o culpado de...

Roger ficou tenso.

—Lorna.

O coração de Dean quase parou.

—Cam, ela me telefonou para dizer que viria – disse Dean.

—Mas, isso não tem sentido. A mim disse que era melhor que não lhe dissesse.

—Também telefonou para mim. Sabia que estava em casa. Acreditava que ela teria dito – comentou Roger – Sua tia sabe o que sinto por você, foi quem me animou a emprestar dinheiro, manter a dívida com você para não perdê-la. Hoje me disse que queria falar comigo e que viesse aqui.

Perplexa, Jack interveio então:



—Mas, por quê?

—Por que tem dinheiro – respondeu Dean caindo em si de repente.

—Muito dinheiro – confirmou Roger – Faz tempo, descobri que tem uma considerável herança. Sua tia tem estado desviando fundos para ela. Não gosta que Dean esteja aqui, metendo o nariz, e que possa descobrir o que tem estado fazendo em suas finanças. Esteve a cargo de tudo até que você Cam completasse vinte e um anos.

—Agora tenho vinte e três – observou ela – E ninguém me disse nunca de uma herança.

—Por que sua tia a mantém em controle tanto tempo como pode.

Jack cruzou os braços.

—Você o sabia e não disse a Cam?

—Lorna me disse que se o fazia, revelaria todos meus segredos. E não queria perder a Cam.

—Idiota.

Roger não fez caso do insulto de Jack. Toda a sua atenção estava em Cam.

—Decidi que contaria tudo uma vez que a convencesse de se casar comigo.

—Jack tem razão – sussurrou Cam – Deveria ter dito.

—Agora sei. E sinto muito. Sinto muito das coisas que fiz.

—E me pergunto. De que trará nas mãos essa velha bruxa para que tenha mandando todo mundo aqui? – disse Gregor.

Cam se afastou de Roger dando um tropeço e colocando a mão na boca.

—Oh não.

—O que? – perguntou Roger.

—Dean... Depois de que fosse hoje, tia Lorna tem estado tentando me convencer de que Jack e eu não lhe importamos. Disse que ela sabia a verdade, que o único que lhe segurava em Harmony era...

—Eve – acabou a frase Dean.

A palavra soou apenas audível antes que esse desse a volta e começasse a correr.

A sua costa Gregor gritou:

—Quer que chame a polícia.

Foi Roger, correndo atrás de Dean que respondeu:

—Sim.

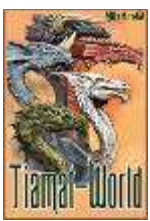
Desligou o carro e saiu do carro rapidamente. Não se atreveu a tocar a campainha, mas correu contra a porta da casa de Eve. Uma vez dentro gritou:

—Eve!

Não obteve resposta.

Com longos e pesados passos entrou no quarto, na sala de estar e, finalmente se dirigiu a cozinha. O que viu fez que parasse em seco.

Eve estava sentada em uma cadeira e Lorna lhe mantinha a cabeça para trás tirando os cabelos. Uma faca grande, com mancha vermelha, movia diante de seu pescoço, enquanto Lorna se balançava atrás de Eve.



Capítulo 22

Dean viu o sangue no braço e rogou que não fosse um corte muito profundo.

—Lorna?

Essa moveu bruscamente, tirando o cabelo de Eve com mais força.

—Dean como é que não está no hotel, acabando a golpes o pobre Roger?

—Por que estou aqui.

—Que azar – disse Lorna quase com ar contido acrescentou – Joguei fora a pistola da tinta quando te vi chamar a polícia. Não sei bem como funciona essas coisas de impressões digitais e sabia que parecia muito suspeito que a encontre em meu poder depois do que aconteceu.

Dean a observou mais detalhadamente.

—Suponho que não são suas impressões digitais que estão no banco de dados.

—Não. Claro que não.

—Quando tem um suspeito, só tomam as impressões e veem se coincidem.

—Oh – Lorna considerou a situação – Então suponho que deveria me desfazer também da escada. Não me ocorreu. Está claro que não sou esse tipo de pessoa. Não tenho uma mente criminosa. Fora o pai de Roger, não fiz nada a ninguém.

Dean havia começado a perguntar por seus pneus, quando Lorna atraiu totalmente sua atenção com aquela revelação.

—O pai de Roger?

—Grover deixou aquele monte de lixo atirado na sarjeta, diante da casa. Mas, a mim não pareceu o suficiente. Não podia assumir o papel de pai e mãe de duas meninas tendo a prova de seu negro passado ali, sangrando no meio da rua, onde todos os vizinhos podiam vê-lo. Estou certa que o compreenderá.

Com uma sobrecarregada calma, Dean se apoiou no marco da porta. Mantinha uma pose enganosamente despreocupada, apesar de que na menor oportunidade se lançaria sobre Lorna em um abrir e fechar de olhos.

—E o que fez com ele?

Lorna sorriu.

—Coloquei dentro, claro. Esperei que recobrasse os sentidos, e então lhe prometi que o levaria a sua mãe. Convenci aquele desgraçado idiota que ela não havia morrido.

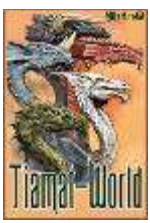
—Matou ele somente, com aquela vergonhosa vida que levava.

Dean não podia olhar a Eve. Ainda não.

—Como morreu Lorna?

—Dei-me conta de que aquele homem era um alcoólatra. A verdade é que parecia mais lúcido.

Dean esperou a Lorna ordenar suas lembranças.



—Quando estive bem bêbado, disse que sua mãe estava escondida esperando-o. Meu plano era deixá-lo ali, mas estávamos muito próximos da borda do lago. Então caiu e não pude o levantar – Lorna encolheu os ombros – Não sei se golpeou a cabeça, ou simplesmente, perdeu os sentidos.

—E você o ajudou a cair na água?

—Sim – Lorna levantou o olhar e o olhou de maneira vaga e indolente – Pelo que sei, ali continua – Logo, Lorna tencionou a mão e deu forte apertão no cabelo de Eve – Por que não foi da cidade como devia? Tudo seria simples.

Eve lançou uma exclamação afogada, mas o leve som bastou para deter o coração de Dean.

“Pensa Dean” Tinha que acalmar-se. Havia visto um monte de sangue em sua vida, claro que sempre em homens grandes e musculosos, que não davam a mínima importância. Sangue causado dentro do esporte, não fruto deliberado de fazer mal.

Com Eve era diferente.

Roger não devia estar muito longe, e certo que Gregor já havia chamado a polícia. Era mais que provável que dentro de nada chegaram com as luzes de emergência e as sirenes acesas.

E se o barulho deixava Lorna nervosa?

Com cuidado, Dean se afastou da parede.

—Lorna, acredito que Eve está ferida.

—É somente um corte pequeno – respondeu a mulher e justificando acrescentou – tentou tirar a faca.

—Sinto muito Dean pegou-me de surpresa – sussurrou Eve.

Ele negou com a cabeça tirando a importância. Talvez se ficasse quieta e calada, Lorna não pensaria nela, nem que tempo ia passando.

—O dinheiro não tem importância Lorna.

Ela levantou o olhar rumo a ele.

—Ah já sabe.

—Roger me disse.

—Ser ingrato – exclamou Lorna negando a cabeça de forma ofendida – Esse menino tem sido uma grande decepção.

—Não importa Lorna. Você merecia esse dinheiro.

—Isso é verdade – concordou ela.

—E tenho bastante. Mais que Roger na verdade – Era mentira, mas Lorna não sabia – Posso me ocupar de todo mundo, de você também.

—Faria isso por mim?

—Devo por ter cuidado de Cam e Jack todos esses anos. O único que peço e que solte a faca.

—Não posso – respondeu ela movendo a arma outra vez ao pescoço de Eve – Não acredito em você. Você nunca se preocupará comigo. Seus pais não o fizeram. Eles gostavam de Grover, enquanto que a mim considerava aborrecida. Ouvi dizer. Uma mulher aborrecida e amarga. E não me amavam.



Maldita seja. Ainda doía algo que havia acontecido a vinte anos? Pensar nisso o fez parar. Não havia querido admitir, mas ate que não teve em sua vida a suas irmãs e a Eve, também havia sofrido. Apesar de que não da mesma maneira que Lorna. E, logo, não da maneira que sofreria se perdesse a Eve.

—Designaram a você para cuidar de seus filhos, Lorna. Isso significa que te respeitavam.

—Sim – Lorna lançou uma gargalhada. Foi um estalo seco e crepitante, tido de loucura – Colocaram-nas comigo por que não tinham ninguém mais.

Dean rezou para que Cam e Jack não se inteirassem nunca de que Lorna havia dito algo assim.

Então avançou com cautela rumo a mulher, somente um passo.

—Lorna...

A lamina da faca brilhou no ar. Deixando de rir, Lorna disse:

—Se der outro passo, cravo a faca nela.

Eve estremeceu de medo. As pontas dos dedos ficaram brancas de tanto apertar o assento da cadeira, fazendo que o sangue descesse por seu braço e gotejasse no chão. Umedeceu os lábios secos e tentou ser valente, mas ela não havia levado a mesma vida que ele, e aquilo era difícil demais.

Que demônio podia fazer?

—Somente está em Harmony por ela – resmungou Lorna – Se desaparece irá embora e tudo voltará a ser igual.

—Levarei-a daqui – prometeu Dean – Levarei todos.

Lorna torceu a boca.

—Acredita que sou idiota?

—Não.

Logo, Dean viu mover algo por detrás de Lorna, de lado.

Simon.

Não tinha nem ideia de como seu treinador havia entrado tão silenciosamente na casa, nem de como havia sabido onde encontrá-los, mas o coração começou a bombear com mais força de alegria que ao vê-lo. A Eve não aconteceria nada.

Para não trair sua posição, Dean olhou a Lorna e somente Lorna.

—Está bem Eve – tranquilizou essa.

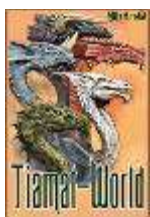
Simon quase podia tocar a Lorna. Por ser um homem semelhante ao seu tamanho, movia sem fazer nenhum barulho.

—Eu sei – retrucou-a olhando-o com firmeza. Para tranquilizar ela ou para tranquilizá-lo, Dean não sabia.

Lorna lançou uma gargalhada, um pouco menos segura dessa vez.

—Tem um corte Dean. Está... Sangrando – Enrugou o nariz e se esforçou para engolir – Posso sangrá-la. Não me havia dado conta ate agora. Como pode dedicar a algo tão sádico como combates, é um mistério para mim.

—Não saio fazendo cortes as pessoas Lorna.



—Não utiliza uma faca, isso é verdade. Mas, vi seus combates. Faz as pessoas sangrar. Utiliza os cotovelos, os punhos, os...

—Cravar uma faca a alguém não é tão eficaz para deter seu avanço como outras técnicas, Lorna. Por exemplo, um soco no fígado deteria inclusive um homem adulto. É a dor mais horrorosa que pode imaginar – Olhou a Eve – Lembra que te disse ontem, verdade carinho?

—Sim – respondeu ela. E como se o tivesse ensaiado, Eve levantou o cotovelo e cravou a Lorna com força justo no fígado.

Boquiaberta soltou a Eve, afogando um grito de dor, e Simon aproveitou para tirar a faca de sua mão, pode ser que tenha fraturado o punho no processo.

Lorna caiu no chão, retorcendo de dor, sem fazer ruído.

Como um raio Dean levantou Eve da cadeira e a abraçou contra seu peito. Ela segurou o braço ferido e apertou contra ele.

—Dean.

—Shh. Estou com você – Dirigiu com ela ate a pia em busca de um pano de cozinha e o enrolou ao redor da ferida.

Eve tragou e assentiu.

—Obrigada – Com a cabeça metida debaixo do queixo de Dean disse – Amo você Dean.

Deus, teria gritado para ouvir isso, mas Eve estava profundamente afetada, de maneira que não podia, nem devia, dar credito demais as suas palavras. Mas, ainda assim havia adorado ouvi-las.

—Também te amo.

Eve tomou ar tremendo, limpou as bochechas com a camiseta de Dean, e finalmente se ergueu. Olhou então rumo a Lorna e sussurrou:

—Deus, foi horrível.

—Não somente é uma mulher má, está louca – confirmou Dean.

Simon, todavia com a faca na mão, se ajoelhou rumo a Lorna para ver como estava.

—Não acontece nada senhora. Tranquelize, respire devagar. Assim. Aguenta um pouco. A ajuda esta a caminho.

Ver Lorna ali estirada no chão como um ovo e resmungando de dor, era uma imagem triste e patética. Depois de ter levado o mesmo soco no fígado e saber o que era, Dean quase sentia pena. Quase.

—Está muito mal?

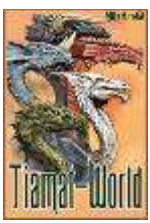
—Não. Suponho que ficará bem. O cotovelo de tua mulher não causou grande dano, somente serviu para tirá-la de cima. Já em troca, torci seu pulso – Simon olhou a Eve e acrescentou – Fez-o muito bem.

—Dean me ensinou alguns movimentos – respondeu ela.

Simon arqueou uma de suas escuras sobrancelhas.

—De verdade?

—O que esta fazendo aqui? – perguntou Dean



—A versão curta é que recebeu a informação que havia pedido respeito a seu futuro cunhado. Fui procurá-lo no hotel para contar e ali encontrei com Gregor e suas irmãs. Disseram o que havia acontecido, e que Roger já havia falado de seu passado.

—Gregor ficou com minhas irmãs?

Simon assentiu.

—Muito heroico e protetor de sua parte.

O pensamento o irritou e o aliviou ao mesmo tempo.

—Se você diz – Simon sorriu abertamente – Por certo, Roger está lá fora. Disse que se aparecesse a policia lhes indicassem que não fizessem barulho. Não sabia o que podia estar acontecendo aqui dentro, se alguém teria uma arma ou algo assim.

—Por isso não esperou que chegasse a policia?

Simon olhou a Dean.

—Não podia deixar que te matassem. Tenho contratos gordurosos demais, e para tudo preciso de você.

Conhecendo a Simon como conhecia, Dean descartou todos os motivos mercenários e beijou a Eve na esta.

—Deixa ver como está o braço, carinho.

—Estou bem – Contudo, levantou para que olhasse.

Dean afrouxou o pano. Havia parado de sangrar.

—Não acredito que precise de pontos.

—Fico feliz – Eve inspirou fundo e depois recuperou a compostura – Chegou aqui dizendo que tinha que falar comigo sobre você. Disse que tudo bem, mas que não deixaria que te insultasse. Entramos na cozinha para tomar café e então... Atacou-me.

Dean acariciou o cabelo dela.

—Menos mal que estava vestida.

—Sim – disse ela apertando a testa contra a dele – Menos mal.

Simon ajudou a Lorna sentar. Parecia enjoada, pálida e muito mais velha que antes. Todavia, com a enorme faca na mão Simon esfregou o tórax com o dorso do pulso.

—Acredito que me deve uma, Furacão.

—Nem o imagina.

—Engana-se. Não estou cego. Por isso estou certo de que aceitará o projeto de que falei – Simon sorriu satisfeito – Depois poderá voltar com sua amada.

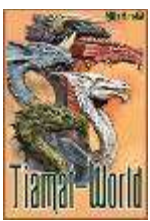
Dean olhou a Eve, abraçou-a de novo e disse:

—Sim, voltarei para ela.

Ao cabo de uns segundos apareceram reforços. Como medida de precaução, Roger não somente havia chamado a policia, mas também havia pedido uma ambulância. Entrou e se colocou junto a Dean, enquanto os paramédicos atendiam Lorna, e depois, sobre a supervisão da policia, levaram-na até a ambulância.

Em nenhum momento Lorna pareceu lúcida.

Simon saiu com a policia pra responder todas as perguntas que pode.



—Cam ficará arrasada – comentou Roger fechando os olhos e apoiando a cabeça na parede
– Apesar de tudo ama a sua tia.

Com Eve entre seus braços, Dean compreendeu um pouco melhor o medo do Roger de perder Cam. E cobrar consciência de como as irresponsabilidades de seus pais também o havia afetado, permitiram ver Roger em outro ângulo. Ao final compreendia alguns dos atos que havia cometido.

—Deveria ir ver Cam – disse Eve.

—Não – Dean a apertou com mais força entre seus braços para evitar que se movesse, e olhou a Roger – Ela tem a ele. Roger pode ocupar-se agora.

Este não disse nada.

Dean se despregou e ficou de frente a ele.

—Agora estou ocupado Rog, e foderia bastante que me obrigasse a te fazer entrar em razão pelos meios difíceis.

O outro abriu os olhos e franziu o cenho.

—Isso muda tudo, maldita seja. Nunca disse a Cam de sua tia. Se o tivesse feito, nada disso estaria acontecendo, foi minha culpa...

—Não dê uma de bicha de acordo? Não temos tempo para isso agora. Ninguém se deu conta de que Lorna está louca, nem sequer minhas irmãs. Se as duas pessoas que se encontravam mais próximas dela não o sabiam, como ia saber você?

Como a viva imagem de um homem espancado, Roger olhou o braço de Eve e fez uma careta de dor.

—Sinto muito Eve. De verdade.

—Vai com Cam – disse ela, e estava claro que sua postura rumo a ele também havia suavizado – Ama você. E Dean tem razão, agora precisa de você.

—Não sei – disse ele afastando-se da parede esperançoso – De verdade acredita que será capaz de me perdoar?

Eve respondeu sem vacilar.

—Sim. Ama você

Como precaução, Dean acrescentou:

—E se a decepcionar, terei algo que dizer a respeito.

Um sorriso esgotado surgiu no rosto de Roger.

—Suponho que quer que me case com ela.

—Quanto antes melhor.

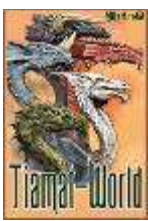
Depois de um fugaz sorriso, Roger deu um aperto a Dean e se foi. Dean sabia que iria procurar a Cam e que, algum dia, sua irmã se recuperaria. Era uma mulher forte e resistente, tinha muita fé nela.

Dean pousou a frente sobre a de Eve.

—As coisas ocorreram muito rápido.

—Na velocidade da luz, diria.

—Minha vida mudou.



Eve o olhou com os olhos azuis cheios de preocupação.

—E?

Dean lhe acariciou o cabelo.

—Tenho que ir carinho. Tenho que resolver alguns assuntos, tomar algumas decisões....

Eve colocou um dedo em seus lábios.

—Não sei o que irá acontecer com Lorna, mas ainda que tenha Roger em sua vida, Cam precisa de mim – continuou ele.

—Sim.

—O verão é uma época de muita agitação. Organizam muitos combates.

—Seu trabalho é prioridade.

—E, falando de prioridades, minha família... Minha família está aqui.

—A minha também.

Eve apoiou de novo a cabeça no ombro de Dean. Depois de um momento de silêncio disse:

—Ocupa-se do que tenha que se ocupar, Dean. Mas, quero que saiba que quando decidir voltar estarei te esperando.

Dois meses depois Dean chamou com as pontas dos dedos na porta de Eve. Sentia-se ridículo vestido com aquelas formais calças e a camisa preta, especialmente com as mangas, ainda com as contusões em seu rosto e o ramo de flores silvestres na mão. Uma complicação atrás da outra havia alongado o tempo que tinha passado fora. Tinha a sensação de que havia transcorrido um ano em vez de oito semanas desde a última vez que a viu e tocou Eve. O corpo lhe doía do muito que precisava fazer amor com ela, mas não o faria. Esperaria. Tinha que dizer, tinha que explicar muitas coisas.

Queria compartilhar muito com ela.

Durante o tempo que havia estado afastado, havia se obrigado a conceder espaço a Eve. Somente a havia ligado umas poucas vezes. A maior parte do tempo havia falado de Cam e de sua relação com Lorna. Era estranho, mas saber que Cam tinha Roger a seu lado o havia aliviado.

Jack havia ficado junto a sua irmã até que Dean terminou o reality. E a noite do combate em Atlanta havia levado uma surpresa ao vê-la no público. Juraria que tinha ouvido gritar quando ganhou.

Cada vez mais impaciente Dean bateu na porta de novo.

—Já vai, já vai – disse Eve desde dentro, e segundos depois abriu e ali estava.

Nada mais, vê-lo seu rosto se iluminou, mas em seguida se transformou em uma máscara receosa.

—Dean. Não sabia que tinha voltado.

Ele entregou o ramo.

—Acredito que a muito lhe devia isso.

—Flores?

—Disse que gosta de mescladas, não? Flores silvestres.

—São lindas.



Decidido a dizer tudo o que tinha que dizer antes que seu controle fosse embora e terminasse a comendo ali mesmo. Dean começou:

—Também te devo uns encontros, segundo lembro. Mas, isso terá que ser depois.

—Depois?

Ao ouvir sussurros atrás de Eve, no interior da casa, Dean fez a careta brincalhona de decepção.

—Está aqui sua família?

—Sim – confirmou ela, contemplando-o de cima a abaixo, fascinada – Ao completo.

As vozes se foram aproximando e de logo estavam todos ali, diante dele, insistindo que ele entrasse com grande entusiasmo.

Eve ficou de lado, impotente, apertando as flores contra seu peito. Somente falava do combate, do fascinante que havia sido o tour. Dean começou a relaxar quando Ted lhe estreitou a mão entusiasmado, enquanto lhe dava as boas vindas.

Pensou então que não era tão mal ver a família de Eve. Se todo saia como ele esperava, logo seria a sua família também.

Sentado na borda do assento, Mark disse:

—Esquivou de todos os socos que te lançou esse descerebrado e lhe devolveu de soco atrás de soco. Como demônio pode fazer isso?

—Foi como se aquele cara dissesse cada um de seus movimentos – disse Eve lembrando o que Dean havia dito – Pegou impulso antes de cada golpe apoiando todo o peso de seu corpo em uma perna. Senão houvesse tentado nocautear a Dean cada vez, teria tido mais êxito.

Ele sorriu cheio de orgulho.

—E assim.

—Irei colocar as flores em água – disse Eve levantando-se.

Fizeram mais perguntas, mas Eve voltou, Dean lhe estendeu a mão. Eve a tomou e ele se aproximou e a colocou em seu colo.

—Sinto muito Crystal – disse a mãe de Eve.

Ela fez um gesto de surpresa.

—Por quê?

—Por não ter ido a sua imobiliária quando comprei minha casa aqui, em Harmony.

Crystal abriu muito os olhos, ainda mais surpresa.

—Comprou uma casa?

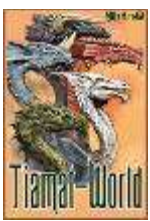
—A algumas quadras daqui, de fato.

—Para reformar? – quis saber Eve.

—Não – Dean a olhou e não pode evitar beijá-la. Mas, diante de toda a sua família teve que ser um beijo breve – É praticamente nova. Quase o dobro de grande que essa, e tem quatro mil metros quadrados de terreno. É bonita.

Eve piscou surpresa e perplexa. Finalmente, moveu a cabeça a um e outro lado, como para esclarecer as ideias.

—Então irá ficar?



Consciente de que o irmão e o pai de Eve sorriam Dean a beijou de novo, demorando mais dessa vez.

—Vou ficar.

—Você já colocou os moveis? – perguntou Crystal.

Ele negou com a cabeça.

—Se Eve casa comigo, poderia dizer se quer que vivamos aqui ou ali. E se quer que seja ali, pode ser que queira escolher os moveis.

Eve ficou em silêncio.

—Mas, se irá casar com Eve, por que quer outra casa? – perguntou Mark.

—Para que Eve soubesse que tinha opções – Acariciou os lábios com o polegar – E que também eu tinha opções.

Com um sorriso tremendo, Eve perguntou:

—E você escolheu a mim?

—Sim. E espero que você também decida escolher a mim.

Ted esclareceu a garganta.

—Acredito que deveríamos deixá-los ter um pouco de intimidade.

—Não me importa – disse Dean, e o dizia em sério. Ao ver que Eve havia ficado quieta, apertou-lhe brincalhão no queixo – Sabia que Jack vai embora de Harmony?

Ela negou com a cabeça.

—Gregor e ela vão viver juntos. Gregor jura que se casarão quando Jack aceitar, mas ela não quer se colocar entre sua carreira de lutador.

—Se interporia por casar com ele?

—Pois, claro que não. Gregor não demorará em convencê-la.

—Cam e Roger pensam ficar aqui – informou Eve – Mas, desfrutaram de uma longa lua de mel, enquanto se acalmam as coisas com Lorna.

Era uma situação muito lamentável, mas Lorna não falava desde o dia de seu atentado. Comia muito pouco e passava a maior parte do dia com o olhar perdido. Parecia ter prostrado-se.

As autoridades não tinham muito claro que pudesse suportar o juiz. Dean seguia a considerando um perigo, não somente para ela mesma mas também para os demais. Era um alívio saber que estava em uma instituição, debaixo de continua supervisão.

Ao pensar no próximo que tinha estado de perder Eve, levantou-lhe o braço e beijou.

—Você já está bem?

—Não fiquei nem sequer uma leve cicatriz – respondeu ela com voz firme e suave como a dele.

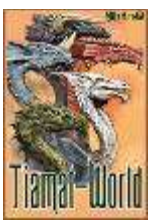
Crystal adotou uma atitude pratica.

—Certo, é hora de irmos.

Mark e Ted tinham milhões de perguntas para Dean, mas Crystal era uma mulher formidável, e conseguiu levá-los dali em menos de dois minutos.

De pé junto a porta fechada, Eve disse:

—Voltou a jogar minha família.



Dean a pegou pela a mão e a conduziu de volta ao sofá.

—Gosto de sua família.

—E eles gostam de você

Sorrindo Dean incitou Eve a sentar no sofá com ele. Então se pôs encima dela e a cobriu com um longo e lento beijo que despertou seu interesse, fazendo-a ofegar. Dean quase se distraiu o suficiente como para propor outras coisas mais importantes. Mas, sabia que não devia fazê-lo.

—Está amassando as minhas calças – disse, todavia encima de Eve.

Com uma olhada distraída, Eve umedeceu os lábios e ficou olhando os lábios.

—Já me fixei em sua roupa.

—Ah sim? Gosta?

Ela lhe percorreu os ombros com os dedos, enquanto fingia considerar a questão.

—Já lhe disse uma vez que fica bem de todas as formas. Não tem que mudar sua forma de vestir para me deixar feliz.

—Está certa disso? Por que o farei se for necessário. Se for realmente necessário, claro.

—Não o é em absoluto – respondeu Eve com um grande sorriso.

—Fico feliz por somente ter comprado essas – disse ele respirando aliviado.

Ela tentou beijá-lo outra vez, mas Dean a esquivou.

—Também adquiri outra coisa.

—O que?

—Não é um anel, se isso for o que está pensando. Você tem muito gosto, e pensei que talvez gostasse de escolhê-lo.

Ela parecia um pouco decepcionada, mas disse:

—Vamos escolher o anel?

—Claro.

Dean fez que voltasse a posição de sentados. Levantou-se então a manga por cima do bíceps e mostrou a Eve a mudança que faz em sua tatuagem.

Ela o olhou com os lábios entreabertos.

Entre aos ramos entrelaçados, havia uma única margarida, tridimensional, desenhada com uma sombra, como se crescesse a luz do sol.

Dean levantou o queixo.

—Disse que queria margaridas em seu casamento, assim que pensei que...

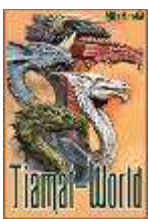
Eve se lançou sobre ele, tombando sobre o sofá.

—Senti tanto sua falta.

Dean abraçou-a, mas tinha que terminar.

—Queria que soubesse que estou aqui por você, Eve. Amo as minhas irmãs, e quero que formem parte da minha vida. Você é parte delas, parte de Harmony – Tentou ordenar seus pensamentos de fazê-la entender – Mas, mesmo que não fosse, seguiria querendo casar com você. Ainda houvesse te conhecido entre o público em um de meus combates acredito que a haveria querido. Se ainda não conhecesse a minhas irmãs, seguiria querendo-a. Ainda...

Eve o interrompeu colocando um dedo na boca.



—O único que tem que dizer é que me ama.

—Te amo.

Eve se acomodou junto a ele.

—Também te amo, e isso é o único que importa.

Dean relaxou.

—O que acha se abro uma academia?

Eve tencionou os braços e os elevou por cima dele.

—Aqui? Em Harmony?

—Para estar próximo de você.

—Mas... — Algo se lhe estava escapando — Não irá continuar lutando?

—Acredito que não. Ao menos durante um tempo.

—Mas, é muito bom.

Ele esfregou a mão contra seu traseiro e sorriu.

—Também sou bom amando-a.

—Oh Dean. Não quero que deixe de lutar por mim — respondeu ela beijando-o uma e outra vez.

—Não te parece bom? Estou redirecionando minha carreira, algo que já levava pensando desde muito tempo. Gosto demais do esporte para me afastar por completo, e se receber uma proposta realmente importante, pode ser que consiga me tirar do casulo. Às vezes ocorre. Mas, agora queria ensinar. Sou melhor ensinando que brigando, e sei que seria um bom treinador — Quase para si acrescentou — Deus sabe que Gregor precisa a alguém que lhe ensine.

Eve soltou uma súbita gargalhada.

Dean desfrutava muito daquele som. Então manobrou até ficar debaixo do seu corpo, em uma posição cômoda e perguntou:

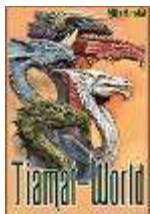
—Que acha tão divertido?

—Oh somente estava pensando... — Eve lhe rodeou com os braços, a imagem de uma mulher feliz — Certamente será muito interessante ter Furacão em Harmony.

—Isso espero — disse ele — Por que, enquanto esteja aqui, não tenho intenção de ir a nenhuma parte no futuro próximo.

Fim





Tiamat World

**Lori Foster
O lutador**

Comunidade: <http://www.orkut.com.br/Community?cmm=94493443&mt=7>

Grupo: <http://groups.google.com.br/group/tiamat-world?hl=pt-BR>

Blog: <http://tiamatworld.blogspot.com/>